

DEREK LANDY

Sr. Ardiloso Cortês OS SEM ROSTO



ENTRE EM PÂNICO.
ELLES ESTÃO CHEGANDO.

SR. ARDILOSO CORTÊS 3
OS SEM-ROSTO
Autor: DEREK LANDY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DEREK LANDY
Sr. Ardiloso

COLTES
OS SEM ROSTO



ENTRE EM PÂNICO.
ELES ESTÃO CHEGANDO.

SR. ARDILOSO CORTÊS 3

OS SEM-ROSTO

Autor: DEREK LANDY



Por meio de seu



Respeitosamente apresenta a REVISÃO de:

SR. ARDILOSO CORTÊS

~~SR. ARDILOSO CORTÊS~~

OS SEM-ROSTO

Autor: Derek Landy

para a língua Portuguesa

ATENÇÃO : Cuidado com a página falsa com o nome da “ máfia dos livros” no Facebook, Existe uma falsa usando o nosso nome para angariar membros e agindo como se fosse nós , ludibriando e enganando a todos!

MAFIA DOS LIVROS SÓ EXISTE UMA – QUALQUER OUTRA NO FACE QUE

NÃO ESSA ABAIXO É UMA FARSA.

Nosso Endereço verdadeiro é :

<http://www.facebook.com/mafiadoslivrosoficial>

Sinopse:

Esqueleto bem vestido e Valquíria, sua parceira, devem enfrentar o mal mais uma vez e impedir o retorno dos Sem-Rosto. Desta vez, um antigo grupo de feiticeiros está por trás deste plano. E somente a dupla tem o que é necessário para impedir o grupo - pena que tanto Ardiloso quanto Valquíria são considerados foragidos da justiça.

Agradecimentos:

Este livro é dedicado à minha agente, Michelle Kass.

Não vou ser meloso aqui, está bem? Não vou falar sobre como você fez tanta coisa por mim (que foi muita coisa mesmo), ou o impacto que você teve na minha vida (que foi enorme), e não vou nem falar sobre todos os conselhos, encorajamentos e recomendações que você me deu desde que nos conhecemos. E não vou mencionar as conversas sobre tratores também, ou sobre iPods à mesa do jantar, ou a quantidade de palavras em iídiche que você me ensinou e que eu imediatamente esqueci.

Desta forma, não é nada surpreendente que não me tenha sobrado nada para dizer.

Foi mal.

A CENA DO CRIME

O homem morto estava caído na sala de estar, de barriga para baixo, ao lado da mesinha de centro. O nome dele era Cameron Luz, mas isso na época em que o coração dele ainda batia e seus pulmões ainda tinham ar. O sangue havia coagulado no carpete numa grande mancha que se espalhava a partir do ponto onde ele jazia. O homem tinha recebido uma única facada na base das costas. Estava completamente vestido, suas mãos estavam vazias e não havia mais nenhum sinal de confusão no cômodo.

Valquíria Caos se moveu pela sala como fora ensinada, examinando o chão e as superfícies, mas conseguindo evitar olhar para o corpo. A menina não sentia nenhuma compulsão para ver a vítima mais do que o mínimo absolutamente necessário. Seus olhos escuros vagaram até a janela. O parque do outro lado da rua estava vazio, os escorregadores brilhando sob a chuva e os balanços rangendo com a brisa matinal gelada.

Passos soaram na sala e Valquíria se virou para ver Ardiloso Cortês tirar um pequeno saco contendo algum tipo de pó de dentro do paletó. Vestia um terno de risca de giz que “preenchia” com sucesso a silhueta esquelética do detetive, e o chapéu estava bem enfiado sobre o crânio, chegando às órbitas

oculares. Ele enfiou um dedo no saco e começou a misturar, desfazendo os amontoados.

— O que você acha? — indagou ele.

— Ele foi pego de surpresa — respondeu Valquíria. — A ausência de sinais de luta indica que não teve tempo de reagir. Como os outros.

— Então, ou o assassino foi completamente silencioso...

— Ou as vítimas confiavam nele. — Havia algo estranho naquele aposento, algo que não se encaixava muito bem. — Você tem certeza de que ele vivia aqui? Não há nenhum livro sobre magia, nenhum talismã, nenhum amuleto nas paredes, nada.

Ardiloso deu de ombros.

— Alguns magos gostam de viver dos dois lados. A comunidade mágica é reservada, mas há algumas exceções; aqueles que trabalham e circulam pelo chamado mundo “mortal”.

O Sr. Luz obviamente tinha alguns amigos que não sabiam que ele era um feiticeiro.

Havia porta-retratos numa prateleira, com fotos do próprio Luz e outras pessoas.

Amigos. Entes queridos. Só pelas fotos já dava para ver que ele havia tido uma boa vida, cheia de companheirismo.

Agora isso tinha acabado, é claro. Não havia mais um Cameron Luz, apenas uma casca vazia no carpete.

Cenas de crimes, Valquíria refletiu, são lugares bem deprimentes.

Ela olhou para Ardiloso enquanto o detetive pulverizava o pó no ar. Era chamado de pó arco-íris porque mudava de cor ao entrar em contato com qualquer traço residual de magia na área. Desta vez, porém, o pó permaneceu com a mesma cor conforme descia até o chão.

— Nenhum resíduo que seja. — murmurou o detetive.

Apesar de o sofá estar encobrindo o corpo da vista de Valquíria, ela ainda podia ver um pé. Cameron Luz havia vestido sapatos pretos e meias cinzentas com elásticos gastos. O

tornozelo dele era bem branco. Valquíria deu um passo para o lado para tirar o pé de vista.

Um homem com ombros largos e olhos azuis penetrantes se juntou à dupla na sala de estar.

— O detetive Crucial está por perto — informou o Sr. Êxtase.

— Se vocês forem pegos na cena do crime... — Ele não terminou a frase. Não era necessário.

— Estamos de saída — disse Ardiloso. Vestiu o casaco e enrolou o cachecol ao redor da parte inferior do crânio. — Ficamos agradecidos por você ter nos chamado, aliás.

— O detetive Crucial não é a pessoa ideal para uma investigação desta natureza — respondeu Êxtase. — E é por isso que o Santuário precisa que você e a Srta. Caos voltem a trabalhar para nós.

— Acho que Túrido Grêmio provavelmente vai discordar de você sobre isso. — Havia um leve tom de piada na voz de Ardiloso.

— Ainda assim, pedi ao Grande Mago que recebesse vocês hoje à tarde, e ele me prometeu que o faria.

Valquíria ergueu uma das sobrancelhas, mas não disse nada.

Êxtase era um dos homens vivos mais poderosos que existia, mas também era um dos mais assustadores. Ele ainda provocava arrepios na menina.

— Grêmio disse que vai falar conosco? — indagou Ardiloso.

— Não é típico dele mudar de ideia quanto a esse tipo de coisa.

— Tempos desesperados — Êxtase falou simplesmente.

Ardiloso assentiu com a cabeça e Valquíria o seguiu até o lado de fora. Apesar do céu cinzento, ele colocou um par de óculos escuros acima do cachecol, escondendo as órbitas vazias dos olhares dos transeuntes. Se houvesse algum transeunte. Aparentemente, o tempo estava mantendo a maior parte das pessoas sensatas em casa.

— Quatro vítimas — falou Ardiloso. — Todos Teletransportadores. Por quê?

Valquíria abotoou o casaco com alguma dificuldade. As roupas negras que ela vestia já tinham salvado sua vida mais vezes do que gostaria de calcular, mas cada movimento que a menina fazia a lembrava de que tinha crescido desde que Medonho Reservado fizera aquelas roupas, e que não tinha mais 12 anos. Valquíria teve que jogar as botas fora porque ficaram muito pequenas, e comprar um par novo comum numa loja normal. Ela precisava

que Medonho, agora uma estátua, se transformasse de volta em um homem, e que lhe fizesse um novo traje. Valquíria se permitiu sentir-se culpada por ser tão egoísta por um momento, e então voltou ao trabalho.

— Talvez Cameron Luz e os outros Teletransportadores tenham feito alguma coisa ruim para o assassino, e isto é a vingança dele ou dela.

— Essa é a Teoria Um. Mais alguma ideia?

— Talvez o assassino precise de alguma coisa que eles tenham.

— Tipo o quê?

— Sei lá. Coisas de Teletransportador.

— Então por que matá-los?

— Talvez seja um daqueles itens que você precisa matar o dono para usar, que nem o Cetro dos Antigos.

— E assim temos a Teoria Dois.

— Ou talvez o assassino queira alguma coisa que pertença a algum deles, e então ele simplesmente está matando todos os Teletransportadores, um de cada vez, até achar o que está procurando.

— Certo, essa é mais uma possibilidade, então se tornou a Teoria Dois, Variação B.

— Fico feliz que você não esteja tornando isto desnecessariamente complicado ou coisa assim — resmungou Valquíria.

Uma van negra parou ao lado deles. O motorista saiu, olhou para os dois lados da rua para garantir que ninguém estava espiando, e abriu a porta lateral. Dois Talhadores desceram e ficaram parados em silêncio, com roupas cinzentas e rostos escondidos por trás de capacetes com visores. Cada um segurava uma enorme foice. O último ocupante da van emergiu e ficou entre os Talhadores.

Vestindo calças sociais e um blazer combinando, com uma testa alta e uma barbicha que apontava para baixo, como se tentasse ter um queixo, Remus Crucial observou Ardiloso e Valquíria com uma expressão desdenhosa.

— Ah — exclamou. — É você — Crucial tinha uma voz engraçada, como um gato mimado choramingando ao pedir o jantar.

Ardiloso indicou os Talhadores com um movimento da cabeça.

— Vejo que você está disfarçado hoje.

Crucial demonstrou sua irritação imediatamente.

— Eu sou o principal detetive do Santuário, Sr. Cortês. Tenho inimigos e, conseqüentemente, preciso de guarda-costas.

— Você realmente precisa que eles fiquem de guarda no meio da rua? — perguntou Valquíria. — É meio conspícuo.

— Essa é uma palavra bem grande para uma menininha de 13 anos — zombou Crucial.

— Na verdade, não é não — Valquíria resistiu ao impulso de bater nele. — É bastante simples. Além disso, eu tenho 14 anos. Além disso, sua barbicha é ridícula.

— Isso não é divertido? — Ardiloso exclamou, animado. — Nós três, nos dando tão bem assim.

Crucial olhou com raiva para Valquíria, depois para Ardiloso.

— O que vocês estão fazendo aqui?

— Estamos de passagem. Ouvimos que houve mais um assassinato e pensamos em dar uma olhadinha na cena do crime. Acabamos de chegar, na verdade. Será que há alguma chance de a gente...?

— Lamento, Sr. Cortês — Crucial retrucou rigidamente. — Dada a natureza internacional destes crimes e a atenção que estão recebendo, o Grande Mago espera que a minha conduta seja de um profissionalismo absoluto, e ele me deu instruções muito claras quanto a você e a Srta. Caos. Ele não quer que nenhum dos dois chegue perto dos assuntos do Santuário.

— Mas isto não é um assunto do Santuário — argumentou Valquíria. — É só um assassinato. Cameron Luiz nem mesmo trabalhava para o Santuário.

— Esta é uma investigação oficial do Santuário, o que faz dela um assunto oficial do Santuário.

— E como vai a sua investigação? — O tom de voz de Ardiloso era amistoso. — Você provavelmente está sob muita pressão para conseguir resultados, certo?

— Está tudo sob controle.

— Ah, tenho certeza que sim. E tenho certeza de que a comunidade internacional lhe ofereceu ajuda e que estão reunindo recursos... Isto não é um problema exclusivo da Irlanda, afinal. Mas se você precisar de alguma ajuda não-oficial, nós ficaremos felizes em..

— Você pode até quebrar as regras — interrompeu Crucial —, mas eu não. Você não tem mais nenhuma autoridade aqui. Abriu mão disso quando acusou o Grande Mago de traição, lembra?

— Vagamente...

— Você quer um conselho meu, Cortês?

— Na verdade, não...

— Encontre um bom buraco no chão e se deite nele. Você está acabado como detetive. Já era.

Exibindo algo que ele imaginava ser um sorrisinho zombeteiro triunfante, Crucial e os dois Talhadores entraram no prédio.

— Eu não gosto dele — decidiu Valquíria.

ASSASSINO À SOLTA

O Bentley estacionou nos fundos do Museu de Cera fechado e Valquíria seguiu Ardiloso edifício adentro. Uma grossa camada de poeira tinha se acumulado sobre as poucas estátuas de cera que ainda restavam na escuridão. Valquíria esperou enquanto Ardiloso examinava a parede em busca do painel que abriria a porta oculta.

Distraída, Valquíria examinou a estátua de Phil Lynott, o vocalista negro da banda de hard rock irlandesa Thin Lizzy. Ele estava ali parado, segurando uma guitarra, e na verdade era bem parecido com o original. O pai de Valquíria tinha sido um grande fã da banda nos anos 1970 e, sempre que Whiskey in the Jar tocasse no rádio, ele cantaria junto, mesmo que meio desafinado.

— O painel sumiu — anunciou Ardiloso. — Eles devem ter mudado as fechaduras assim que nós saímos. Não sei se me sinto lisonjeado ou insultado.

— Tenho a sensação de que você vai escolher “lisonjeado”.

Ardiloso deu de ombros.

— É um sentimento mais gostoso.

— Bom, então como vamos entrar?

Alguém cutucou o ombro de Valquíria e ela soltou um grito enquanto pulava para longe.

— Sinto muito — a estátua de cera de Phil Lynott falou. — Eu não queria assustar você.

Valquíria ficou encarando a estátua.

— Eu sou a fechadura — a estátua continuou. — Abro a porta deste lado da parede.

Vocês têm hora marcada?

— Estamos aqui para ver o Grande Mago — anunciou Ardiloso.

— Eu sou Ardiloso Cortês e esta é a minha sócia, Valquíria Caos.

A cabeça de Phil Lynott assentiu.

— Vocês estão sendo esperados, mas vão precisar que um representante oficial do Santuário os acompanhe para entrar. Eu alertei a Administradora e ela deve estar chegando em breve.

— Obrigado.

— Não foi nada.

Valquíria continuou olhando fixamente para a estátua por mais alguns segundos.

— Você sabe cantar?

— Eu abro a porta — foi a resposta. — Esse é o meu único propósito.

— Mas você sabe cantar?

A estátua considerou a pergunta.

— Não sei — decidiu. — Nunca tentei.

A parede estrondou gravemente atrás deles, e uma porta se deslocou e deslizou para o lado. Uma mulher vestindo uma saia escura e uma blusa branca apareceu, sorrindo educadamente.

— Sr. Cortês — A Administradora saudou. — Srta. Caos, bem-vindos. O Grande Mago está esperando vocês. Por favor, me sigam.

A estátua de Phil Lynott não se despediu quando a Administradora os levou por uma escadaria em espiral, iluminada por tochas nas paredes. Eles chegaram ao fundo e entraram no foyer. Era estranho entrar num lugar que um dia tinha sido tão familiar, e agora parecia tão alienígena. A parte irracional do cérebro de Valquíria tinha certeza de que os guardas Talhadores estavam fazendo cara feia para ela por trás dos visores, mesmo que ela soubesse que eles eram disciplinados e profissionais demais para se comportar de maneira tão mesquinha.

Só recentemente Valquíria tinha percebido que o Santuário tinha o formato de um triângulo imenso, deitado sob a superfície da cidade de Dublin. O foyer marcava o centro exato da base do triângulo, com longos corredores se estendendo para os dois lados e um corredor central seguindo em linha reta. Mais adiante, os corredores laterais se curvavam num ângulo de 45° para dentro e terminavam se encontrando com o corredor central na ponta do

triângulo. Corredores menores cortavam os principais num padrão aparentemente aleatório.

Os cômodos ao longo dos corredores principais eram usados em sua maioria para a administração cotidiana do Santuário e para os assuntos do Conselho de Anciãos. Mas em alguns dos corredores menores havia salas muito mais interessantes: a Prisão, com as celas temporárias, o Repositório, o Arsenal e mais dezenas de aposentos que Valquíria jamais tinha visto.

A Administradora papeava amistosamente com Ardiloso enquanto eles andavam. Ela era uma mulher legal, trazida para substituir o Administrador que morrera durante o ataque de Nefasto Serpênteo ao Santuário dois anos atrás. Valquíria fechou a mente para a lembrança do massacre. Ela havia passado por aquilo tudo uma vez; não tinha motivo para fazê-lo de novo.

A Administradora os levou até uma sala vazia.

— O Grande Mago estará com vocês em instantes.

— Obrigado — respondeu Ardiloso, assentindo educadamente com a cabeça, e a Administradora saiu.

— Você acha que vamos esperar muito tempo? — Valquíria perguntou, em voz baixa.

— Na última vez que estivemos aqui, acusamos o Grande Mago de traição — comentou Ardiloso. — Sim, acho que vamos esperar muito tempo.

Quase duas horas depois, as portas se abriram novamente e um homem grisalho entrou, com o rosto enrugado e sério e olhos frios.

Ele parou ao ver Valquíria sentada no chão.

— Você deve se levantar quando eu entrar no aposento — ordenou, mal conseguindo manter a voz livre de um rosnado.

Valquíria até estava se levantando antes que ele falasse, mas ao ficar de pé se manteve calada. Esta reunião era importante demais para correr o risco de estragá-la por alguma bobagem.

— Obrigado por concordar em nos ver — agradeceu Ardiloso.

— Sabemos que o senhor é muito ocupado.

— Se dependesse apenas de mim, eu não permitiria que vocês desperdiçassem nem mais um minuto do meu tempo — Grêmio afirmou. — Mas o Sr. Êxtase insiste em assegurar a capacidade de vocês dois. E é

apenas por causa do respeito que sinto pelo meu colega Ancião que aceitei vê-los aqui.

— E a partir dessa situação tão positiva... — Ardiloso começou, mas Grêmio balançou a cabeça.

— Não me venha com as suas gracinhas, Sr. Cortês. Diga o que você veio dizer aqui e deixe os comentários sarcásticos de lado.

Ardiloso inclinou um pouco a cabeça.

— Muito bem. Há seis meses, enquanto nós nos preparávamos para enfrentar o Barão Vingança, você nos demitiu por um 16 desentendimento. Mais tarde, naquele mesmo dia, derrotamos tanto Vingança quanto o Grotesqueiro, e a ameaça que eles representavam foi evitada. E, ainda assim, nosso papel naquela operação foi ignorado.

— Você está querendo uma recompensa? Tenho que admitir, eu estaria desapontado se já não tivesse uma opinião tão ruim de você. Não imaginava que dinheiro poderia ser do interesse de alguém como você. Ou talvez você queria receber uma medalha?

— Eu não estou falando de recompensas.

— Então do que você está falando?

— Quatro Teletransportadores foram assassinados no último mês, e vocês ainda não fazem ideia de quem seja o responsável. Você sabe que nós deveríamos estar nesse caso.

— Temo que não possa discutir uma investigação em andamento com civis. Eu lhes garanto, o Detetive Crucial está no controle da situação.

— Remus Crucial é um detetive de segunda classe.

— Muito pelo contrário; não me resta dúvida alguma de que Crucial é o melhor homem para o serviço. Eu o conheço e confio nele.

— E quantas outras pessoas precisarão morrer até que você perceba seu erro?

Grêmio estreitou os olhos.

— Você não consegue se controlar, não é? Veio aqui implorar pelo seu antigo emprego de volta, e ainda assim não consegue deixar de ser insolente. Aparentemente, a única lição que você aprendeu desde que esteve aqui da última vez foi como calar a boca daquela garota.

— Vá catar coquinho — explodiu Valquíria.

— E até mesmo nisso você fracassou — Grêmio suspirou.

A raiva de Valquíria dava voltas no seu interior, e a menina percebeu que estava corando. Ao ver o rosto vermelho, Grêmio deu um sorrisinho arrogante.

— Isto é uma perda de tempo — Ardiloso decidiu. — Você nunca nem consideraria a hipótese de nos admitir, não é?

— Claro que não. Você disse que foi demitido por um desentendimento. Isso soa tão simples. Tão inocente. Tão inócuo. Que maneira educada de dizer que você me acusou de ser um traidor.

— Vingança tinha um espião no Santuário, Túrido, e sabemos que era você.

— É assim que você passa o tempo da sua aposentadoria? Criando histórias fantásticas para preencher os vãos daquilo que você chama de vida? Digame, Ardiloso, já que estamos nos tratando pelos primeiros nomes, você já descobriu qual é o seu verdadeiro propósito na vida? Você já matou o homem que assassinou sua família, então não pode ser vingança. Menos uma coisa. Então o que poderia ser, em sua opinião? Redenção, por todas as coisas terríveis que fez? Talvez esteja aqui tentando curar todas as feridas

que infligiu, ou trazer de volta todas as pessoas que matou. Qual é o seu propósito?

Antes que Ardiloso pudesse responder, Grêmio indicou Valquíria com um gesto.

— Seria ensinar essa menina? Treiná-la para ser exatamente como você? É isso que faz você se levantar de manhã? Mas aqui está uma questão que talvez você não tenha se perguntado. Você realmente quer que ela seja como você? Quer que viva como você, desprovida de calor, companheirismo e amor?

— Se você suspeita que eu seja esse traidor. — Grêmio continuou. — Então deve pensar que sou um monstro, correto? Um monstro de sangue frio. Entretanto, eu tenho uma esposa que amo, filhos com quem me preocupo e responsabilidades no meu trabalho que pesam nos meus ombros a cada momento de cada dia. Então, se um monstro de sangue-frio como eu posso ter tudo isso, e você não têm nada disso, então o que isto faz de você?

Eles deixaram o Santuário, passaram pela estátua de cera de Phil Lynott em silêncio e andaram até o carro. Valquíria não gostava quando Ardiloso ficava quieto. Geralmente era um péssimo sinal.

Um homem estava parado ao lado do carro. Ele tinha cabelos castanhos curtos e uma barba de alguns dias. Valquíria franziu o cenho, tentando lembrar se ele tinha estado ali um segundo antes.

— Ardiloso — disse o homem. — Pensei que ia achar você aqui.

Ardiloso o cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Emmett Peregrino, já faz algum tempo. Permita-me lhe apresentar Valquíria Caos.

Valquíria, Peregrino é um Teletransportador.

Peregrino também era um homem que aparentemente não acreditava em papo furado.

— Quem está por trás disso? Quem está matando os Teletransportadores?

— Nós não sabemos.

— Bem, e por que você não sabe? — Emmett explodiu. — Você não é o grande detetive? Não é isso que eles dizem?

— Não trabalho para o Santuário — respondeu Ardiloso. — Não tenho permissão oficial.

— Então quem tem? Porque vou lhe dizer de uma vez, não vou falar com aquele idiota do Crucial. Não vou colocar minha vida nas mãos de alguém como ele. Escute, nós dois podemos não gostar um do outro, e sei que nunca nos demos muito bem, mas preciso da sua ajuda ou serei o próximo.

Ardiloso indicou a parede com um gesto e os três foram até lá.

Ali poderiam conversar sem serem vistos.

— Você tem alguma ideia de quem pode estar por trás dos assassinatos? — inquiriu Ardiloso.

— Nenhuma. — Peregrino fez um esforço visível para se acalmar. — Andei tentando raciocinar sobre o que alguém poderia ganhar matando todos nós, e não cheguei a nenhuma conclusão. Eu não tenho sequer qualquer teoria conspiratória paranoica aleatória a que possa recorrer.

— Você percebeu alguém vigiando ou seguindo você?

— Não, e eu andei procurando. Ardiloso, estou exausto. De poucas em poucas horas eu me teletransporto para outro lugar. Não durmo há dias.

— Nós podemos protegê-lo.

A risada de Peregrino soou descrente.

— Sem querer ofender, mas não podem. Se vocês forem capazes de me guardar, o assassino será capaz de me encontrar. Estou melhor por conta própria, mas não posso fugir para sempre.

Emmett hesitou. — Fiquei sabendo de Cameron.

— Sim.

— Ele era um bom homem. O melhor entre nós.

— Há uma maneira de atrair o assassino.

— Deixe-me adivinhar: você quer que eu sirva de isca? Que fique paradinho e deixe-o vir até mim, e então você pula em cima dele e salva o dia? Lamento, mas não estou acostumado a esperar a morte.

— É a nossa melhor chance.

— Não vai rolar.

— Então você precisa nos ajudar. Mesmo sabendo que as vidas deles estavam em risco, Cameron e os outros baixaram a guarda. Eles conheciam o assassino, Emmett, e provavelmente você o conhece também.

— O que está dizendo? Que não posso confiar nos meus amigos?

— Estou dizendo que não pode confiar em ninguém além de Valquíria e eu.

— E por que eu deveria confiar em você?

Ardiloso suspirou.

— Porque literalmente não tem nenhuma outra opção.

— Será que existe alguma pessoa que todos os Teletransportadores conheceriam? — indagou Valquíria. — Uma pessoa com quem você acharia que estaria seguro?

Peregrino pensou por um momento.

— Oficiais do Santuário — respondeu. — Um punhado de feiticeiros, provavelmente, mas ninguém que se destaque. Os Teletransportadores não costumam ser muito populares, talvez você já tenha ouvido falar. Nossos círculos sociais não são lá tão vastos.

— Você fez algum amigo novo? — Ardiloso inquiriu. — Algum novo conhecido?

— Não, nenhum. Bem, exceto pelo garoto.

Ardiloso inclinou a cabeça.

— O garoto?

— O outro Teletransportador.

— Eu achei que você fosse o último Teletransportador.

— Não, tem um garoto inglês de 17 anos, apareceu há algum tempo. Renn é o nome dele. Fletcher Renn. Não tem nenhum treinamento, nenhuma disciplina, nenhuma ideia do que está fazendo; um belo pé no saco. Espere, você acha que ele é o assassino?

— Não sei — murmurou Ardiloso. — Ou o assassino ou a próxima vítima. Onde Renn está?

— Pode estar em qualquer lugar. Cameron e eu fomos falar com ele há alguns meses, nos oferecer para ensiná-lo. O moleque arrogante riu da nossa cara. É um daqueles raros feiticeiros natos, com magia nas pontas dos dedos. Ele tem poder, mas como eu disse, nenhum treinamento. Duvido que possa se teleportar mais do que alguns quilômetros por vez.

— Não parece ter jeito de assassino. Mas isso significa que ele está por aí, sozinho, sem fazer ideia do que está acontecendo.

— Acho que ainda está na Irlanda — afirmou Peregrino. — Resmungou alguma coisa sobre planejar ficar aqui por algum tempo, e que a gente deveria deixá-lo em paz.

Aparentemente, não precisa de ninguém. Um típico adolescente. — O Teletransportador olhou para Valquíria. — Sem querer ofender.

— Valquíria não é nada típica — Ardiloso retrucou antes que a menina pudesse responder. — Vamos rastreá-lo, mas se você o vir primeiro, mande ele nos procurar.

— Duvido que ele vá me escutar, mas tudo bem.

— Como vamos entrar em contato com você se for preciso?

— Não vão, mas darei um pulo aqui de tantos em tantos dias, para me atualizar. Isto se encerraria muito mais rápido se você assumisse a investigação. Não confio em Crucial e não confio em Túrido Grêmio. Você é bem próximo de Êxtase, não é? Talvez pudesse lhe passar uma mensagem. Apenas diga a ele que há muitos de nós aqui fora que apoiariam Êxtase como o novo Grande Mago, se ele estiver interessado. Basta que ele nos dê sinal verde.

— Você não está falando em promover um golpe, está?

— Se uma revolução for à solução necessária para recolocar o Santuário nos trilhos, Ardiloso, então é isso que nós vamos fazer.

— Um tanto drástico, eu diria. Mas vou transmitir a mensagem.

— Obrigado.

— Não há mais nada? Nada que você possa lembrar que poderia nos ajudar? Não importando o quão pequeno ou insignificante?

— Não há nada, Ardiloso. Não sei por que os outros Teletransportadores foram assassinados, e não sei como. Somos excepcionalmente difíceis de matar. No instante em que achamos que algo está errado, sumimos. Até o mês passado, o único caso de um Teletransportador assassinado havia ocorrido há cinquenta anos.

— É? — Ardiloso exclamou, subitamente interessado. — E quem foi esse?

— Trope Caldeirão. Eu mal o conhecia.

— E quem o assassinou? — perguntou Valquíria.

— Ninguém sabe. Ele contou a um colega que estava indo a Glendalough, e nunca mais foi visto. Encontraram o sangue dele junto à margem do lago Superior, mas o corpo nunca foi recuperado.

— Será que o assassinato de Caldeirão poderia ter alguma coisa a ver com o que está acontecendo agora?

Peregrino franziu o cenho.

— Não vejo por quê. Se alguém queria a morte dos Teletransportadores, por que esperar cinquenta anos entre o primeiro assassinato e os outros?

— Ainda assim — insistiu Ardiloso. — Poderia ser um ponto de partida.

— Vocês são os detetives — Peregrino afirmou, dando de ombros. — Não eu.

— Você conhece Tanith, não conhece?

— Tanith Low? Sim, por quê?

— Se você estiver em Londres e precisar de alguém para lhe proteger, pode confiar nela. Pode ser a sua única chance de dormir um pouco.

— Vou pensar nisso. Algum outro conselho?

— Continue vivo — disse Ardiloso, e Peregrino desapareceu.

AQUELE PRIMEIRO BEIJO

Quando eles conseguiram chegar a Haggard, com as luzes dos postes pintando as ruas da cidadezinha de um tom laranja nevoentas, já eram quase 22 horas. Não havia ninguém andando na chuva, então Valquíria não teve que afundar no banco do carro para não ser vista.

Aquele era o único problema do Bentley — não era o tipo de carro que passava despercebido.

Bem, pelo menos não era amarelo.

Eles se aproximaram do píer. Seis meses antes Valquíria tinha saltado dele, seguida por uma matilha de Infectados — seres humanos prestes a se transformar em vampiros. Ela os tinha atraído para a destruição, já que a água salgada, se ingerida, era mortal para gente como eles. Os gritos de dor e angústia, misturados com raiva e depois arrancados de gargantas destruídas, ainda estavam frescos na sua memória como se tudo aquilo tivesse acontecido ontem.

O Bentley parou e Valquíria saiu. Estava frio, então não se demorou. Foi apressada até a lateral da casa onde morava e deixou as mãos vagarem pelo ar. Ela encontrou a falha entre os espaços com facilidade e empurrou para baixo com força. O ar arremeteu ao redor dela e Valquíria subiu. Havia uma maneira melhor de fazer aquilo — usar o ar para carregar, em vez de apenas

empurrar, mas as lições da menina com Ardiloso não tinham alcançado aquele nível ainda.

Valquíria segurou o batente da janela e se moveu para cima, em seguida abrindo o vidro e pulando para dentro do quarto.

A reflexão dela ergueu os olhos da escrivainha, onde estava fazendo o dever de casa de Valquíria.

— Oi — disse a reflexão.

— Alguma coisa a relatar? — Valquíria indagou enquanto tirava o casaco e começava a trocar o traje negro pelas roupas comuns.

— A gente jantou mais tarde — respondeu a reflexão. — Na escola, a prova de francês foi adiada porque metade da turma estava escondida no vestiário. Recebemos os resultados do teste de matemática, você tirou um B. Alan e Cathy terminaram o namoro.

— Trágico.

Passos se aproximaram da porta e a reflexão se jogou no chão e se escondeu embaixo da cama.

— Stephen? — A mãe de Valquíria chamou, batendo à porta e entrando ao mesmo tempo. Ela segurava um cesto de roupas lavadas debaixo do braço.
— Que engraçado. Eu poderia jurar que tinha ouvido vozes.

— Eu estava meio que falando comigo mesma — Valquíria respondeu, sorrindo com um nível de vergonha que ela esperava que fosse suficiente.

A mãe colocou uma pilha de roupas limpas na cama.

— É o primeiro sinal de loucura, você sabe.

— Papai fala sozinho o tempo todo.

— Bem, só porque ninguém mais presta atenção nele.

A mãe saiu do quarto. Valquíria enfiou os pés num par de tênis surrados e, deixando a reflexão escondida embaixo da cama por enquanto, desceu as escadas até a cozinha. A menina se serviu de flocos de milho numa tigela e abriu a geladeira, suspirando ao perceber que a caixa de leite estava vazia. A barriga de Valquíria roncou quando ela jogou a caixa no saco de reciclagem.

— Mãe! — chamou. — Acabou o leite!

— Malditas vacas preguiçosas — murmurou a mãe ao entrar.

— Você terminou o dever de casa?

Valquíria se lembrou dos livros escolares na escrivaninha e seus ombros caíram.

— Não. — admitiu rabugenta. — Mas agora estou com fome demais pra matemática.

Tem alguma coisa pra comer?

A mãe olhou para a filha.

— Você comeu um prato no jantar.

A reflexão tinha comido um prato no jantar. A única coisa que Valquíria tinha comido o dia inteiro foram alguns biscoitos recheados.

— Eu ainda estou com fome — Valquíria reclamou em voz baixa.

— Eu acho que você está enrolando para se livrar da matemática.

— Tem alguma sobra do jantar?

— Ah, agora eu sei que você está brincando. Sobras, com seu pai em casa? Está para nascer esse dia. Se você precisar de alguma ajuda com o dever de casa, é só falar comigo.

A mãe saiu de novo e Valquíria voltou a olhar para a tigela de flocos de milho.

O pai entrou em seguida, se certificou de que eles não seriam ouvidos, e se esgueirou até a filha.

— Steph, preciso da sua ajuda.

— O leite acabou.

— Malditas vacas preguiçosas. Bem, como eu ia dizendo, sábado é o nosso aniversário de casamento, e sim, eu deveria ter resolvido isso há semanas, mas tenho amanhã e sexta-feira para comprar alguma coisa bonita e especial para a sua mãe. Qual sua sugestão?

— Sinceramente, acho que ela iria adorar um pouco de leite.

— Parece que o leiteiro sempre traz leite para ela — o pai respondeu, amargo. — Como eu poderia competir com isso? Ele dirige um caminhão de leite, pelo amor de Deus.

Um caminhão de leite. Então não, eu preciso comprar outra coisa para ela.

— E que tal, não sei, joias? Tipo, um colar ou algo assim? Ou brincos?

— Um colar é uma boa — o pai murmurou. — E ela de fato tem orelhas. Mas eu dei joias no ano passado. E no outro ano também.

— Bem, e o que foi que você deu no ano antes desses?

Ele hesitou.

— Algum... Algum tipo de roupa... Esqueci. De qualquer maneira, roupas são ruins porque eu sempre compro o tamanho errado, e então ela fica ofendida ou deprimida. Eu poderia comprar um chapéu, acho. Ela tem uma cabeça de tamanho normal, o que você me diz? Talvez uma bela echarpe. Ou luvas.

Valquíria concordou com a cabeça.

— Nada diz “feliz aniversário de casamento” melhor do que um par de luvas fofinhas de frio.

O pai olhou para a filha.

— Essa foi uma piada ranzinza. Você está ranzinza.

— Tô com fome.

— Você acabou de comer. Como foi a escola, aliás? Aconteceu alguma coisa interessante?

— Alan e Cathy terminaram.

— Eu deveria me importar com qualquer um deles?

— Na verdade, não.

— Bem, OK então — ele estreitou os olhos. — E quanto a você? Você tem algum...

Romance que eu deveria saber?

— Não. Nadinha.

— Bem, ótimo. Excelente. Você terá muito tempo livre para os garotos depois que sair da faculdade e virar freira.

Valquíria sorriu.

— Que bom que você tem sonhos tão ambiciosos para mim.

— Bem, eu sou a figura paterna. Então, presente de aniversário de casamento?

— Que tal um fim de semana fora? Passar o aniversário em Paris ou algum lugar assim? Você pode fazer as reservas amanhã e embarcar no sábado.

— Ah, essa é uma boa ideia. Essa é uma ótima ideia. Mas você teria que ficar com Beryl. Tudo bem pra você?

A mentira veio com facilidade.

— Claro.

Ele beijou a testa da filha.

— Você é a melhor filha do mundo.

— Papai?

— Sim, querida?

— Você sabe que eu te amo muito?

— Sei.

— Você vai sair para comprar mais leite?

— Não.

— Mas eu te amo.

— E eu amo você. Mas não o suficiente para comprar leite. Coma torrada.

Ele saiu da cozinha e Valquíria suspirou irritada. Ela foi fazer torradas, mas o pão de forma tinha acabado, então cortou alguns pães de hambúrguer e os colocou na torradeira.

Quando ficaram prontos, ela os cobriu com feijões recém-aquecidos no microondas e levou o prato para o quarto, fechando a porta depois de entrar.

— Tudo bem — falou, colocando o prato na escrivaninha. — Pode voltar para o espelho.

A reflexão saiu de baixo da cama e se levantou.

— Ainda faltam alguns problemas do dever de casa — a coisa falou.

— Eu consigo fazer. São difíceis? Deixa para lá. Eu consigo fazer. Algo mais aconteceu hoje?

— Gary Price me beijou.

Valquíria olhou fixamente para a imagem.

— O quê?

— Gary Price me beijou.

— Como assim? Tipo, beijou, beijou mesmo?

— É.

A raiva fez Valquíria querer gritar, mas ela conseguiu manter a voz baixa.

— Por que ele fez isso?

— Ele gosta de você.

— Mas eu não gosto dele!

— Gosta, sim.

— Você não deveria ter beijado ele! Você não deveria fazer qualquer coisa assim! A única razão para você existir é ir para a escola e ficar por aqui e fingir que você sou eu!

— Eu estava fingindo que era você.

— Você não deveria ter beijado ele!

— Por que não?

— Porque era para ter sido eu!

A reflexão olhou para ela sem expressão.

— Você está chateada. É por que você não estava lá para o seu primeiro beijo?

— Não! — retrucou Valquíria.

A reflexão suspirou e Valquíria olhou para ela desconfiada.

— O que foi isso?

— O que foi isso o quê?

— Você suspirou, como se estivesse irritada.

— Eu suspirei?

— Suspirou. Você não pode se irritar. Você não tem sentimentos. Não é uma pessoa real.

— Eu não me lembro de ter suspirado. Me desculpe se fiz isso.

Valquíria abriu o armário e mostrou o espelho à reflexão.

— Estou pronta para retomar minha vida. — A menina falou, e a reflexão assentiu com a cabeça e entrou no espelho. Ele ficou ali, no quarto refletido, esperando pacientemente.

Valquíria fez uma cara feia para ela por um instante, em seguida tocou o espelho e as memórias vieram para a menina, inundando sua mente, se

assentando ao lado das próprias memórias dela, ficando confortáveis na cabeça de Valquíria.

Então ela havia ido até os armários, na escola, e estivera conversando com... não, a reflexão tinha estado conversando... não, tinha sido ela mesma, tinha sido Valquíria. Ela estivera conversando com algumas das garotas, e então Gary tinha aparecido, falado alguma coisa que fez todo mundo rir, e as meninas saíram, papeando.

Valquíria se lembrava de estar ali parada, sozinha com Gary, e da maneira como ele sorriu, e se lembrava de ter sorrido de volta, e, quando ele se inclinou para beijá-la, ela havia deixado.

Mas era só isso. Havia a memória do fato, do ato, mas não havia memória do sentimento. Não havia aquele frio na barriga, ou nervosismo, ou felicidade, e Valquíria não conseguia se lembrar de ter gostado de nenhuma parte daquilo porque não existia emoção para acompanhar o acontecido. A reflexão era incapaz de sentir emoções.

Valquíria estreitou os olhos. O primeiro beijo dela, e ela nem estivera lá quando aconteceu.

Ela deixou as torradas com feijão na escrivaninha, conforme a fome ia desaparecendo, e começou a organizar o resto das memórias, peneirando até chegar às mais recentes. Valquíria lembrava de ter se visto entrando pela janela, então se lembrava de se esconder debaixo da cama e depois se arrastar para fora quando recebeu a ordem.

Valquíria lembrava de ter dito a si mesma que Gary Price a tinha beijado, e a discussão que elas tinham acabado de ter, e então se lembrava de ter dito “Você está chateada. É por que você não estava lá para o seu primeiro beijo?”, e então o “Não” ríspido que se seguiu. E após um momento, como se as luzes tivessem enfraquecido, e então ela estava dizendo “Eu não me lembro de ter suspirado. Desculpe-me se fiz isso.”

Valquíria franziu a face. Outra lacuna. Elas eram raras, e nunca duravam mais do que alguns segundos, mas definitivamente existiam.

Tinha começado quando a reflexão foi morta no lugar de Valquíria, meses atrás.

Talvez ela tivesse sido danificada de um modo que eles não tinham previsto. A menina não queria se livrar da reflexão e nem substituí-la. Era mais convincente do que nunca, ultimamente. Se a única preocupação de Valquíria fosse ser uma memória defeituosa então ela concluiu que não seria um preço muito alto a se pagar.

A BRUXA DO MAR

As estradinhas estreitas se retorciam como cobras, e dos dois lados se erguiam as árvores mais altas que Valquíria jamais vira. De vez em quando havia uma brecha na linha de árvores e ela podia ver o quanto eles tinham subido. As montanhas eram lindas e o ar era fresco e cristalino.

Eles chegaram a Glendalough um pouco antes das dez. Estavam ali para falar com alguém que poderia ter testemunhado o assassinato do Teletransportador há cinquenta anos.

Valquíria estava reclamando do frio, e Ardiloso lhe disse que ela não precisava ter vindo junto, mas não havia a menor chance de ela deixar passar esta oportunidade. Afinal, ela nunca nem tinha visto uma Bruxa do Mar antes.

Ardiloso estacionou o Bentley e eles andaram pelo resto do caminho. Ele estava vestindo um terno azul-escuro, com um sobretudo que ele deixou aberto e um chapéu puxado bem para baixo que escondia suas sobrancelhas. Os óculos escuros estavam no lugar, e o cachecol estava enrolado em volta da parte inferior da caveira, obscurecendo as feições esqueléticas dos turistas e esportistas por quem eles passavam.

Valquíria, por sua vez, estava novamente trajada naquelas roupas um pouco justas demais que Medonho tinha feito para ela.

Eles chegaram ao lago Upper. Era como se alguém tivesse se abaixado e escavado um punhado gigantesco de floresta, e então a chuva tinha chegado e preenchido a depressão com cristal líquido.

O lago era gigantesco, se estendendo até a margem oposta, onde as montanhas se erguiam de novo.

A dupla caminhou ao longo da margem, entre a água e as árvores, até que chegaram a um toco coberto de musgo. Ardiloso se abaixou e enfiou a mão enluvada no oco na base do toco, enquanto Valquíria olhava em volta, se assegurando de que eles não estavam sendo observados. Mas não havia ninguém por ali. Eles estavam em segurança.

De dentro do toco de árvore, o detetive esqueleto retirou um minúsculo sino de prata, do tamanho do dedão dele, e em seguida se endireitou e tocou o sino.

Valquíria arqueou uma das sobrancelhas.

— Você acha que ela ouviu isso?

— Tenho certeza que sim — ele assentiu enquanto tirava os óculos e o cachecol.

— Não é lá muito alto né? Eu quase não escutei, e estou aqui bem do seu lado. Era de se imaginar que o sino de convocação da Bruxa do Mar seria grande. Era de se pensar que seria o tipo de sino que dão badaladas. Aquilo foi mais um tilintar do que uma badalada.

— Realmente não foi nada impressionante.

Valquíria olhou para o lago.

— Nenhum sinal dela. Provavelmente está envergonhada de ter um sino tão porcaria.

Que tipo de Bruxa do Mar mora num lago, de qualquer maneira?

— Acho que estamos prestes a descobrir — Ardiloso murmurou enquanto as águas se agitaram e uma velha enrugada se ergueu da superfície. Ela estava vestida de trapos, tinha longos braços magrelos e os cabelos eram indistinguíveis das algas que estavam misturadas a eles. O nariz era adunco e os olhos ocos, e, em vez de pernas, ela tinha algo que parecia ser um rabo de peixe.

Ela parecia na opinião de Valquíria, uma sereia muito velha e muito feia.

— Quem ousa me perturbar? — inquiriu a Bruxa do Mar numa voz que parecia a de alguém se afogando.

— Eu ousou — respondeu o detetive. — Meu nome é Ardiloso Cortês.

— Esse não é o seu nome — retrucou a Bruxa.

— É o nome que eu escolhi — afirmou Ardiloso. — Assim como minha colega escolheu o nome de Valquíria Caos.

A Bruxa do Mar balançou a cabeça, quase tristemente.

— Vocês dão poder aos nomes — comentou. — Uma grande parte da força de vocês está nos seus nomes. Muito tempo atrás, entreguei meu nome às profundezas. Lancem seu olhar sobre mim e respondam com sinceridade: alguma vez já viram tamanha felicidade como esta?

Valquíria olhou para ela, toda coberta de algas, com a pele enrugada e expressão severa, e decidiu que era melhor não contribuir de maneira alguma com aquela conversa.

Quando ficou evidente que ninguém iria responder, a Bruxa do Mar falou novamente.

— Por que vocês me perturbaram?

— Buscamos respostas — respondeu Ardiloso.

— Nada do que vocês fazem muda alguma coisa — afirmou a Bruxa do Mar.
— No fim, todas as coisas se afogam e são levadas pela correnteza.

— Estamos buscando respostas um pouquinho mais específicas. Ontem, um feiticeiro chamado Cameron Luz foi assassinado.

— Em terra firme?

— Sim.

— Isso não me interessa.

— Achamos que o caso pode estar conectado a um assassinato de cinquenta anos atrás, que aconteceu bem aqui, junto a este lago. Se a vítima lhe disse alguma coisa enquanto morria, se você sabe qualquer coisa sobre ele ou sobre quem o matou, nós precisamos ouvir.

— Vocês querem saber segredos alheios?

— Precisamos sabê-los.

— A garota não disse uma palavra desde que eu apareci — a Bruxa do Mar comentou, virando a atenção para Valquíria. — Porém, ela falava sem parar antes disso. Não tem nada para dizer agora, garota?

— Oi — Valquíria cumprimentou.

— As palavras vão longe sob as ondas. Suas palavras sobre meu sino foram longe.

Você não gosta dele?

— Hum — respondeu Valquíria. — É ótimo. Um ótimo sino.

— É tão velho quanto eu, e eu sou velha demais para que a beleza me alcance. Eu já fui bela, um dia. Meu sino, o som que ele produz, é belo ainda.

— Realmente faz um som bonito — concordou Valquíria. — Mesmo que seja um pouco pequeno.

A Bruxa do Mar balançou sobre a cauda gigante de peixe, ou o que quer que fosse aquilo, e se inclinou até ficar a uma braçada de Valquíria. Ela fedia a peixe podre.

— Você gostaria de se afogar? — inquiriu.

— Não — respondeu Valquíria. — Não, obrigada.

A Bruxa do Mar fez cara de zangada.

— O que você quer?

Ardiloso se interpôs entre elas.

— O homem, cinquenta anos atrás?

A Bruxa do Mar voltou à posição original e recomeçou a se balançar. Valquíria se perguntou o quão grande a parte peixe dela realmente era. Parecia mais o corpo de uma cobra do que de um peixe. Ou talvez de uma serpente.

— Suas perguntas não me interessam — falou a Bruxa. — Sua busca por respostas é insignificante. Se você busca o conhecimento do homem morto,

pode perguntar pessoalmente.

A Bruxa acenou e os restos de um homem emergiram ao lado dela. Este homem de ossos e restos podres, com roupas fundidas ao que restava da pele dele, manchadas do mesmo marrom lamacento, se ergueu de modo que seus pés passaram a ser a única parte dele ainda submersa nas pequenas ondas. Os braços pendiam soltos dos lados, e então os olhos se abriram e água escorreu lhe da boca.

— Por favor, me ajudem — implorou.

A Bruxa do Mar parecia irritada.

— Eles não podem lhe ajudar cadáver. Estão aqui para lhe fazer perguntas.

— Por que você precisa da nossa ajuda? — indagou Ardiloso.

— Eu quero ir para casa — respondeu o cadáver.

— Você está em casa — interrompeu a Bruxa.

O que restava do homem balançou a cabeça.

— Eu quero ser enterrado. Ficar cercado por terra. Quero ficar seco.

— Sinto muito por isso — resmungou a Bruxa do Mar.

— Se você nos ajudar — Ardiloso disse ao cadáver — nós veremos o que podemos fazer. Combinado?

O corpo concordou com a cabeça.

— Eu responderei às suas perguntas.

— Você é Tropa Caldeirão, Teletransportador?

— Sim, sou eu.

— Estamos aqui porque quatro Teletransportadores foram assassinados no último mês. Há uma possibilidade, por mais tênue que seja, de que esses assassinatos estejam ligados ao seu de alguma forma. Como você foi morto?

— Com uma faca, nas minhas costas.

Valquíria ergueu uma sobrancelha. Os outros Teletransportadores tinham sido mortos da mesma forma. Talvez realmente existisse uma conexão, afinal.

— Quem lhe matou? — ela indagou.

— Ele disse que seu nome era Batu.

— Por que ele lhe matou? — pressionou Ardiloso.

— Eu era, acredito, um estudioso — o homem morto afirmou. — Eras atrás, os Sem-Rosto foram expulsos desta realidade, e mesmo que eu não tivesse nenhuma vontade de vê-los aqui de volta, os mecanismos por trás do exílio deles, a magia, a teoria... Era um quebra-cabeça e fiquei obcecado tentando resolvê-lo. Morri por causa da minha curiosidade e da minha confiança cega nos outros. Eu acreditava que as pessoas eram, por natureza, boas e decentes e valiosas ou “valiam a pena”. Acontece que Batu não era nada disso. Ele me matou porque eu sabia como encontrar aquilo que ele desejava, e depois que lhe forneci essa informação, ele teve que proteger o segredo.

— E o que ele desejava?

— O portal — revelou o cadáver. — O portal que vai se abrir e permitir o retorno dos Sem-Rosto.

Houve um momento em que nada foi dito. Valquíria percebeu que tinha inspirado, mas ainda não tinha expirado. A menina se obrigou a respirar de novo.

— E tal portal existe? — perguntou Ardiloso. Ele falou lentamente, cautelosamente, como se a resposta fosse um cachorro que ele não queria perturbar. Realmente parecia preocupado.

— Existe, mas eu apenas pesquisei como encontrá-lo. Nunca tive a chance de colocar aquela teoria em prática. A muralha entre as nossas realidades se enfraqueceu ao longo do tempo. As trevas e a maldade deles vazaram para o nosso lado. Um sensitivo poderoso o bastante talvez fosse capaz de traçar as linhas de energia no nosso mundo até o ponto mais fraco. É lá que o portal se abrirá.

— Então por que os Sem-Rosto ainda não voltaram? — Valquíria indagou.

— Duas coisas são necessárias — explicou o cadáver. — A primeira coisa é uma Âncora de Istmo, um objeto atado por uma linha invisível que viaja deste mundo até o próximo. Essa linha é aquilo que evita que o portal se feche para sempre. Mas a Âncora é inútil sem alguém para forçar a abertura do portal, e só um Teletransportador poderia fazer isso.

Valquíria franziu o cenho.

— Mas todos os Teletransportadores estão sendo assassinados.

Ardiloso olhou para ela.

— Não sei. Não faz sentido. A não ser... Não sei, a não ser que o assassino não queira que os Sem-Rosto retornem, e então ele está matando todos os Teletransportadores para garantir que eles nunca abrirão o portal.

— E isso significaria que...?

— Significaria que talvez ele não seja um cara mau de maneira alguma... Talvez seja apenas um cara bom muito pervertido.

Ardiloso ficou quieto e depois assentiu com a cabeça para o cadáver.

— Obrigado. Você prestou um grande serviço para o mundo.

— E vocês vão me ajudar agora?

— Sim, vamos.

A Bruxa do Mar riu.

— Você jamais deixará este lago, cadáver.

Ardiloso olhou para ela.

— O que você quer em troca dele?

A Bruxa fez beicinho.

— Eu não quero nada. Ele me pertence. Este lago é o local da morte dele. As águas já o reivindicaram.

— Deve haver alguma coisa que você queira, alguma coisa que poderíamos lhe dar em troca.

— Não quero nada que você possa me oferecer. Sou a Donzela das Águas. Estou acima das tentações.

— Você não é uma Donzela das Águas — retrucou Valquíria. — Você é uma Bruxa do Mar.

Os olhos da Bruxa se estreitaram.

— Quando eu era mais jovem, era uma Donzela das...

— Não dou à mínima — interrompeu Valquíria. — Você pode ter sido bela um dia, mas agora você é uma mulher-peixe velha e feia.

— Não desperte a minha ira, garota.

— Eu não tenho nenhuma intenção nem mesmo de tocar a sua ira, mas nós não vamos a lugar algum sem o homem morto. Então mande ele pra cá ou as coisas vão ficar feias para o seu lado.

— Então parece que você quer se afogar, afinal — a Bruxa rosnou e deu o bote, e num piscar de olhos suas mãos ossudas estavam agarrando os ombros de Valquíria. A Bruxa se inclinou para trás, como um cavalo empinando, e Valquíria foi erguida no ar, bem alto, e jogada como uma boneca de pano. Ela bateu na água com força e afundou. Valquíria girou e, através das bolhas, viu que o longo corpo serpentina da Bruxa do Mar se afinava até uma cauda. E então aquele corpo se enrolou numa espiral e a Bruxa estava ao lado da menina, com olhos arregalados e triunfantes, agarrando Valquíria de novo e a segurando embaixo da água.

Valquíria tentou dar socos, mas o punho se moveu muito lentamente debaixo da água.

A Bruxa riu, com o lago enchendo sua boca descendo pela garganta e, pela primeira vez, Valquíria viu as linhas de guelras dos dois lados do pescoço da criatura.

Os pulmões de Valquíria já estavam ardendo; ela não tivera tempo de pegar fôlego. A menina tentou atacar os olhos da Bruxa, mas esta cerrou os dedos ossudos nos pulsos de Valquíria. A Bruxa era forte demais para ela.

E então algo se moveu na direção delas, e Valquíria viu Ardiloso disparando pela água como um torpedo. Ele estava bem ao lado delas antes que a Bruxa percebesse sua chegada.

A Bruxa tentou atingir Ardiloso com as garras, mas o detetive segurou o pulso de Valquíria, o pulso que a Bruxa tinha acabado de soltar, e libertou a menina com um puxão.

Ela se agarrou em Ardiloso com força, sentindo a água se abrir adiante e os empurrando para frente. A Bruxa vinha logo atrás, com o corpo ondulando enquanto os perseguia e uma expressão furiosa no rosto. Ela se aproximou e estendeu os braços, mas Ardiloso deu uma guinada, desviando para as profundezas lodosas do lago, e então eles rolaram, mudando de curso, voltando para cima, passando direto pela Bruxa, que gritou sua raiva por meio de bolhas que lhe escapavam da boca.

A dupla de detetives passou sobre o fundo do lago, que estava ficando cada vez mais próximo. Valquíria poderia ter estendido a mão e tocado as

pedrinhas, rochas, lodo e areia.

E então Ardiloso deu um impulso para cima e eles saíram da água, subindo bem alto e caindo, na direção das árvores. Aí ouviram um guincho, e a Bruxa do Mar irrompeu das águas agitadas e agarrou Ardiloso, abraçando a cintura do esqueleto com seus bracinhos finos, puxando-o de volta para baixo.

Valquíria se soltou, tentando agarrar um galho de árvore, mas não conseguindo. Caiu no chão e grunhiu, mal percebendo que as mãos estavam cortadas e sangrando, laceradas pela madeira.

A menina gemeu e moveu um pouco a cabeça para olhar novamente para a água. Não conseguiu ver Ardiloso ou a Bruxa, e as marolas já estavam se espalhando e cessando, como se o lago estivesse tentando esconder o que estava acontecendo sob a superfície. Valquíria rolou, com os cabelos escuros sobre o rosto, e se levantou lentamente, fazendo uma careta ao ver as mãos.

O cadáver ainda estava na água, na mesma posição que eles o haviam deixado, provavelmente esperando a Bruxa voltar e reivindicar o que ela via como seu. Valquíria começou a se mover. O cadáver os tinha ajudado e eles prometeram devolver o favor.

Ela correu ao longo da margem do lago, escorregando de vez em quando, chegando mais perto da água do que gostaria. Mesmo assim, a Bruxa não pulou para cima dela, não a agarrou ao passar.

Ardiloso provavelmente estava dando uma surra nela, ou pelo menos Valquíria esperava que estivesse.

A menina alcançou o cadáver novamente, ofegando, mantendo as mãos longe do corpo porque estavam começando a arder.

— Ei — chamou. — Venha para cá, saia daí.

Ele balançou a cabeça.

— Não consigo me mexer sozinho. Passei os últimos cinquenta anos no fundo desse lago. Eu acho que nem me lembro como me mexer.

— Nesse caso — disse Valquíria —, eu vou até aí buscar você.

— Obrigado.

Valquíria entrou no lago. As águas aqui estavam calmas. Nenhum sinal da Bruxa do Mar, o que queria dizer ou que Ardiloso a estava mantendo

ocupada, ou que ela estava de tocaia, esperando que Valquíria ficasse fácil de capturar. A menina entrou até a água bater nos joelhos, depois nas coxas, e quando a água chegou à cintura, ela se jogou para a frente e nadou.

Até aqui, tudo bem. Até aqui, nada de mãos agarrando Valquíria e a arrastando para baixo.

Ela alcançou o cadáver e olhou para o rosto dele.

— Como eu faço você descer?

— Lamento, mas eu não sei.

Valquíria respirou fundo e enfiou a cabeça embaixo da água.

Ele não estava apoiado sobre nada. Era como se o próprio lago o estivesse mantendo de pé.

A menina emergiu, estendeu os braços para tentar puxá-lo para baixo, mas, assim que tocou a pele dele, o lago parou de segurá-lo e o cadáver caiu.

— Desculpa — falou ele.

— Tudo bem — respondeu Valquíria, passando o braço por baixo do queixo dele.

Controlou o impulso de estremecer quando sua mão se fechou sobre aquela carne fria e manchada, nadou de volta para a terra firme, levando o cadáver junto. Os pés de Valquíria tocaram o fundo. Ela o segurou por debaixo dos braços e começou a puxá-lo para fora.

— Obrigado por fazer isto — disse o cadáver.

— A gente deve uma.

— Era horrível naquele lago.

— Vamos achar uma sepultura boa e seca para você, não se preocupe.

Ele conseguiu girar a cabeça e olhar para ela.

— Se os Sem-Rosto retornarem, o mundo vai acabar. Por favor, me prometa que você vai impedi-los.

Valquíria sorriu para o cadáver.

— Impedir os caras maus é a nossa tarefa.

No momento em que os pés dele saíram da água, a cabeça dele caiu e ele parou de falar. Era só um cadáver normal novamente.

Valquíria continuou puxando o cadáver até que eles estavam bem longe do lago e então, muito cuidadosamente, ela o pousou no chão.

A menina estava encharcada, morrendo de frio, as mãos estavam cortadas e ardidas, ela tinha gosma e carne morta sob as unhas e precisava lavar o cabelo o mais rápido possível.

Alguma coisa estava acontecendo no meio do lago. Valquíria olhou mais de perto, viu uma ondulação se movendo depressa, alguma coisa rompendo a superfície. Ardiloso se ergueu sobre a água até ficar de pé. Ele deslizou sobre o lago, com as mãos nos bolsos, como se estivesse esperando o ônibus.

O detetive reduziu a velocidade ao se aproximar da margem e pisou em terra firme.

— Bem — comentou. — Isso cuida daquilo. — Ele acenou com uma das mãos e a água evaporou das roupas dele, o deixando seco.

— Você ainda não me ensinou como fazer isso.

Ardiloso pegou o chapéu no chão e limpou a terra.

— É você quem insiste que as lições sobre manipulação de fogo e ar são mais importantes que as lições sobre água. Você não pode realmente me culpar pelo fato de você estar parecendo um rato afogado agora, pode?

— Tenho certeza que eu conseguiria culpar você — a menina retrucou, ranzinza. — Como está a Bruxa?

Ardiloso deu de ombros.

— Se arrependendo das opções de vida dela, imagino. Vejo que você resgatou o cadáver.

— Sim. Ele está morto.

— Cadáveres geralmente estão.

— Quero dizer que ele não está mais falando.

— Então não há mais nada a ser feito além de honrar os desejos dele. Vamos carregá-lo até o carro, tentando não ser vistos por nenhum transeunte, e então vamos levá-lo de volta a Dublin.

Valquíria assentiu e mordeu o lábio.

— O que foi? — perguntou Ardiloso. — Qual é o problema?

— Bem, eu não quero soar desrespeitosa ou nada do gênero, mas pode ser meio esquisito estar no carro com os restos de um homem morto...

— Você percebe que eu sou os restos de um homem morto também, não percebe?

— Eu sei, é, mas... Você não fede.

— É um excelente argumento. Não se preocupe, vamos colocá-lo no portamalas.

Agora, você quer carregar pelos braços ou pelas pernas?

— Pernas.

Ardiloso ergueu o cadáver, com as mãos sob as axilas dele.

Valquíria segurou os tornozelos do corpo e se levantou, e a perna direita se soltou.

— Você pode carregar isso — comentou Ardiloso.

RASTREANDO O

TELETRANSPORTADOR

O Bentley foi estacionado perto do prédio residencial onde Porcelana Tristeza mantinha a biblioteca. Ardiloso tinha insistido, como parte do treinamento contínuo, que Valquíria se secasse, e mesmo que a menina tivesse feito todo o possível para retirar a água do lago, não tinha conseguido remover tudo. Partes da roupa ainda estavam um pouco úmidas, e seu cabelo fedia.

— Estou horrível — Valquíria reclamou enquanto saía do carro. — Odeio ver Porcelana quando estou assim. Ela está sempre tão imaculada. Como está o meu cabelo?

Ardiloso ativou o alarme do carro.

— Tem um graveto nele.

Valquíria arrancou o graveto e fez uma careta de dor. Ela olhou para o portamalas do carro enquanto eles andavam.

— Onde você vai enterrar o corpo?

— Eu conheço um lugar.

— Você conhece um lugar? Você enterra muitos corpos por lá?

— Alguns.

— Isso é meio assustador. E quanto ao cara que matou o Tropo? Batu? Você já ouviu falar nele?

— Nunca.

— Talvez os assassinatos de Teletransportadores não tenham nada a ver com a morte de Tropo Caldeirão.

— E o fato de que eles todos foram mortos da mesma forma?

— Poderia ser coincidência.

— Então você não está preocupada? Não está aflita com a ameaça do retorno dos Sem-Rosto?

Valquíria franziu os lábios.

— Valquíria?

A menina suspirou.

— Eu só queria que você não estivesse com a razão o tempo todo.

— Realmente é um fardo. Mas a verdadeira pergunta é: por que há um intervalo de cinquenta anos entre o primeiro assassinato e os outros quatro? O que o nosso Sr. Batu andou fazendo durante esse tempo todo?

— Talvez ele estivesse preso.

— Você está pensando cada vez mais como um detetive, sabia? Há algumas pessoas que me devem favores, e acho que consigo arranjar uma lista de criminosos recém-libertados.

Valquíria suspirou.

— Isto tudo seria muito mais fácil se a gente ainda estivesse com o Santuário.

Quando a dupla entrou no prédio, eles esbarraram em Sávio Excêntrico, um feiticeiro que Valquíria só tinha encontrado duas vezes até agora. Ele estava carregando um grande livro sob o braço, encadernado em couro e parecia muito velho. Sávio o segurava com força contra o próprio flanco e acenou com a cabeça distraidamente.

— Boa-tarde, Ardiloso, Valquíria.

Os três subiram as escadas.

— O que você tem aí? — indagou Ardiloso.

— Um livro. Um livro para... para Porcelana. Ela o quer. Ela disse que comprará de mim.

— É caro?

A risada de Excêntrico foi tão súbita quanto desesperada.

— Ah, sim. Ah... ah, sim. Bem raro, este aqui. Eu diria que não tem preço.

— E qual é o valor de mercado para livros sem preço hoje em dia?

— Bem alto — Excêntrico respondeu, decidido. — Não vou ser um frouxo, sabe?

Você vê essas outras pessoas, e no momento em que elas veem Porcelana, esquecem tudo sobre dinheiro, ou uma negociação justa, e só pensam em fazê-la feliz. Bem, comigo não.

Sou um negociante, Ardiloso. Isto é um negócio.

Quando eles chegaram ao terceiro andar, os dentes de Excêntrico estavam batendo.

Ardiloso bateu à porta marcada Biblioteca, e um homem magro a abriu e os convidou a entrar com um gesto.

As pernas de Excêntrico cederam um pouco, mas ele conseguiu ficar de pé, e a dupla o seguiu pelo labirinto de estantes até que chegaram à escrivaninha.

Porcelana Tristeza, de cabelos negros como o pecado e olhos azuis como o céu, os viu chegar, se levantou da cadeira, e então a mulher mais linda do mundo sorriu.

Sávio Excêntrico caiu de joelhos, ergueu o livro diante de si e choramingou.

— Eu te adoro.

Ardiloso balançou a cabeça e saiu do lado de Valquíria para olhar as estantes.

— Sávio — exclamou Porcelana. — Você é tão fofo. — O homem magro pegou o livro encadernado em couro das mãos trêmulas de Excêntrico e o colocou na escrivaninha.

— Agora, quanto ao pagamento...

Excêntrico concordou com a cabeça rapidamente.

— Sim. Pagamento, sim.

— Como vai você, aliás? Está com uma ótima aparência. Você andou se exercitando?

Ele sorriu fracamente.

— Eu gosto de correr.

— Dá para notar, com certeza — Porcelana comentou, estreitando os olhos apreciativamente.

Excêntrico choramingou de novo.

— Peço desculpas — Porcelana falou, dando uma risadinha leve e parecendo atrapalhada. — Você tem uma tendência a me distrair. De volta aos negócios, se é que vou conseguir me concentrar no trabalho por mais de três segundos. Estávamos falando em pagamento.

—Você pode ficar com ele — Excêntrico respondeu numa voz sufocada.

— Perdão?

Excêntrico se levantou.

— Eu estou lhe dando o livro, Porcelana. É o meu presente. Não preciso de pagamento.

— Sávio, eu não poderia...

— Por favor, Porcelana, aceite. Aceite como uma demonstração do meu...

Valquíria estava impressionada com a capacidade de Porcelana de tornar os próprios olhos grandes e esperançosos.

— Sim, Sávio?

— ...meu amor, Porcelana.

Porcelana pressionou os lábios com um dedo delicadamente, como se estivesse lutando para conter uma torrente de paixão.

— Obrigada, Sávio.

Excêntrico se curvou, balançou um pouco e se virou. Julgando pelo sorriso, ele estava incrivelmente, delirantemente satisfeito, e se apressou em sair por onde eles tinham entrado.

O homem magro o seguiu, para garantir que ele não tropeçaria em nada.

— Aquilo — comentou Valquíria — foi uma desgraça.

Porcelana deu de ombros, sentou-se novamente e abriu o livro.

— Eu faço o que tenho de fazer para conseguir as coisas que quero. — Ela usou uma lente de aumento para examinar as páginas mais de perto. — Parece que você andou nadando, Valquíria. — comentou, sem levantar a cabeça. — E o que aconteceu às suas mãos?

Todos esses cortezinhos parecem feios.

— Eu, uh, bati numa árvore.

— Bem, tenho certeza de que ela mereceu.

Desesperada para afastar a conversa da própria aparência, Valquíria perguntou:

— Que livro é esse?

— É um livro de feitiços, escrito pelo Feiticeiro Louco há mais de mil anos.

— Por que ele era chamado de Feiticeiro Louco?

— Porque ele era louco.

— Ah.

Porcelana franziu os lábios.

— Este livro é uma falsificação. Eu diria que tem pelo menos uns quinhentos anos, mas ainda assim é falsificado.

Valquíria deu de ombros.

— Ainda bem que você não pagou por ele então, ou teria que pedir seu dinheiro de volta.

Porcelana fechou o livro e examinou a capa.

— Não sei bem se eu quereria fazer isso. O Feiticeiro Louco, além de ser bem louco, também era um feiticeiro de segunda categoria. A maioria dos feitiços no seu livro não fazia absolutamente nada. Mas este falsário, seja lá quem fosse, corrigiu cada um dos erros conforme copiava. Eu diria que este livro é a descoberta acadêmica mais importante dos últimos quinze anos.

— Uau.

— E ele é meu — Porcelana concluiu, com um sorriso contente.

Ardiloso voltou, virando cuidadosamente as páginas de um livro que parecia já ter visto dias melhores.

— Precisamos da sua ajuda — anunciou.

Porcelana fez cara de decepcionada.

— A conversa fiada já acabou? Bem, isso não é nada divertido. Nós nem chegamos a trocar farpas. Ah, como eu sinto falta dos velhos tempos. E você, Valquíria?

— Eles tiveram seus bons momentos.

— Tiveram mesmo, não foi? Era sempre “assuntos do Santuário” para cá, “salvando o mundo” para lá, mas e agora? Agora você está do lado de fora, investigando alguns míseros assassinatos. Será que esse caso é realmente digno do magnífico Ardiloso Cortês?

— Assassinato é assassinato — Ardiloso respondeu, sem tirar os olhos do livro.

— Ah, imagino que você esteja certo. Então me diga, como o homem de Grêmio está lidando com a ponta irlandesa da investigação?

— Você quer dizer que não sabe? — Valquíria inquiriu, genuinamente confusa. Ela já tinha aprendido que todos os bons detetives fazem uso constante de negociantes de informação, e Porcelana era de longe a melhor de todas nessa área.

Porcelana sorriu.

— Você acha mesmo que Remus Crucial se associaria a mim, uma pessoa com o meu histórico duvidoso? Lembre-se, querida Valquíria, eu me associava com o inimigo, outrora.

Eu era o inimigo, outrora. Crucial é um homem de imaginação limitada. Ele tem suas regras, determinadas por Túrido Grêmio e ele as segue à risca. Pessoas que seguem as regras não vêm até mim. O que explica o fato de eu falar com vocês dois com tanta regularidade.

— Nós, marginais, temos que continuar unidos — Ardiloso comentou, distraído.

— Isso meio que contradiz o propósito de ser um marginal, porém, não é?

— “Âncora de Istmo” — Ardiloso declarou, lendo um trecho do livro em voz alta. — “Um objeto pertencente a uma realidade que reside em outra. Animado ou inanimado.

Mágico ou não. Lança uma Torrente de Istmo, conectando realidades através de portais interdimensionais.”

O detetive fechou o livro e inclinou a cabeça, pensativo.

— Então? — indagou Valquíria.

— Então nós temos que descobrir qual foi à forma que esta Âncora assumiu, e encontrá-la antes do inimigo. Deixe-me matutar sobre isso por algum tempo. Porcelana, precisamos encontrar alguém. Um garoto inglês: Fletcher Renn.

— Nunca ouvi falar nele. É um mago?

— Teletransportador nato.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

— Entendo. Nesse caso, eu posso ter ouvido falar nele, afinal.

Três relatórios de um “garoto fantasma” em três boates diferentes do condado de Meath. Os funcionários das boates ou lhe negaram entrada ou se recusaram a servi-lo, e ele, petulante, saiu fazendo uma cena e desapareceu, segundo disseram, como que por mágica. Já que esses desaparecimentos foram testemunhados apenas por bêbados, drogados e burros, as autoridades não estão lá levando muito a sério.

— Em que lugar de Meath? — perguntou Ardiloso.

Porcelana fez um gesto para o homem magro, que estava ali tão imóvel que Valquíria tinha se esquecido dele. O homem magro desapareceu por um momento e depois voltou com um mapa e o abriu sobre a mesa de Porcelana.

— Aqui, aqui e aqui — Porcelana indicou, batendo de leve com a unha pintada no mapa.

Ardiloso pegou um lápis na escrivaninha e fez um círculo em volta dos três pontos.

— Se o que Peregrino disse era verdade, e o Sr. Renn só pode se teleportar alguns quilômetros de cada vez, então isso o colocaria em algum lugar dessa área.

— É uma porção de prédios para visitar — Porcelana comentou.

Ardiloso bateu de leve com o lápis na cabeça.

— Um garoto de 17 anos com o poder de aparecer em qualquer lugar. Se ele precisa de dinheiro, aparece no cofre de um banco. Se precisa de roupas, numa loja. Comida, supermercado. Ele não vai estar em qualquer lugar. Está começando a se considerar melhor que todo mundo. Só vai ficar nos melhores lugares. Nos melhores hotéis — marcou um X

com o lápis no mapa, dentro do círculo.

— O Hotel Grandeur — disse Porcelana. — Provavelmente o único hotel dessa área com videogames em todos os quartos.

— É lá que ele está — Ardiloso decidiu, enrolando o cachecol sobre a parte inferior da caveira. — É lá que vamos encontrá-lo.

FLETCHER RENN

O lobby do hotel era espaçoso, com uma pequena fileira de plantas de um lado e uma queda d'água delicada do outro. Dois enormes pilares de mármore se erguiam do chão ao teto, e Ardiloso usou um deles para se esconder da recepcionista sorridente. Ele só estava usando o chapéu e o cachecol como disfarce. O detetive andou casualmente até os elevadores, com Valquíria logo atrás. A menina manteve as mãos, que estavam cobertas por bandagens, dentro dos bolsos, e sorriu de volta para a recepcionista até que a dupla saiu do seu campo de visão.

As portas do elevador se abriram e um casal de idosos saiu. A mulher olhou curiosamente para Ardiloso ao passar. Valquíria se juntou ao detetive no elevador e apertou o botão do último andar, que era a localização mais provável de Fletcher Renn. Quando eles começaram a subir, Ardiloso verificou seu revólver.

Ao sair do elevador, caminharam por um longo corredor. Viraram uma esquina e quase esbarraram num homem que vinha na direção oposta. Ele era louro e usava óculos escuros. Houve um momento de silêncio espantado.

— Ah — Billy-Ray Sanguíneo exclamou. — Porcaria.

Ele deu um passo para trás enquanto a mão disparava para o bolso, mas Ardiloso lhe deu um encontrão e a navalha voou do seu bolso para longe.

Ardiloso acertou uma cotovelada no queixo do adversário e Sanguíneo cambaleou, estendendo a mão para a parede. Ao tocála, a parede começou a se desfazer e Sanguíneo começou a passar por ela, mas Ardiloso o agarrou e o puxou para fora de novo.

Valquíria ouviu uma porta se abrir e se virou para ver, se deparando com um rapaz bonito, que amava o próprio cabelo, olhando para eles da entrada do quarto.

Ela pulou na direção do rapaz, empurrando-o para dentro, e bateu a porta atrás de si.

O quarto era luxuoso, com um sofá e poltronas, uma TV enorme e uma cama gigantesca, e nada disso tinha a menor importância agora.

— Você é Fletcher Remm — exclamou a menina. — Você está em grande perigo.

Fletcher olhou para Valquíria.

— O quê?

— Há algumas pessoas que querem matar você. Estamos aqui para lhe ajudar.

— Do que você está falando?

Ele tinha um sotaque inglês não muito diferente do de Tanith Low. Era mais bonito do que Valquíria tinha imaginado, e Porcelana tinha razão sobre seu cabelo. Era espetado, cuidadosa e meticulosamente indomado.

— Meu nome é Valquíria Caos.

— Valéria?

— Valquíria; eu sei tudo sobre você e sobre o que você pode fazer, e você terá que se teletransportar agora mesmo.

Os olhos dele se desviaram para alguma coisa atrás dela. Valquíria se virou para ver milhares de pequenas rachaduras aparecendo no gesso da parede. Sanguíneo entrou no quarto, com os lábios sangrando e sem os óculos.

Fletcher olhou para os buracos negros onde os olhos de Sanguíneo deveriam estar e sussurrou um palavrão.

Valquíria arrancou as bandagens da mão direita e estalou os dedos. A fagulha gerada pela fricção se tornou uma chama e cresceu, girando na palma da menina. Valquíria atirou a bola de fogo e Sanguíneo se jogou para o lado, escapando por pouco de ser atingido.

A lâmina da navalha cintilou maldosamente. Valquíria deu um passo à frente e estendeu o braço, com a mão aberta. Ela assumiu a postura de batalha, flexionando um pouco os joelhos, enquanto golpeava o ar com a palma e o espaço diante dela ondulou. Sanguíneo mergulhou para o lado e o ar deslocado atingiu o sofá onde o homem estivera de pé, e o móvel foi jogado para trás contra a parede.

Sanguíneo jogou um abajur contra Valquíria e a base a acertou na bochecha, fazendo-a cambalear. Ele avançou direto contra a menina. Mesmo enquanto se abaixava para se esquivar de um golpe de navalha, Valquíria soube que era uma finta, e Sanguíneo a agarrou e a carregou para trás na hora em que a porta do hotel foi chutada para dentro e Ardiloso entrou. O chapéu e o cachecol tinham sumido e Fletcher ficou boquiaberto ao ver o detetive esqueleto pela primeira vez.

— Solte-a — comandou Ardiloso, apontando o revólver, pronto para disparar.

— Mas então você iria atirar em mim — respondeu Sanguíneo. — E levar um tiro dói. Solte a arma, me entregue o garoto com o cabelo esquisito ou eu mato a garota.

— Não.

— Então eu acho que a gente está num belo impasse à moda antiga.

Ele pressionou a lâmina da navalha contra o pescoço de Valquíria com mais força, e ela não ousou nem engolir. A bochecha latejava de dor e a menina sentiu um fio de sangue escorrendo pelo rosto, onde o abajur a tinha atingido.

Ninguém se moveu ou disse nada durante os momentos seguintes.

— Impasses à moda antiga são chatos pacas — Sanguíneo resmungou.

Fletcher estava olhando fixamente para Ardiloso.

— Você é um esqueleto.

— Fique atrás de mim — respondeu Ardiloso.

— O que está acontecendo? Tem um cara sem olhos e com uma navalha contra um esqueleto de terno com um revólver. Quem é o cara bom?

Valquíria estalou os dedos, mas teve que fazê-lo fraquinho para que Sanguíneo não escutasse. Ela tentou de novo, mas ainda não conseguia invocar uma fagulha.

— Fletcher — chamou Sanguíneo. — Ao contrário desses dois, eu vim aqui para lhe fazer uma proposta. Meus empregadores são muito generosos, e gostariam de lhe pagar um monte de dinheiro para fazer um trabalhinho para eles.

— Não ouça o que ele está dizendo — avisou Ardiloso.

— Por que eu precisaria de dinheiro? — indagou Fletcher. — Eu me teletransporto para qualquer lugar que quiser e pego qualquer coisa que precisar. Não preciso pagar nada.

— Existem outras recompensas — Sanguíneo tentou. — Podemos negociar alguma coisa.

Fletcher balançou a cabeça.

— Lamento, não sei o que nenhum de vocês quer, ou o motivo para estarem apontando armas e navalhas para todos os lados, nem por que a garota foi pega de refém, mas todo mundo está agindo como se ter um esqueleto falante no quarto fosse algo perfeitamente normal. E você, cadê os seus olhos?

Como você consegue ver? Como é que as únicas pessoas com olhos neste quarto somos eu e ela?

— Ótimas perguntas — concordou Sanguíneo. — Se você vier comigo agora mesmo, eu lhe darei todas as respostas que você quiser.

— Esse homem é um assassino — afirmou Ardiloso. — Você não pode confiar em nada do que ele diz.

— Confiar nele não faz parte dos meus planos — Fletcher retrucou, em seguida pegando uma jaqueta e vestindo. — Não dou a mínima para o motivo de você e os seus chefes quererem que eu trabalhe para vocês — o rapaz disse para Sanguíneo. — O fato é que ninguém mais me diz o que fazer. É isso aí, estou recusando.

— Isso é um erro, garoto.

— Venha conosco — chamou Ardiloso. — Nós podemos protegê-lo.

— Não preciso de proteção — Fletcher deu de ombros. — Não preciso de nada de ninguém. Eu tenho este poder muito maneiro, e pretendo usá-lo para fazer qualquer coisa que eu quiser.

— Você está correndo perigo — insistiu Ardiloso. — Quase todos os outros Teletransportadores do mundo estão mortos.

Fletcher franziu o cenho.

— Então eu sou um dos últimos? — O rapaz levou um momento para absorver a informação, e depois deu de ombros, com um começo de sorriso.
— Então eu agora sou ainda mais maneiro.

Ele desapareceu com um pop suave, e o ar ao redor dele avançou para ocupar o vácuo súbito.

— Porcaria — resmungou Sanguíneo.

Valquíria estalou os dedos e invocou uma chama solitária na palma da mão, em seguida a pressionando contra a perna de Sanguíneo. Ele ganiu e afrouxou o braço. A menina agarrou o pulso direito do homem e manteve a navalha longe de si enquanto Ardiloso atacou.

Sanguíneo xingou e empurrou Valquíria no caminho do detetive.

— Eu realmente odeio vocês — afirmou, afundando no chão.

Os dois detetives esperaram por alguns momentos, para garantir que ele não iria atacá-los de repente.

— Você está bem? — Ardiloso perguntou enquanto inclinava o rosto da menina para o lado. — Ele lhe cortou?

— Não com a navalha — Valquíria respondeu, soltando o queixo da mão de Ardiloso. Ela sabia que tivera sorte. As cicatrizes deixadas por aquela lâmina não saravam nunca. — Perdemos Fletcher. Ele provavelmente está a quilômetros daqui, agora. Depois disso, como é que a gente vai conseguir encontrá-lo de novo?

Houve um barulho no banheiro e os dois olharam para a porta fechada. Ardiloso foi até lá e bateu. Alguns segundos depois a porta se abriu, e Fletcher Renn olhou para eles com humildade.

— Ah — exclamou Valquíria. — Bem, isso foi fácil.

Valquíria se sentou diante de Fletcher, e nenhum dos dois dizia nada. Ele tinha adotado um ar de completo tédio durante a viagem de carro até aqui, e essa tentativa óbvia de demonstrar desinteresse estava começando a irritá-la. A menina estava tocando o ferimento no rosto com uma bola de guardanapos molhados, de modo a fazer o sangramento parar. As mãos ainda ardiavam por causa das dúzias de farpas que as machucaram.

A lanchonete para onde eles tinham vindo era uma tentativa cafona de imitar os Estados Unidos dos anos 1950: tudo era azul ou rosa, uma jukebox

miniatura em cada mesa e um Elvis em néon balançando os quadris da esquerda para a direita na parede. Era um pouco mais de 15 horas de uma tarde de quinta-feira, e houve mais do que alguns olhares curiosos para o homem alto e magro com o cachecol, óculos escuros e chapéu, que se juntou aos dois jovens à mesa. Ardiloso dispensou o garçom com um aceno antes mesmo que ele se aproximasse.

— O cara com a navalha era Billy-Ray Sanguíneo — afirmou Ardiloso. — Acreditamos que ele esteja trabalhando com ou para um homem chamado Batu. Você já ouviu esse nome antes?

Fletcher balançou a cabeça preguiçosamente.

— No último mês houve quatro assassinatos; todos Teletransportadores como você.

Agora restam apenas dois de vocês.

— Mas aquele cara não veio atrás de mim para me matar. Ele disse que queria a minha ajuda.

— E eu posso lhe garantir que, caso você fosse ajudá-lo, estaria morto logo depois.

— Ele poderia tentar me matar — retrucou Fletcher, encolhendo os ombros mais uma vez. — Mas eu simplesmente me teleportaria para cem quilômetros dali.

— Se isso é verdade — indagou Ardiloso —, então por que você só se teleportou até o banheiro?

Fletcher hesitou.

— Às vezes, eu meio que tenho que estar calmo para conseguir me teletransportar mais do que alguns metros... — O rapaz passou a mão pelo cabelo, como se estivesse verificando se ele ainda estava ridículo. Valquíria poderia ter lhe poupado o esforço. — De qualquer maneira, você está desperdiçando meu tempo aqui, está bem? Então vamos acabar logo com isto.

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Perdão?

— Você quer me passar um sermão, não quer? Que nem aqueles coroas?

— Que coroas?

— Dois coroas me procuraram alguns meses atrás, e eles me vieram com uma conversa tipo “você é um dos nossos, você tem um poder blá-blá-blá, você agora pode se juntar a esta comunidade mágica e alguma coisa sobre maravilhas e encanto”, eu não sei, não estava prestando muita atenção. Eles estavam tentando me recrutar para esse mundinho dentro do mundo que vocês têm, e não ficaram nada felizes quando eu lhes disse que não estava interessado. E eu ainda não estou interessado.

— Eles te disseram seus nomes?

— Um deles se chamava, acho, Luz alguma coisa.

— Cameron Luz.

— Esse mesmo, é. Ele morreu também?

— Sim, morreu.

— Que pena, tenho certeza de que alguém em algum lugar se importa com isso.

— Eles lhe disseram mais alguma coisa?

— Disseram que, sem o treinamento apropriado, eu poderia me tornar perigoso. Que poderia atrair o tipo errado de atenção.

— A gente geralmente tenta não atrair nenhum tipo de atenção. — Valquíria comentou, tentando manter a voz livre da irritação que sentia.

Fletcher olhou para ela.

— É isso que a gente tenta?

— Fletcher — Arditoso falou, e os olhos de Fletcher se voltaram novamente para o detetive. — Não tenho lá muita certeza de que essa ideia de ter assassinos conhecidos atrás de você seja algo que, no mínimo, esteja lhe causando alguma preocupação.

— Eu lhe pareço preocupado, por acaso?

— Não, mas também não me parece inteligente, então estou lhe dando o benefício da dúvida.

Fletcher fez uma careta para o esqueleto e se reclinou, sem dizer nada.

— Se Batu estiver por trás desses assassinatos — Ardiloso continuou —, então ele quer usar os seus poderes para abrir um portal que permitirá o retorno dos Sem-Rosto. Você já ouviu falar nos Sem-Rosto?

Por um momento, Valquíria achou que Fletcher poderia estar muito emburrado para responder, mas acabou fazendo que sim com a cabeça.

— Os coroas me contaram sobre os Sem-Rosto. Mas isso é só uma historinha, né?

Nada daquelas coisas é verdade.

— Eu costumava pensar a mesma coisa — contou Ardiloso. — Mas acabei mudando de ideia.

— Então se esses Sem-Rosto voltarem, o mundo acaba?

— Provavelmente não vai acabar imediatamente. Eles voltarão, habitarão corpos humanos indestrutíveis, destruirão cidades e vilas, queimarão o campo, matarão bilhões, escravizarão outros bilhões, farão os escravos trabalhar até morrerem, e então o mundo vai acabar. Está tudo bem, Fletcher? Você está muito pálido.

— Eu tô bem — resmungou o rapaz.

Ardiloso ficou quieto por um momento, revisando toda aquela situação.

— Mas se Batu precisa de um Teletransportador para fazer isso tudo acontecer, por que ele não foi atrás de alguém experiente? Você nem recebeu treinamento formal. Pode até ser um Teletransportador nato, como ouvi falar, mas comparado a Cameron Luz, seus poderes são praticamente zero.

— Se Cameron Luz era tão bonzão assim — Fletcher retrucou, com uma careta de desprezo —, então como é que ele tá tão morto assim?

Não havia nada que Valquíria quisesse mais naquele momento do que se esticar sobre a mesa e dar um tapa em Fletcher Renn.

Ardiloso, por sua vez, permaneceu tão impassível como sempre.

— Mesmo que isso vá de encontro aos seus instintos — afirmou o detetive —, para a sua própria segurança, acho que você deveria ser colocado em custódia protetora.

Fletcher voltou a sorrir.

— Me botar de castigo, você quer dizer? Sem chance, esqueleto.

Valquíria fez uma careta de raiva.

— Ele tem um nome.

— Ah, é, Ardiloso, né? Ardiloso. Esse é incomum. Você já nasceu esqueleto assim, ou os seus pais eram perturbadoramente esperançosos?

— Ardiloso é o meu nome escolhido — respondeu sem se alterar.

— Essa é a vantagem de estar dentro deste “mundinho dentro do mundo” — acrescentou Valquíria. — Você aprende algumas das regras e truques necessários para sobreviver.

Os ombros de Fletcher fizeram um movimento mínimo, como se fossem preguiçosos demais para se encolher de novo tão cedo.

— Eu estou me virando bem.

— Até agora. Mas o que você pensa da possibilidade de ser transformado em marionete de alguém? Porque se você não escolher um nome para si mesmo, qualquer feiticeiro poderá decidir que quer um novo bichinho de estimação.

— Aha. Então Valquíria Caos não é o seu nome verdadeiro, é?

— Isso mesmo. É o nome que eu escolhi, o nome que impede que os outros me controlem.

— Bem, eu mudei de nome quando fugi de casa, então acho que estou seguro, né?

Ele estava gostando daquilo. E isso fazia Valquíria detestar o rapaz ainda mais.

— Acabamos? — indagou ele. — Eu tenho lugares para ir e pessoas para ver.

— Eles não vão parar — afirmou Ardiloso. — Não importa aonde você vá, eles vão encontrá-lo. E se encontrarem você, vão lhe forçar a ajudá-los.

— Ninguém me força a...

— Eu ainda não terminei de falar — interrompeu Ardiloso. — Como ia dizendo, se encontrarem você, vão lhe forçar a ajudá-los. E se você ajudá-los, Fletcher, então estará do lado deles.

Fletcher franziu a testa.

— E daí?

— E daí que você não terá mais que se preocupar com eles. Você terá que se preocupar conosco.

Fletcher ficou ainda mais pálido do que antes. Arditoso, ponderou Valquíria, podia ser uma pessoa bem assustadora quando queria.

— Você não quer me ter como seu inimigo, Fletcher. Você quer ser meu amigo. Você quer fazer o que eu digo e, para o seu próprio bem, você quer entrar em custódia protetora.

Estou certo?

Por um momento Valquíria achou que o garoto iria desafiar o detetive novamente, só para manter a pose, mas então ele baixou os olhos e concordou com a cabeça.

— É, certo então.

— Ótima notícia. E eu sei de um lugar perfeito para você ficar.

BATU

—C adê o Cadafalso? — Billy-Ray Sanguíneo perguntou ao aposento vazio.

— Em outro lugar — respondeu a voz distorcida pelo minúsculo e velho alto-falante que estava pendurado num canto. — Eles estão todos em outros lugares.

As paredes eram feitas de pedra fria. Havia uma porta, nenhuma janela e um espelho.

Sanguíneo tinha certeza de que havia uma câmara atrás do espelho, vigiando.

— Então quem é você? — inquiriu ele.

— Eu não sou ninguém — a voz respondeu.

Sanguíneo sorriu.

— Você é o Batu, né? Você é o cara de quem eles ficam falando.

— Será?

— É, é você sim. Você é o chefe. Então por que não tá aqui em pessoa? Eu tô trabalhando pra você faz mais de um ano. Já não era hora de a gente se conhecer, cara a cara?

— Eu valorizo a minha privacidade.

Sanguíneo deu de ombros.

— Isso eu entendo.

— Você fracassou, Sr. Sanguíneo. Eu lhe paguei para completar um serviço e você me decepcionou.

— Você não me disse nada sobre o detetive esqueleto e a garota estarem se metendo no lance. Isso é o que a gente chama de circunstâncias atenuantes. Se eu soubesse que eles estavam lá, eu poderia ter me preparado. Ou pelo menos cobrado o dobro.

— Você terá uma chance de se redimir.

— Oba — comentou Sanguíneo, sem entusiasmo.

— Eu preciso que você roube algo para mim, assim que Krav Repulsivo retornar. Há uma boa chance de você encontrar adversários.

— Então você vai me pagar o dobro?

— Naturalmente.

— Oba! — Sanguíneo exclamou, e desta vez sorriu.

O HOMEM CIVILIZADO

O cinema Hibernian estava tão silencioso e escuro como sempre, os sons de risadas e aplausos há muito desaparecidos. Ardiloso ia na frente enquanto o trio descia pelo corredor entre os assentos forrados em vermelho. Fletcher fazia comentários enquanto eles andavam, comentários ignorados tanto por Valquíria quanto por Ardiloso. Quando eles se aproximaram do pequeno palco, as cortinas pesadas se abriram e a tela se acendeu. Valquíria se permitiu um pequeno sorriso quando seguiram até a imagem projetada e passaram por ela, finalmente deixando Fletcher impressionado o bastante para calar a boca.

As trevas foram substituídas pelas luzes fortes dos corredores que serpenteavam entre os laboratórios, e o cheiro de desinfetante substituiu o fedor de bolor. Clarabela, uma das novas assistentes do professor Conspícuo Lamento, passou por eles com ar sonhador, cantarolando para si mesma. Ela não era, na opinião de Valquíria, muito normal da cabeça.

Eles foram até uma sala circular com um teto alto. Havia luminárias nas paredes, lançando uma luminosidade nebulosa na estátua de um homem de joelhos, com uma das mãos tocando o chão.

A cabeça calva era marcada por cicatrizes e a expressão no rosto era de resignação.

Medonho Reservado tinha usado o poder elemental final — o poder da terra — para se salvar enquanto atrasava o Talhador Branco. Valquíria ainda tinha sonhos com aquele momento, olhando para trás em tempo de ver o concreto

do chão se prender ao corpo de Medonho e se espalhar, mesmo enquanto o Talhador Branco o golpeava com a foice. Tanith Low tinha jogado a menina no banco de trás do Bentley e eles escaparam, mas Medonho tinha ficado na forma de estátua, e ninguém sabia quanto tempo o efeito iria durar.

O professor Conspícuo Lamento estava atrás da estátua, com as mãos brilhando conforme as passava sobre a superfície. Os olhos estavam fechados, com as sobrancelhas franzidas de concentração.

Já havia dois anos que Conspícuo estava trabalhando para tentar trazer Medonho de volta. Usava todos os truques da magia científica, tinha convidado todos os tipos de especialistas, tentado tudo que poderia pensar e então ido ainda mais longe, sem sucesso.

— Quem é o velhote? — perguntou Fletcher em voz alta. Conspícuo fez uma careta de raiva e ergueu os olhos.

Valquíria sorriu e acenou. Conspícuo deixou a estátua e veio até o grupo.

— Valquíria. Você está ferida de novo.

— Alguns cortezinhos, nada para se preocupar.

— Eu que sou o gênio médico aqui, Valquíria, acho que vou chegar às minhas próprias conclusões. — Ele examinou o corte no rosto da menina e

em seguida as mãos. — Quem é o garoto chato?

— Eu não sou... — começou Fletcher.

— Este é Fletcher Renn — interrompeu Ardiloso. — Eu gostaria que ele ficasse aqui por alguns dias.

— E por que você imaginou que eu concordaria com isso? — rosnou Conspícuo.

— Ele precisa ser mantido em algum lugar seguro, com alguém responsável.

— Você quer que eu fique aqui? — Fletcher indagou, claramente horrorizado.

— Cale-se — retrucou Conspícuo, sem tirar os olhos do corte de Valquíria.

— Você está tentando trazer problemas até a minha porta, detetive?

— Não estou não, professor.

— Porque da última vez que você trouxe problemas até a minha porta, pessoas morreram.

Ardiloso e ele se entreolharam.

— Lá fora não é seguro para ele. O garoto não teve treinamento, não sabe o que está fazendo. Basicamente um idiota. Preciso ter certeza de que ele está em algum lugar seguro.

Preciso mantê-lo fora de perigo. Você é a única pessoa em quem posso confiar para isso.

— E isto tem a ver com os assassinatos de Teletransportadores sobre os quais todos estão falando?

— Tem.

Conspícuo se virou de volta para Valquíria.

— Venha comigo até a enfermaria.

Ele saiu sem olhar para Ardiloso, e a menina o seguiu. Quando chegaram à enfermaria, Conspícuo mandou Valquíria se sentar na cama, em seguida passou um pano com cheiro doce nas mãos e na bochecha dela.

— Parece que você vem aqui dia sim dia não — comentou ele —, mortalmente ferida, com ossos quebrados, sangrando até a morte, viva somente por um fio, e espera que eu realize algum milagre de cura impressionante.

— Estes são ferimentos mortais? — Valquíria indagou, cética.

— Não seja insolente.

— Desculpa.

Ele deu de ombros e em seguida foi até a mesinha ao lado da cama.

O departamento médico nas instalações de magia científica de Conspícuo era bem pequeno, mas totalmente equipado, e geralmente silencioso; exceto por quando um dos experimentos de Conspícuo dava horivelmente errado ou quando deuses antigos acordavam no necrotério. Mas nada desse tipo acontecia há meses.

— Você sabe qual é o problema das pessoas da sua idade, Valquíria?

— Somos muito bonitos? — perguntou ela, esperançosa.

— Vocês acham que vão viver para sempre. Se metem em situações sem considerar as consequências. Você tem 13 anos...

— Acabei de fazer 14.

—... E como você passa seus dias?

Ele voltou para o lado da cama e começou a aplicar unguento nos cortes das mãos dela.

— Bem, a gente geralmente está num caso, então estamos rastreando suspeitos, ou fazendo pesquisa, ou eu estou treinando, ou Ardiloso está me ensinando magia, ou, você sabe...

— E como, diga-me, por favor, as outras meninas que acabaram de fazer 14 passam os dias delas?

Valquíria hesitou.

— Do mesmo jeito que eu?

— Por incrível que pareça, não.

— Ah.

— Quando você se tornar adulta, poderá se colocar em perigo o quanto quiser, e eu prometo que não vou ficar lhe advertindo, mas odeio ver que você está perdendo todas as coisas que as adolescentes normais fazem. Só se é jovem uma vez, Valquíria.

— É, mas isso dura muito.

Conspícuo balançou a cabeça e suspirou de novo. Ele pegou uma agulha negra e começou a suturar o corte no rosto da menina. A agulha passava pela pele sem tirar sangue, e em vez de dor ela sentia um calorzinho.

— Você fez algum progresso — perguntou a menina — com Medonho?

— Temo que não — o cientista suspirou. — Cheguei à conclusão de que não há nada que eu possa fazer. Ele vai emergir do estado atual quando for para

ser, e não há nada que ninguém possa fazer para acelerar o processo.

— Eu sinto falta dele — comentou Valquíria. — Ardiloso sente falta dele também, mesmo que nunca diga isso. Acho que Medonho era seu único amigo.

— Mas agora ele tem você, não é?

Valquíria riu.

— Acho que sim, é.

— E, além dele, você tem algum outro amigo?

— O quê? Claro que tenho.

— Cite três amigos seus então.

— Sem problemas. Tem a Tanith Low.

— Que participa das investigações, treina você em combate e tem mais de 80 anos.

— Bem, é, mas ela aparenta ter, tipo, 22. E age como se tivesse 4 anos de idade.

— Essa é uma amiga. Cite mais dois.

Valquíria abriu a boca, mas nenhum nome saiu. Conspícuo terminou de dar os pontos.

— Eu posso me dar ao luxo de não ter amigos — o professor falou para a menina. — Sou velho, rabugento e decidi há muito tempo que as pessoas são um incômodo que posso dispensar. Mas e você? Você precisa de amigos e normalidade.

— Eu gosto da minha vida do jeito que ela é.

Conspícuo deu de ombros.

— Não espero que você aceite meus conselhos. Outro problema com jovens como você, Valquíria, é que acham que sabem tudo.

Enquanto eu sou o único que pode afirmar isso sem medo de soar ridículo.
— Ele deu um passo atrás. — Pronto, isso deve evitar que a sua cara derreta. Agora as farpas já devem ter saído também.

Valquíria olhou para as mãos bem a tempo de ver a última farpa saindo da pele para o unguento transparente. Ela nem sentiu acontecer.

— Lave suas mãos na pia, sim? Boa menina.

Ela se levantou, foi até a pia e pôs as mãos sob a torneira.

— Você vai nos ajudar? — pediu. — O Fletcher pode ficar aqui?

Conspícuo suspirou.

— Não há mais nenhum lugar onde vocês possam deixá-lo?

— Não.

— E ele está realmente em perigo?

— Está.

— Muito bem. Mas só porque você pediu com tanto jeitinho.

A menina sorriu.

— Obrigada, Conspícuo. De verdade.

— Você provavelmente vai voltar para me ver antes do fim do dia — o professor falou enquanto ia até a porta. — Você certamente vai querer que eu costure sua cabeça de volta no lugar ou coisa assim.

— E você vai conseguir fazer isso, né?

— Naturalmente. Vou buscar gaze para os curativos, e depois você poderá ir.

Conspícuo saiu e Clarabela apareceu.

— Oi! — disse ela, animada. — Você se meteu em outra briga. Doeu muito?

Valquíria sorriu um pouquinho.

— Não muito.

— O professor está sempre resmungando sobre como você estaria morta se não fosse por ele. Você acha que é verdade? Acho que é provavelmente verdade. O professor sempre tem razão quanto a coisas assim. Ele disse que, um dia desses, não vai conseguir salvar você.

Provavelmente está certo quanto a isso também. E você também acha que vai morrer um dia desses?

Valquíria franziu o cenho.

— Eu tenho esperanças que não.

Clarabela riu como se Valquíria tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

— Claro que você tem esperanças de que não vai morrer, Valquíria! Quem é que teria esperanças de morrer? Isso seria ridículo! Mas você provavelmente vai morrer, é isso que eu estou dizendo. Você não acha?

Valquíria secou as mãos.

— Não vou morrer tão cedo, Clarabela.

— Eu gosto do seu casaco, aliás.

— Obrigada.

— Mas é meio pequeno para você.

— É.

— Posso ficar com ele depois que você morrer?

Valquíria fez uma pausa, tentando pensar numa resposta apropriada, mas Clarabela já tinha flanado para fora da sala. Alguns momentos depois, Conspícuo voltou.

— Clarabela é esquisita — comentou Valquíria.

— Ela é mesmo — Conspícuo concordou. Ele aplicou um curativo sobre os pontos.

— Espere mais ou menos uma hora. Os pontos vão se dissolver. Não vai ficar nenhuma cicatriz.

Eles saíram da enfermaria.

— Ouvi falar que Cameron Luz foi assassinado ontem — comentou Conspícuo. — Eu nunca gostei de Teletransportadores, mas mesmo assim, que mundo terrível esse em que vivemos.

— Por que todo mundo odeia os Teletransportadores? — Valquíria teve que perguntar. — Praticamente ninguém com quem nós nos encontramos tem alguma coisa boa a dizer sobre eles.

— Teletransportadores são sujeitos matreiros. Tomo Sagaz era um deles, caso você tenha esquecido, e era um traidor. Eu simplesmente não confio em ninguém que escolha essa disciplina mágica.

Como é que o resto de nós pode se sentir seguro se há gente por aí que pode aparecer em qualquer lugar, a qualquer momento? Quando era mais jovem, tinha um medo terrível de que alguém aparecesse ao meu lado enquanto eu estivesse usando o banheiro, e já tenho dificuldades para fazer xixi nos melhores momentos.

— Ah, Deus — praguejou Valquíria. — Eu não precisava saber disso.

Ardiloso estava esperando por eles na esquina seguinte, e a expressão de Conspícuo azedou imediatamente.

— Você vai arrastá-la para mais perigos, detetive?

— Ela consegue dar conta — respondeu Ardiloso. — Fletcher, por outro lado, não.

Ele pode ficar aqui?

— Se não me perturbar muito — respondeu Conspícuo, rabugento.

— Não posso prometer isso.

— Então me faça um favor, detetive, e desvende este caso em particular o mais rápido que puder.

— Talvez você possa me ajudar com isso. Se você pudesse examinar o corpo da última vítima...

Conspícuo balançou a cabeça.

— Improvável. O Santuário tem seus próprios “especialistas”, como você sabe bem, e eles não apreciariam as minhas... Contribuições. Pelo que ouvi falar, entretanto, o assassino não deixou traços ou pistas. Ele é, repugnância à parte, bem admirável.

— Farei questão de lhe transmitir o elogio enquanto estiver socando a cara dele — garantiu Ardiloso.

Conspícuo balançou a cabeça.

— Você realmente acha que Valquíria precisa de um modelo de comportamento que enfrenta todos os obstáculos com os punhos? Ela está numa idade muito influenciável.

— Não estou não — Valquíria retrucou, na defensiva.

— Valquíria está realizando um trabalho importante — respondeu Ardiloso.
— Ela precisa ser capaz de se virar sozinha.

— Isso mesmo — a menina concordou. — E você não é o meu modelo de comportamento.

— A guerra acabou — argumentou Conspícuo. — Aqueles dias de morte e destruição se foram.

— Não para alguns de nós.

Conspícuo olhou para Ardiloso, e havia algo nos olhos do professor que Valquíria nunca vira antes.

— Talvez — o homem idoso concedeu. — Para aqueles de vocês que precisam disso.

Ardiloso ficou quieto por um momento.

— Professor — disse finalmente. — Espero que você não esteja insinuando que eu gosto da morte e da destruição.

— Sem essas coisas, onde você estaria? Ou, mais precisamente, quem você seria?

Somos definidos pelas coisas que fazemos, detetive. E você tende a machucar as pessoas.

— O mundo é um lugar perigoso. Para que pessoas como você vivam numa relativa segurança, pessoas como eu precisam existir.

— Os matadores, você quer dizer.

A agressão pura daquelas palavras surpreendeu Valquíria, mas a linguagem corporal de Ardiloso não demonstrava nenhum sinal de raiva, ou mesmo aborrecimento.

— Você é um homem interessante, professor.

— E por que, Ardiloso? Porque não tenho medo de você? Mesmo durante a guerra, com a reputação que você e os seus amigos gozavam, eu critiquei seus métodos. Eu não tinha medo de você então, e certamente não tenho medo de você agora.

Houve uma pausa, e então Ardiloso disse:

— É melhor a gente ir embora.

— Essa é provavelmente uma boa ideia — concordou Conspícuo. — Valquíria, foi ótimo vê-la novamente.

— Certo — ela murmurou, sem saber o que dizer.

A menina foi com o esqueleto até as portas duplas. Quando eles as alcançaram, Conspícuo falou novamente.

— Detetive, você já considerou alguma vez o fato de que a violência é o recurso do homem incivilizado?

Ardiloso olhou para trás.

— Eu sou sofisticado, charmoso, cortês e aprazível, professor. Mas jamais afirmei que era civilizado.

Eles saíram e as portas se fecharam às suas costas.

OS INIMIGOS

Tanith Low não gostava muito de ser chamada para o serviço de proteção. Era frequentemente tedioso e mortalmente chato, e estar no mesmo espaço confinado que a pessoa que você está protegendo geralmente significa muitas briguinhas e mau humor generalizado. Ela simplesmente não tinha nascido para ser guarda-costas.

Mas Ardiloso tinha ligado para Tanith, dito que ela lhe estaria prestando um favor se ajudasse Emmett Peregrino, e ela havia concordado. Peregrino não era tão ruim assim, e tudo que ela precisava fazer era ficar de olho enquanto ele dormia por algumas horas.

Pela cara, estava precisando mesmo.

Porém, Tanith não concordou com a escolha de esconderijo de Peregrino. Eles estavam num apartamento em Londres, e o Teletransportador insistiu que ninguém sabia daquele lugar. Ela havia tentado convencê-lo a ir para outro, qualquer outro lugar, mas ele tinha aquela arrogância de Teletransportador que a guerreira já vira antes. Durante centenas de anos, Peregrino fora um homem que não poderia ser capturado, encurralado ou caçado, e aquela arrogância ainda o acompanhava, até mesmo agora.

Juntos, eles tinham desenhado símbolos protetores suficientes nas paredes do quarto, de modo que, se alguém entrasse enquanto ele estivesse dormindo, o prédio inteiro ficaria sabendo. Não estavam correndo nenhum risco, não

quando o inimigo tinha alguém como Billy-Ray Sanguíneo na folha de pagamento.

Tanith passou as primeiras horas numa cadeira no hall, olhando para a porta. Ela fez uma pausa para ir ao banheiro, e em seguida foi até a cozinha procurar alguma coisa para comer. Estava tentando descobrir como usar o microondas quando o celular tocou.

A guerreira atendeu e um homem com um forte sotaque africano a cumprimentou.

— Faz muito bem ao meu coração ouvir sua voz.

Ela sorriu.

— Oi, Pavoroso.

Pavoroso Jones era um velho amigo. Ele e Tanith tinham namorado brevemente nos anos 1970, antes que ele assumisse um cargo no Santuário inglês. A desconfiança natural de Tanith em relação a autoridades resultou no fim do namoro, mas eles continuaram amigos, e sempre que Jones ficava sabendo de alguma coisa que envolvia Tanith, ele ligaria e a informaria.

— O que eu fiz de errado agora? — perguntou a guerreira.

Ela podia ouvir a TV no quarto de Peregrino.

— Você não infringiu nenhuma lei ultimamente — respondeu Pavoroso. — Ou pelo menos, se você infringiu, o fez bem silenciosamente. Não, isto é só um relatório de rotina com o seu nome. Um dos meus agentes viu você com Emmett Peregrino.

O sorriso de Tanith desapareceu.

— O quê?

— Você está no apartamento dele, não está?

— Pavoroso, quem mais sabe disso?

— O agente que viu vocês, e o Ancião Strom, a quem eu me reporto, e eu mesmo. Há alguma coisa errada? Você pode confiar no meu agente, e o Ancião Strom é um bom homem.

Ninguém vai ficar sabendo disso sem necessidade, eu lhe garanto. E, é claro, o Ancião Strom informou o Santuário irlandês.

Tanith desembainhou a espada.

— Por quê?

— Os irlandeses estão liderando a investigação dos assassinatos de Teletransportadores. Foi por pura cortesia que... Tanith, qual é o problema?

— Há um espião no Santuário irlandês — ela revelou num sussurro. — Se eles sabem, a Diablerie sabe.

Ela desligou. Não tinha sido a TV que ela ouvira, e sim Peregrino, falando com alguém. E ele não estivera no quarto, também.

Tinha estado à porta do apartamento.

Tanith saltou para fora da cozinha a tempo de ver a sombra do assassino de Peregrino no corredor do lado de fora do apartamento.

Num instante, ela estava ao lado de Peregrino. Ele já estava morto. O sangue quente estava encharcando a parte de trás da camisa.

Ela correu até a porta aberta, conseguindo ver de relance o assassino subindo a escada. Seguiu em seu encalço, temendo que já fosse tarde demais.

A guerreira chegou à escadaria e pulou, correndo parede acima, diminuindo a distância entre eles. Uma porta se fechou em algum lugar a frente.

Tanith agarrou o corrimão e saltou por cima. A bota acertou a porta e a abriu, e a guerreira correu para o telhado do prédio. Um punho a atingiu como uma bola de demolição.

Ela caiu e rolou, vagamente, consciente de que não tinha mais a espada na mão. Tanith se levantou e lutou contra a tontura, recuando para longe do enorme homem de cabelos prateados presos num rabo-de-cavalo.

O punho a atacou de novo e ela se abaixou, reagindo com um soco que o acertou nas costelas, mas era como bater numa parede de tijolos. Era como bater no Sr. Êxtase. Tanith se esquivou para trás. Aquele não era o assassino de Peregrino. Ele era grande demais. O que significava que havia mais alguém no telhado.

Tanith tentou se virar, mas não adiantou. Uma bota preta a acertou e ela girou. A guerreira caiu de joelhos e uma mulher de cabelos negros a agarrou e a arrastou para trás.

Tanith viu um rostinho bonito contorcido selvagemmente e lábios cor de rubis transformados num riso de escárnio. Tanith bateu com o cotovelo e a mulher grunhiu, mas quando a guerreira tentou dar continuidade ao golpe com outro ataque, ela foi atirada por sobre o quadril da mulher.

Esta mulher também não era a assassina. Tanith xingou. Ela estava sendo distraída enquanto sua presa fugia. A guerreira deu uma cambalhota para trás e se levantou. O homem grande vestia calças com suspensórios à moda antiga, e as mangas das camisas estavam enroladas acima dos antebraços

musculosos. O traje da mulher de lábios vermelhos era feito de uma variedade de tiras e correias negras bem apertadas que lhe envolviam o corpo. A maioria das tiras continha facas de tamanhos variados.

Tanith esperou que eles dissessem alguma coisa, se gabassem ou a ameaçassem ou lhe dissessem como eles iriam conquistar o mundo, mas nenhum dos dois falou.

A espada dela estava atrás dos seus oponentes. Não havia como chegar até a arma, e a guerreira não gostava nada da ideia de enfrentá-los de mãos vazias, sem saber quem eles eram ou o que podiam fazer. Os dois se moviam com uma confiança violenta que perturbava Tanith.

Ela recuou até a beirada do prédio e eles seguiram. Havia um homem junto à porta pela qual Tanith tinha passado. Ele deve ter estado ali o tempo todo e ela não o percebera. Era um cara magro, com cabelos escuros e a estava observando com indiferença.

Tanith teve um pensamento que ela não gostou. Eles eram melhores do que ela. Quem quer que fossem essas pessoas, Tanith não teria a menor chance contra eles.

— Isto não acabou — ela anunciou e soprou um beijo.

A mulher se moveu de uma maneira que não se parecia com nada que Tanith jamais tivesse visto antes. Houve um flash de aço e subitamente havia uma

faca cravada na mão que tinha soprado o beijo. Tanith rugiu de dor e deu um passo atrás para o nada, e então estava caindo do prédio.

Com o cabelo no rosto, a guerreira estendeu o braço e sentiu a parede de tijolos. A fricção esfolou completamente a pele das pontas dos dedos. A mão boa agarrou um parapeito de janela e o corpo se moveu num arco, bateu na parede e ela voltou a cair. Tentou usar os pés contra os tijolos, usar as habilidades para deslocar o centro de gravidade, mas o próprio momentum da queda trabalhou contra Tanith e ela continuou caindo.

A guerreira estendeu os dois braços e agarrou outro parapeito.

Os joelhos bateram na parede e ela gritou quando a faca se mexeu na mão dela. Mas não se soltou.

Com os músculos no limite, suor recobrando o corpo inteiro, Tanith se impulsionou para cima e para dentro da janela, caindo num apartamento vazio. Ela fracassou na missão, perdeu a espada e sofria um sangramento descontrolado na mão, mas não tinha tempo para sentir pena de si mesmo. Eles viriam atrás dela.

Com o rosto ardendo de raiva, Tanith fugiu.

A VIAGEM DE LÍVIDO

Estava chovendo de novo, e escuro, quando eles chegaram ao bar do Templo. As pessoas se apressavam pela estreita rua de pedestres, com os colarinhos levantados. Valquíria quase teve o olho arrancado pela vareta desgarrada de uma sombrinha e fez cara feia, mas a mulher já estava indo embora.

— Caveirão! — Lívido Errado saudou ao abrir a porta para recebê-los. Seu rosto, enfeitado com muitos piercings, se abriu num lento e feliz sorriso. Estava vestindo uma camiseta da banda punk irlandesa Stiff Little Fingers que deixava as tatuagens dos braços finos aparecerem.

— Valquíria — exclamou ele com igual deleite ao ver a menina. — Podem entrar, galera!

A dupla entrou no estúdio de tatuagem de Lívido, com paredes cobertas por esboços, desenhos e fotos. O zumbido das agulhas descia do andar de cima pelas escadas. Uma música estava tocando em algum lugar.

— E aí, como vão? — indagou Lívido, concordando com a cabeça como se eles já tivessem respondido.

— Estamos investigando um caso — respondeu Ardiloso. — Tínhamos esperança de que você poderia nos ajudar.

— Isso é muito maneiro, cara, yeah. Ei, Caveirão, você ouviu a última novidade?

Sharon tá grávida! Eu vou ser pai!

— Isso é... uma ótima notícia, Lívido.

— É sim, não é? Eu sei, tipo assim, eu sei que é muita responsabilidade e coisa e tal, e sei que não sou, tipo, um dos caras mais responsáveis. Sei o que você tá pensando: tá pensando isso é um tremendo eufemismo, né?

Lívido riu e Ardiloso balançou a cabeça.

— Eu não estava pensando nada.

— Você me conhece muito bem, cara! Lembra como eu costumava ser? Lembra de todas as confusões malucas em que eu costumava me meter?

— Não.

— Cara, bons tempos aqueles, hein? Mas ei, eu me acalmei. Sharon tem sido, tipo, um farol na minha vida, sabe? Eu me acertei na vida, posso lhe dizer isso. Estou pronto pra um filho. Pronto pra responsabilidade.

— Fico feliz em ouvir isso — comentou Ardiloso.

— Ei, sabe, eu estava pensando... Caveirão, você nos concederia a honra de ser o padrinho do nosso filho?

— Não — Ardiloso respondeu imediatamente.

Lívido deu de ombros.

— Tudo bem, cara, tudo bem. Mas Sharon pode ficar desapontada.

— Sharon nem me conhece.

— E eu espero que isso amacie o golpe, mas... Foi mal, cara, você precisa da minha ajuda para alguma coisa?

Ardiloso explicou que precisavam que ele entrasse em transe e encontrasse a localização do portal, e Lívido concordou com a cabeça, de olhos semicerrados. Uma ou duas vezes, Valquíria teve certeza de que ele já estava em transe, mas quando Ardiloso terminou de explicar, o rapaz concordou com a cabeça de novo.

— Sem problemas, El Ardido — respondeu. — Mas vou precisar de paz e silêncio absolutos. Ser um Sensitivo não é como nenhum outro tipo de mágica. Preciso de isolamento total e absoluto, sabe? A maioria dos Sensitivos vira eremita, tipo, vivendo em cavernas ou monastérios, em algum lugar nas montanhas... — Lívido olhou em volta, se decidindo pela pequena cozinha nos fundos do estúdio. — Vou fazer ali.

A dupla de detetives o seguiu. Lívido acendeu a luz e Valquíria fechou a porta enquanto Ardiloso puxava as cortinas esfarrapadas sobre a janela. Lívido tirou um mapa de um dos armários e o abriu sobre a mesa.

O tatuador se sentou e fechou os olhos, em seguida começando a murmurar numa linguagem que Valquíria não entendeu. Então começou a cantarolar. Primeiro a menina achou que fosse algum mantra antigo, algo que elevaria a consciência dele a um plano superior. Então ela reconheceu os primeiros versos de “Eat the Rich”, do Aerosmith, e parou de tentar adivinhar o que o Sensitivo estava fazendo.

— OK — disse ele numa voz sonhadora. — Estou flutuando, cara. Estou aqui em cima. Flutuando através do telhado... Para o ar livre... Flutuando pelo céu... Dublin é tão bonita, mesmo quando está chovendo...

— Lívido — chamou Ardiloso. — Você está me ouvindo?

Lívido murmurou feliz.

— Você está me ouvindo, Lívido? — Ardiloso indagou mais alto.

— Caveirão — Lívido sorriu. — Ei, como vai você? Tô ouvindo alto e claro...

— Você consegue lembrar-se do que está procurando?

Lívido assentiu com a cabeça, com os olhos ainda fechados.

— Ah, sim, o portal. Para os Sem-Rosto. Bichos assustadores, cara.

— Sim, eles são.

Valquíria viu Lívido franzir um pouco a testa.

— Eu acho — disse o tatuador, lentamente. — Acho que consigo sentir eles, cara...

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Fique longe, Lívido. Fique longe deles.

— Essa é... essa é uma boa ideia.

— Você está procurando pelas linhas de magia, lembra?

— É... eu lembro... — A mão de Lívido se moveu sobre o mapa.

— Estou voando agora. Aaah, isto é legal. Posso sentir as nuvens entre os meus dedos. Ver as linhas à minha volta. Cintilando, como ouro, como purpurina. Tão bonitas...

O sorriso desapareceu um pouco.

— Espera aí. Estas... Estas linhas não estão cintilando. Estão moribundas. Cada vez mais.

— Onde você está?

— Espera aí, cara, só um pouquinho mais perto...

— Mantenha distância, Lívido.

— Vou ficar bem...

Valquíria deu uma olhada para Ardiloso. Eles esperaram alguns momentos.

— Tá podre — comentou Lívido. Alguma coisa na voz dele tinha mudado. Não soava mais sonhador. — As linhas, elas ficaram pretas. Estão apodrecendo.

— Onde você está?

— Eu consigo ouvir eles. Eu consigo... Consigo ouvir os sussurros deles...

— Quem você consegue ouvir?

— Os Sem-Rosto.

— Não os ouça. Você está me escutando? Fique longe deles.

— Meu Deus.

— Lívido, fique longe...

— Meu Deus, eles sabem onde a gente tá. Eles sabem onde a gente tá. Eles acharam a gente e tão esperando pra poder entrar. Eles tão no portal esperando que ele se abra!

— Lívido — Ardiloso chamou com urgência. — Onde está você? Diga-nos onde você está agora mesmo.

Lívido estendeu o braço para a pia, e Valquíria teve que virar a cabeça para trás para evitar a faca que voou para a mão do Sensitivo. Ele a cravou no mapa, e então os braços caíram para os lados do corpo e a cabeça pendeu.

— Lívido? — Ardiloso disse baixinho. — Lívido, você está me ouvindo?

Uma risada grave escapou dos lábios do tatuador. Ele voou para o ar, derrubando tanto Valquíria quanto Ardiloso. A mesa virou e Lívido se voltou para eles. Os braços e pernas estavam se remexendo e os olhos ainda estavam fechados.

O Sensitivo abriu a boca e uma voz que não era a dele, uma voz que era cem mil outras vozes, disse:

— Não podem nos impedir.

Ardiloso se levantou rapidamente e alguma coisa o atingiu e o atirou de volta contra a parede.

— Mundo vai cair — as vozes disseram. — Mundo vai desmoronar. Estamos chegando.

Lívido caiu no chão, desmoronando como uma marionete com os fios cortados.

Valquíria se levantou. Atrás dela, Ardiloso grunhiu e fez o mesmo.

Lívido ergueu a cabeça e olhou em volta com ar sonolento.

— Uau — exclamou ele.

Valquíria o ajudou a se sentar na única cadeira que ainda estava de pé na cozinha.

— Eu odeio ser possuído — comentou Lívido. — Acontece o tempo todo quando você é Sensitivo. Geralmente é fácil de sacar, porque você fica com olhos vermelhos ou uma voz grave ou está flutuando no ar ou coisa assim, mas às vezes acontece. Eu fiquei possuído pelo espírito de Napoleão por uma semana antes que Sharon percebesse alguma coisa estranha em mim. Acho que foi o sotaque.

— Você pode nos dizer alguma coisa sobre tudo o que aconteceu? — indagou Ardiloso.

— Foi mal, cara — respondeu Lívido, e Valquíria percebeu como ele estava pálido.

— Aquilo foi bizarro, cara. Foi uma urucubaca sinistra. Tipo, poderosa pacas, sacou? Minha mente acabou de ser tocada pelos dedos imundos de um deus e não foi nada legal.

Ardiloso ergueu o mapa, examinando o ponto marcado pela faca.

— É aqui, não é?

Lívido deu de ombros.

— Se foi aí que eu aponteí, então é aí que as paredes da realidade estão mais frágeis.

É nesse lugar que o portal está.

— Batu provavelmente já sabe dessa localização — comentou Valquíria. — Ele teve cinquenta anos para procurar.

— Mas sem a Âncora de Istmo e um Teletransportador, essa informação era inútil para ele — Ardiloso dobrou o mapa. — Você se importa se eu levar isto, Lívido?

— Nem um pouco, Caveirão — Lívido se levantou com pernas trêmulas. — Posso lhe ajudar com mais alguma coisa?

— Você já fez mais do que o suficiente.

— Legal — Lívido olhou para Valquíria. — Quer uma tatuagem?

— Quero — respondeu Valquíria.

— Não — Ardiloso interrompeu a conversa. — Já estamos de saída.

Valquíria fez cara feia enquanto seguia o detetive para a chuva.

— Eu poderia ter feito uma pequenininha.

— Seus pais iriam me matar.

— Estar ao seu lado coloca a minha vida em perigo constante.

— Eu já lutei contra monstros e vampiros e quase morri duas vezes, e você acha que eles decidiriam matar você por causa de uma tatuagem?

— Pais são esquisitos.

O celular de Ardiloso tocou e no momento em que ele percebeu quem estava ligando, sua voz se tornou gélida. O detetive não fez nenhuma tentativa de esconder o desprezo.

Desligou quando chegou ao Bentley.

— Temos uma reunião — anunciou.

— Com quem?

— Salomão Mortalha. Ele tem algumas informações que gostaria de compartilhar conosco.

— Quem é Salomão Mortalha?

— O quem não é importante. É com o “o que” que você deveria se preocupar.

— Tudo bem, então o que é Salomão Mortalha?

— Ele é um Necromante — Ardiloso revelou e entrou no carro.

MORTALHA

Ardiloso e Valquíria ficaram em silêncio durante a viagem de carro. Gradualmente, as ruas foram ficando mais sujas e os prédios menores. A chuva piorou o efeito acinzentado do ambiente que os cercava enquanto eles entravam num grande e maltratado conjunto habitacional, enquanto o carro atraía olhares curiosos dos poucos nativos que estavam na rua naquela noite.

A dupla parou diante de uma casa abandonada. As paredes estavam degradadas, cheias de pichações, todas muito ruins. Ardiloso cobriu a parte inferior do crânio com o cachecol e puxou o chapéu bem para baixo. Eles saíram do carro e entraram pela porta aberta da casa.

A luz do poste passava pelas janelas sujas e rachadas, e era suficiente para ver alguma coisa. A casa tinha sido completamente depenada. Ainda havia restos, aqui e ali, de papel de parede. As tábuas do piso estavam velhas e úmidas. Valquíria deixou Ardiloso andar na frente e vagou pela sala de estar. Não havia pichações aqui, como se as almas corajosas que tinham rabiscado suas marcas do lado de fora não fossem corajosas o suficiente para se aventurar lá dentro.

Ela deu meia volta para sair e um vulto surgiu na porta, bloqueando o caminho.

Valquíria olhou para ele. Ele não se moveu.

A sala ficou ainda mais deprimente, como se o homem tivesse trazido uma nuvem de sombras consigo.

— Eu estou com Ardiloso Cortês — a menina anunciou, mas não recebeu resposta.

Valquíria deu um passo à frente, tanto para ver o rosto do homem quanto para demonstrar que queria sair. Os cabelos dele eram escuros, mas os olhos eram tão luminosos que chegavam a relampejar. O vulto estava vestido de preto, num terno muito benfeito que ela não conseguia apreciar naquela penumbra. Por fim, ele trazia uma bengala fina na mão. — Você é Salomão Mortalha? — indagou a menina, se recusando a ser intimidada pelo silêncio dele.

— Sim, sou eu — ele finalmente respondeu e curvou a cabeça de leve. — Já ouvi falar de você. Ajudou a derrotar Nefasto Serpênteo e o Barão Vingança. Você destruiu o Grotesqueiro. Que talento. Que potencial. Ele já lhe corrompeu?

— Perdão?

— Ele corrompe a todos que encontra. Você já percebeu isso? Já percebeu o quanto você está mudando, simplesmente por estar perto dele?

— Não entendi bem o que você quer dizer.

— Mas entenderá — prometeu Mortalha.

Salomão Mortalha entrou na sala e Valquíria viu que as sombras se moviam com ele.

A menina sabia pouquíssimas coisas sobre os Necromantes, mas uma dessas coisas era que eles preferiam depositar a maior parte do poder deles em objetos ou armas. Lorde Vil tinha depositado seu poder na armadura. Pela forma como as sombras estavam se espiralando, Salomão Mortalha tinha depositado o dele na bengala.

— Esta casa teve uma vida bem comum — declarou o Necromante. — Foi construída e pessoas moraram aqui. Elas envelheceram. Alguém, um homem idoso faleceu em paz no quarto, há pouco mais de dez anos. Uma casa bem, bem comum. Até dois anos atrás. Você pode até lembrar-se desse fato pelas notícias, na verdade.

Quatro pessoas foram assassinadas; três levaram tiros, uma foi esfaqueada. Duas morreram aqui, neste aposento. A terceira foi morta na cozinha. A última morreu no hall bem perto da porta.

Valquíria olhou para ele, notando como os olhos cintilavam enquanto descrevia a cena.

— E quem matou eles? — indagou a menina, determinada a manter a voz firme.

Mortalha riu.

— Ah, você acha que tudo isto é uma introdução para o anúncio de que eu sou o assassino? Temo que não. Tenho quase certeza de que a polícia o capturou, quem quer que ele fosse, e o colocou na cadeia. Mas as mortes violentas se prendem aos lugares. — Ele fechou os olhos e inspirou lentamente. — Um assassinato pode se imprimir nas paredes.

Você pode sentir o gosto dele, se tentar. Pode sorvê-lo.

Valquíria deu um passo para trás, enquanto sua mente conjurava imagens de toda aquela energia sombria horrível girando ao seu redor. Ela sabia que não deveria estar surpresa. Necromancia era magia de morte, magia de sombras; era natural que seus praticantes fossem atraídos a lugares que fedem a morte.

E então, como se tivesse lembrado que tinha companhia, Mortalha parou, abriu os olhos e se voltou para ela novamente.

— Peço desculpas. Para o nosso primeiro encontro eu deveria ter escolhido um lugar mais civilizado.

— Não se incomode tanto — retrucou Ardiloso enquanto entrava lentamente.
— Valquíria é minha parceira. Você pode tratá-la da mesma forma que me trataria.

— Que pena — comentou Mortalha. — Eu, na verdade, gosto dela.

— O que você quer, Salomão? Nosso tempo é precioso.

— Todo o tempo é precioso, mas você vai querer escutar o que eu tenho a lhe dizer mesmo assim. Ou talvez você prefira que eu leve minhas informações para Remus Crucial?

Ouvi falar que ele está correndo pela cidade inteira, desesperado em busca de algo que possa impressionar o Grande Mago. — Mortalha balançou a cabeça. — As ações dele são deploráveis. Cá entre nós, Crucial é um homem que valoriza os relatórios de progresso mais do que o progresso propriamente dito.

— Se você espera virar meu amigo porque compartilhamos o mesmo desprezo por Crucial, você vai se desapontar.

— Não é só isso que nós compartilhamos. Também temos um inimigo em comum.

— É mesmo?

— Sua investigação dos assassinatos de Teletransportadores, por menos oficial que possa ser, tem relação com uma investigação que eu venho conduzindo pelos últimos anos, sobre a Diablerie.

Ardiloso não disse nada por um momento, e então se virou para Valquíria.

— A Diablerie era o grupo dos fanáticos mais doentios que Malevolente tinha à sua disposição. Um grupo que Porcelana fundou e liderou.

— Porcelana? — Valquíria ecoou.

— Ela teve uma juventude transviada — Mortalha sorriu. Ardiloso o ignorou.

— Quando Porcelana os deixou e se tornou, segundo as próprias palavras, neutra, o Barão Vingança assumiu o comando, mas já faz 120 anos desde que eles foram considerados uma ameaça real. E mais de oitenta anos desde que se ouviu falar neles.

— Tudo isso está para mudar — afirmou Mortalha. — Gáudio Cadafalso, Rosa Assassina e Krav Repulsivo se reuniram dois anos atrás. Eu encontrei provas de que desde então eles contrataram Billy-Ray Sanguíneo para incrementar seus números. A Diablerie está de volta, detetive, e estão matando os Teletransportadores.

— E quanto a Batu? O que você sabe dele?

— Suspeito que Batu nem exista — disse Mortalha. — É um nome criado para desviar nossa atenção. O verdadeiro líder é Gáudio Cadafalso. Ele

simplesmente finge que responde a um mestre misterioso. Ele já faz isso há anos, enganando a todos.

— Isso ainda não faz nenhum sentido — discordou Valquíria.

— Batu, ou quem quer que esteja usando esse nome, matou Tropo Caldeirão depois de ter descoberto como trazer os Sem-Rosto de volta. Mas se eles precisam de um Teletransportador para abrir o portal, por que matar eles todos?

— Eles precisam de um Teletransportador? — indagou Mortalha. — Quantos?

— Só um.

— E quantos Teletransportadores sobraram?

— Dois — respondeu Ardiloso. — Emmett Peregrino e mais um. Não vamos lhe dizer o nome ou a localização dele, então não se dê ao trabalho de perguntar.

Mortalha franziu o cenho.

— Vocês obviamente não ficaram sabendo. Peregrino está morto. Foi assassinado há uma hora.

A boca de Valquíria ficou seca.

— E quanto a Tanith?

— Quem?

— A garota que estava com ele — explicou Ardiloso rapidamente.

— Ah, a garota inglesa. Não sei de todos os detalhes, mas pelo que ouvi, ela foi atacada por Krav e por Rosa Assassina e escapou com vida. O que, em si, já é um feito muito impressionante.

Valquíria fechou os olhos. Graças a Deus.

— Agora — continuou Mortalha —, se resta apenas um Teletransportador vivo, e já que todos os Teletransportadores que eu conhecia estão mortos, então ele deve ser novo. O

que faz sentido.

— Faz sentido por quê? — perguntou Valquíria.

— Nenhum dos Teletransportadores veteranos iria cooperar com a Diablerie — afirmou Ardiloso. — Eles seriam experientes demais, poderosos demais. As chances de escaparem seriam altas demais.

— Mas por que matá-los?

— Porque se o portal for aberto, eles seriam capazes de fechá-lo. A Diablerie já eliminou os maiores obstáculos para seu sucesso antes mesmo que nós soubéssemos o que estava acontecendo.

— Nós, membros dos templos de Necromancia, fizemos um juramento de não nos envolvermos nas trivialidades dos seus assuntos — contou Mortalha. — Mas há aqueles entre nós que partilham do meu ponto de vista, de que os planos da Diablerie afetam a todos, incluindo os Necromantes. Vocês terão minha ajuda caso vocês precisem dela, detetive. A minha e de mais três de nós.

— Eu não confio em você, Mortalha.

— Claro que não, mas como eu disse, temos um inimigo em comum. Eu acredito que deveríamos colocar nossas diferenças de lado, não acha? Pelos velhos tempos?

Ardiloso o acertou com um soco tão forte e tão rápido que Valquíria nem registrou o golpe; ela apenas viu Mortalha se chocando contra a parede.

O Necromante limpou o sangue do lábio.

— Você certamente bateu tão forte quanto de costume.

A resposta de Ardiloso veio sem a menor nota de raiva na voz.

— Salomão, fico muito feliz de ter você a bordo, bem-vindo ao time.

— Um prazer, senhor, como sempre.

Ardiloso se despediu com um aceno de cabeça e saiu da casa, para a chuva. Valquíria o seguiu.

— O que foi aquilo? — a menina inquiriu enquanto eles caminhavam até o Bentley.

— História antiga — respondeu Ardiloso.

— Você nunca me contou que tinha história com os Necromantes.

— Eu tenho mais de 400 anos — retrucou o detetive. — Nunca lhe contei uma porção de coisas.

NO GABINETE DO GRANDE MAGO

Remus Crucial bateu e o Grande Mago mandou que entrasse.

O gabinete estava entulhado de livros, e mapas recobriam cada centímetro da parede oposta à porta. Túrido Grêmio não era do tipo que ficava complacente simplesmente porque tinha alcançado um certo nível de poder. Crucial admirava isso e estava determinado a seguir o exemplo. Juntos, eles tornariam o Santuário forte novamente.

— Seu idiota — exclamou o Grande Mago, e Crucial perdeu o sorrisinho.

— Senhor?

— Você sabe quantos telefonemas estou recebendo? Nosso povo está aterrorizado, Crucial. Eles estão vendo o que está acontecendo e pensando: Se alguém consegue matar os Teletransportadores sem deixar rastros, então conseguirá me matar também. É isso que eles estão pensando.

— Grande Mago, eu lhe asseguro, estou fazendo tudo que posso...

— Você me assegura? Eu assegurei a eles, Crucial, que o meu melhor detetive estava no caso, e você sabe o que todos me responderam?

Por dentro, Crucial se inflou um pouco com o elogio, mas balançou a cabeça.

— Eles me responderam, “ah, eu não sabia que você tinha contratado Ardiloso Cortês de novo”.

Crucial sentiu o rosto ficar vermelho.

— Eles estão assustados e estão procurando resultados. Chamei você para fazer o trabalho, e você ainda não me impressionou.

— Mas, senhor...

— Há mais um Teletransportador. Você sabia disso? O último Teletransportador. Um garoto.

— Senhor, sim, senhor. O nome dele é Renn, senhor. Foi visto pela última vez numa boate no condado de Meath. Mande nossos agentes vasculharem a região. Vamos encontrá-lo.

— Não me decepcione, Crucial.

— Não decepcionarei, senhor.

— Agora saia.

Crucial se curvou numa mesura e se apressou em sair, fechando a porta gentilmente atrás de si.

A CASA NA ESTRADA DO

CEMITÉRIO

Ardiloso tinha uma casa. Quando Valquíria descobriu esse fato, a reação inicial foi de surpresa. A reação seguinte, que chegou queimando pneus no rastro da surpresa, foi de aceitação lógica. É claro que ele tinha uma casa; é claro que tinha um lugar para viver. Teria o menino realmente pensando que o detetive simplesmente rodava o dia inteiro pela cidade no Bentley?

Uma parte dela tinha de fato pensando isso, mas era uma parte tola, nem um pouco inteligente.

A casa dele era a única construção residencial na estrada do Cemitério. Não havia um cemitério de verdade na estrada do Cemitério, mas havia duas casas funerárias rivais, situadas exatamente em frente uma da outra, e a casa de Ardiloso se erguia orgulhosamente no topo da rua, como um pai supervisionando dois filhos briguentos. O detetive contava a menina histórias sobre as discussões em que os diretores das funerárias se metiam, parados do lado de dentro dos portões, atirando insultos um contra o outro de uma distância segura.

Uma das primeiras coisas que Valquíria percebeu sobre o interior da casa era que todos os aposentos pareciam ser salas de estar.

— Eu não preciso de nenhum outro tipo de cômodo — Ardiloso tinha explicado. — Não preciso de cozinha ou banheiro, também não preciso de cama, então não tenho um quarto.

— Você dorme?

— Eu não tenho que dormir, mas desenvolvi essa habilidade, e gosto muito disso. Se bem que acho que você chamaria o que faço de meditação. O efeito é o mesmo, de qualquer forma: eu me desligo completamente, deixo minha mente vagar por onde ela quiser, totalmente liberta do pensamento consciente. É bom. É relevante.

O detetive tinha mostrado à menina a poltrona onde gostava de “dormir”. Era bem normal, sem nenhuma característica particularmente impressionante. Valquíria olhou para ela, se sentiu bem entediada e resolveu bisbilhotar.

Havia muitos livros e muitos arquivos. A maior sala da casa tinha um grande sofá, e sempre que Valquíria tinha que passar algum tempo na estrada do Cemitério, era ali que ela geralmente acabava ficando.

A porta da frente se abriu e Valquíria entrou, largou o casaco no chão e se jogou no sofá. Ardiloso entrou atrás dela, pegou o casaco, dobrou-o direitinho e o colocou sobre a mesa.

— Você vai ficar bem aqui? — perguntou. — Precisa de alguma coisa para comer ou beber?

— Nunca tem nada para comer ou beber — retrucou Valquíria, com a voz abafada pela almofada onde tinha enterrado o rosto.

— Acho que tenho os restos daquela pizza que a gente pediu da última vez que você esteve aqui.

— Isso foi há duas semanas.

— Então era melhor jogar fora?

— Eu acho que ela já caiu fora sozinha. Sério, estou bem. Você já descobriu o que é a Âncora de Istmo?

— Estou... Trabalhando nisso.

— Então é melhor você trabalhar mais rápido. Quando vamos procurar o portal?

— Amanhã cedinho.

Valquíria suspirou.

— Nesse caso, preciso dormir um pouco.

A sexta-feira chegou com uma manhã que ameaçava chuva, e eles saíram de Dublin no Bentley, pegaram a rodovia e viraram em Balbriggan. Meia hora depois, pararam ao lado de uma placa que anunciava, em letras vermelhas desbotadas, que ali era a fazenda Aranmore, e que aquela era uma propriedade privada. As terras eram vastas, com morros e campinas que se estendiam longe até os bosques que as cercavam.

— Então é aqui que o mundo acaba — comentou Valquíria, guardando o mapa. — Certamente é mais bonito do que eu tinha imaginado.

Ardiloso engatou a marcha e eles começaram a subir o morro.

Capim alto crescia dos dois lados da trilha e as rodas faziam muito barulho. Uma casa branca apareceu, com telhado de ardósia e grandes janelas. Atrás dela, barracões de pedra de tamanhos variados cercavam um pátio no qual velhas máquinas de fazenda estavam organizadas em filas.

Eles alcançaram a casa e Ardiloso desligou o motor do carro. O detetive se assegurou de que o disfarce estava no lugar, e finalmente os dois saltaram.

Aproximaram-se da porta da frente e Valquíria bateu. Ela bateu de novo e olhou para Ardiloso.

— Quem você acha que mora aqui?

— Um palpite? Um fazendeiro.

— Você é incrível — comentou secamente a adolescente.

— Um fazendeiro solteiro — continuou Ardiloso. — Que mora sozinho. Nunca se casou, pelo que estou vendo. Sem filhos. Eu diria que ele tem uns 70 e poucos anos, julgando pelas roupas que estavam no varal pelo qual passamos.

— A gente passou por um varal?

— O que foi que eu lhe disse em relação a manter os olhos abertos para os detalhes?

— Você disse para eu não me preocupar com detalhes porque tenho você para fazer isso por mim.

— Bem, tenho bastante certeza de que isso é exatamente o oposto do que eu disse.

— Talvez ele esteja fazendo a sesta ou coisa assim — Valquíria espiou pela janela. — Acho que não tem ninguém por aqui.

— Isso é ótimo, é sim — falou uma voz atrás deles, e a dupla se virou e viu um homem idoso caminhando até eles. Tinha cabelos rijos e grisalhos, um nariz grande e era calvo no topo da cabeça.

Estava vestindo uma camisa esfarrapada com suspensórios pretos segurando as calças, que estavam por sua vez metidas em galochas enlameadas. — É só você chegar a uma certa idade e você não é mais ninguém, de repente você ficou invisível. Você sabe qual é o problema das pessoas da sua idade, senhorita?

Valquíria se lembrou da conversa com Conspícuo.

— A gente acha que vai viver pra sempre? — respondeu ela, esperançosa.

— Vocês não respeitam os mais velhos.

A adolescente fez uma careta, se perguntando como poderia acertar aquela pergunta algum dia se a resposta ficava mudando.

— Então o que vocês querem? — continuou o fazendeiro. — Por que vocês vieram até aqui, tão longe de tudo? E você — ele se virou para Ardiloso. — Por que está todo embrulhado que nem o Homem Invisível? Tem alguma coisa errada com a sua cara?

— Na verdade — respondeu o detetive —, sim. Meu nome é Ardiloso Cortês. E esta é a minha associada, Valquíria Caos.

— O que é isso? Eles agora estão dando prêmios para quem tiver o nome mais ridículo?

— E o senhor é...?

— Hanratty — respondeu o velho. — Patrick Hanratty.

— Sr. Hanratty — Valquíria começou, mas o fazendeiro balançou a cabeça.

— Me chame de Paddy.

— Está bem, Paddy...

— Espere, mudei de ideia. Me chame de Sr. Hanratty.

Valquíria sorriu paciente.

— O senhor percebeu alguma pessoa esquisita na área ultimamente?

— Esquisita como? Esquisita que nem vocês ou só esquisita normal?

— Qualquer tipo de pessoa esquisita.

Paddy cruzou os braços e franziu os lábios.

— Bem, então, deixa eu ver. Teve aquele garoto O'Leary, da vila; ele vem aqui toda quarta-feira com as minhas compras. Eu o chamaria de esquisito, acho. Tem uma coisa na sobrancelha. Um pedaço de ferro. Não faço ideia da serventia daquilo. Talvez sintonize rádio.

— Acho que Valquíria se referia às pessoas esquisitas que o senhor nunca tenha visto antes — esclareceu Ardiloso.

— Além de vocês dois?

— Além de nós dois.

Paddy balançou a cabeça.

— Lamento, mas vocês são as duas pessoas mais esquisitas que eu já vi nos últimos tempos. Vocês querem me contar o motivo destas perguntas, ou preferem que eu adivinhe?

— Sr. Hanratty — Valquíria começou.

— Me chame de Paddy.

— Tem certeza?

— É possível que não.

Ardiloso assumiu o comando.

— Temos motivos para acreditar que uma gangue de criminosos usará suas terras como um ponto de encontro.

Paddy olhou bem nos óculos escuros de Ardiloso.

— Uma gangue de criminosos, você diz? Sequestradores? Ladrões de joias?

— Assaltantes de bancos.

— Assaltantes de bancos — repetiu Paddy, assentindo com a cabeça. — Entendo. É, isso faz sentido. Posso ver por que eles escolheriam as minhas terras. O fato de que o banco mais próximo fica a mais de meia hora de distância de carro daqui significaria que essa gangue de criminosos, depois de realizar seu ousado golpe, teria que desbravar quase 50

quilômetros de estradinhas estreitas, ocasionalmente parando no acostamento para dar passagem aos tratores e veículos de fazenda variados, e então passar despercebidos pela vila local onde o esquema de vigilância da vizinhança é aplicado com vigor excepcional, e...

— Está bem — interrompeu Ardiloso. — Suas terras não serão usadas por uma gangue de assaltantes de bancos.

Paddy concordou com a cabeça, cheio de arrogância pelo triunfo conseguido.

— Bem, que alívio saber disso. Posso até economizar um pouco do nosso tempo, está bem? Não tenho nenhum interesse em vender a propriedade. Já moro aqui há quarenta anos e não quero me mudar. Agora, a não ser que vocês tenham alguma coisa muito importante para me dizer, vou ter que lhes pedir para ir embora. Tenho que voltar ao trabalho.

Ardiloso não respondeu por um momento, e Valquíria achou que ele estava realmente ficando bravo, mas a cabeça do detetive se virou como se ele tivesse se lembrado subitamente que estava participando de uma conversa.

— É claro — disse rapidamente. — Lamentamos ter desperdiçado o seu tempo.

O esqueleto se apressou em voltar ao Bentley, com Valquíria logo atrás.

— O que houve? — indagou a adolescente.

— Eu desvendei o mistério — ele respondeu enquanto andava.

— É o Grotosqueiro.

— Como?

A dupla chegou ao carro e entrou. Ardiloso virou a chave e o motor acordou com um rugido.

— A Âncora de Istmo é alguma coisa que impede que o portal entre as realidades seja selado — explicou o detetive. — É alguma coisa que está aqui mas que pertence ao lado de lá. Foi por isso que Batu teve que esperar cinquenta anos entre os assassinatos: ele precisava que o Barão Vingança trouxesse o Grotesqueiro de volta. O Grotesqueiro é a Âncora de Istmo.

— Mas... mas Êxtase cremou ele, não foi?

A voz de Ardiloso soou oca enquanto eles disparavam pela estrada.

— Ele queimou o que pôde. Cremou os membros e a maior parte dos órgãos, todos os pedaços do monstro que tinham sido adicionados, vindos de outras criaturas. Mas o torso veio de um Sem-Rosto de verdade, ou pelo menos do ser humano que ele estava ocupando, e eles são muito mais difíceis de destruir.

Valquíria estava quase com medo de fazer a pergunta seguinte.

— Mas, então onde o Sr. Êxtase colocou o torso? Quem está com ele?
Ardiloso, quem está com o Grotesqueiro?

— Está sendo guardado no Santuário — revelou Ardiloso, com uma nota nova na voz. — Túrido Grêmio está com a Âncora de Istmo.

A DIABLERIE

B atu segurou o frasco com a mão direita e cuidadosamente deixou o líquido pingar na parte de dentro do antebraço esquerdo.

O líquido queimou como ácido e escavou a pele, formando um símbolo em sangue e carne queimada.

Quando o símbolo se completou, Batu pousou o frasco e examinou o braço. A dor era excruciante.

Os participantes da Diablerie olharam para ele.

— Isto vai protegê-los — explicou. — Quando os Deuses das Trevas chegarem, este símbolo os marcará como sendo fiéis.

— E quanto a Sanguíneo? — indagou Krav Repulsivo. — Vamos lhe contar sobre esta marca?

— Sanguíneo é um mercenário. Ele não tem fé e, assim sendo, não merece tratamento especial.

— Ótimo — retrucou Krav. — Eu não gosto dele.

Batu deixou a sala enquanto os outros começavam a tatuar o símbolo nos próprios braços, e foi até o prédio vizinho verificar seu exército.

Ele abriu a porta e acendeu a luz. As fileiras de Homens-Ocos olharam de volta para ele, esperando ordens.

— Em breve — prometeu.

ARROMBAMENTO E INVASÃO

A dupla se apressou em alcançar a estátua de cera de Phil Lynott, ali parada, segurando a guitarra com um meio sorriso congelado no rosto.

— Estamos aqui para ver o Sr. Êxtase — anunciou Ardiloso.

Por um momento nada aconteceu, e então a estátua virou a cabeça e olhou para eles.

— Vocês têm hora marcada?

— Não, mas precisamos ver Êxtase, é urgente.

— Lamento, mas tenho instruções estritas em relação a você e a sua parceira. Vocês não têm permissão de entrar no Santuário sem...

— Chame a Administradora — interrompeu Ardiloso. — Deixe-me falar com alguém humano.

— Como desejar — houve uma pausa. — A Administradora foi informada da sua presença. Por favor, aguardem aqui e ela estará com vocês em breve.

Eles olharam para a parede, esperando que ela se abrisse. Ardiloso pressionou o botão do celular que iniciava uma chamada e ouviu por alguns minutos, em seguida enfiando o aparelho de volta no bolso sem dizer nada. Ele estivera tentando ligar para Êxtase durante os últimos vinte minutos, mas o Ancião não estava atendendo.

A parede estremeceu e a porta secreta se abriu. A Administradora saiu para o corredor.

Ela sorriu educadamente.

— Temo que o Grande Mago esteja ocupado demais para falar com qualquer pessoa neste momento, mas se vocês anunciarem o assunto...

— Não viemos ver Grêmio — cortou Ardiloso. — Estamos aqui para falar com Êxtase.

— Lamento, Sr. Cortês, o Ancião Êxtase está fora.

— Fora? Onde?

— Temo que eu não possa divulgar essa informação.

— Não temos tempo para isto. Os restos do Grotesqueiro precisam ser movidos agora.

Pela primeira vez desde que Valquíria conheceu a Administradora, a mulher franziu o cenho.

— Como você ficou sabendo disso? A remoção do Grotesqueiro é uma operação confidencial, Sr. Cortês. Apenas duas pessoas no Santuário até mesmo sabem da existência dela.

— Essas duas pessoas — retrucou Ardiloso. — São você e o Grande Mago? Por que ele quer mover aquilo?

— Nós mudamos itens de lugar o tempo todo, por questões de armazenamento, espaço e adequação. Não é nada de especial.

— Quando será feita a mudança?

— Não estou...

— Para onde está sendo movido?

A Administradora ficou indignada.

— Na verdade eu não sei. O Grande Mago vai instruir a equipe de transportes pessoalmente.

— Qual é o tamanho da equipe de transporte?

— Eu não vou...

— Deixe-me adivinhar. Grêmio não quer atrair atenção, então vai ser tudo bem discreto. Dois ou três Talhadores, é isso? Numa van blindada?

— O Grande Mago me garantiu que será perfeitamente adequado.

— A van será atacada — afirmou Valquíria.

A Administradora estreitou os olhos.

— Por que vocês fariam isso?

— Nós não vamos atacar a van — explicou Ardiloso. — Mas vamos precisar roubar o Grotesqueiro.

Houve uma pausa e então a Administradora se virou para fugir.

Ardiloso ergueu uma das mãos. Valquíria sentiu as leves ondulações conforme uma bolha se formava ao redor da cabeça da Administradora, privando-a de oxigênio. Ela tentou inspirar o ar que não estava lá e Ardiloso a segurou quando a mulher cambaleou.

— Eu lamento muito — murmurou o detetive.

Valquíria estalou os dedos e se virou para a figura de cera de Phil Lynott, segurando uma bola de fogo bem perto do rosto dele.

— Se você soar o alarme — avisou a menina —, eu derreto você.

— Não esquento — respondeu a estátua de cera. — Minha conexão de comunicações é só com a Administradora. Eles ficam me prometendo que vão estender minha conexão para o Santuário inteiro, mas nunca o fizeram. Enquanto eu abrir e fechar esta porta, eles ficarão felizes em me esquecer.

Ardiloso deitou a Administradora inconsciente no chão.

— Ela acordará em alguns minutos — disse Ardiloso. — Por favor, peça desculpas a ela por mim.

A parede rugiu atrás deles, mas a dupla disparou pela porta antes que se fechasse.

— Boa tentativa — Valquíria gritou de volta.

A estátua de Phil Lynott deu de ombros, em seguida olhou para a Administradora, e logo antes da porta se fechar por completo, Valquíria começou a ouvir a estátua cantando “Killer on the Loose”.

Mais uma das favoritas do pai dela.

Ardiloso seguiu escada abaixo.

— Como é que a gente vai sair daqui depois? — indagou a adolescente. — Nós dois andando aqui embaixo já vai parecer bem suspeito, mas andando aqui embaixo carregando o Grotesqueiro?

— Nós não vamos voltar por aqui.

— Mas esta é a única entrada.

— Mas não é a única saída.

Eles diminuíram o passo ao chegar ao pé da escadaria, e em seguida entraram no foyer. Ardiloso andou calmamente enquanto os joelhos de Valquíria tremiam. Os guardas Talhadores viraram as cabeças, vigiando os dois enquanto eles iam até o par de portas mais próximo, mas não tentaram interceptá-los.

A dupla entrou no corredor lado a lado, como se tivessem todo o direito de estar lá.

Suscitaram alguns olhares surpresos dos feiticeiros, mas ninguém questionou a presença deles. Os dois deixaram o corredor principal e avançaram mais profundamente nos caminhos mais estreitos, andando cada vez mais rápido.

Ardiloso e Valquíria se aproximaram da Prisão do Santuário, onde alguns dos criminosos mais doentios do mundo estavam encarcerados. O detetive tinha falado de alguns deles para a adolescente. Assassinos em série, autores de massacres, sóciopatas e psicopatas de todos os tipos eram mantidos naquelas jaulas. Valquíria quase podia sentir a maldade vazando pela porta como uma onda de umidade fria, gelando sua espinha ao passar.

Adiante ficava o Repositório, o salão gigantesco que continha artefatos místicos e mágicos, incluindo os restos do Grotesqueiro.

Mas hoje, ao contrário de todas as outras vezes em que Valquíria tinha estado ali, havia dois Talhadores de guarda diante das portas duplas.

Ardiloso e Valquíria tomaram um corredor lateral e pararam, fora da vista dos Talhadores.

— Muito bem — comentou o detetive. — Isso é bom.

— Isso é bom? O que é bom? O que há de bom nisso?

— Se os Talhadores ainda estão guardando a sala, quer dizer que o Grotesqueiro ainda está lá dentro. Temos um tempinho. Então, agora precisamos de uma distração.

— Talvez a gente devesse soltar um dos criminosos da Prisão e colocar os Talhadores para persegui-los.

— Você realmente quer soltar um feiticeiro assassino no mundo?

— Eu só estava brincando — murmurou Valquíria, na defensiva.

Ardiloso fez uma pausa.

— Na verdade, não é uma má ideia. Mas não precisamos de alguém da Prisão. Eles são simplesmente perigosos demais. Alguém apodrecendo nas celas de detenção temporária, por outro lado, pode ser mais adequado.

Valquíria sorriu.

— Viu? Até as minhas piadas são brilhantes.

Ardiloso começou a andar e Valquíria se esforçou para acompanhá-lo.

— Mas as celas não estarão guardadas por Talhadores também? — indagou a adolescente.

O detetive balançou a cabeça.

— Depois dos eventos dos últimos dois anos, primeiro o ataque de Serpênteo contra o Santuário, e depois a batalha contra o Grotesqueiro, as tropas de Talhadores foram dizimadas. Hoje em dia, os Talhadores são tratados como as mercadorias preciosas que realmente são, e usados apenas quando é absolutamente necessário. Nas celas de segurança mínima eu duvido que haja qualquer presença de Talhadores. Provavelmente nós vamos nos deparar com um agente do Santuário, e se tivermos sorte, o agente será um conhecido nosso e deixará que a gente escolha um prisioneiro.

— E quando é que nós temos alguma sorte?

— Pensando positivo, esse é o espírito.

Eles chegaram à área de detenção temporária sem encontrar ninguém que soubesse que eles não deveriam estar ali. O corredor se estreitou, com portas de aço dos dois lados. Um rapaz desajeitado com cabelos muito vermelhos se levantou de detrás da mesa, com os olhos estreitos de suspeita.

— Você é Ardiloso Cortês — afirmou.

— Sim, sou eu. Esta é a minha parceira, Valquíria Caos. E você é?

— Meu nome é Cajado Carpideiro. Vocês não deveriam estar aqui.

Ardiloso acenou distraído com a mão.

— Temos cooperação total do Santuário, não se preocupe com isso.

— O Grande Mago nos avisou quanto a você.

— Você tem certeza que foi quanto a mim que ele avisou? Que não foi sobre alguma outra pessoa?

— Você não tem permissão para estar aqui sem supervisão. — Carpideiro retrucou, tentando soar autoritário. — Quem os deixou entrar?

— A porta estava aberta.

— Vou chamar meu superior.

Carpideiro estendeu a mão para o botão na mesa, mas Ardiloso agarrou-lhe o pulso e o torceu. Carpideiro urrou de dor. Ardiloso deu a volta e o lançou contra a parede.

— Algemas — pediu. Valquíria abriu uma das gavetas da mesa.

Dentro havia meia dúzia de sacos plásticos transparentes contendo os itens pessoais dos prisioneiros. A menina abriu outra gaveta e encontrou um par de algemas novinhas e brilhantes, que ela jogou para Ardiloso. O detetive algemou as mãos de Carpideiro de trás das costas e o soltou.

Carpideiro cambaleou, de olhos arregalados.

— Você me atacou!

— A gente só quer pegar um prisioneiro emprestado — garantiu Valquíria.

— Não posso permitir que isso aconteça — Carpideiro rosnou, assumindo uma postura de combate que Valquíria nunca tinha visto antes.

A menina observou, se perguntando qual arte marcial que ela conhecia seria boa o suficiente para compensar o fato de que ele não poderia usar as mãos. Ela esperava alguns pulos, talvez alguns saltos mortais e definitivamente muitos chutes. O que Valquíria testemunhou foi na verdade algo parecido com o Carpideiro tentando dar uma cabeçada no peito de Ardiloso. O rapaz atacou, Ardiloso deu um passo para o lado e Carpideiro bateu com o joelho na mesa e caiu no chão, de tanta dor.

— Fique de olho — ordenou Ardiloso, erguendo Carpideiro e o arrastando até as celas. O detetive deixou o rapaz encostado na parede e foi até a primeira das portas de aço, abriu a vigia e olhou para dentro. Fechou a vigia de novo e foi até a próxima porta.

Valquíria ficou num canto, se assegurando de que eles não seriam interrompidos. Ela deu uma olhada e viu Ardiloso guiando Carpideiro até uma das celas, e depois chamando o prisioneiro para fora. O olhar da adolescente voltou para o corredor. Na encruzilhada um feiticeiro passou, mas não olhou na direção dela. A menina ficou com a respiração presa, mas o homem não reapareceu.

A porta da cela foi fechada e Valquíria se virou para ver qual prisioneiro Ardiloso tinha escolhido. O homem, com as mãos algemadas diante de si, encarava a adolescente desafiadoramente. Ela o conhecia. O sujeito se considerava o Assassino Supremo, aquele que transformaria o assassinato numa forma de arte, mesmo que ainda não tivesse matado ninguém. Na primeira vez em que os dois se encontraram, ele tinha tentado jogá-la do alto de um prédio.

Não era um cara muito inteligente.

— Nos encontramos de novo — rosnou Vaurien Patife.

Valquíria riu.

O rosnado desapareceu e os ombros de Vaurien caíram.

— Eu gostaria que pelo menos uma vez as pessoas me vissem e não rissem de mim.

— Cale-se — comandou Ardiloso, cutucando-o para frente.

Valquíria fez o possível para abafar o sorriso enquanto eles voltavam para o Repositório.

— Eu caí numa armação — alegou Patife, andando um pouco à frente da dupla. — Fui acusado de um crime que não cometi. Eu nem deveria estar aqui.

— Isso mesmo — concordou Ardiloso. — Você deveria estar numa prisão de verdade por tentativa de homicídio.

— Eu fugi — respondeu Patife, dando de ombros.

— Isso não é realmente a verdade, é? Fugir é um ato que implica em dinamismo e aventura. Você estava sendo transportado para outra instalação presidiária e eles simplesmente esqueceram você no posto de gasolina.

— Eu escapei.

— Você foi deixado para trás.

— Eu era um homem livre. E então fui acusado de um crime que eu não cometi e fui preso de novo. Eu nem deveria estar aqui. Você acha isso justo?

— Acho isso engraçado — murmurou Valquíria.

Patife a ignorou.

— Pra onde você tá me levando? Este não é o caminho para as salas de interrogatório.

Por que você me escolheu?

— Porque você tem um papo ótimo.

Patife reduziu o passo e ficou completamente pálido.

— Vocês vão me executar, não vão?

— Nós não vamos executar você — respondeu Ardiloso.

— É por isso que isto está tão estranho. Meu Deus, vocês vão me executar.

— Não vamos, prometo.

— Mas por quê? Por que eu serei executado? Vocês têm medo de mim, não têm?

— Não é bem isso que está acontecendo aqui.

As pernas de Patife cederam, e Ardiloso o segurou e o manteve em movimento.

— Vocês têm medo da minha ira... — Patife disse fracamente.

Ardiloso parou o prisioneiro, abriu as algemas e lhe deu um empurrãozinho.

— Agora fuja.

Patife girou para encará-los.

— Por quê? Para que você possa se divertir? Isto é cruel.

— Nós não vamos executar você — insistiu Valquíria.

Patife caiu de joelhos.

— Por favor, não me mate.

Ardiloso balançou a cabeça.

— Eu deveria ter escolhido alguma outra pessoa.

— A gente só quer que você distraia algumas pessoas — explicou Valquíria.

— A gente precisa que você desvie a atenção deles.

— Eu não quero morrer — soluçou Patife.

— Vaurien, é sério, levante-se. Nós não vamos machucá-lo.

— Assim que eu lhes der as costas...

— Nós não vamos fazer nada. Precisamos que você distraia algumas pessoas, mas isso não é só problema nosso. Esta é a sua chance de escapar. Olhe para si mesmo. Sem algemas, sem ferimentos. O que poderia lhe impedir de simplesmente sair correndo daqui?

— Então... — Patife falou enquanto se levantava. — Então eu simplesmente corro, certo?

— Certo.

— E se eu...?

Patife disparou por entre os dois no meio da pergunta, na esperança de pegá-los de surpresa.

— Lado errado — gritou Valquíria.

Patife parou e se virou.

— Se você for por aí, vai acabar nas celas de novo.

Patife olhou em volta, se orientando, e em seguida assentiu com a cabeça e voltou andando.

— Só porque eu estou ajudando vocês — avisou — não quer dizer que nós somos aliados.

— Nós sabemos disso — concordou Ardiloso.

— Na próxima vez que vir vocês, vou tentar matá-los.

— Nós sabemos disso também.

— Como é que eu saio daqui?

— Vá direto em frente e vire à esquerda. Siga o seu nariz dali em diante.

Patife parou ao lado deles e rosnou.

— Até o nosso próximo encontro.

Ele correu até a esquina e olhou para a direita, deu um gritinho e disparou para a esquerda.

— Nós provavelmente deveríamos ter lhe contado que ele estaria fugindo dos Talhadores — Ardiloso comentou, enquanto a dupla assistia aos dois Talhadores praticamente voarem na altura do cruzamento dos corredores.

A dupla andou apressada até as portas do Repositório e, logo antes de entrar, Valquíria olhou para trás e viu os Talhadores pulando em Patife, que guinchou como uma garotinha.

ROUBANDO O GROTESQUEIRO

Ardiloso pegou um pequeno carretel de linha do bolso e começou a amarrar as maçanetas das portas com o fio.

— Isso vai aguentar? — indagou Valquíria, cética.

— Este é o Fio Resoluto. Quanto mais pressão for aplicada, mais forte ele fica. É

muito raro. Dizem que foi feito com o revestimento do estômago de um imperador-dragão, há mais de 2 mil anos.

— Foi mesmo?

— Não, é só um fio muito forte mesmo.

Com as maçanetas amarradas em segurança, eles foram mais para o fundo do aposento. O Repositório era vasto e escuro, com fileiras de estantes e mesas que gemiam sob o peso dos artefatos mágicos que continham. No centro, onde um dia o Livro dos Nomes tinha repousado sobre o pedestal, havia agora uma jaula de aço negro, mais ou menos do tamanho de um caminhão pequeno. Os restos do Grotesqueiro, pouco mais do que um torso e uma cabeça embrulhados em bandagens sujas, eram mantidos em suspensão por

várias correntes esticadas. Havia símbolos gravados em cada uma das barras da jaula, e eles começaram a brilhar conforme a dupla se aproximou.

— Não toque na jaula — avisou Ardiloso.

— E como vamos abri-la?

— Muito, muito cuidadosamente, imagino. Não sou tão fluente na leitura desses símbolos quanto Porcelana, mas sei o suficiente para reconhecer um campo fatal quando vejo um. Isso mataria qualquer pessoa que colocasse mesmo uma só mão dentro da jaula.

— E a gente pode desligar esse troço?

— Se soubéssemos qual símbolo tocar, sim. Infelizmente, se tocarmos o símbolo errado, o campo vai inchar e matar todos que estiverem dentro da sala.

— Até mesmo você?

— Considerando que eu já estou morto?

— Bem, mataria? Serpênteo usou aquela mão direita vermelha contra você e não teve nenhum efeito. Talvez isto funcionasse da mesma forma.

— Se eu soubesse um pouco mais sobre como acabei virando um esqueleto vivo com um senso de moda impecável, poderia tentar. Mas há quase cem por cento de chance de que o campo fatal mataria o que ainda resta de mim.

— Então como a gente vai pegar o Grotesqueiro?

Ardiloso caminhou por entre as estantes.

— Tem de haver alguma coisa aqui que nos ajude — afirmou.

Valquíria seguiu o parceiro, examinando os artefatos em exibição, apesar de não fazer nenhuma ideia do que poderia estar procurando, muito menos como eles poderiam usar qualquer uma daquelas coisas para abrir a jaula.

A menina pegou uma esfera de madeira, com mais ou menos o dobro do tamanho de uma bola de tênis. Tinha um sulco fino correndo por toda a circunferência.

— E isto é... ?

— Esfera de Ocultação — respondeu Ardiloso. — Não existem muitas dessas por aí, na verdade.

— O que ela faz?

— Torna pessoas mágicas invisíveis.

— Legal.

Valquíria recolocou a esfera no lugar e se virou para seguir o detetive, mas Ardiloso tinha desaparecido.

A menina ouviu um barulho em algum lugar no meio das estantes e viu um movimento. Houve um grunhido e Ardiloso veio voando por sobre as prateleiras, acertando uma mesa, esmagando os frascos que estavam sobre ela, e em seguida rolou pela beirada, caiu no chão e grunhiu. Um homem grande com longos cabelos prateados veio andando atrás de Ardiloso. Valquíria o reconheceu pela descrição que tinha recebido. Krav Repulsivo.

Os membros da Diablerie tinham chegado ali para roubar o Grotesqueiro antes da dupla.

Valquíria recuou, com o coração subitamente batendo forte no peito, e então ouviu passos atrás de si.

Ela se virou e viu Sanguíneo se aproximando, sorrindo aquele sorriso maldoso.

Valquíria estalou os dedos das duas mãos e chamas encheram-lhe as palmas, mas rachaduras apareceram sob os pés de Sanguíneo e o homem desapareceu no chão. Valquíria se virou, cautelosa, ignorando os sons da luta de Ardiloso, tentando escutar o conhecido som de desmoronamento que sinalizava os movimentos subterrâneos de Sanguíneo.

Então a adolescente detectou o som e soube que o adversário estava emergindo diretamente atrás dela. Valquíria disparou um chute para trás e sentiu que acertou. Ela se virou e viu Sanguíneo esparramado no chão, com as mãos no rosto, os óculos quebrados em dois bem no meio e o nariz espirrando sangue. Aquela cara sem olhos estava contorcida de dor e fúria, e o mercenário se levantou e tentou agarrar a menina.

Valquíria se abaixou sob o braço direito dele e chutou a perna do inimigo, que caiu sobre um dos joelhos, e continuou o ataque com uma cotovelada na nuca de Billy-Ray. O

mercenário caiu para frente, sobre as mãos, e girou a perna para trás violentamente, acertando os dois tornozelos de Valquíria. A menina desabou no chão e Sanguíneo colocou as mãos nela ao se levantar. Ela tentou se livrar dele, mas o adversário era forte demais e a jogou contra uma fileira de estantes, que caíram, os artefatos desabando, e Valquíria junto com eles.

A menina se levantou e tentou empurrar o ar, mas Sanguíneo era rápido demais. Ele acertou um soco, e a cabeça de Valquíria girou enquanto uma luz branca explodia na visão dela, e antes mesmo de acertar o chão, sentiu o gosto de sangue. Subitamente Valquíria estava no chão novamente, com a mão esquerda cobrindo a boca, consciente de que um dos dentes da frente tinha sumido. O corpo da adolescente parecia pesado como chumbo, drenado de toda força, e ela só conseguia pensar no dente que tinha perdido e como ela iria explicar aquilo para a mãe.

Um sapato marrom apareceu ao lado do rosto de Valquíria e Sanguíneo se ajoelhou, abrindo a navalha, enquanto o sangue do nariz escorria livremente sobre o casaco da adolescente.

— Você merece isto — rosnou, levando a navalha até a garganta dela.

Houve um tiro e Billy-Ray gritou e caiu para o lado, segurando a perna. Atrás dele, Ardiloso tentou mudar de alvo, mas Krav lhe tirou o revólver da mão com um tapa.

Praguejando de dor, Sanguíneo se levantou e, ignorando Valquíria, mancou até a jaula. Pressionou a mão contra um dos símbolos, que relampejou. Valquíria rolou para longe, esperando que o campo fatal engolisse a todos conforme Ardiloso tinha avisado. Mas o símbolo desapareceu, assim como todos os outros. A porta da jaula abriu e Sanguíneo se arrastou para dentro. Estendeu a mão para o Grotesqueiro e, com o toque, as correntes libertaram a carga e o torso enfaixado caiu pesadamente.

— Está comigo! — exclamou.

Krav rosou para Ardiloso, irritado por deixar a presa livre, e foi até a jaula, onde o piso cedeu sob Sanguíneo e Krav enquanto eles levavam o Grotesqueiro embora.

Ardiloso pegou a arma e correu até Valquíria. Ela percebeu que estavam batendo nas portas duplas. O Fio Resoluto estava aguentando, mas mesmo enquanto ela olhava, a lâmina de uma foice perfurou a porta e depois recuou. Os Talhadores iriam abrir caminho à força.

— Deixe-me ver — falou Ardiloso, ajudando-a a se sentar. O detetive pegou o rosto da menina com a mão enluvada e inclinou a cabeça dela para trás. O sangue escorria pelo queixo e ela estava fazendo o possível para não engolir. — Abra a boca.

Valquíria balançou a cabeça. Tinha lágrimas nos olhos; em parte por causa do choque, em parte por causa da aflição. Billy-Ray Sanguíneo tinha roubado o sorriso dela com um soco maldoso.

Ardiloso a ajudou a se levantar. Uma brisa de ar gelado passou por entre os dentes dela e a menina gemeu de dor. Manteve os lábios bem apertados.

As portas duplas caíram e Túrido Grêmio invadiu o Repositório, ladeado por dois Talhadores. Viu a jaula vazia.

— Peguem eles! — trovejou.

Ardiloso agarrou a mão de Valquíria e a arrastou pelo labirinto de estantes. Um dos Talhadores disparou do lado de Grêmio e saltou alto no ar, aterrissando na frente deles, girando a foice para bloquear a passagem. Ardiloso empurrou o ar, mas o Talhador se moveu por entre as ondulações. O outro Talhador estava vindo por trás para capturá-los.

A dupla não poderia permitir que fosse presa. A Diablerie tinha a Âncora de Istmo, o que significava que o próximo lance do grupo seria rastrear e capturar Fletcher Renn. Os dois precisavam sair dali.

Ardiloso ainda tinha o revólver na mão, e ele disparou, à queima-roupa, acertando no peito do primeiro Talhador. O adversário cambaleou, protegido pelo uniforme, e Ardiloso ajudou a atirá-lo para trás com um chute. O Talhador caiu e eles pularam por cima dele.

A dupla correu até o fim do corredor e Ardiloso pegou a Esfera de Ocultação, em seguida empurrando a estante com um dos ombros, fazendo a coisa toda desabar. Artefatos caíram no chão, uma fumaça sobrenatural se ergueu e houve gritos, como se dezenas de almas tivessem sido libertadas subitamente. Em meio à confusão, Valquíria se agachou e seguiu Ardiloso por entre as estantes numa rota até a porta. Ela podia ouvir Grêmio gritando ordens conforme os reforços chegavam.

A fumaça a alcançou e fedia horrivelmente, fazendo a menina respirar pela boca por instinto, e imediatamente tropeçar de dor.

Segurando os lábios sangrentos com as duas mãos, Valquíria piscou para se livrar das lágrimas e viu Ardiloso desaparecer atrás de outra fileira de estantes. Ela se apressou em segui-lo, mas ficou paralisada ao ver um Talhador surgir diante de si.

O capacete com visor examinou a área ao redor de si. Valquíria permaneceu imóvel.

Ele a veria numa questão de instantes.

Mãos enluvadas emergiram das sombras detrás do Talhador e o arrancaram de vista.

Valquíria ficou onde estava, esperando que a luta irrompesse, mas houve apenas silêncio.

A menina espiou por entre as estantes e viu Grêmio parado ali, com uma expressão de fúria no rosto. Houve algum movimento atrás dele e Valquíria se tocou de que um dos Talhadores tinha estado ali apenas alguns momentos antes.

Valquíria avançou, se mantendo abaixada e em silêncio. Ela atravessou rapidamente o espaço entre as estantes e seguiu outro corredor que a levou para mais perto da porta. Outro Talhador entrou correndo, e Grêmio o mandou parar com um aceno.

— Fique aqui — ordenou. — Não deixe nenhum deles passar.

O Talhador empunhou a foice. Ele era o último obstáculo entre Valquíria e a porta. A fumaça sobrenatural avançou e afundou e se ergueu, passando na frente dela, obscurecendo a linha de visão.

Quando a fumaça sumiu, o Talhador tinha desaparecido.

Ardiloso saiu das trevas e esperou junto à porta. Valquíria conferiu para garantir que ninguém estava olhando e se esgueirou até o final do corredor; Ardiloso acenou com a cabeça para ela, que então correu até o parceiro e os dois saíram para o corredor principal.

Eles correram.

Um feiticeiro que Valquíria reconheceu vagamente os viu e franziu o cenho, mas Ardiloso empurrou o ar e o feiticeiro foi jogado para trás. Eles tomaram o corredor à esquerda, que levava para longe das áreas mais movimentadas.

— Existe mais uma saída — explicou Ardiloso enquanto eles corriam. — Équus Meritório me contou sobre ela uma vez. Serve apenas para emergências. Grêmio não sabe que eu a conheço.

Eles irromperam numa grande sala oval com uma única fonte de luz que mantinha as extremidades do aposento no escuro. Era a sala onde Valquíria

tinha se encontrado com os Anciãos pela primeira vez, dois anos antes.

Valquíria se virou para fechar a porta, mas Remus Crucial se jogou pela fresta, jogando a adolescente no chão. Crucial estava empunhando uma arma, mas Ardiloso partiu para cima dele, prendendo a mão com a arma contra o corpo do adversário. Crucial tentou protestar, mas Ardiloso o acertou com um cruzado de direita. Os joelhos de Crucial balançaram Ardiloso o desarmou e o largou no chão.

Valquíria ouviu passos no corredor e estalou os dedos para chamar a atenção do parceiro. Ele tirou a Esfera de Ocultação do paletó e girou as duas metades em direções opostas. Uma bolha de névoa irrompeu, encobrindo a dupla e Crucial.

Túrido Grêmio correu até a porta, seguido por três Talhadores.

Valquíria tentou ignorar a dor que sentia na boca e se preparou para lutar, mas Ardiloso pôs a mão no ombro dela.

— Eles não podem nos ver ou ouvir — explicou. — Todas as coisas mágicas agora estão ocultadas.

A esfera na mão dele estava tiquetaqueando suavemente, conforme os dois hemisférios giravam lentamente de volta.

— Grande Mago — chamou Crucial, fracamente. — Me ajude.

Mas Grêmio não podia ouvi-lo. Ele se virou para os Talhadores.

— Eles devem ter dado meia-volta. Quero que a saída seja selada. Ninguém entra ou sai sem a minha autorização. Vão!

Os Talhadores saíram correndo e Grêmio começou a voltar por onde tinha vindo.

Crucial gemeu de tristeza e Ardiloso olhou para baixo, para ele.

— Nós não roubamos o Grotesqueiro, Remus, foi a Diablerie. Eles é que estão por trás disto tudo. Gáudio Cadafalso, talvez alguém chamado Batu. Concentre sua investigação neles.

— Você está preso — choramingou Crucial.

— Grêmio está trabalhando com eles. Disselhes qual era o símbolo que desativava o campo fatal. Você não pode confiar nele. Só pode confiar em Êxtase.

A Esfera de Ocultação clicou uma última vez e a bolha de névoa recuou. Ardiloso guardou a bola no bolso e levou Valquíria até as extremidades sombrias do aposento. Ele estalou os dedos, invocando uma chama brilhante.

— O timing é tudo — explicou. — Quando começarmos a correr, não podemos parar, está claro?

Valquíria murmurou uma confirmação, com dor demais por causa do dente perdido para abrir a boca. Ardiloso se inclinou para frente e sussurrou para que Crucial não pudesse ouvir.

— Assim que sairmos daqui, vamos achar o professor Lamento para ele consertar o seu dente, OK? Você não tem nada com que se preocupar.

Ela murmurou de novo e a cabeça do detetive se inclinou solidariamente por um momento. Então ele indicou a parede com um aceno.

— Toque a parede e se prepare para correr.

Valquíria estendeu a mão, a palma contra a superfície fria, e houve um rugido enquanto a parede se abria num buraco largo o bastante para os dois entrarem.

— Agora! — Ardiloso ordenou e eles dispararam. A parede se fechou atrás deles enquanto o espaço imediatamente a frente se abria. Era desconcertante

correr em velocidade máxima contra a rocha sólida, mas bem quando eles estavam a ponto de bater, a rocha cedia passagem e se selava logo em seguida. A dupla estava em disparada numa bolha de espaço que se movia rapidamente pelo solo, e o rugido era ensurdecedor, fazendo Valquíria se lembrar de quando Billy-Ray Sanguíneo a levou para ver o Barão Vingança.

Ela não tinha gostado daquilo e não estava gostando disso agora.

Os dois estavam correndo para cima, Valquíria podia sentir nas pernas. Ardiloso tinha apagado a chama de modo que não consumisse o oxigênio, e, portanto eles avançavam em completa escuridão. Valquíria abriu o canto da boca para inspirar, tentando evitar que o ar frio tocasse o dente ferido.

A adolescente estava ficando cansada. Eles já estavam correndo há muito tempo. Ela precisava reduzir um pouco o passo, só por um momento, mas sabia que a pequena bolha de espaço seguiria em frente sem eles. Valquíria não gostava muito da ideia de morrer esmagada, não importando o quão rápido fosse ser a morte.

— Eu não achei que ia ser tão longe — Ardiloso comentou mais alto que o barulho. A vantagem em não ter que respirar era que ele nunca ficaria sem fôlego, e a vantagem em não ter músculos era que eles nunca berrariam de dor. A menina invejou muito o esqueleto naquele momento.

O casaco de Valquíria a puxou para trás; ela percebeu imediatamente que a cauda do sobretudo tinha ficado presa na fenda que se fechava, e arrancou os braços de dentro das mangas imediatamente, abandonando o casaco para as trevas e cambaleando. A menina sentiu os dedos enluvados de Ardiloso se

fechando sobre a mão dela, e o parceiro a puxou para o lado dele, praticamente a arrastando. Valquíria conseguiu recuperar o equilíbrio e estava correndo por conta própria novamente, mas continuou segurando a mão dele, sem soltar mais.

E então surgiu uma luz ofuscante e um golpe de ar fresco e os dois estavam do lado de fora. Valquíria escorregou na grama molhada e caiu de costas. O rugido terminou abruptamente. Ela ficou ali deitada, com as duas mãos cobrindo a boca, ofegando e piscando enquanto eles se acostumavam com o ambiente.

Ardiloso estava enrolando o cachecol em torno da mandíbula.

Puxou o chapéu mais para baixo sobre as órbitas oculares.

— O Jardim das Recordações — comentou. — Não é lá o lugar mais inconspícuo para se emergir de um túnel secreto, mas não vou reclamar.

Valquíria grunhiu uma resposta, indicando que também não iria reclamar de nada. O

detetive a ajudou a se levantar. Os braços da menina estavam expostos e arrepiados por causa do ar frio.

As únicas pessoas à vista era um casal de idosos que tinha saído para um passeio tranquilo. Ardiloso e Valquíria foram até o portão do parque.

— Temos um problema — anunciou Ardiloso. — Além de todos os problemas óbvios, quero dizer. O Bentley está lá no Santuário e nós não vamos poder chegar até ele.

Valquíria gemeu.

— A boa notícia é que, depois que o Bentley foi danificado dois anos atrás, eu tomei a precaução de esconder alguns carros extras pela cidade. Um deles está bem perto daqui.

A adolescente olhou para o esqueleto e murmurou uma pergunta. Ele riu.

— Não é amarelo, não. Tenho certeza de que você vai gostar deste.

Os dois foram até um pequeno estacionamento atrás de um prédio em ruínas, e Valquíria fazia tudo o que podia para esconder o sangue das pessoas por quem passavam. O

único carro parado ali era um Ford Fiesta. A menina olhou feio para Ardiloso, que assentiu com a cabeça.

— Reconheço que ele é meio pequeno.

Ela murmurou novamente e Ardiloso balançou a cabeça.

— Na verdade você ficaria surpresa com a agilidade dele. Pode não ter a velocidade, o conforto ou a pura potência do Bentley, mas, especialmente no trânsito da cidade, um Fiesta é uma ótima...

Valquíria o interrompeu com outro murmúrio, ainda mais bravo, e o detetive esperou um momento antes de concordar com a cabeça.

— Admito que você tenha razão. Ele é meio roxo, sim.

Com um suspiro, a menina desistiu. Ardiloso pegou a chave no esconderijo no cano de escape, abriu o carro e entrou. Valquíria sentou-se no banco do carona, fechou o cinto sem o menor entusiasmo e Ardiloso ligou o motor.

— Ligou de primeira — comentou o detetive, animado.

Eles saíram do estacionamento e foram para o cinema Hibernian.

A Ameaça Roxa não era tão ruim quanto o Carro Canário, mas chegava perto. Pelo menos não fazia as pessoas chegarem ao ponto de parar e rir

quando passava. Depois de alguns minutos, Valquíria conseguiu até mesmo parar de pensar nele e começou a se preocupar com o dente.

A dupla chegou ao Hibernian e estacionou do outro lado da rua. Ardiloso entrou primeiro, para se assegurar de que Grêmio não tinha mandado um esquadrão de Talhadores para prendê-los, e então chamou Valquíria com um aceno. Estava começando a chover e Valquíria atravessou rapidamente a tela para chegar às instalações médicas.

Fletcher se aproximou cheio de marra, começou a dizer alguma coisa arrogante, mas ao ver o sangue seco no rosto e nas mãos de Valquíria, os olhos dele se arregalaram. Eles passaram um pelo outro em silêncio.

Conspícuo estava em um dos laboratórios, tomando uma xícara de chá e comendo um bolinho. Ele resmungou quando viu a dupla chegar, mas estreitou os olhos quando Valquíria se aproximou. Até aquele momento, a menina tinha sido bem corajosa quanto a aquilo tudo, mas a expressão de preocupação no rosto de Conspícuo lhe trouxe lágrimas aos olhos, e ela não conseguiu mais se controlar. Começou a chorar.

Ardiloso deu um passo atrás como se a parceira tivesse lhe dado uma ferroadada, mas Conspícuo correu até ela.

— Ah, minha querida — exclamou o cientista gentilmente. — Não há necessidade de chorar, não há necessidade. O que aconteceu com você, hein? Deixe-me dar uma olhada. Um dente quebrado? Só isso? Não é nada,

Valquíria. Leva meia hora para consertar isso, no máximo. Você não tem nada com que se preocupar.

Normalmente Valquíria teria dito alguma coisa para mostrar que não estava abalada, mas hoje ela não tinha palavras.

Conspícuo lançou um olhar furioso para Ardiloso.

— Você pode esperar em algum outro lugar, detetive Cortês. Talvez possa ficar de olho naquele rapaz irritante que você empurrou para cima de mim. Tente se assegurar de que ele não vai quebrar mais nada. Eu lhe devolverei a menina muito em breve.

Ardiloso concordou com a cabeça e olhou para Valquíria, saindo logo em seguida.

— Vamos consertar esse sorriso rapidinho — prometeu Conspícuo, piscando um olho. — Não se preocupe.

O SEGREDINHO SOMBRIO

Porcelana estava sentada à escrivaninha, catalogando os novos livros da biblioteca, quando Remus Crucial irrompeu no apartamento. A entrada foi tão dramática que ela quase ergueu uma sobrancelha. Se o detetive tivesse um queixo, estaria espetado para frente.

— Remus — cumprimentou. — Que bela surpresa.

— Seus encantamentos não vão funcionar comigo — zombou Crucial. — Ao contrário de todos os outros otários que se apaixonam por você, eu tenho uma força de vontade de ferro. Você não vai conseguir nublar meus pensamentos.

— Duvido até mesmo de que eu conseguiria encontrá-los.

Porcelana sorriu graciosamente e o rosto de Remus afrouxou por um momento, mas então ele fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Pare o que você está fazendo ou eu lhe prenderei.

Porcelana se levantou. Ela estava vestida de azul.

— Remus, apesar do que você escutou, não posso controlar como as outras pessoas se sentem. Estou apenas parada aqui. Qualquer emoção que você estiver sentindo está surgindo por conta própria.

O detetive levou as mãos ao paletó, e a mulher não tentou impedi-lo enquanto ele puxava a arma e apontava para ela.

— Pare — rosnou ele.

— Não posso.

— Você está influenciando a mente de um agente do Santuário. Isso é uma ofensa criminal.

— É mesmo?

— Você está impedindo uma investigação!

— Você veio me ver, Remus, e ainda não me disse o motivo. Gostaria de tomar chá?

Sem esperar pela resposta, a mulher foi até o aparador. Os símbolos gravados na madeira fulguraram com calor enquanto Porcelana erguia a chaleira até a delicada xícara e servia.

Pelo canto do olho, ela viu Crucial segurando a arma com tanta força que os nós dos seus dedos tinham embranquecido.

— Ardiloso Cortês e Valquíria Caos — Remus conseguiu dizer. — São fugitivos da justiça e você vai entregá-los a mim.

— Eu não sei onde eles estão.

— Mas pode encontrá-los. Pode usar a sua rede de informantes e espiões para rastreá-los.

Porcelana riu.

— Informantes e espiões? Você faz tudo soar tão glamuroso.

Segurando o pires na mão esquerda, Porcelana ergueu a xícara até os lábios e tomou um golinho delicado.

Percebendo que a arma não exercera efeito algum em Porcelana, Crucial a guardou no coldre.

— Você vai fazer o que eu estou mandando, ou tornarei a sua vida muito desconfortável.

— Eu não tenho a intenção de aborrecê-lo, Remus, mas não há nada em você que me assuste nem um pouquinho. Quando olho para você, tudo que eu vejo é um homenzinho inseguro tentando sair de debaixo da sombra do antecessor. Mas Ardiloso Cortês lançou uma sombra bem grande, não foi?

— Você acha que isto é ciúme? — Crucial sorriu. — Que é por isso que eu quero tanto prendê-lo? Não é ciúme, Srta. Tristeza.

Eu sei quem ele é. Ouvi histórias sobre ele. Ouvi até uma história que pouquíssimas pessoas já escutaram. Acho que você sabe qual é.

— Tenho certeza que sim. Você não quer mesmo um pouco de chá?

— Você não está compreendendo a seriedade da situação. Ouvi esta história em particular de um moribundo, que queria transmitir seu maior segredo

antes de partir. Ele era um Necromante, na verdade. Nunca tive muito tempo para magos da morte, mas esse era diferente. Eu já tenho a sua atenção?

Porcelana suspirou e levou o chá até a escrivaninha.

— Diga logo o que você tem a dizer, Remus, tenho um assunto para resolver.

O detetive se inclinou para frente.

— Eu sei como Ardiloso Cortês voltou da morte, Srta. Tristeza, e sei o que aconteceu depois. E também sei o que você fez.

Ela o observou com olhos frios e não disse nada.

— Eu já sei há pelo menos dois anos — Crucial continuou. — Estava procurando por provas para apoiar essa acusação, mas não tinha nem os recursos nem a autoridade necessários. Mas desde que o Grande Mago me nomeou, eu venho trabalhando nisso, em segredo, descobrindo os detalhes pedacinho por pedacinho.

— Eu genuinamente não faço ideia do que você está falando.

— Você acha que ele sabe o que você fez? Mas o que eu estou dizendo? É claro que não sabe. Se soubesse, você estaria morta, não é verdade?

— Você não quer me aborrecer — afirmou Porcelana, empurrando a xícara para o lado. — Você não iria gostar de me ver aborrecida.

— Traga-os para mim — retrucou Crucial. — Organize um encontro, prepare uma armadilha. Cortês e Caos. Quero os dois embrulhados para presente e numa bandeja.

— Não.

— Se você não me obedecer, vou levar minhas suspeitas ao público, e você sabe o que vai acontecer então. Ele tem uma mania de vingança, não tem?

Porcelana estreitou os olhos azuis.

— Ele está tentando nos salvar.

— Ele está trabalhando para a Diablerie.

— Não seja ridículo.

— Ele auxiliou o inimigo, Srta. Tristeza. Será capturado, julgado e mandado para a prisão. A única coisa que importa para mim, o único resultado que me interessa, é vê-lo fora das ruas, e eu conseguirei isso com ou sem a sua ajuda. Para o seu próprio bem, acho que você deveria cooperar.

— Precisamos dele.

— Não — respondeu Crucial. — Não precisamos. Ele é uma variável imprevisível.

Precisamos de alguém com regras, com ética, com um senso moral de dever. Alguém como eu. Tenha um bom dia, Srta. Tristeza. Estarei esperando sua ligação.

NA CARNE

Muito de leve, Valquíria passou a língua na prótese colocada no dente quebrado, com medo de tirá-la do lugar antes que tivesse tempo para endurecer. Conspícuo examinou o resultado do seu trabalho e assentiu com a cabeça.

— Vai ficar bom.

— Parece que tá meio grande — disse Valquíria.

— É porque está grande mesmo. Depois de algumas semanas você vai desgastá-la um pouco e então ficará nivelada com os outros dentes. Você nem vai lembrar que ela está lá.

Não morda nada por algumas horas, é melhor você evitar comer qualquer coisa particularmente grudenta ou dura, e realmente deveria parar de levar socos na cara.

Valquíria olhou para as botas.

— Desculpa — murmurou.

— Você não tem que se desculpar comigo, não sou eu que estou levando socos.

— Obrigado por fazer isto, Conspícuo.

O cientista suspirou.

— Posso ter meus problemas com o Sr. Cortês, e posso não gostar das coisas que você está aprendendo, e da maneira como você é tratada, mas não ache que eu tenho alguma coisa contra você por causa desses sentimentos.

— Mas eu sou bem tratada.

— Você é tratada como uma adulta — explicou Conspícuo. — Isso não é ser bem tratada. O fato é que, não importa o quanto você se comporte de forma diferente, você é uma criança e deveria ser tratada como uma.

— Você não me trata como uma criança.

Conspícuo sorriu.

— É claro que trato, mas você parece ter esse conceito ridículo de que ser tratada como criança quer dizer ser tratada com menos respeito do que um

adulto.

— Nem todo mundo pensa como você.

— E o que foi que eu sempre lhe disse em relação às outras pessoas?

— Elas são idiotas. — Valquíria sorriu.

— E o seu lindo sorriso voltou. Sabe, às vezes eu acho que sou melhor do que até mesmo eu acho que sou.

— E isso é possível?

— Eu não tinha pensado que era.

Valquíria pegou o casaco e ouviu Conspícuo suspirar irritado.

Ardiloso estava na porta.

— É melhor nós irmos — comentou Ardiloso. — Mais cedo ou mais tarde, Grêmio vai mandar alguém aqui para nos procurar.

— Ah, é mesmo — disse Conspícuo. — Estou abrigando fugitivos agora, não estou?

Olha só que interessante. Você me pediu ajuda e então me transformou num criminoso.

— Eles não vão saber que estivemos aqui — Ardiloso prometeu.

— E quanto ao garoto irritante? Você vai levá-lo junto?

— Pode ser mais seguro se ele vier conosco.

Conspícuo riu.

— Mais seguro? Mais seguro?

— Não podemos confiar em Túrido Grêmio. Se ele descobrir a identidade de Fletcher, poderia entregá-lo à Diablerie. Ele pode ser o líder da Diablerie.

— Você já ouviu o que está dizendo? Ouviu? Você está delirando! Está vendo inimigos e conspirações por todos os lados! Está colocando as pessoas ao seu redor em perigo sem pensar no bem-estar delas!

— A ameaça apresentada pela Diablerie é real, professor.

— Então deixe o Santuário lidar com ela. Eles têm os recursos, têm os Talhadores.

Você tem uma garota de 14 anos de idade que coloca a vida em risco todas as vezes que sai com você.

Ardiloso se virou e começou a andar. Valquíria deu um sorriso hesitante para Conspícuo e seguiu o detetive, mas o professor não tinha acabado. Ele correu até Ardiloso e segurou-lhe o braço, forçando o a se virar.

— Você não sente um grama de responsabilidade? Valquíria estava numa luta com um homem adulto há menos de duas horas. Você não se sente mal pelo que aconteceu?

— Mas eu estou bem — Valquíria comentou baixinho.

— Ela poderia ter morrido — Conspícuo continuou. — Mais uma vez, enquanto estava lá fora com você, ela poderia ter sido morta. Você teria sentido algo, então?

— Solte o meu braço, professor Lamento.

— Pense na época em que você ainda era vivo, Ardiloso, em que você ainda era feito de carne e sangue, e me diga: você se lembra de ter possuído um coração algum dia ou já nasceu morto?

Antes que Ardiloso pudesse responder, Clarabela chegou correndo.

— Sumiu! — gritou ela. — A estátua de Medonho sumiu!

Ardiloso disparou com Valquíria logo atrás. Eles passaram por Clarabela e continuaram até a câmara. Fletcher estava saindo de uma sala e teve que pular para o lado para não ser derrubado.

Eles irromperam pelas portas e Ardiloso correu até o local onde a estátua costumava ficar. Valquíria se apressou em seguir as paredes da câmara, tateando com a mão. Conspícuo e Clarabela chegaram e Fletcher os seguiu.

— Quem esteve aqui dentro? — inquiriu Ardiloso.

— Ninguém — respondeu Clarabela. — O que vocês estão procurando?

— Rachaduras — explicou Valquíria. Ela lançou o olhar em volta buscando algum sinal de que Sanguíneo tivesse passado por ali.

— Eles o levaram — Ardiloso concluiu, bravo. — Os capangas da Diablerie.

Entraram aqui de algum jeito e levaram Medonho. Não sei como, mas eles conseguiram.

Tanith chegou correndo, e mesmo que Valquíria não a visse há semanas, não havia clima para sorrisos. Tanith, por outro lado, parecia estar muito animada.

— Oi! — exclamou, feliz.

— Pegue sua espada — avisou Ardiloso, tirando o revólver. — Eles ainda podem estar na área.

— Eu perdi a minha espada — confessou Tanith. — E depois caí de um prédio. E

leveí uma facada na mão. — Ela ergueu a mão direita, que estava enfaixada. — Quem ainda pode estar na área? O que está acontecendo?

— Medonho — foi tudo que Valquíria conseguiu dizer.

— Eu sei! — respondeu Tanith, emocionada. — Não é maravilhoso?

Ardiloso virou a cabeça ferozmente.

— O que é maravilhoso?

O sorriso de Tanith desapareceu e a incerteza lhe nublou os olhos.

— Hum. Medonho.

— O que há de maravilhoso com Medonho? Ele desapareceu.

Tanith franziu o cenho.

— Mas eu estava falando com ele agorinha mesmo.

Todos olharam para ela, em seguida ouviram passos, e então olharam para a porta por onde um homem entrava. Um homem com físico de boxeador e roupas de alfaiate, com cicatrizes recobrando a cabeça inteira e um sorriso que era fraco mas sincero.

— Medonho! — gritou Valquíria, com a voz vergonhosamente aguda, e se atirou nele. Medonho grunhiu com a ferocidade do abraço e em seguida riu.

— Saiam da frente — Conspícuo ordenou, avançando. — Deixem-me vê-lo.

Valquíria saltou para o lado e permitiu que Conspícuo examinasse o paciente.

— Você se lembra do seu nome? — perguntou, acendendo uma lanterna nos olhos de Medonho.

— Sim, eu me lembro, professor. Meu nome é Medonho Reservado. Sou um alfaiate, minha cor favorita é verde e eu não tenho animais de estimação.

— Isso dói? — Conspícuo indagou e então o cutucou no rosto com o dedo.

— Ai. Dói.

— Tudo bem, então — Conspícuo recuou. — Você está bem.

Sem esperar por uma resposta, o cientista se virou e saiu da sala.

— Ele continua ranzinza — murmurou Medonho.

Ardiloso parou diante dele. Os dois amigos se entreolharam.

— Tanith me contou que eu estive fora por pouco mais de dois anos — disse Medonho.

— Isso mesmo.

— É um longo tempo.

— É sim.

— Não tão longo quanto poderia ter sido, mas ainda assim um longo tempo. Você...

você não vai me abraçar, vai?

Ardiloso considerou a ideia por um longo momento.

— Provavelmente não — concluiu.

— Seria simplesmente esquisito — explicou Medonho.

— Entendo.

— Eu aceito um aperto de mão, porém.

— Fico meio constrangido com isso.

Medonho deu de ombros.

— Eu entendo, você precisa de espaço.

Valquíria ficou olhando para a dupla, incapaz de acreditar no que estava vendo, e então Medonho abriu um sorriso e ela entendeu que era uma coisa de homem. Os dois amigos se abraçaram e a menina sorriu feliz.

Fletcher se inclinou para frente.

— Quando é que alguém vai contar pra ele que a cabeça dele tá toda cheia de cicatrizes?

A Alfaiataria Reservado ficava escondida na beira da rua suja, como um cão sarnento, velho e burro demais para sair da chuva. A Ameça Roxa parou na frente e Ardiloso e Medonho saltaram, em seguida puxando os assentos para frente de modo que Valquíria e Fletcher pudessem sair também. Fletcher estava fracassando horrivelmente na tentativa de não ficar olhando para as cicatrizes de Medonho, mas o constrangimento do rapaz era divertido, então Valquíria não fez nada para deixá-lo mais tranquilo.

Tanith chegou e parou a moto ao lado deles. A chuva escorria pela roupa de couro conforme ela desmontava e tirava o capacete, e Fletcher finalmente arranhou outra coisa para olhar fixamente.

Valquíria revirou os olhos.

Medonho acenou para um vizinho que passava e recebeu um

“Bem-vindo de volta” baixinho como resposta. Abriu a porta da loja e os deixou entrar. Estava bolorento lá dentro, mas arrumado.

Roupas semiacabadas estavam penduradas em manequins, e as paredes eram cobertas por estantes que continham tecidos familiares e exóticos.

— Você sonhou? — indagou Tanith, como se aquela pergunta a tivesse incomodado no caminho até ali.

— Não, não sonhei — respondeu Medonho, indo direto até as estantes, passando a mão sobre os tecidos.

— Nada mesmo? Você simplesmente tem um espaço vazio na sua cabeça onde os dois últimos anos deveriam estar?

— A última lembrança que eu tenho é estar lutando contra o Talhador Branco. Então abri os olhos e estava ajoelhado naquela câmara. Quanto aos sonhos, não tive nenhum que consiga me lembrar, mas de qualquer maneira, eu nunca lembro dos meus sonhos.

— Eu tive um sonho ontem à noite — Fletcher se intrometeu, olhando para Tanith. — Eu acho que você estava nele.

— Você nem me conhecia ontem à noite.

— E essa é a tragédia.

— OK! — exclamou Tanith, se obrigando a sorrir. — Vou fazer uma xícara de chá para mim. Alguém mais quer?

— Eu adoraria uma xícara de chá — Medonho respondeu, soando como se realmente precisasse de uma.

Fletcher lançou um sorrisinho cafajeste para Tanith.

— Eu vou querer um uísque.

— Você vai tomar uma xícara de chá também — Tanith retrucou bruscamente e desapareceu na sala dos fundos.

— Então eu vou lhe ajudar a fazer — Fletcher decidiu, indo atrás dela.

Medonho olhou para Valquíria.

— Acho que você cresceu demais para esse traje.

— Eu acho que sim.

— Como você acha que nós deveríamos fazer o traje novo? Preto de novo, ou você gostaria de misturar um pouco?

A adolescente hesitou.

— Eu realmente gosto do preto.

— Mas com alguma outra coisa no meio? Acho que deveríamos incluir alguma cor.

Talvez alguma coisa no forro — Medonho puxou um rolo de tecido vermelho vibrante e o ergueu contra a luz enquanto conversava com Ardiloso.

— Então Serpênteo está morto. E quanto ao Talhador Branco?

— Não sabemos onde ele está — contou Ardiloso. — Abandonou Serpênteo bem quando era mais necessário. Isso acabou sendo muito bom para o nosso lado.

— E então Vingança voltou, mas agora ele está morto, e atualmente a Diablerie reapareceu e vai tentar trazer os Sem-Rosto de volta, e então todos nós vamos morrer.

— Sim.

Medonho colocou o tecido vermelho na mesa e foi procurar mais.

— E quanto a esse tal de Batu?

— Salomão Mortalha acredita que Batu seja apenas um pseudônimo para Gáudio Cadafalso, mas eu não tenho tanta certeza.

Quem quer que ele seja, Batu libertou Vingança, o colocou como líder e o utilizou para fazer o que precisava ser feito. Agora que Vingança se foi, ele pode estar fazendo tudo de novo: colocando Mortalha como o líder para nos despistar.

— Para nos manter distraídos por tempo suficiente para trazer os Sem-Rosto de volta — concordou Medonho. — Bem, esse é um plano particularmente traiçoeiro, eu tenho que dizer. Significa que o nosso inimigo pode ser qualquer um. Você já conversou com Porcelana sobre isso?

— Ela não tem nenhuma pista.

— Por favor, me diga que você não confia nela hoje em dia.

Ardiloso hesitou e Medonho suspirou.

— O líder da Diablerie, seja ele Cadafalso ou Batu ou qualquer outra pessoa, já está planejando isso há anos. Se há alguém que nós conhecemos que seria capaz de usar esse tempo todo para manipular todo mundo para que acreditem que ela está do lado do bem, esse alguém é Porcelana. Manipular pessoas é o que ela faz de melhor.

— Eu sei o que eu estou fazendo.

— No que diz respeito a Porcelana Tristeza, você dificilmente sabe o que está fazendo — Medonho estendeu o tecido sobre a mesa, assentiu com a cabeça e olhou para cima. — Valquíria, botas.

— Eu preciso de botas novas.

— Certamente que sim. Venha por aqui.

Eles deixaram Ardiloso e foram para uma saleta onde ficavam as ferramentas antiquadas de sapateiro que Medonho tinha. Tipos diferentes de couro estavam pendurados nas paredes, e havia bandejas com pregos, colas, agulhas e linhas.

— Tudo que um cordonnier pode precisar — Medonho comentou quando viu que Valquíria examinava o ambiente.

— Eu não sei o que isso quer dizer.

— É sapateiro em francês. Ardiloso não é o único que conhece palavras diferentes — disse, sorrindo.

As cicatrizes, distribuídas com precisão e recobrando toda a cabeça dele, tinham parecido feias para Valquíria anteriormente.

Mas não eram mais repulsivas. Eram um símbolo das coisas que ele teve que aguentar, das coisas que precisou superar, e assim as cicatrizes tinham se tornado algo bom, algo nobre.

O sorriso dele ficou triste.

— Ele anda arrastando você para um monte de encrencas, pelo que ouvi.

Valquíria manteve a voz neutra.

— Eu já tive essa conversa com Conspícuo, então vou lhe dizer o que disse a ele.

Ardiloso não me levaria com ele se eu não quisesse ir. — A menina fez uma pausa, deixou um momento passar.

— Medonho, por que você não gosta de mim?

O alfaiate arregalou os olhos sutilmente.

— O quê?

— Eu sei que você me acha jovem demais, mas há garotos mais novos do que eu fazendo magia. Eles estão por todos os lados. E você fez magia desde que nasceu.

Medonho ficou quieto, em seguida se virou para a pia e encheu uma bacia de água.

— Você poderia tirar as botas e meias, por favor?

A adolescente fez o que ele pediu e o alfaiate colocou a bacia no chão, indicando com um gesto que ela deveria pisar dentro.

Valquíria puxou as pernas das calças para cima e mergulhou os pés nus na água fria.

— Na primeira vez que nós nos encontramos — falou Medonho. — Eu lhe disse para esquecer tudo isto e ir para casa. Você lembra?

— Sim.

Ele fez um gesto com a mão e a água na bacia começou a parecer mais grossa e pesada.

— Eu ainda acredito nisso. Você deveria estar na escola, Valquíria; deveria estar vivendo a vida que tinha antes que a magia interrompesse tudo. Deveria ir para a faculdade, arranjar um emprego, se apaixonar, viver feliz para sempre. Senão, você vai morrer.

— Todo mundo morre — argumentou Valquíria, tentando dar de ombros casualmente.

— Mas, quando você morrer, vai ser de um jeito horrível.

— Você pode tentar me assustar o quanto quiser, mas não vai funcionar.

— Eu não estou tentando assustar você. — Com um gesto, a água se abriu.
— Você pode sair agora. — A menina o fez e, com outro gesto, a água voltou à posição que ocupava antes. Dois moldes perfeitos dos pés dela se mantinham na bacia. Medonho colocou a bacia numa mesinha e despejou um pó negro dentro dela, quase esvaziando a caixa que o continha, e depois olhou para Valquíria enquanto ela secava os pés com uma toalha e vestia as meias.

— Ardiloso já lhe contou alguma vez sobre a minha mãe?

— Sobre ela ter sido campeã de boxe?

— Ela não era só boxeadora. Não era só uma esposa ou uma mulher, ou só uma coisa qualquer. Ela era uma mulher excepcional. Era uma Sensitiva, ele lhe contou isso?

Valquíria começou a calçar as botas.

— Tipo uma médium? Como Lívido Errado?

— Isso mesmo. O dom particular da minha mãe era ser uma Vidente, mas era um dom que ela não desejava. Não o cultivou, pois não tinha interesse em saber o que o futuro reservava para si ou qualquer outra pessoa. Ela preferia descobrir quando chegasse lá. Mas, às vezes, não tinha escolha. Tinha uma visão, ou sonhava algo, ou escutava uma voz de uma conversa que ainda não tinha acontecido.

Valquíria se levantou, olhando para a bacia. O pó negro estava girando dentro dos moldes dos pés dela, girando e se solidificando.

— O que isso tem a ver comigo desistir da magia?

— Ela viu você — revelou Medonho. — Foi uma das poucas visões que me contou.

Minha mãe me disse que, em algum momento, Ardiloso iria aceitar uma parceira, uma garota com cabelos e olhos escuros. Eu soube que era você quando lhe conheci, e fiz o máximo para lhe afastar. Você é uma garota teimosa, alguém já lhe disse isso?

— E o que foi que ela viu?

— Viu você morrer.

Valquíria recuou um passo.

— Ah.

— Se você pretende me perguntar sobre um lugar ou uma data, lamento. Minha mãe nunca foi específica assim.

— Como... como eu morro?

— Sofrendo — foi a resposta. — Berrando.

Valquíria passou a língua no dente novo e não disse nada.

Medonho mexeu a mão sobre a bacia e Valquíria ouviu o barulho da água voltando ao estado normal. O alfaiate tirou os modelos negros da marca dos pés da adolescente e os colocou sobre a mesa.

— Minha mãe disse que haveria um inimigo com quem você teria que lutar. Uma criatura de trevas. Disse também que Ardiloso lutou ao seu lado por algum tempo, mas... Ela sentia mais as coisas do que via, sabe? Captou sensações de terror, morte e futilidade. Sentiu que o mundo estava à beira da destruição, e sentiu o mal. O mal inimaginável.

Alguma coisa ficou presa na garganta de Valquíria, que se forçou a engolir.

— E de onde ela veio, essa criatura?

— Não sei.

— Bem, o que ela era? Um vampiro, ou um Sem-Rosto, ou...

— Eu não sei.

— Então a única coisa que você realmente sabe é que eu vou morrer? Bem, já vi filmes sobre viagens no tempo. Eu sei que o futuro não está garantido. Sei que saber o que vai acontecer pode mudar o que acaba acontecendo. É isso que vou fazer. Vou treinar ainda mais, e quando encontrar essa criatura

de trevas vou dar uma bela surra nela, botar uma coleira e fazer dela o meu bichinho de estimação.

— Eu não acho que isso pode ser mudado.

— Então você não me conhece muito bem.

Medonho olhou para Valquíria por um bom tempo, depois inspirou fundo antes de soltar um longo e resignado suspiro.

— Mais uma coisa — a menina acrescentou. — Caso você não tenha percebido, isso tudo que aconteceu agora era eu tomando a minha decisão quanto a essa coisa toda de desistir.

Medonho assentiu com a cabeça.

— Não vou tocar nesse assunto de novo.

— Ótimo. E, Medonho, estou muito feliz que você esteja de volta.

— Obrigado. — Ele sorriu.

Ardiloso entrou.

— Temos que ir.

— Mas eu ainda estou esperando pelo meu chá — Medonho retrucou, chateado.

— Não temos tempo para chá. Quando visitamos a fazenda Aranmore, deixei o meu número com Paddy Hanratty para o caso dele notar alguma atividade estranha nas terras dele.

Paddy acabou de ligar. Disse que viu um homem de cabelos escuros vagando por lá.

— Você acha que era Gáudio Cadafalso? — indagou Valquíria.

— Ou Batu?

— Acho. Paddy escutou o sujeito falando no celular, dizendo alguma coisa sobre preparar o local, e então foi embora sem dizer a Paddy o que estava fazendo ali.

— Isso não é bom — comentou Medonho, meio ranzinza.

— O que foi? — Valquíria franziu o cenho.

— Parece que os capangas da Diablerie sabem exatamente onde o portal vai se abrir — explicou Ardiloso, se virando para Valquíria.

— Se a sorte estiver do nosso lado, eles terão que passar algumas horas vagando pela fazenda tentando achar o lugar exato antes de tentar abrir o portal. Obviamente, como sempre acontece conosco, a sorte não vai estar do nosso lado.

— Então, se eles já sabem onde o portal vai se abrir — disse Valquíria. — Se eles de alguma forma puserem as mãos em Fletcher, poderão botar para quebrar.

— De fato, poderão.

— E o que nós vamos fazer?

— A primeira coisa é saber o que o nosso inimigo sabe, então temos que descobrir por nossa conta. Ou melhor, Fletcher tem que fazê-lo.

A dupla voltou para o salão principal da loja, onde Tanith estava sentada de cabeça para baixo no teto, com cara de aborrecida.

Fletcher olhava para ela, tonto de paixão.

Ardiloso balançou a cabeça.

— Ah, pelo amor de Deus...

O HOMEM QUE SE TORNARIA REI

A sala era só mais uma no centro de convenções. Nas outras salas, executivos estavam mostrando fluxogramas e gráficos aos clientes, mas não havia fluxogramas ou gráficos aqui. Nesta sala, nove pessoas estavam sentadas ao redor de uma longa mesa, e todas olhavam para o homem careca parado junto à janela.

O Sr. Êxtase olhou para Dublin.

— O que vocês estão conversando aqui é ilegal — afirmou.

— Não temos escolha — um homem com olhos dourados respondeu. — Podemos ver aonde Grêmio está nos levando com sua liderança, e não temos

a menor intenção de segui-lo por aquela estrada. O Santuário precisa de um novo líder.

— Há outros mais qualificados do que eu.

Uma mulher vestida de cinza balançou a cabeça.

— Mas eles desejam exageradamente esse cargo.

— Substituir Grêmio provocaria uma luta internacional pelo poder.

— Não se o substituto for respeitado internacionalmente. Êxtase, se nós derrubarmos Grêmio e você se tornar o Grande Mago, isso vai fortalecer nossa posição. Os Conselhos do mundo inteiro conhecem você. Muitos deles o temem.

— Eu não tenho desejo algum de liderar.

— Talvez não seja uma escolha sua — o homem de olhos dourados falou. — Alguém tem que resistir. Alguém precisa se opor a essas novas leis que Grêmio pretende introduzir.

Lamento, meu amigo, mas você é o único que pode fazer isso sem iniciar uma guerra.

Êxtase ficou em silêncio por algum tempo.

— Se vamos fazer isto, vamos fazer do meu jeito.

— É claro.

— E vamos esperar até que esta crise termine.

— De acordo.

Êxtase se virou para eles e assentiu com a cabeça.

— Muito bem.

FAZENDA ARANMORE

Ardiloso dirigiu a van de Medonho, com Valquíria no banco do carona. Medonho, Tanith e Fletcher se sentaram no banco traseiro. Não importando quão fechada a curva ou quão profundo o buraco no asfalto, Medonho e Tanith continuavam perfeitamente imóveis.

Fletcher, por outro lado, estava sendo jogado de um lado para o outro como um sapato velho numa máquina de lavar, e não estava gostando nada daquilo.

Eles chegaram a Aranmore e seguiram até a casa sede. Pela aparência da área, não tinha chovido muito por ali. Valquíria estava ficando cansada de chuva.

A van parou e Ardiloso se assegurou de que o cachecol e os óculos estavam no lugar certo. O detetive puxou o chapéu bem para baixo e saiu. Valquíria saltou do outro lado enquanto Paddy vinha andando até eles, com uma pá na mão e o rosto vermelho dos esforços recentes.

— Eu liguei para você porque eu disse que o faria se visse alguma coisa suspeita — afirmou o fazendeiro, soando irritado. — Não porque eu queria que vocês voltassem.

— Sabemos disso — concordou Ardiloso. — Mas não tivemos muita escolha.

— Vocês não estão entendendo. Não vou vender estas terras, nem para vocês, nem para aquele outro cara, nem para ninguém.

— Não estamos tentando comprar sua casa.

— Ótimo, porque não vão conseguir.

Valquíria permaneceu calada. No caminho até ali eles conversaram sobre qual seria a melhor maneira de abordar o velho.

Precisariam que ele partisse antes que alguma coisa ruim acontecesse, mas tinham concordado que Paddy não era do tipo que se assustaria facilmente. Então decidiram lhe contar a verdade.

— O senhor segue alguma fé em particular? — indagou Ardiloso.

Paddy ergueu as sobrancelhas.

— Você não está tentando me vender uma bíblia, está?

— Não.

— Então quer me converter? Isso é muito lisonjeiro da sua parte, mas olhe só para mim. Acha mesmo que valha a pena?

— Não estamos aqui para converter o senhor — respondeu Ardiloso, com um tom de diversão gentil na voz.

Paddy olhou para os dois.

— Vocês estão tentando me confundir de propósito?

— De maneira alguma. A confusão vem naturalmente.

Paddy suspirou.

— Sim, eu sigo uma fé em particular. Jamais diria que sou abertamente religioso, mas...

— Então o senhor está disposto a aceitar que existem aspectos desta vida que estão além da nossa compreensão atual?

Paddy deu de ombros.

— Quando mais velho você fica, mais percebe o quanto não sabe. Então sim, eu aceito isso.

— E quanto à magia?

— Magia do tipo “coelhinho na cartola”?

— Não.

— Você quer dizer magia de verdade? Se eu acredito que magia de verdade existe?

— O senhor acredita?

Paddy fez uma pausa.

— Engraçado você me perguntar isso. Meu pai, Pat Hanratty, acreditava. Por algumas coisinhas que ele me dizia durante a minha infância fiquei com esta impressão. Por que a pergunta?

Ardiloso olhou para Valquíria, que estalou os dedos e invocou uma chama.

O rosto de Paddy se transformou e Valquíria percebeu que o velho estava sorrindo.

— Bem, isso é impressionante, tenho de admitir. Como você fez?

— Magia — Valquíria respondeu e puxou a manga para mostrar que não era um truque.

O sorriso de Paddy diminuiu um pouco.

— Eu... eu não tenho certeza se entendo...

— Seu pai estava certo — afirmou Ardiloso. — Magia de verdade existe. Feiticeiros de verdade existem. Paddy, há pessoas ruins que querem mudar este mundo, e eles precisam destas terras para fazê-lo.

Paddy balançou a cabeça lentamente.

— Eu não sei o que você quer...

— Estas terras são importantes — Valquíria explicou, extinguindo a chama.

— É

aqui que tudo vai acontecer.

— Tudo vai acontecer, o quê?

— Um portal vai se abrir — contou Ardiloso. — Entre este mundo e algum outro, e os Sem-Rosto virão para cá.

— Sem-Rosto...?

— São os bandidos. Nós somos os mocinhos.

— Sem querer ofender — disse Paddy —, mas acho que vocês dois são meio malucos.

Ardiloso tirou os óculos, o cachecol e o chapéu, e Paddy ficou olhando para ele.

— Não — o velho mudou de ideia. — Aparentemente eu sou o maluco aqui.

Valquíria observou o fazendeiro atentamente. O rosto dele estava pálido e os olhos arregalados, e a menina se preparou para socorrê-lo se ele desmaiasse. Mas, em vez de apagar, Paddy apertou os lábios e assentiu com a cabeça.

— Muito bem. OK. Certo. Você é um esqueleto.

— Eu sou.

— Tudo bem. Só estava confirmando. E você, você é mágica também?

— Sou — respondeu Valquíria.

— Certo. Acho que eu preciso me sentar.

— Antes — Ardiloso acrescentou — eu gostaria de lhe apresentar alguns amigos.

A porta lateral da van se abriu para que Medonho e Tanith saíssem, seguidos por Fletcher.

Paddy olhou fixamente para Medonho.

— O que foi que lhe aconteceu?

— Eu fui amaldiçoado antes de nascer — explicou Medonho.

— Ah, sim, uma coisa assim pega que é uma desgraça mesmo. Então vocês são todos mágicos? Até mesmo o garoto com o cabelo ridículo?

— Eu sou Fletcher Rem — o rapaz fez uma careta. — Sou a pessoa mais importante do mundo neste momento.

Paddy olhou para Fletcher, depois para Ardiloso e se virou para Valquíria.

— A mágica automaticamente transforma as pessoas em chatos insuportáveis, ou eu é que fui sortudo de receber dois desses ao mesmo tempo?

— Foi sortudo. — A menina sorriu.

O fazendeiro balançou a cabeça, espantado.

— Meu pai teria adorado isto. Ele teria realmente adorado isto. E as minhas terras são importantes?

— Muito — Ardiloso confirmou e se virou para Fletcher. O detetive explicou ao rapaz o que ele deveria fazer, e Fletcher olhou para Ardiloso com uma expressão de ceticismo, mas acabou seguindo as instruções. Ele ergueu as mãos e andou devagar para frente com os olhos fechados. Ardiloso o seguiu.

Deixando Tanith com Medonho, Valquíria e Paddy seguiram logo atrás.

— Você ainda precisa se sentar? — indagou a menina.

— Acho que estou bem, obrigado.

Ela olhou a pá nas mãos dele.

— Trabalhando muito?

Paddy assentiu com a cabeça.

— Cavando. Você tem algum feitiço para cavar?

— Hum, não que eu saiba...

— Isso teria sido útil. Eu desperdicei tanto tempo da minha vida cavando buracos com uma pá. Provavelmente desperdicei tanto tempo da minha vida fazendo outras coisas também. A vida teria sido muito mais fácil com magia. Como ela é para você?

Por um momento, Valquíria pensou em minimizar tudo, dizer que não era lá grande coisa, mas a expressão nos olhos de Paddy fez com que ela dissesse a verdade.

— É fantástica — admitiu.

— E como é que você sabe que eu consigo fazer isso? — Fletcher perguntou para o detetive à frente.

— Você consegue fazer isso porque é algo que você consegue fazer — respondeu Ardiloso. — Você vai começar a sentir uma sensação de formigamento quando estiver num local em que as paredes da realidade são mais finas.

— Formigamento?

— Ou cócegas. Ou ardência.

— Ardência?

— Ou poderá ter uma dor de dente ou sangramento no nariz ou uma convulsão. É

difícil dizer.

— Eu posso ter uma convulsão?

— Não se preocupe, não vou deixar você engolir a língua.

Fletcher fez cara de bravo.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — Paddy indagou baixinho. — Quando você encontra as pessoas que costumava conhecer, como outras crianças da sua idade, como você se sente? Você os despreza?

— Por que eu os desprezaria?

— Uma pessoa que consegue correr rápido desconsidera as pessoas mais lentas do que ela. E se alguém conseguir correr realmente rápido? Então as pessoas que são mais devagar se tornam pouco mais do que um aborrecimento, e depois uma fonte de irritação.

Superioridade gera desprezo.

— Eu não concordo com nada disso — respondeu Valquíria, balançando a cabeça. — Consigo fazer algumas coisas que as outras pessoas não conseguem, mas essas outras pessoas podem fazer coisas que eu não posso. No fim, tudo se equilibra.

Paddy sorriu.

— Mas essas outras pessoas talvez sejam melhores do que você nos deveres de casa, ou no futebol, ou em consertar bicicletas... enquanto você faz magia. Eu não chamaria isso de uma competição justa.

— Bem, OK, eu concordaria com isso, mas ainda não significa que os mortais tenham que ser desprezados.

— Mortais? É assim que vocês nos chamam?

Valquíria corou.

— Não é um termo oficial ou coisa assim. Tipo assim, é um termo impreciso porque vocês são mortais, mas nós também somos, então...

Paddy não pôde deixar de sorrir.

— Acho que o meu argumento foi confirmado.

— O quê? Não, não foi.

— E como as pessoas mágicas se chamam? Mágicos?

— Feiticeiros — disse Valquíria. — Ou magos.

— Então as pessoas mágicas se veem como magos e todo mundo mais como mortais.

E isso não soa como um grupo de pessoas se elevando ao nível dos deuses, para você?

— Feiticeiros não acham que são deuses.

— E por que não deveriam? Eles têm poderes de deuses, não têm? Têm a magia na ponta dos dedos. Seus assuntos afetam o mundo. Se vocês fracassarem na sua “missão” atual, o que vai acontecer?

Valquíria hesitou.

— O mundo vai acabar.

Paddy riu.

— Maravilhoso! Lindo! Você está vendo? A importância do seu trabalho! Um mortal fracassa no trabalho dele, e o que acontece a ele? Ele não recebe o bônus de Natal? Ele é rebaixado? Demitido? E a vida continua ao seu redor. Mas se um mago fracassa, se você e os seus amigos fracassarem, todo mundo morre. Por que vocês não deveriam se considerar deuses? Seguram o destino do mundo em suas mãos. Se isso não é ser um deus, eu não sei o que é.

— Podemos mudar de assunto?

— Para o quê?

— Qualquer coisa que não me faça parecer uma pessoa louca?

Paddy riu e os dois passaram a andar mais perto de Ardiloso bem quando Fletcher anunciou que estava sentindo alguma coisa.

Eles tinham atravessado o pátio, e pararam no capim alto. Os olhos de Fletcher estavam abertos, e os dedos das mãos afastados como um leque. Os passos diminuía de tamanho conforme ele se aproximava do ponto exato.

— É um zumbido — anunciou Fletcher. — Nos meus dedos, igual eu sinto quando me tele porto. OK, agora estou sentindo no corpo todo — O rapaz se virou um pouco. — É

ali. Eu sei que é. Bem ali.

Para Valquíria, o rapaz estava apontando para um espaço vazio, mas a voz dele soava forte e os olhos exibiam certeza.

— O que é tão especial neste lugar? — indagou Paddy. — É igualzinho a todos os outros.

— Não dá para ver — Fletcher retrucou, cheio de desprezo. — Mas eu consigo sentir.

É incrível. Posso abri-lo agora mesmo.

— Não, não pode — afirmou Ardiloso. — Mas parabéns por ter encontrado.

— Não, eu posso fazer mais do que encontrar — insistiu Fletcher. — Eu posso atravessar o portal.

— Você não pode, e eu não aconselharia você a tentar — Ardiloso repetiu, e ele mal tinha pronunciado a última palavra quando Fletcher desapareceu.

Paddy deu um pulo para trás.

— Meu Deus!

Valquíria se virou para Ardiloso.

— Será que ele conseguiu? Será que foi para o outro lado?

— Eu... Eu não sei — admitiu Ardiloso.

Valquíria levou a mão à boca.

— Se ele conseguiu passar para o outro lado, então ele está lá com os Sem-Rosto.

Eles vão fazê-lo em pedaços.

Ardiloso balançou a cabeça.

— Ele não tinha a Âncora de Istmo. Sem ela, não é possível abrir o portal, muito menos passar para o outro lado. Não. É impossível.

— Então onde ele está? — perguntou Paddy.

O telefone de Valquíria tocou, e ela atendeu.

— Ei, Val — Tanith falou do outro lado. — Vocês perderam alguma coisa? Não muito esperta expressão vazia no rosto, cabelo ridículo? Alguma coisa assim?

Valquíria suspirou aliviada.

— Ardiloso, ele está lá na Van.

— Eu vou — Ardiloso grunhiu enquanto passou, andando rápido, por ela — matá-lo.

Eles voltaram para Dublin e Fletcher ainda não tinha dito uma única palavra.

Ardiloso tinha passado quase cinco minutos dando uma bronca no rapaz pelo que ele tinha tentado fazer e, no fim do sermão, até mesmo o cabelo de Fletcher tinha murchado numa pilha emburrada. Tinha sido a coisa mais divertida que Valquíria vira em milênios.

Medonho precisava voltar para a base de Conspício para um check-up, e Tanith concordou em acompanhá-lo. Agora que os dois estavam de volta ao jogo, Ardiloso se sentia mais tranquilo em deixar Fletcher no laboratório. Quando o detetive anunciou essa decisão, o Teletransportador estreitou os olhos e falou pela primeira vez em meia hora.

— Isso tá me dando muito a impressão de que todo mundo tá me pajeando como se eu fosse um bebê.

— É porque eles estão mesmo — Valquíria sorriu.

Valquíria e Ardiloso foram embora bem quando Fletcher perguntava a Tanith se ela o colocaria para dormir naquela noite.

— Qual será o nosso próximo lance? — Valquíria indagou enquanto eles andavam até a Ameaça Roxa.

— Temos que nos preparar para o pior — respondeu Ardiloso.

— Se, apesar dos nossos melhores esforços, eles conseguirem abrir o portal e os Sem-Rosto retornarem, vamos precisar da única arma poderosa o bastante para matá-los.

Valquíria franziu o cenho.

— Que seria?

— O Cetro dos Antigos.

Ardiloso se sentou ao volante e Valquíria entrou pelo lado do passageiro.

— Ardiloso, você quebrou o Cetro.

— Não, eu quebrei o cristal negro que fornecia energia ao Cetro. Teoricamente, tudo que precisamos é de mais um cristal negro e então teremos uma arma capaz de matar um deus.

— E você sabe onde arranjar outro cristal negro?

O detetive ligou o carro e eles partiram.

— Não exatamente.

— Será que existem outros cristais negros?

— Muito provavelmente sim.

— E como a gente vai achar um?

— Pesquisa, minha cara Valquíria.

Os ombros dela caíram.

— Eu odeio pesquisar. É quase tão ruim quanto dever de casa.

— E quando foi a última vez que você fez dever de casa?

— Eu sempre faço dever de casa.

— Sua reflexão faz o seu dever de casa.

— Mas eu ainda tenho que aturar a memória dos deveres. É praticamente a mesma coisa.

— Estou ouvindo milhões de alunos ao redor do planeta chorando de piedade por você.

— Ah, cala a boca.

— Mas não se preocupe, a sua pesquisa vai ser divertida.

— E como você chegou a essa conclusão?

— Seu tio estava planejando escrever um livro sobre o Cetro antes de morrer.

Conhecendo Gordon, isso significa que ele fez um grande número de anotações.

Valquíria se animou.

— Então tudo que eu tenho que fazer é ler as anotações dele?

— Você lê as anotações, eu farei algumas pesquisas por conta própria na biblioteca, e nós veremos quem encontrará uma resposta primeiro.
Combinado?

Valquíria guardou o sorriso para si mesma.

— Ah, tudo bem — respondeu ela, tentando soar irritada. O tio da menina estava morto há dois anos, e ele guardava inúmeros segredos valiosos escondidos no escritório na casa dele. Valquíria adorava vasculhar cada uma das salas secretas e aproveitava todas as chances que tinha de fazê-lo.

Além disso, ela já não conversava com o tio morto há semanas.

A OPORTUNIDADE BATE À SUA PORTA

A Bruxa do Mar ouviu alguém tocar o sino e subiu até a superfície do lago. Ela botou a cabeça para fora da água, para se assegurar de que não era o esqueleto e a garota, de volta para lhe causar mais dor. A Bruxa emergiu do lago e olhou para o homem parado na margem.

— Quem me perturba? — inquiriu ela.

— Eu — respondeu o homem.

— Qual é o seu nome?

— Eu sou Batu.

— Esse não é o seu nome.

— É o nome que escolhi, portanto é o meu nome.

A Bruxa do Mar suspirou.

— Por que você me perturba?

O homem, Batu, olhou para ela.

— A senhora foi desrespeitada, milady. Cinquenta anos atrás eu lhe dei um cadáver, permiti que ele deslizasse por sob suas águas, e agora ele lhe foi roubado.

A Bruxa do Mar rosnou.

— Estou ciente do que aconteceu. E qual é o seu interesse nisso?

— Posso lhe oferecer uma oportunidade — o homem que chamava a si mesmo de Batu respondeu. — Uma oportunidade de se vingar daqueles que lhe ofenderam.

— Como?

— A senhora se mudaria deste lago para o mar, milady. A senhora estaria interessada em tal oportunidade?

A Bruxa do Mar encarou Batu fixamente.

— Você me levaria de volta ao mar? Você poderia fazer isso?

— O mundo mudou desde que a senhora foi aprisionada aqui. Há tanques de água grandes o bastante para contê-la, e veículos poderosos o suficiente para transportá-la.

Pergunto novamente, milady: a senhora estaria interessada?

— Sim — a Bruxa do Mar respondeu, sorrindo pela primeira vez em cem anos. — Ah, sim.

CONVERSANDO COM UM

TIO FALECIDO

A ameaça Roxa entrou na propriedade de Gordon, e Valquíria tirou a chave da porta da frente do bolso e a enfiou na fechadura. O alarme bipou insistentemente até que ela digitasse o código.

A casa de Gordon, porque aquela iria sempre ser a casa dele e jamais dela, nem mesmo no dia em que ela completasse 18 anos, era grande, silenciosa e vazia.

— Vou começar por aqui — anunciou Ardiloso, entrando depois de Valquíria e seguindo para a sala de estar. — Se você quiser começar no escritório, há esperanças de encontrarmos alguma coisa pela manhã.

— Há esperanças — Valquíria repetiu e subiu as escadas. Ela foi até o escritório, fechou a porta e então seguiu direto até a grande estante embutida. A menina puxou o livro falso, a estante se abriu e Valquíria entrou na saleta do outro lado. Pela primeira vez, ela nem olhou para os objetos e artefatos nas prateleiras a sua volta. A Pedra Eco, em sua base sobre a mesa, começou a brilhar e um homem um pouco acima do peso em mangas de camisa surgiu no ar.

Ele sorriu.

— Alô você — saudou. — Percebo, pela expressão séria no seu rosto, que esta é uma visita de negócios, e que você não deu uma passadinha por aqui

só porque sente saudades do seu querido tio falecido?

Valquíria ergueu uma das sobrancelhas.

— É isso que você é agora? Você é Gordon? Não apenas uma gravação da personalidade dele?

— É isso que eu sou — respondeu Gordon orgulhoso.

— E você tem certeza disso? Não vai mudar de ideia no meio desta conversa?

— Eu cheguei a uma decisão. O Gordon de carne e osso pode ter me imprimido nesta Pedra Eco, mas eu continuei aprendendo, evoluindo. Fiz as minhas próprias memórias agora.

Sou uma pessoa tão real quanto ele foi, e porque somos a mesma pessoa, eu sou ele agora, agora que ele não o é mais. Tudo é uma questão de filosofia, na verdade. Eu penso, logo existo, acho.

— É bom saber disso — Valquíria concordou com a cabeça. — Para ser honesta com você, eu lhe vejo como sendo meu tio de verdade também.

— Bem, então é isso aí.

— Então isso significa que eu posso contar sobre você a Ardiloso agora?

— Ah — exclamou Gordon. — Ainda não. Eu... eu ainda não estou preparado para que outras pessoas saibam ao que eu fui... reduzido. Mas não vai demorar muito agora para você poder me compartilhar com o mundo, prometo.

— Certo, ótimo. Não gosto de guardar este segredo.

— Eu entendo e aprecio isso. Então me diga, como vão os seus pais?

— Estão bem. É o aniversário de casamento deles amanhã, então vão viajar para Paris de manhã.

— Ah, Paris — exclamou Gordon, desejoso. — Eu sempre senti uma afinidade muito real pelos franceses, sabe. Um dos meus livros se passou na França, por entre as catedrais e o Champs-Élysées.

Valquíria assentiu com a cabeça.

— Devorador de cérebros. Um dos seus melhores. Gordon, você alguma vez já ouviu falar num homem chamado Batu?

— Não creio que tenha, não.

— Achamos que ele está por trás de uma série de assassinatos, e ele quer usar um Teletransportador para abrir um portal entre esta realidade e seja lá qual for o lugar onde os Sem-Rosto estão presos.

— Isso é possível?

— Ardiloso parece estar levando isso a sério, então eu imagino que seja possível, sim.

— E o que eu posso fazer para ajudar?

— Se os Sem-Rosto voltarem, vamos precisar do Cetro para derrotá-los.

— Mas você não me contou que Ardiloso o quebrou?

— O cristal não funciona mais, porém, se a gente achar outro cristal...

— Ah. E você quer saber se eu descobri alguma coisa sobre os cristais nas minhas pesquisas.

— Exatamente.

— Bom, você está com sorte, porque eu descobri um montão de coisas.

— Você sabe onde a gente poderia conseguir um?

— Na verdade, sei.

— É mesmo? Onde?

Gordon apontou para baixo e Valquíria franziu a testa.

— Nos seus sapatos?

— Nas cavernas.

Valquíria piscou os olhos.

— SÉRIO? Tem cristais negros nas cavernas debaixo desta casa? Você se importaria em dizer por quê?

— Esta casa foi construída sobre a entrada das cavernas centenas de anos atrás, por um feiticeiro chamado Excomungado Lodo.

— Ardiloso me falou sobre ele. O cara costumava jogar os inimigos nas cavernas e soltar os monstros neles.

— Ele não era, como você pode imaginar, um sujeito muito legal.

— Era um seguidor dos Sem-Rosto?

— Não, mas ele os estudava. Estudava a literatura e a história dos Sem-Rosto e dos Antigos porque desejava poder. Comprou as terras, construiu a casa e fez algumas tentativas de explorar as cavernas. Excomungado queria os segredos que as cavernas continham, e elas realmente contêm uma porção de segredos.

— Tipo o quê?

— Por que as criaturas lá embaixo não são afetadas pela magia? Seria alguma coisa no ar? Nas rochas? Seria por causa da combinação de minerais? Não existe uma explicação para isso, Valquíria. Nós simplesmente não sabemos. De acordo com os diários dele, Lodo fez sete expedições às

cavernas. A primeira tinha uma equipe de dez pessoas. Lodo foi o único que voltou. Na segunda, quinze feiticeiros foram perdidos. Mais uma vez, Excomungado Lodo foi o único sobrevivente. Ele percebeu que quanto maior o grupo, mais ferozes eram os ataques. As criaturas eram atraídas pela magia.

— Uma vez que ele descobriu isso — Gordon continuou —, as expedições se tornaram menores e mais bem-sucedidas. Lodo continuou a ser o único a emergir com vida, mas apenas porque estava matando os colegas para garantir os segredos. Na sexta jornada às cavernas, ele encontrou um veio de cristais negros. Instruiu um dos membros do grupo a tirar uma amostra, mas quando o feiticeiro tocou um dedo num cristal exposto, foi consumido por algo que Lodo descreveu como sendo um “relâmpago negro”, e se transformou em poeira.

— Você sabe aonde esse veio fica?

— Há um mapa no último dos diários dele, em uma das prateleiras por aqui. Foi esse diário que me levou a comprar a casa, em primeiro lugar, na verdade, para que eu mesmo pudesse explorar as cavernas. Nunca cheguei até os cristais, sabe. Como eu não tinha magia, na maioria das vezes fui ignorado pelas criaturas, mas mesmo assim, houve algumas vezes em que escapei por pouco, e isso me convenceu a deixar as aventuras para os aventureiros.

— Aquele cara que tentou pegar um cristal virou pó. Como nós vamos conseguir um?

— É aí que a sua herança do povo dos Antigos se torna útil. Foram os Sem-Rosto que mineraram o cristal em primeiro lugar, é verdade, mas os Antigos se tornaram invisíveis aos sentidos do cristal, e assim imunes ao seu poder.

— Eles não eram imunes. Usaram o cetro para matar uns aos outros.

— Ah, mas isso foi quando o cristal estava cravejado no Cetro, quando seu poder destruidor podia ser dirigido a quem quer e o que quer que o usuário quisesse. Nós estamos falando do cristal em seu estado original. Acho que ele reagiu daquela maneira e matou o aventureiro porque, ao contrário de você, aquele feiticeiro não tinha sangue de Antigo.

Valquíria olhou para o rio.

— Você acha?

— Estou relativamente certo.

— Relativamente?

— Muito relativamente. Virtualmente positivo.

— E você está disposto a apostar minha vida nisso?

Gordon sorriu de maneira tranquilizante, em seguida apagando o sorriso e balançando a cabeça.

— Deus, não.

— Mas a sua opinião é que vai ficar tudo bem, né?

— Não faça isso. É uma ideia tola.

— Mas ainda assim, é a sua teoria?

— Uma teoria é o equivalente acadêmico de um palpite. Como eu poderia saber? Não faça isso.

— Cadê o diário? É aquele ali na prateleira atrás de você?

— Não, não é.

— Está escrito O diário de Excomungado Lodo na lombada?

Gordon hesitou.

— Não.

Valquíria deu um passo na direção do diário e Gordon bloqueou a passagem. Ela respirou fundo e meteu a mão pela cara dele.

— Ei! — exclamou ele. — Pare com isso!

Ela puxou a mão de volta, com o diário seguro nos dedos, e Gordon fez cara de bravo.

— Isso não foi legal.

— Desculpe.

— Você não pode simplesmente sair por aí enfiando a mão pela cara das pessoas. É

rude, para começar. Profundamente perturbador, para continuar.

Valquíria pôs o diário sobre a mesa, abriu e folheou as páginas amareladas.

— Sério, desculpe.

— Uma coisa dessas, uma demonstração tão óbvia do que é substancial e do que não é, o que é real e o que não é... Faz você se questionar, sabe?

Valquíria pegou um pedaço dobrado de pergaminho do livro e o abriu. O mapa do sistema de cavernas estava incompleto, com vastas áreas em branco entre trilhas conhecidas e o suposto fim dos túneis subterrâneos.

— Um homem só é tão efetivo na medida do efeito que exerce sobre seu ambiente — Gordon continuou. — E se um homem não for efetivo, se o próprio ser dele é tão insubstancial quanto um pensamento, então o que é esse homem? Ele é mesmo um homem?

Ou é meramente o pensamento de um homem?

Valquíria traçou com o dedo o caminho a partir das palavras “cristais negros”, envoltas por um círculo, de volta por uma trilha e por todas as encruzilhadas, chegando até a entrada da caverna. Pela escala apontada por Lodo, a menina julgou que o caminho tinha pouco mais de três quilômetros para o oeste.

— Suponho que eu não poderia me iludir para sempre — afirmou Gordon, com um tom de derrota na voz. — Sou uma falsificação. Uma fraude. Uma sombra do verdadeiro Gordon Edgley. Uma imitação barata de um grande, grande homem.

Valquíria guardou o mapa dobrado no diário.

— O que você está dizendo?

— Nada — grunhiu Gordon.

— Obrigada por isto — agradeceu a menina, saindo da saleta.

A estante se fechou atrás dela enquanto ela descia correndo pelas escadas até a sala de estar.

Ardiloso estava de pé numa cadeira, verificando os livros na última prateleira.

— Achei — anunciou Valquíria.

O detetive inclinou a cabeça.

— Não. Impossível. Você não pode ter achado alguma coisa.

A menina sorriu.

— Há cristais negros nas cavernas abaixo de nós — explicou ela. —
Aparentemente, eu sou a única capaz de tocá-los por causa dessa coisa toda
dos Antigos. Tenho até um mapa.

Então, está impressionado agora, hein?

Houve um momento de silêncio.

— Você é tão incrivelmente exibida.

— Apreendi tudo com você.

Ardiloso desceu da cadeira e pegou o diário.

— Eu não sou exibido. Simplesmente demonstro minhas habilidades nos momentos oportunos. — Ele examinou o mapa. — Parece que nós vamos às cavernas, então?

— Agora? Só nós dois?

— Gente demais vai atrair muita atenção, e nós simplesmente não temos tempo a perder. A Diablerie esteve um passo a nossa frente o tempo todo. Chegou a hora de acabarmos com isso.

A chave girou na fechadura e o chão do porão de Gordon se abriu.

Valquíria acendeu a lanterna e seguiu Ardiloso pelos degraus de pedra que levavam às cavernas.

Ardiloso leu o ar ao redor deles em intervalos regulares para garantir que eles não estavam sendo rastreados. Três vezes eles tiveram que desligar as lanternas e se abaixar nas trevas até que o caminho estivesse livre. Valquíria ficou de olho aberto, procurando cipós pendurados.

Raios estreitos de luz do sol, capturados acima e lançados abaixo, iluminavam o ambiente ao redor deles. O mapa de Lodo provou ser bem correto, mas quanto mais longe eles iam, mais frio ficava, e Valquíria ficou feliz por ter trazido um dos sobretudos de Gordon para vestir sobre a túnica sem mangas.

Eles seguiram o túnel até o fim e então tiveram que engatinhar por uma abertura na parede. Valquíria visualizou imagens do sistema de cavernas inteiro desabando na cabeça dela. Ela não gostava de espaços apertados. Faziam com que tivesse vontade de agitar os braços, de atacar o vazio sem nenhum motivo. Ela não gostava nem um pouco de espaços apertados.

Ardiloso a ajudou a sair do outro lado e eles consultaram o mapa de novo.

— Os cristais devem estar do outro lado desta esquina — o detetive afirmou. Os dois olharam para a esquina em questão.

— Tenha em mente — continuou ele — que é neste ponto que as coisas geralmente dão espetacularmente errado.

— Eu já percebi isso.

Os dois desligaram as lanternas conforme se aproximavam da esquina. O único som que ouviam era o dos próprios passos.

— Você quer ir à frente? — suspirou Ardiloso.

— Por que eu iria querer isso? — Valquíria sussurrou de volta.

— Eu só achei que você poderia querer me provar alguma coisa.

— Tipo o quê?

— Não sei, talvez que você é tão corajosa quanto eu, ou tão capaz, ou talvez alguma coisa a ver com o fato de você não precisar de um homem para lhe proteger.

Valquíria deu de ombros.

— Estou tranquila com tudo isso.

— Mesmo?

— Mesmo. Espie pela esquina, veja se tem algum monstro esperando pela gente.

Ardiloso resmungou alguma coisa, e então espiou pela virada da esquina. A menina se preparou para bater em alguma coisa ou sair correndo.

— Bem — comentou Ardiloso. — Isso foi inesperado.

EXCOMUNGADO LODO

O túnel se abriu numa enorme caverna, do tamanho de um estádio de futebol. Colunas de luz perfuravam o teto como estrelas no céu noturno e caíam sobre a casa que se erguia diante deles. Valquíria olhou para a construção, um tanto quanto atordoada.

— Isso me parece familiar — a menina terminou comentando.

— Parece mesmo — concordou Ardiloso.

— Isso parece muito com a casa de Gordon.

— Parece muito mesmo.

Os dois ficaram ali parados olhando para a casa. Ela não era uma cópia exata. Era mais fina, e as janelas eram muito estreitas, e a porta não estava no lugar certo. O telhado era muito mais alto e os ângulos estavam todos errados. Era como uma memória da casa de Gordon, filtrada por um pesadelo.

Valquíria não gostava de fazer perguntas óbvias. Na verdade, odiava fazer isso. Mas havia momentos, porém, em que as perguntas óbvias eram as

únicas disponíveis.

— Como é que você acha que isso chegou até aqui? — Perguntou ela.

— Eu não sei — respondeu Ardiloso. — Talvez tenha se perdido.

A dupla caminhou até a construção. A casa estava escura. Algumas das cortinas estavam fechadas. Ardiloso não se deu ao trabalho de fazer o reconhecimento da área. Ele simplesmente bateu à porta da frente e esperou; ninguém apareceu, ele empurrou a porta.

— Olá? — chamou. — Tem alguém em casa?

Não houve resposta, então o detetive sacou o revólver e entrou.

Valquíria o seguiu. De alguma forma, estava mais frio ali dentro do que nas cavernas, e a menina teve um calafrio. Se não fossem pelas lanternas, eles estariam envoltos por trevas absolutas.

Não havia postes de luz ali embaixo, nenhum acesso à eletricidade, então quando Valquíria acionou o interruptor de luz na parede, ela não estava esperando a difusão doentia de luz verde que surgiu das lâmpadas cobertas de poeira.

— Interessante — murmurou Ardiloso.

Era uma sensação perturbadora, estar num lugar tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho. A escadaria que, na casa de Gordon, era sólida e larga, aqui era estreita e retorcida.

Havia quadros nas paredes, pinturas de depravação e tortura.

Eles entraram na sala de estar e Ardiloso acendeu algumas lâmpadas. Aquele mesmo verde doentio transformou a escuridão absoluta num lamaçal insalubre. A cor estava deixando Valquíria nauseada.

Havia uma poltrona e um sofá junto à lareira gélida, e um espelho ornado sobre a cornija. Valquíria cutucou Ardiloso e apontou.

Alguém estava sentado na poltrona.

— Com licença — falou Ardiloso.

O vulto não se mexeu. Tudo que eles podiam ver era uma parte de um braço e o topo da cabeça.

A dupla avançou lentamente até o sofá, se mantendo longe da poltrona. Valquíria via um sapato agora. Depois um joelho. Um homem estava sentado na poltrona, com a mão direita no braço da poltrona, a esquerda no colo. O

terno era antiquado e estava manchado com alguma coisa escura no peito. O bigode descia pelos cantos da boca, chegando até os dois lados do queixo. Os cabelos eram escuros. Parecia ter uns 50 anos. Os olhos estavam abertos, fitando o vazio.

— Oi — cumprimentou Ardiloso. O tom de voz do detetive era caloroso e amistoso, mas ele não tinha guardado a arma. — Eu sou Ardiloso Cortês e esta é a minha parceira, Valquíria Caos. De acordo com o nosso mapa, há um veio de cristais negros nas rochas por aqui nesta caverna. Você viu algum?

O homem na poltrona não ergueu os olhos.

— O motivo da minha pergunta — Ardiloso continuou. — É que nós realmente precisamos de um cristal, e o tempo é bem curto. Se existe alguém que poderia saber onde encontrar esses cristais, eu diria que seria você, estou certo?

Ardiloso assentiu com a cabeça, como se o homem tivesse respondido.

— Esta é uma bela casa, por sinal. Conhecemos uma casa semelhante, lá na superfície. A real, na verdade. Esta aqui é como uma cópia meio distorcida, mas nem por isso deixa de ser um lar real. Tenho certeza de que você está maravilhosamente feliz aqui, Excomungado.

Valquíria se virou para Ardiloso.

— O quê?

— Estou assumindo que este é Lodo — explicou Ardiloso. — Ele desceu até aqui, há tantas centenas de anos, pretendendo continuar com as explorações. Obviamente foi ferido, como demonstra o sangue nas roupas, ou por um companheiro de expedição, ou por uma das criaturas que habitam estas cavernas, mas não queria morrer aqui. Quem iria querer? É

escuro e frio e miserável. Então, sendo um conjurador de algum poder, ele conjurou esta casa, para que pudesse falecer num ambiente mais familiar.

— Esta casa é feita de magia?

— Você não consegue sentir? Há certo formigamento em tudo.

Valquíria olhou para o homem.

— Então ele está aí sentado há alguns séculos, lentamente sangrando até a morte?

— Não, não. Ele já está bem morto.

— Então por que a casa não desapareceu?

— Porque ele nunca partiu.

Ardiloso deu um passo à frente. Valquíria franziu o cenho.

— O que você está fazendo?

— Acordando nosso amigo.

Ardiloso chutou com força. A poltrona virou para trás, levando o corpo junto, mas o corpo que caiu no chão estava apodrecido e bolorento, e deixou uma imagem distinta do homem de bigode, sentado no ar. Os olhos da imagem piscaram, como se ele finalmente tivesse percebido alguma coisa diferente, e, lentamente, o homem ergueu os olhos.

— Invasores — sibilou, com o rosto se contorcendo, e a imagem se borrou quando ele se levantou. — Intrusos!

— Acalme-se — retrucou Ardiloso.

Excomungado Lodo gritou e partiu para cima deles, e Valquíria pulou para trás e deu um soco enquanto Lodo passou direto através dela.

— Ele é um fantasma — revelou Ardiloso. — Não pode lhe tocar.

A imagem de Lodo deu a volta e retornou. O rosto dele recuperou a forma.

— Esta é a minha casa — rosnou. — Vocês são invasores!

O sofá se levantou sozinho e se jogou contra a dupla. Ardiloso puxou Valquíria do caminho do móvel.

— O sofá pode tocar você — ele falou e empurrou o ar, desviando a mesa que os atacou por trás.

Lodo abriu bem os braços.

— Vou derrubar esta casa em cima de vocês — declarou, enquanto a casa começou a tremer.

Ardiloso correu até o grande espelho sobre a lareira e o tirou da parede, virou-se e atirou o espelho contra Lodo. O vidro absorveu o fantasma e Ardiloso pressionou o espelho contra a parede.

Valquíria tinha lido que espelhos era a única coisa capaz de capturar almas e espíritos.

O fato de ela não precisar perguntar para entender o que tinha acontecido a deixou feliz consigo mesma.

— Não viemos procurar briga — afirmou Ardiloso, alto o bastante para que o fantasma de Lodo escutasse. — Só queremos um único cristal negro.

— Os cristais são meus! — gritou Lodo. — Liberte-me, demônio!

— Eu não sou um demônio, sou um feiticeiro, como você. Não viemos aqui lhe machucar.

— Embustes! Mentiras! Você é mais um demônio das cavernas, outro monstro, enviado aqui para me torturar! Para me enlouquecer!

Ardiloso suspirou e olhou para Valquíria.

— Dê uma olhada por aí. Se ele está reivindicando a posse desta região, talvez tenha conseguido juntar alguns cristais.

Valquíria assentiu com a cabeça e deixou Ardiloso argumentando com o fantasma.

Ela entrou na cozinha, acendendo luzes por onde passava. Um fogão negro gigantesco se erguia sob uma chaminé que não existia na casa de Gordon. A menina abriu um armário e um inseto longo como o dedo dela rastejou pela

borda da porta e desapareceu dentro da manga do sobretudo. Ela pulou para longe, arrancando o sobretudo e o jogando no chão, mas o inseto estava no seu braço, escalando até o ombro. Valquíria deu um tapa nele, mas o bicho se segurou e disparou para dentro da túnica. A adolescente abriu a túnica com um puxão, pôs a mão dentro e agarrou o inseto, sentindo o bicho se remexendo entre os dedos. Valquíria o jogou para o outro lado da cozinha e tremeu de pura repulsão.

Depois de parar de se tremer, a menina pegou o casaco de Gordon, limpou a poeira e verificou se não havia mais nenhuma criatura escondida dentro dele. Ela o vestiu, abotoou a túnica e alisou o cabelo. Aquilo, disse para si mesma, foi nojento.

Valquíria abriu o resto dos armários muito mais velozmente, tirando a mão cada vez mais rápido. Imaginou uma cena horrível de uma coisa tipo um morcego voando para cima dela ao sair, então a menina ficou de lado ao abrir as portas. Não havia nenhum cristal negro nos armários, nenhum outro inseto, e felizmente nenhum morcego-coisa.

A adolescente saiu da cozinha, olhando feio para o canto onde tinha jogado o bicho, e subiu as escadas. Elas rangeram com cada passo. Os quartos ficavam mais ou menos nos mesmos lugares dos quartos de Gordon, mas as camas eram todas de dossel, e as cabeceiras aparentemente tinham sido esculpidas por um degenerado.

O banheiro não parecia nada convidativo, e a luz não funcionava então ela não entrou.

Valquíria entrou no escritório. Em vez de uma escrivaninha e estantes e troféus, havia uma única cadeira de balanço no meio do aposento. A janela se abria para a caverna. Não era uma vista impressionante.

Ela passou as mãos sobre a parede que abria a passagem secreta. Bateu, escutando o ruído, mas não soou oco em nenhum lugar.

Desapontada, a menina saiu do escritório e desceu as escadas cuidadosamente.

Quando chegou à sala de estar, o fantasma estava fora do espelho, de pé ao lado de Ardiloso.

Ele tinha se acalmado um monte.

— Os cristais não estão nesta caverna — Lodo estava dizendo. A voz dele era inconstante. — Eu desenhei errado essa parte do mapa de propósito, para impedir que outros lucrassem com o meu trabalho. Mas estão perto daqui.

— Você pode nos levar até eles? — indagou Ardiloso.

— Não ousou deixar esta casa. Qualquer que seja o poder das trevas que vive nestas cavernas, ele me sustenta, até mesmo nesta forma de espírito. Mas não posso sair daqui.

— Então você nos dirá onde os cristais estão?

— Para quê? Vocês vão virar cinzas assim que os tocarem.

— Temos uma maneira de evitar isso. Você vai nos ajudar?

Valquíria entrou e Lodo ouviu e virou a cabeça.

— Ela está viva — disse o fantasma, com uma expressão de reverência no rosto.

— Foi o que eu falei — respondeu Ardiloso.

— Eu já tinha quase esquecido a aparência de um desses.

— Um desses?

— Um deles. Um dos vivos. Estas cavernas já são meu lar há tanto tempo. Eu já estou morto há tanto tempo, sozinho aqui embaixo. Fiquei longe das criaturas, é claro. Algumas delas podem me fazer mal, mesmo nesta forma. Estas cavernas são amaldiçoadas para feiticeiros.

O fantasma se aproximou de Valquíria.

— Você é esplêndida — murmurou.

A menina levantou uma sobrancelha para Ardiloso, que rapidamente entrou entre os dois.

— Você vai nos ajudar? — o detetive perguntou novamente.

O fantasma de Lodo conseguiu tirar o olhar de Valquíria e o voltou para Ardiloso. A cabeça dele borrou com o movimento.

— É claro — Lodo disse e a parede atrás dele se modificou e criou uma porta. A porta se abriu. — Cuidado. Os cristais matam.

Lodo ficou onde estava enquanto Valquíria seguiu Ardiloso por um túnel com paredes de pedra. Embebidos nessas paredes havia veios finos de cristais, emitindo um brilho negro.

Ardiloso olhou para a menina.

— E você tem certeza absoluta de que não será ferida?

— Absoluta.

— Como é que você sabe?

Valquíria estendeu o braço e tocou o cristal mais próximo.

— Viu?

Ardiloso encarou a parceira.

— Foi uma coisa incrivelmente insensata, isso que você fez.

— Potencialmente incrivelmente insensata — corrigiu Valquíria. — Era uma teoria de Gordon que eu li nas anotações dele.

— Ele poderia estar errado, sabia?

— Tenho fé nas teorias dele — a menina respondeu, dando de ombros. — Me dá o formão.

O detetive tirou o formão do paletó e o entregou. A menina o alinhou contra um cristal, e em seguida, usando a coronha do revólver de Ardiloso, ela martelou, mal fazendo um arranhão.

— Segure o formão no lugar — instruiu Ardiloso. Ele flexionou os dedos e golpeou com a mão, e uma onda de choque concentrada atingiu o formão como um bate-estaca. Um naco de cristal voou livre, um pouco maior que aquele que estivera instalado no Cetro.

Valquíria o embrulhou num pano. Ardiloso estendeu uma caixa aberta e ela colocou o cristal ali dentro, e então o detetive fechou a caixa e a colocou no bolso do paletó. Por fim, Valquíria lhe devolveu a arma e o formão.

— Moleza — comentou a menina.

— Nunca faça nada assim de novo. Você poderia ter sido transformada em pó, e então eu teria que explicar aos seus pais por que estavam enterrando a filha amada numa caixa de fósforos.

— Conspícuo iria encher o seu saco também.

Ardiloso olhou para a menina conforme a dupla voltava para a porta.

— Eu queria mesmo lhe perguntar, depois de tudo aquilo que Conspícuo andou dizendo... você acha que eu deveria lhe tratar de uma maneira diferente?

— Não — respondeu ela de imediato.

— Não responda assim tão rápido.

— Nãããããooooo... — falou Valquíria, lentamente.

— Você é muito engraçada, mas a pergunta ainda é válida. Talvez eu devesse deixar você no carro às vezes.

— Mas nunca fiquei no carro — lembrou ela.

— É porque eu nunca insisti antes.

— Não iria fazer a menor diferença.

— Posso ser muito autoritário quando quero.

— É, mas não muito, na verdade.

Ardiloso suspirou e eles voltaram para a sala de estar. O corpo de Lodo ainda estava no chão perto da cadeira virada, e o fantasma estava de pé, olhando para eles.

— Vocês não morreram — comentou. — Isso é uma surpresa.

— Obrigado pela sua cooperação — agradeceu Ardiloso. — Será que há mais alguma coisa que nós possamos fazer por você como recompensa?

— Me acordar já foi o bastante.

— O que você vai fazer agora? — indagou Valquíria.

Lodo sorriu.

— Eu vou ser feliz, acho. Sim, acho que vou.

— Espero encontrar você de novo, Excomungado — afirmou Ardiloso. —
Você é...

um ser interessante.

Lodo fez uma mesura e, ao fazê-lo, trocou olhares com Valquíria.

A menina retribuiu com um aceno educado de cabeça e seguiu Ardiloso até a porta da frente.

— Porcelana tem o Cetro — afirmou o detetive ao sair da casa.

— Então ela será a única pessoa capaz de usá-lo. Isso se ele funcionar quando colocarmos o cristal novo.

— E se não funcionar?

— Nesse caso, eu tenho certeza de que eu terei alguma ideia brilhante para...

A porta da frente se fechou bem quando Valquíria ia passar por ela, e a menina virou.

Lodo flutuou até ela, com um sorriso que tinha sido esquecido por séculos lutando para se formar na memória do rosto dele.

— Você não vai embora — afirmou Lodo. — O esqueleto pode voltar para a superfície, mas você é minha.

A CASA MUTANTE

A adolescente ouviu Ardiloso batendo com o punho na porta do outro lado.

— Valquíria — chamou. — Abra a porta.

— Eu não sou sua — Valquíria disse a Lodo. — Tenho que ir agora.

— Você nunca me deixará.

A menina se esgueirou por ele, até a sala de estar, estendendo a mão para a primeira janela bem quando a parede derreteu, encobrindo-a. As outras janelas fizeram o mesmo, foram encobertas pelas paredes, selando as rotas de fuga.

Valquíria se virou, furiosa.

— Você não pode me prender aqui!

— Mas é claro que posso. Você está viva. Respirando. Esta casa não vê uma pessoa viva há séculos.

— Esta casa não existe! Você não existe! Você é um fantasma!

Valquíria estalou os dedos, invocando uma chama.

— Você não pode me machucar — afirmou o fantasma.

Valquíria foi até o corpo de Lodo e segurou a chama perto dele.

— Se você não me soltar, eu vou queimar o seu cadáver. Vou mesmo.

— Por que você não fica aqui comigo? — indagou o fantasma. — Por que você não me faz companhia? Porque não me conta sobre o mundo da superfície? Você quer ser minha rainha destas trevas?

— Eu vou queimar você.

Lodo sorriu, e o cadáver estendeu a mão e agarrou o pulso da menina. Valquíria gritou de susto e soltou a chama. O corpo se levantou e empurrou a adolescente contra a parede. Ela deu um soco, e o punho colidiu com o lado

esquerdo do rosto do cadáver, empurrando o osso da bochecha para dentro do crânio. Valquíria puxou a mão enojada.

Pedaços do rosto estavam presos no punho dela.

— Posso sentir sua vida — Lodo continuou, ignorando as ações dela. — Ela me preenche também. Juntos, vamos reinar sobre o frio e os lugares vazios.

Valquíria olhou para o fantasma e se esforçou para manter a voz neutra.

— Eu não quero nada disso — afirmou. — Ainda estou viva e quero voltar para lá.

O fantasma balançou a cabeça e o cadáver fez o mesmo.

— A luz fere você. O sol lhe queima. Uma vez que você for a minha rainha, não terá que se preocupar com nada disso.

Valquíria se libertou com um empurrão e correu através do fantasma, cuja forma se espalhou e depois se recompôs. O corpo girou sobre os calcanhares e mancou atrás dela.

A menina chegou até o hall e subiu as escadas, dois degraus de cada vez. Ela olhou para trás e viu o cadáver segurar o corrimão e começar a subir, com os

pés pisando desajeitados nos degraus rasos. Quando Valquíria chegou ao topo, o fantasma já estava lá, a observando.

— Você não tem para onde correr — afirmou o fantasma. — Eu sou o mestre desta casa, e protegerei você. Você é a minha convidada.

Valquíria foi até o escritório de Gordon, mas a porta estava trancada. Ela chutou, mas a porta nem tremeu no batente. O fantasma sorriu para ela.

A adolescente estalou os dedos e jogou uma bola de fogo no corpo de Lodo. O projétil atingiu o peito do cadáver, que cambaleou. Ele começou a se debater nas chamas, batendo no corrimão e caindo. O fantasma de Lodo sibilou e foi forçado a concentrar sua atenção no cadáver. No momento em que isso aconteceu, Valquíria se jogou de ombro contra a porta, que desta vez se abriu violentamente. A menina caiu para dentro, em seguida empurrando o ar, destruindo a janela.

— Você não vai querer se tornar minha inimiga — avisou Lodo.

Valquíria saltou, mas a janela se moveu, deslizando parede acima e pelo teto até que estava despejando vidro quebrado sobre a menina. O papel de parede se transformou em milhares de rostos, todos de Lodo, fazendo cara feia para ela e ecoando suas palavras.

— Meus inimigos sofrem — o fantasma e os rostos afirmaram.

— Meus inimigos sangram. Eles gritam e imploram e choram.

A janela desceu do teto até as paredes e então deslizou horizontalmente, oferecendo relances dos cômodos que estavam do outro lado enquanto disparava até Valquíria se movendo pelo chão. A janela parou debaixo da menina, que caiu, mas conseguiu se segurar na beirada. As pernas ficaram penduradas no ar. O corpo de Lodo estava abaixo, na cozinha, tentando agarrar suas botas.

Valquíria chutou as mãos do cadáver e conseguiu se impulsionar para cima. O

escritório estava se transformando loucamente.

Cores voavam pelas paredes, que se moviam para dentro e depois para fora, como os pulmões de uma grande fera. A janela encolheu até o tamanho de um olho. Tapetes brotavam das frestas entre as tábuas do piso e depois murchavam e morriam. Excomungado Lodo estava furioso e perdendo o controle da casa.

A parede vazia, aquela que levava até a saleta secreta na casa de Gordon, abriu um portal e Valquíria correu para dentro. O corredor estava escuro e era longo demais. A menina teve visões do exterior da construção, a coisa toda se transformando para atender aos desejos espasmódicos do mestre.

— Você é minha inimiga! — Lodo gritou atrás dela. — Você não é minha rainha!

Você é minha inimiga!

Valquíria fez uma curva, sem saber para onde estava indo, e se deparou com uma sala bem iluminada com uma grande mesa posta para um banquete. Velas tremeluziam e o vinho estava servido em cálices. Não havia janelas nem portas.

Parte do chão cedeu e se transformou em degraus. O cadáver subiu a escadaria e Valquíria recuou. O fantasma chegou como fumaça e tomou forma.

— Eu tentei ser legal — rosnou. — Eu estava contente em lhe ver. Eu estava feliz porque você estava aqui.

— Você não precisa fazer isto, Excomungado.

— Mas você me rejeitou. REJEITOU-ME!

O banquete derreteu na mesa, se tornando uma gosma que escorreu pelas bordas. As velas também derreteram, mas continuaram ardendo. O carpete se estendeu sobre a escadaria e o chão se fechou.

Valquíria precisava de uma rota de fuga. Precisava de uma porta ou uma janela, e teria que enfurecer Lodo o suficiente para que ele criasse uma.

— Eu serei sua rainha — a menina declarou de repente.

O rosto do fantasma se contorceu.

— Eu não sou idiota.

— Eu vou ficar aqui com você e serei sua rainha. É isso que você quer, não é?

— Você está barganhando — retrucou o fantasma, enquanto o cadáver avançava — porque está assustada. Você mente porque tem medo da morte que sofrerá.

Valquíria esticou os dedos e o ar ondulou. O corpo se espatifou no chão e em seguida voltou a ficar de pé.

— Seus últimos momentos serão memoráveis — o fantasma afirmou e flutuou de lado, desaparecendo dentro do corpo arruinado.

Ao contrário da primeira vez em que a menina o vira, quando espírito e corpo estiveram alinhados para formar um homem normal, esta nova forma não tinha nenhuma vaidade. Aqui, a função era simples, o fantasma possuindo o cadáver, guiando-o como um agente de destruição. A cabeça se moveu, ergueu o olhar, olhou para a menina com olhos que já não estavam lá.

— Já faz um longo tempo — Lodo comentou com a nova voz, que era uma coisa áspera, uma mistura de arranhões e lixas. — Desde que eu derramei o sangue de um ser vivo.

A criatura se moveu súbita e rapidamente, erguendo Valquíria do chão e a jogando sobre a mesa. A menina girou e acertou o joelho no flanco do cadáver, mas as terminações nervosas dele há muito haviam embotado e murchado. Valquíria agarrou o pulso do monstro e chutou, e quanto ele a soltou para poder atacar, ela rolou para fora da mesa.

Valquíria mal teve tempo de se levantar antes que a mesa derretesse entre eles e o cadáver avançasse. A adolescente estalou os dedos e atirou uma bola de fogo. Esta explodiu no braço do monstro, e ela empurrou o ar, fazendo-o cambalear.

As paredes estavam derretendo, o chão balançava, e a sala inteira começou a escorregar para baixo, para dentro da casa.

— Eu sou Excomungado Lodo — afirmou. — Sou o mestre da realidade.

— Você está perdendo o controle.

— Sou o mestre da realidade — insistiu o monstro, furiosamente. — E é insensato se opor a mim.

— Você é louco.

— Cale a boca! — ele rugiu e a empurrou para trás.

O carpete se transformou numa poça que se agarrou aos pés dele e se transformou em sapatos, que brilhavam como se estivessem engraxados. O líquido subiu pelo corpo dele, cobrindo os trapos com um novo terno e a pele morta com uma camada que parecia nova e viva.

— Estou completo outra vez — afirmou Lodo, uma vez que o novo rosto se instalou.

A sala caiu de repente, e por um segundo Valquíria não teve nada sob os pés. Ela caiu no chão de novo e rolou. O aposento tinha desabado na sala de estar, a geografia dos dois cômodos se misturando. Enquanto cada sala tentava afirmar sua própria forma e manter a integridade, as paredes ondularam e uma nova janela foi revelada.

Ardiloso apareceu e disparou o revólver, cujas balas estilhaçaram o vidro e atingiram Lodo, que urrou de fúria. Valquíria correu até a janela e saltou por

ela. Ardiloso pegou a menina e os dois saíram correndo pela caverna.

Valquíria deu uma olhada para trás. A casa se modificou, apenas duas janelas não desapareceram e a porta da frente se alargou. As duas últimas janelas formaram um par de olhos gigantescos que olharam com ódio para eles, e a porta criou dentes e berrou de raiva.

Lodo estava parado na porta-boca, mas não ousou atravessar os limites.

— Eu vou encontrar você! — gritou ele. — Eu vou encontrar você, garota!

Os dois chegaram ao túnel e continuaram correndo, e mesmo que Valquíria soubesse que Lodo não poderia segui-los, ela não reduziu a velocidade.

A INCURSÃO

Um pouco depois das nove, naquela noite, uma grande van de entrega de pães parou nos fundos do Cinema Hibernian. Não atraiu nenhuma atenção. Um carro com janelas escuras parou atrás da van. Novamente, ninguém percebeu.

Tanith estava recostada no batente da porta de uma sala vazia na parte da frente da Instalação Médica. Medonho tinha trazido alguns apetrechos para que pudesse trabalhar enquanto Conspícuo fazia quaisquer que fossem os exames que queria fazer. Tanith observava Medonho, sentado à mesa,

costurando as novas roupas de Valquíria. Ele estava falando da mãe para a guerreira.

As portas traseiras da van de entrega se abriram e os homens que saltaram por elas o fizeram silenciosa e calmamente. Estavam vestidos de cinza e traziam foices presas às costas.

— Minha mãe era boxeadora — contou Medonho, testando a costura de uma manga.

— Teve o nariz quebrado quatro vezes, mas de acordo com o meu pai ainda era a mulher mais bonita em qualquer lugar que fosse.

— Eu ouvi algumas histórias — falou Tanith. — Ela parecia ser uma mulher notável.

Medonho sorriu.

— Eu lutei ao lado dela na batalha do Rochedo Negro, e vi alguns dos melhores homens de Malevolente dar meia-volta e sair correndo. Ela lutou tanto contra Serpênteo e Malevolente, e botou os dois para fugir. “Notável” não dá nem para começar a descrevê-la.

Ela foi magnífica, até o fim.

— Como ela morreu?

— Ela cometeu um erro — explicou Medonho. — Enfrentou Lorde Vil.

Um velho que se movia como se fosse um homem jovem desceu do carro. Ele tinha ar de alguém acostumado a ter autoridade. Seus olhos eram frios. O homem que saltou depois dele quase não tinha queixo, e nenhuma autoridade, mas sua avidez era evidente para qualquer um que olhasse para ele.

O homem com os olhos frios entrou no cinema e o homem ávido gesticulou para os homens de cinza. Estes se moviam como se fossem líquidos, vazando para dentro do prédio através de janelas e portas laterais e claraboias, com o homem ávido se apressando em segui-los.

No alto do telhado vizinho ao cinema, um vulto observava das trevas.

Medonho colocou o casaco de lado e passou a trabalhar na túnica.

— Havia uma regra naqueles tempos. Você não encara Vil sozinho. Você espera até que o seu exército esteja reunido atrás de você, todo mundo ataca junto e você reza para que alguém acerte um ataque por pura sorte.

— Vil era tão perigoso assim?

Medonho deu de ombros.

— Talvez sim, talvez não. É difícil separar o monstro da lenda, sabe? Ele tinha aparecido do nada, se tornado o general mais assustador de Malevolente e depois desapareceu; tudo no espaço de alguns anos. Ele tinha aquela armadura, e aqueles poderes de Necromante, e onde quer que fosse deixava um rastro de destruição. Minha mãe resolveu enfrentá-lo e ele a matou, e ele teria me matado se não fosse...

Clarabela entrou e Medonho se calou.

— Vocês viram o professor? — indagou ela.

— Tem um homem no cinema. Ele insiste em falar com o professor Lamento e se recusa a dizer o nome. É bem grosseiro.

— Por que você não vai procurar o professor? — sugeriu Medonho. — Nós vamos conversar com esse sujeito, e descobrir o que ele quer.

— Isso seria muito legal — respondeu Clarabela, subitamente abrindo um enorme sorriso. Ela saiu da sala, cantarolando uma musiquinha para si mesma.

Tanith e Medonho foram para o cinema, descendo os degraus para as trevas.

Passaram pela porta na tela e emergiram no palco.

Um homem estava parado no corredor central entre as fileiras de poltronas mofadas.

— Sr. Reservado — Túrido Grêmio saudou, com a voz ecoando um pouco.

— Bem-vindo de volta à terra dos vivos.

— Grêmio. O que o trouxe aqui?

— “Grande Mago”, na verdade — corrigiu Grêmio. — Mas você foi uma estátua por dois anos, tenho certeza de que eu posso perdoar um pequeno engano seu.

— Não foi um engano.

— O que podemos fazer por você? — indagou Tanith, soando tão fria e pouco receptiva quanto era possível.

— Vocês não podem fazer nada por mim — retrucou Grêmio.

— Estou aqui para falar com o proprietário da instalação.

— Falar com ele sobre o quê?

— Temo que seja assunto do Santuário.

Tanith olhou em volta. O cinema estava imerso em sombras e trevas.

— Você está aqui sozinho?

— E por que não deveria? Estou entre amigos, não estou?

— Isso depende — respondeu Medonho. — Você considera Ardiloso Cortês um amigo seu?

Grêmio deu um sorriso apertado.

— Cortês é um traidor.

— Foi isso que ele disse de você — argumentou Tanith.

— Ardiloso Cortês está trabalhando com a Diablerie. Ele e a menina os ajudaram a roubar os restos do Grotisqueiro para propósitos ilegais e, quando confrontado, ele resistiu à prisão, atacou funcionários do Santuário e escapou da captura. É um inimigo do Santuário e de todas as pessoas de bem.

Conspícuo emergiu da porta na tela e se juntou a Tanith e Medonho.

— O que você quer, Grande Mago?

— Ah, professor, eu preciso de apenas um mero minuto do seu tempo.

— Meus meros minutos são preciosos. Diga o que você tem a dizer.

Grêmio assentiu com a cabeça, gracioso.

— O senhor está ciente, presumo, da ameaça representada pela Diablerie. Está ciente dos planos deles envolvendo os restos do Grotisqueiro e o último Teletransportador, um rapaz chamado Fletcher Renn.

— Sim, estou.

— Tenho motivos para acreditar que este rapaz está sendo mantido neste prédio. Eu gostaria que o senhor o entregasse a mim, por favor.

— Grande Mago, eu lhe garanto que não sei...

Grêmio ergueu uma das mãos.

— Professor. Eu o tenho em grande estima. Admiro seu trabalho e seus princípios. Eu lhe imploro, não cometa contra si mesmo a injustiça de tentar mentir para mim, quando sei que o rapaz está aqui. Seria bem melhor se o senhor permanecesse calado em vez de se atrapalhar com uma meia-verdade desajeitada. Tais coisas estão abaixo do senhor.

Tanith olhou para Conspício e viu que ele estava ficando vermelho.

— Grande Mago — respondeu Conspício. — Não se atreva a achar que realmente conhece alguém com base em um punhado de reuniões. Isso pode provocar irritação, e uma má vontade imediata em cooperar. Da mesma forma, não lisonjeie alguém na esperança de envergonhar essa pessoa até que ela decida cooperar e, sob nenhuma circunstância, seja condescendente. O fato é que, por mais que eu saiba da existência de Fletcher Renn, desconheço sua localização. Lamento, mas não posso ajudá-lo.

Grêmio balançou a cabeça.

— O senhor me desaponta, professor.

Um alarme agudo berrou pela porta na tela, e Tanith e Medonho se viraram.

— Eu ficaria aqui se fosse vocês — avisou Grêmio.

— O que foi que você fez? — inquiriu Conspício, mas Tanith podia ver nos olhos dele que o professor já sabia a resposta. Grêmio não estava ali parado para exigir que Fletcher Renn lhe fosse entregue. Ele estava ali para distraí-los.

— Meus Talhadores penetraram as defesas da sua Instalação — respondeu Grêmio, quase preguiçosamente. — Eles têm ordens para subjugar, mas não ferir; por outro lado, vão usar de força se considerarem necessário.

— Você não tem esse direito! — trovejou Conspício.

— Viemos aqui buscar o rapaz, e não vamos partir sem ele.

Medonho já estava correndo de volta para a porta e Tanith estava a ponto de segui-lo quando ela viu outras pessoas no cinema.

Essas pessoas caminharam pela penumbra, pelos corredores entre as poltronas, se movendo silenciosamente para se juntar a Grêmio ao pé do palco.

Krav Repulsivo. Billy-Ray Sanguíneo. Gáudio Cadafalso. Rosa Assassina, empunhando a espada de Tanith.

— Você está com eles — Tanith deixou escapar.

Grêmio sorriu friamente.

— Com eles quem, Srta. Low?

Ele percebeu que Tanith estava olhando para além dele, e se virou, franzindo o cenho.

Cadafalso lhe acertou um soco e Grêmio caiu de quatro. Rosa Assassina deu uma risadinha e o chutou, e o Grande Mago caiu de lado e não se mexeu.

— Matem-nos — comandou Cadafalso.

Krav saltou no palco e atacou, derrubando Medonho. Rosa pulou em Tanith, que deu um salto mortal sobre a cabeça da oponente enquanto Sanguíneo a

atacava. A navalha de Billy-Ray não encostou na garganta de Tanith, que acertou um chute na barriga do inimigo.

Rosa Assassina golpeou com a espada e Tanith se esquivou. A louca de lábios vermelhos estava sorrindo enquanto avançava.

Tanith não tinha tempo de tentar nenhuma manobra sofisticada; aquela mulher era boa demais.

Medonho tinha se libertado de Krav e estava disparando socos no flanco do homem cinzento. Tanith estava a ponto de gritar para avisar que os socos não teriam efeito, mas Medonho descobriu isso rapidamente por conta própria. Krav o agarrou de novo.

Tanith se posicionou de costas para Sanguíneo, e a oportunidade se demonstrou irresistível demais. Ainda tentando voltar a respirar, ele atacou e Tanith se torceu, o pegou e o jogou no caminho de Rosa Assassina. A espada foi derrubada da mão da louca, e Tanith se jogou contra ela.

Conspícuo correu para detrás de Krav e colocou as mãos incandescentes nas costas dele. Krav deu um solavanco de surpresa e no instante seguinte urrou e girou pela dor súbita.

Conspícuo foi derrubado e Medonho empurrou o ar, atirando Krav para fora do palco.

Sanguíneo pegou a espada de Tanith no chão e sorriu, agora com uma lâmina em cada mão. Tanith empurrou Rosa Assassina para longe e se esquivou quando Sanguíneo desenhou um arco com a espada, o aço pouco mais do que um borrão cintilante entre eles.

Porém, o matador estava desacostumado a empunhar uma arma daquele tamanho. Ele fez um arco largo demais e Tanith estava em cima dele antes que fosse possível corrigir o erro. A mão da guerreira se fechou sobre a do mercenário enquanto ela lhe chutava o joelho.

Em seguida, Tanith fez a navalha voar com um tapa e martelou o punho no antebraço de Sanguíneo. A mão dele se abriu e ela arrancou a espada para longe.

— Já chega — Cadafalso ordenou e imediatamente Sanguíneo recuou. Rosa Assassina lançou um olhar furioso para Tanith, mas retornou por onde tinha vindo sem discutir. Krav Repulsivo se levantou, rosnando, e a seguiu. Ele parou para pegar Túrido Grêmio ao passar.

— Sem dúvida o rapaz se teletransportou para um lugar seguro. — Cadafalso gritou em meio as trevas. — Provavelmente o fez assim que percebeu o perigo, como nós já esperávamos.

— Vocês jamais o pegarão — retrucou Medonho.

— Nem temos intenção de tentar. Em vez disso, queremos que ele nos seja entregue.

Tragam-me o rapaz e nós lhes devolveremos o Grande Mago — Cadafalso indicou o corpo inconsciente de Grêmio, preso casualmente pelos braços de Krav. — Em algum lugar público, para que vocês não criem confusão. A ponte Liffey, ao meio-dia de amanhã. Se vocês se atrasarem, ele morre.

E então partiram.

O CETRO

Havia alguém vigiando o prédio de Porcelana.

O carro estava estacionado mais para trás na rua, longe o bastante para ser discreto, porém perto o suficiente para ver a porta. Era uma noite fria e o homem estava vestindo um casaco espesso. Ele era um Elemental, e de vez em quando via-se um tremeluzir dentro do carro quando se aquecia.

— É um membro da Diablerie? — indagou Valquíria. Eles estavam do outro lado da rua, um pouco mais atrás, parados na esquina. O vento noturno soprava a chuva, que escorregava para dentro do colarinho de Valquíria. A água escorria pelas costas da menina, que tremia.

Ardiloso não parecia notar o tempo ruim. Ele balançou a cabeça. Valquíria desejou ter um chapéu como o dele, ou até mesmo um dos cachecóis.

— Aquele é um agente do Santuário — afirmou o detetive. — Grêmio os colocou para vigiar todos os nossos associados conhecidos. Ele está tentando nos isolar.

— Então provavelmente ele também está vigiando o cinema de Conspícuo — a menina concluiu, infeliz. Ela realmente queria ir a algum lugar quente e

seco.

Um carro passou perto demais do meio-fio e espirrou uma poça enorme. Um ano atrás, as roupas de Valquíria a teriam protegido, mas hoje a água da poça conseguiu atravessar o tecido em alguns lugares, e a menina se segurou, mas mal conseguiu evitar de soltar um gritinho.

Valquíria olhou feio para o carro, que seguiu em frente, feliz e inconsciente do que tinha provocado, e se virou para Ardiloso.

— Liga logo para a Porcelana. Fale para ela trazer o Cetro aqui, aí à gente se encontra com ela e instala o novo cristal, e então eu poderei ir embora e trocar de roupa. Estou molhada e congelando.

— O telefone de Porcelana deve estar sendo monitorado.

— Então como é que a gente vai se encontrar com ela?

Então o agente do Santuário ligou o carro e saiu da vaga rapidamente. A dupla ficou olhando o sujeito ir embora velozmente.

— Isso é preocupante — comentou Ardiloso.

— Você acha que é uma armadilha?

— Ou isso, ou há uma emergência em algum lugar da cidade.

Ainda assim — Ardiloso continuou, injetando alguma animação na voz. — Cavalos não se olham os dentes. A não ser, é claro, que seja feito de madeira. Vamos lá.

Eles andaram apressadamente, examinando a área em busca de sinais de uma emboscada. A dupla alcançou o prédio sem incidentes e subiu as escadas. Os pés de Valquíria chapinhavam dentro das botas.

Chegaram ao terceiro andar, onde o homem magro abriu a porta quando Ardiloso bateu e os chamou para dentro com um movimento dos olhos. A biblioteca estava praticamente vazia quando eles passaram pelo labirinto de estantes.

Porcelana Tristeza estava esperando por eles. Usava um vestido de seda vermelho.

Na mesa ao lado dela havia uma caixa feita de carvalho. Um símbolo, algo como um dente de tubarão perfurando uma estrela, estava gravado na madeira.

— As pessoas estão assustadas — afirmou Porcelana, num tom que deixava claro que ela não aprovava esse fato. — Todos os feiticeiros do país estão se preparando para lutar ou fugir. Isso é ruim para os negócios.

Ardiloso concordou com um aceno de cabeça.

— O fim do mundo geralmente é ruim.

— Não vou nem lhe dar o privilégio de uma resposta — Porcelana suspirou.
— Não importando o quão cáustica essa resposta seria. Vocês têm um cristal?

— Sim, temos.

Porcelana passou a mão sobre a caixa de carvalho e o símbolo na madeira se tornou incandescente por um momento. A caixa clicou e se abriu, revelando um bastão dourado, mantido no lugar por presilhas prateadas. As presilhas se separaram lentamente e Porcelana tirou o Centro dos Antigos da caixa.

— Você já removeu o cristal antigo — notou Ardiloso.

— Eu queria examiná-lo. Se já soubesse que havia uma chance de que um simples toque pudesse me transformar em pó, eu provavelmente teria deixado outra pessoa fazê-lo.

Ela entregou o Cetro a Valquíria, que tirou o cristal negro do bolso e o colocou na fenda vazia. Era um cristal maior que o anterior, porém, e iria exigir algum esforço para prendê-lo no lugar.

Enquanto Valquíria trabalhava, Ardiloso olhou para Porcelana.

— Você percebe o que isso significa, não? Precisamos da sua palavra de que você estará do nosso lado se o portal se abrir.

— Considerando que, como a proprietária do Cetro, sou a única capaz de usá-lo, é melhor você torcer para que eu esteja do seu lado.

— Preciso de uma garantia, Porcelana.

— Eu não dou garantias. Você simplesmente terá que confiar em mim, e isso é o melhor que posso lhe oferecer.

Valquíria tentou empurrar o cristal de outro jeito e ele deslizou para o lugar certo. O

Cetro se fechou ao redor dele. O cristal negro brilhou.

— Está pronto — declarou Valquíria, surpresa por ter conseguido. Porcelana pegou o Cetro dela.

— Para trás — comandou Porcelana. Apontou o Cetro para a caixa de carvalho e nada aconteceu. Ela olhou para a arma, confusa. — Não funciona.

— Talvez o cristal não esteja bem instalado — sugeriu Valquíria.

— Talvez seja grande demais.

— Eu fui o último a usar o Cetro — Ardiloso comentou enquanto pegava a arma de Porcelana. — Talvez eu seja o dono.

Ele o apontou para a caixa, mas nenhum relâmpago irrompeu.

Valquíria desanimou.

— Então foi uma perda de tempo, e agora não temos nada para usar contra os Sem-Rosto.

— Não — Porcelana discordou. — Olhe para ele. O cristal está brilhando. O Cetro tem poder, simplesmente não está identificando o dono correto.

Ardiloso o estendeu para Valquíria.

— Experimente.

A menina franziu o cenho.

— Eu não sou a dona. Você usou depois de Serpênteo, e depois deu para Porcelana. É

um de vocês dois, não tem nada a ver comigo.

— Quando dei o Cetro a Porcelana, ele estava quebrado. Você acabou de substituir a fonte de poder dele, e foi a primeira pessoa a segurá-lo desde que ele voltou à vida.

Ainda sem ver lógica naquilo, Valquíria pegou o Cetro e o ergueu, apontando para a caixa de carvalho.

— Como eu atiro? — indagou.

— Ordene mentalmente, e ele vai atirar.

— Tá, mas tem algum comando específico que eu tenho que pensar, tipo, “fogo”, ou eu simplesmente tenho que querer e...

Um relâmpago negro saltou do cristal e a mesa se transformou em poeira. A caixa de carvalho caiu no chão.

Valquíria olhou fixamente para a cena.

— Eu errei a caixa.

— Sim, mas pelo menos você matou a mesa.

O cristal reluziu novamente e o relâmpago disparou, e uma estante de livros desapareceu numa nuvem de poeira rodopiante.

Porcelana berrou de desgosto e Valquíria berrou de surpresa.

— Foi sem querer! — gritou a menina. — Eu só pensei nisso e...

Ardiloso puxou Porcelana para trás no momento em que um relâmpago atingia a estante atrás dela. Valquíria se virou e empurrou o Cetro para as mãos de Ardiloso.

— Tire isso de perto de mim!

— Meus livros! — exclamou Porcelana.

— Eu não posso usar isso! Ardiloso, eu não posso usar isso! Tentei não pensar no Cetro atirando, mas é a única coisa em que consigo pensar! Ficava aparecendo na minha cabeça!

— Tudo bem — Ardiloso respondeu, tranquilizando-a. — Ninguém se machucou.

— Meus livros! — Porcelana repetiu, furiosa.

— Porcelana, me desculpa mesmo... — Valquíria começou, mas ficou sem palavras.

Porcelana olhou feio para ela, depois olhou feio para Ardiloso.

— Alguns desses livros eram únicos.

— Eu entendo.

— Tinham um valor incalculável, Ardiloso. Mais do que incalculável. Os segredos que eles guardavam, as histórias que eles continham...

— Eu ficarei feliz em pagar por qualquer estrago.

— Você não pode pagar por livros de valor incalculável! Isso significa que não dá para calcular o valor deles!

— Então me deixe pelo menos pagar pelas estantes.

— As estantes? — Porcelana berrou, e então se virou, levou as mãos ao rosto, e Valquíria pôde ouvi-la contando lentamente até dez.

Ao chegar ao dez, ela se virou e tentou sorrir e, depois de alguns momentos, até ficou convincente.

— Valquíria, aparentemente você é a proprietária do Cetro. Essa é uma ótima notícia.

Significa, entre outras coisas, que você não vai precisar deixar a arma mais poderosa do mundo nas mãos de alguém em quem você não confia.

— Porcelana... — Ardiloso começou, mas ela ergueu uma das mãos para silenciá-lo.

— Você não pode usá-lo, é claro — continuou. — Não agora, de qualquer maneira.

Terá que mantê-lo escondido.

Valquíria franziu a testa.

— Por quê?

— Se a Diablerie descobrir que o Cetro está funcionando, você será o novo alvo deles. Tentarão capturá-la viva, subjugá-la, mantê-la respirando para que a propriedade do Cetro não passe para a próxima pessoa que o pegar.

— E há mais uma razão — Ardiloso complementou. — Se eles conseguirem botar as mãos no Cetro, nós não teremos nenhum meio para derrotar os Sem-Rosto. É uma arma de último recurso; precisa ser mantida oculta até que o portal seja aberto.

— Se o portal for aberto — corrigiu Valquíria.

— Otimista até o fim — Porcelana comentou friamente.

— Ainda poderíamos contar com a sua ajuda — Ardiloso disse à mulher.

— Tolice — respondeu Porcelana. — Vocês ficarão bem sem mim. Além disso, o portal vai se abrir numa fazenda. Uma fazenda, Ardiloso. E eu tenho cara de ter sapatos adequados a uma fazenda?

O homem magro chegou apressado e sussurrou no ouvido de Porcelana. Ela assentiu com a cabeça e olhou para a dupla.

— Acho que vocês deveriam voltar ao Hibernian. Aconteceram novos eventos.

NUM PISCAR

O Sr. Êxtase se encontrou com eles enquanto a dupla caminhava até o cinema. Ele lhes contou o que tinha acontecido, e então disse que Remus Crucial tinha levado os Talhadores numa tentativa ridícula de alcançar os capangas da Diablerie em fuga com Grêmio. Os problemas principais deste plano de ação eram que, primeiro, o inimigo já tinha uma vantagem muito grande na perseguição, e segundo, ninguém sabia que tipo de veículo eles estavam usando, ou mesmo se estavam usando qualquer veículo. Mas Êxtase deixou Crucial ir simplesmente porque queria ficar longe dele.

A dupla se apressava em atravessar a plateia quando Medonho e Tanith emergiram da porta na tela e chegaram ao palco. Valquíria olhou para eles, procurando ferimentos, mas Tanith devolveu o olhar e piscou para a menina. Um pequeno gesto, mas muito tranquilizante, e o coração de Valquíria voltou a bater normalmente.

— Desculpe — Medonho falou a Ardiloso. — Nós fizemos o melhor possível, mas...

— Seu trabalho não era proteger Grêmio — Ardiloso o lembrou. — Era proteger Fletcher. Onde ele está?

— Aqui — Fletcher disse, atrás de Valquíria. Ela pulou de susto e olhou feio para ele, que em seguida desapareceu e ressurgiu no palco ao lado de Tanith.
— Vocês não vão me entregar pra aqueles malucos, né? Quero dizer, eu sei

que eles têm um refém e tal, mas ele é um velho, já está praticamente morto, mesmo. Eu sou o cara importante aqui, então preciso ficar em segurança, né?

— Não vamos fazer a troca — respondeu Tanith.

— Na verdade — afirmou Êxtase. — Nós vamos, sim.

Todos olharam para ele. O ancião ficou ali parado como um rochedo no mar tempestuoso.

— Isso é loucura — discordou Medonho. — Você está nos dizendo para entregarmos o último Teletransportador só porque eles pediram? E em troca de Grêmio, ainda por cima?

— Se não o fizermos, eles não hesitarão em matar o Grande Mago.

— Êxtase — falou Ardiloso. — Se nós lhes entregarmos Fletcher Renn, o mundo morrerá.

— E se nós os deixarmos matar Túrido Grêmio — Êxtase retrucou friamente —, o mundo cairá no caos.

— Eu prefiro o caos à morte — afirmou Medonho.

Êxtase balançou a cabeça.

— A Irlanda é o Berço da Magia. Nossos antepassados foram os primeiros Antigos.

Nossos antepassados enfrentaram os Sem-Rosto nestas terras. Este país contém segredos, tanto magníficos quanto aterrorizantes, que são cobiçados pelos outros Conselhos ao redor do mundo. Se nós perdermos outro Grande Mago apenas dois anos depois de perdermos Meritório, quanto tempo vocês acham que nossos amigos e vizinhos esperarão para interferir?

— Vocês todos sabem que não sou a maior fã do Santuário Inglês — comentou Tanith. — Mas nem eles tentariam alguma coisa tão estúpida quanto tentar assumir o controle por aqui.

— Se eles pudessem alegar que seria para o nosso próprio bem, podem decidir que o risco vale a pena. Isto não é mais uma questão de política. É uma questão de poder. Temos o dever de proteger o que é nosso; não por egoísmo, mas por necessidade. Nas mãos erradas, a magia desta terra poderia mudar a face da terra.

Ardiloso tirou o chapéu e limpou um grão de poeira imaginário da aba.

— Entretanto, se entregarmos Renn, e a Diablerie tiver sucesso no seu plano, a face deste mundo será mudada do mesmo jeito.

— E é por esse motivo, detetive, que o seu trabalho será impedir que isso aconteça.

Vocês têm duas tarefas: recuperar Grêmio com vida e relativamente intacto e garantir que a Diablerie não colocará as mãos em Fletcher Renn.

— Então você está dizendo que nós deveríamos traí-los?

— É exatamente isso que eu estou dizendo.

Ardiloso deu de ombros.

— Bem, eu já ia fazer isso de qualquer maneira.

— Nós ainda somos fugitivos? — indagou Valquíria.

— Infelizmente, sim — respondeu Êxtase. — Na ausência de Grêmio, eu estou no comando, mas enquanto houver um espião no santuário, é perigoso demais trazer vocês dois de volta. Farei o melhor que puder para manter

Remus Crucial longe de vocês, mas vou mantê-lo no cargo de detetive-chefe para que o tal espião tenha algo para se manter ocupado.

— Fora — ordenou Conspícuo.

Todos olharam para o professor enquanto ele chegava pela porta na tela.

— Fora — repetiu ele. — Todos vocês. Fora daqui. Esta é uma instituição de pesquisas mágico-científicas, um lugar de conhecimento e cura. Certamente não é um lugar de violência.

— Professor — Ardiloso começou, mas Conspícuo ergueu uma das mãos para calá-lo.

— Você traz morte e destruição até a minha porta, detetive Cortês. Sempre trouxe. E

mesmo que eu fique feliz em consertá-lo, e consertar os seus amigos, não estou disposto a ficar calado enquanto você usa este lugar como quartel-general. Hoje à tarde, este instituto foi invadido por Talhadores. E como se isso já não fosse ruim o bastante, agora tive adoradores fanáticos dos Sem-Rosto atacando pessoas bem aí onde vocês estão. Fiz um juramento para curar pessoas, mas hoje fui obrigado a utilizar meu poder para ferir.

Imperdoável. Imperdoável!

Valquíria recuou, já odiando o momento em que o professor começasse a usar os ferimentos dela como mais uma arma contra Ardiloso. Conspícuo olhou para a menina, depois para o detetive, mas o momento veio e se foi.

— Vou curar suas feridas — afirmou. — Mas não vou facilitar suas batalhas. Todos vocês, fora daqui.

Conspícuo se virou e voltou pela porta na tela. No momento seguinte, a imagem da porta se apagou e as cortinas pesadas começaram a se fechar. As poucas luzes remanescentes no salão se acenderam.

Êxtase foi o primeiro a sair. Os outros olharam para Ardiloso, que tinha recolocado o chapéu. Eles vestiram os casacos e Medonho pegou duas grandes bolsas, e em seguida saiu do cinema.

A chuva tinha parado. Ardiloso destrancou a Ameaça Roxa.

— Vamos voltar para a minha loja, imagino — Medonho comentou enquanto jogava as bolsas dentro da van.

— OK — disse Fletcher, segurando o braço de Valquíria. — A gente vê vocês por lá.

E eles se teletransportaram.

Foi como se ela tivesse piscado, e dentro daquela piscadela tivesse havido um golpe de ar e Valquíria se sentiu leve, e sua barriga deu uma cambalhota, e não havia nada ao seu redor ou abaixo dela além da mão e do braço de Fletcher. A mão dele era a única coisa real, e passava uma sensação boa, calorosa e reconfortante.

E então estavam de pé no telhado da loja de Medonho. Uma onda de tontura acertou Valquíria e ela quase caiu de joelhos.

Fletcher sorria para a menina.

— Tudo bem com você? — perguntou ele gentilmente.

Valquíria lhe acertou um soco na mandíbula e o rapaz cambaleou para trás.

— Por que você fez isso? — berrou ele.

A adolescente olhou feio para o garoto enquanto a tontura passava.

— Eu fiz isso por causa do choque, principalmente — retrucou ela, furiosa.
— Você não pode simplesmente teletransportar pessoas sem pedir! E se

alguma coisa tivesse dado errado? E se você tivesse teletransportado só metade de mim?

— Isso jamais aconteceria.

— E se você soltasse meu braço no meio do caminho?

— É impossível de ser feito.

— E se a gente reaparecesse dentro de uma parede ou coisa assim?

Fletcher hesitou.

— OK, isso realmente era um perigo... Mas se eu já estive num lugar antes, e se puder visualizá-lo na minha cabeça, isso é tudo que realmente preciso. Eu achei que você iria gostar, para falar a verdade.

O telefone de Valquíria tocou; era Ardiloso. A menina garantiu ao parceiro que estava tudo bem, e que estava esperando pelo resto do grupo na loja de Medonho. Ela desligou.

— Ele disse que vai matar você — Valquíria informou Fletcher, que encolheu os ombros.

— Ele sempre fala isso.

— Mas desta vez é sério.

— E qual é a diferença? Se ele me entregar àqueles lunáticos, já estarei praticamente morto, né?

Valquíria não disse nada. Fletcher olhou para a cidade que os rodeava.

— É bem bonito aqui em cima — ele continuou. — Todas essas luzes. A chuva faz tudo ficar meio cintilante, né? É assim em Londres também. Às vezes dá até pra esquecer como é tudo tão sujo.

Fletcher olhou para Valquíria.

— O que vai acontecer com aquele tal de Grêmio? Você acha que eles vão matar o cara?

Valquíria hesitou.

— Não sei.

— E você dá à mínima?

— O quê? Claro que dou.

— Você não gosta dele.

— Mas mesmo assim não quero que ele seja assassinado.

Fletcher ficou quieto por algum tempo.

— A Tanith tem namorado?

Valquíria olhou para ele, incapaz de acreditar, impressionada com a mudança radical de assunto.

— Você não tem nenhuma chance.

— Você não sabe disso.

— Sei, sim.

— Me dá três bons motivos.

— Eu só preciso de dois. O primeiro é que ela é velha demais para você, e o segundo é que você é muito chato.

— Ei, só porque você é muito nova para apreciar as minhas qualidades, não quer dizer que eu não tenha nenhuma. Sou um ótimo partido.

— Foi isso que a sua mamãezinha lhe disse? — Valquíria sorriu.

— Na verdade, não. Minha mãe morreu.

O sorriso desapareceu.

— Ah.

— E quanto à sua família? O que eles acham dessa coisa toda de aventuras mágicas e resolução de crimes que você faz?

— Eles não sabem de nada disso. Em casa eu tenho um espelho especial, e tudo que preciso fazer é tocar no espelho e a minha reflexão sai e faz todas as coisas chatas como ir para a escola e os deveres de casa e ser legal com as pessoas.

— Sua reflexão ganha vida? — exclamou Fletcher, de olhos arregalados.

— É.

— Isso é sério? Que maneiro! Então todo mundo acha que você é só uma menina normal?

— Eles me acham meio esquisita, mas basicamente sim.

— Isso é incrível. Então tem duas de você?

— Mais ou menos, é.

O rapaz ficou quieto por alguns momentos e Valquíria começou a se perguntar o que ele estaria pensando.

— Maneiro — comentou ele, enfim. — Então tem como eu arranjar um desses espelhos? Talvez a gente possa trocar meu reflexo por esse tal de Grêmio. A não ser que o reflexo vá ter as mesmas habilidades que eu, e aí acaba dando na mesma.

— Não, eles não podem fazer magia, mas não iria funcionar de qualquer maneira.

Feiticeiros geralmente conseguem ver que é uma reflexão a um quilômetro de distância.

Fletcher encolheu os ombros.

— Vale a tentativa. Vou lhe dizer uma coisa, vai ser muito legal quando tudo isto acabar e eu puder voltar pra minha vida.

— E como era sua vida? O que você fazia o dia inteiro?

— O que eu bem entendesse. Eu tenho esse poder, e não foi algo que eu aprendi, ou algo que me contaram, simplesmente aconteceu. Sou um Teletransportador nato. E isso significa que posso ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa. E é isso que faço o dia todo. O

que eu bem entender.

— Você deveria arranjar alguém para lhe treinar.

— Quem? Todos os outros Teletransportadores estão mortos.

— Como Ardiloso vive me dizendo, magia é magia. Os princípios básicos são os mesmos, não importa qual seja o seu poder.

Fletcher fez uma careta.

— Parece muito com a escola.

— Geralmente é mais divertido — a menina sorriu. — Você pode ter um dom natural para esse poder, mas nunca será tão bom quanto poderia ser se não treinar com alguém.

O rapaz desapareceu, e então sua voz veio de detrás dela.

— Eu já sou bom o bastante.

Valquíria suspirou e se virou, mas ele já tinha sumido de novo.

— OK — disse ela. — Isso é supermaduro.

Fletcher cutucou o ombro dela e a menina riu e tentou lhe dar um tapa, mas o rapaz apareceu diante dela, exibindo aquele sorriso arrogante.

Eles esperaram no telhado por mais dez minutos, e Valquíria fez o possível para não sorrir com os comentários pentelhos dele.

Apesar das melhores intenções da menina, entretanto, ela percebeu que estava se divertindo com Fletcher. Quando os faróis da Ameaça Roxa e da van de Medonho se aproximaram, o Teletransportador estendeu o braço e ela o segurou. Novamente foi como se a adolescente tivesse piscado, e então foi levada pelo vazio, e logo os dois estavam na calçada. Valquíria se apoiou em Fletcher enquanto a tontura passava.

O rapaz e a menina se separaram quando Ardiloso chegou. O detetive parou bem diante de Fletcher, que parecia estar bem nervoso. Medonho e Tanith se apressaram para se juntar a eles.

— Jamais — Ardiloso começou — faça isso de novo.

Fletcher concordou com a cabeça.

— Há alguém na loja — Medonho afirmou em voz baixa. O resto do grupo seguiu o olhar dele até a porta, que estava entreaberta. Dentro havia apenas escuridão.

Ardiloso sacou a arma e olhou para Fletcher.

— Esqueça o que eu acabei de dizer e se teletransporte para algum lugar. Valquíria vá com ele.

Ela tomou o braço de Fletcher e apontou para cima. O rapaz assentiu e eles reapareceram no telhado. A tontura foi breve desta vez, e a menina se moveu silenciosamente, avançando na frente até a claraboia. Os dois se agacharam e espiaram pelo vidro.

A luz dos postes penetrou a penumbra quando a porta se abriu completamente.

Valquíria não podia ver os companheiros, mas imaginou Ardiloso e os outros entrando rapidamente, verificando cada canto, se movendo com determinação silenciosa. Alguns segundos depois, ela ouviu vozes; não eram vozes gritando alarmadas, mas engajadas numa conversa.

Alguém acendeu a luz.

Ardiloso estava guardando o revólver no coldre e Tanith embainhava a espada.

Medonho voltou do interruptor de luz até os companheiros, que estavam parados diante de Salomão Mortalha e mais dois outros Necromantes.

— Está tudo bem — Valquíria informou Fletcher. — Vamos lá.

Eles se levantaram e ele segurou a mão dela. Valquíria piscou e então os dois estavam na loja, com todos os outros olhando para eles devido à chegada repentina. Mortalha os saudou com um aceno da cabeça antes de continuar falando.

— O que vocês veem diante de si é a extensão total do contingente de Necromantes.

A opinião da maioria é que nós deveríamos deixar vocês lutarem suas batalhas sozinhos.

— Mas você não concorda com isso? — indagou Ardiloso.

— Acho que essa é uma abordagem insensata a se adotar, e os meus colegas aqui concordam comigo.

Os colegas dele vestiam preto. A mulher tinha um manto jogado sobre os ombros, e as bordas do manto pareciam se contorcer nas sombras. O homem

tinha uma velha pistola de pederneira num coldre na perna. Nenhum dos dois parecia ser ao menos remotamente amistoso.

— Três Necromantes não parecem ser lá um contingente de verdade — Medonho comentou claramente nem um pouco impressionado.

— Quatro, na verdade — Mortalha corrigiu e bateu com a bengala no chão.

Um vulto veio do quartinho de trás. Ardiloso sacou o revólver imediatamente, e a espada de Tanith reluziu, e Medonho tinha fogo nas mãos.

O Talhador Branco assumiu seu lugar ao lado de Mortalha.

Ardiloso desengatilhou a arma.

— Explique-se, Mortalha. Este homem está na lista dos procurados do Santuário há mais de dois anos.

Mortalha sorriu inocentemente.

— Eu lhe garanto Ardiloso, meu colega não foi responsável pelas próprias ações.

— Ele quase me matou! — rosnou Tanith.

— Sob ordens de Nefasto Serpênteo — argumentou Mortalha.

— Ele certamente não estava de posse da própria vontade na época.

O Talhador Branco ficou simplesmente ali, perfeitamente imóvel. A foice que tinha atravessado Tanith estava presa às costas dele.

— Como ele foi acabar com você? — indagou Ardiloso.

Mortalha deu de ombros.

— Foram as nossas técnicas que Serpênteo usou para trazê-lo de volta da morte. Uma vez que percebemos o que ele tinha feito, conseguimos romper o domínio que exercia sobre o Talhador, e o Talhador veio até nós.

— Então foi coisa sua, quando ele ignorou as ordens de Serpênteo no Santuário?

— Sim, fomos nós mesmos. Se ao menos nós tivéssemos conseguido cortar a influência de Serpênteo mais cedo, a Srta. Low não teria sido ferida, e o Sr. Reservado não haveria tido a necessidade de se transformar num ornamento de jardim.

Medonho deu o bote e Ardiloso teve que segurá-lo.

Tanith foi até o Talhador Branco, que olhou para baixo, para ela, com o visor refletindo o rosto da guerreira.

— Ele tem algum poder de Necromante? — ela perguntou a Mortalha, sem tirar os olhos do Talhador.

— Não, é apenas um Talhador, embora seja um dos melhores. Também está morto, se regenera e é praticamente invencível. É o resultado de uma das nossas técnicas e, sendo um soldado, o instinto natural dele é receber nossas ordens e permanecer ao nosso lado. Neste caso, o nosso lado é, felizmente, o mesmo que o seu.

Tanith se virou e se afastou.

— Ele não está do meu lado.

— Nem do meu — grunhiu Medonho.

— Mesmo assim — Mortalha continuou. — Ele faz parte do contingente de Necromantes que vocês requisitaram. Nós três e o Talhador Branco. A não ser, é claro, que vocês acreditem que são capazes de derrotar a Diablerie sozinhos.

Ardiloso guardou a arma novamente.

— Se qualquer um de nós sobreviver a isto, Mortalha, você e eu vamos ter uma conversinha.

DESPEDIDA

Na manhã de sábado, Valquíria subiu pela janela do quarto bem quando a reflexão estava acordando.

— Você está com uma aparência horrível — a reflexão comentou, se sentando e olhando para a menina.

— Oi pra você também — respondeu Valquíria, jogando o casaco no guarda-roupa.

Ela só havia dormido por duas horas no sofá de Medonho e estava se sentindo exausta. A menina se sentou e tirou as botas.

— Seus pais estão indo para Paris em meia hora — contou a reflexão. — Você está aqui para se despedir?

— Esse é o plano.

— Você quer que eu volte para o espelho?

Valquíria se despiu e chutou as roupas pretas para um canto, em seguida se cobrindo com o roupão.

— Não vou ficar muito tempo — respondeu. — Vou tomar um banho, me despedir dos meus pais e então vou sair de novo.

— Então eu terei que ficar aqui?

— Se esconda debaixo da cama, para o caso da mamãe aparecer. — A reflexão cumpriu a ordem e Valquíria observou enquanto a coisa escondia um pé descalço sob as cobertas. — Tudo bem aí embaixo?

— Tudo — foi a resposta. — Eu também achei uma das suas calcinhas perdidas.

— Boas notícias para todos os lados, então. Não faça barulho.

Valquíria foi até o banheiro, trancou a porta e ligou o chuveiro.

Em seguida entrou no boxe e suspirou enquanto a água quente a atingia. A menina baixou a cabeça e fechou os olhos, e em segundos os cabelos dela estavam completamente molhados até o couro cabeludo. Podia sentir a terra e o suor e a sujeira sendo lavados, e era uma sensação ótima. Passou a

língua no dente novo outra vez, testando. Ainda parecia grande demais, e Valquíria teve medo de cutucar com muita força e tirar a prótese do lugar.

A menina lavou os cabelos. Os músculos começaram a se afrouxar. Ela estava começando a relaxar. Não tinha percebido como estava tensa, mas concluiu que uma massagem provavelmente seria ótima naquele momento. Porcelana provavelmente saberia pra quem telefonar para resolver isso.

Valquíria tentou pensar no que iria dizer para os pais, e sentiu um frio na barriga. Ela já tivera que dar o que poderia potencialmente ter sido um último adeus para eles com uma frequência grande demais nos últimos dois anos, e isso não estava se tornando nem um pouco fácil.

Com o banho terminado, ela saiu do chuveiro e se secou com a toalha. Ouviu passos passando pela porta.

— Bom dia, querida — falou a mãe.

— Bom dia!

Valquíria enxugou o vapor do espelho e se olhou bem. Seu rosto não estava marcado.

Nada de cortes ou hematomas. A ducha a tinha reavivado, e a menina não parecia mais estar tão cansada.

Ela estava confiante de que não havia nada na aparência dela que poderia preocupar os pais. Eles poderiam partir sem nem um pouquinho de ansiedade.

Desde que, é claro, Valquíria conseguisse se despedir sem agir como se fosse à última vez que eles a veriam.

A menina respirou fundo, apertou o roupão e voltou para o quarto. Vestiu calça jeans, camiseta e um casaco com zíper, e por fim calçou um par de tênis. Experimentou alguns sorrisos de treino e, quando teve certeza de que estavam convincentes, desceu as escadas batendo os pés com uma cara feia.

— Alguém está ranzinza — o pai comentou quando Valquíria entrou na cozinha.

— Por que eu não posso ir com vocês? — choramingou. — Por que tenho que ficar com a Beryl?

— Porque é um fim de semana romântico — explicou o pai. — Não seria muito romântico se você fosse junto, seria?

Valquíria desabou numa cadeira.

— Por que você precisa de romance na sua vida? Você já está casado. Romance deveria ser reservado para pessoas como eu.

O pai dela franziu o cenho.

— Você não está procurando romance, está? Só tem 14 anos. Deveria estar pensando em outras coisas. Como bonecas.

— E quando foi à última vez que você me viu com uma boneca, pai?

— Sei que nós lhe demos uma quando você ainda era bebê, mas tenho quase certeza de que você riu dela e lhe deu uma surra.

— Eu era um bebê maneiro.

A mãe entrou.

— Des, cadê o seu passaporte?

— Eu preciso dele?

— Vamos pegar um avião. Sim, você precisa dele. Onde está?

— Hum, onde ele fica normalmente?

— Você me disse que estava com ele. Ontem à noite, eu perguntei e você me garantiu que estava com ele.

O pai de Valquíria assentiu, pensativo.

— Eu realmente me lembro disso. Entretanto, eu poderia estar mentindo.

— Ah, pelo amor de Deus, Edgley...

A mãe dela só chamava o marido pelo sobrenome quanto estava ficando brava com ele.

— Ele está por aqui em algum lugar — o pai riu. — Você continue fazendo as malas, e quando for a hora de sair eu já terei encontrado.

— Vamos sair em sete minutos.

Ele engoliu em seco.

— Isso não é problema.

A mãe de Valquíria suspirou e saiu da cozinha. A menina perguntou bem alto logo em seguida.

— Mãe! Quantos anos você tinha quando teve o seu primeiro namorado?

— Meu primeiro namorado sério?

— É.

— Treze — ela ouviu a mãe responder. — Des, ache o passaporte.

— O que você quer dizer com “sério”? — perguntou Des, mas ela não respondeu. Ele se virou para Valquíria. — As coisas eram diferentes quando eu e sua mãe éramos crianças.

Eram tempos mais inocentes. Tínhamos que esperar um ano e meio só para poder dar as mãos. Era a lei e nós aceitávamos felizes.

— Acho que você inventou essa última parte, pai.

— Garotos são horríveis — ele continuou. — Eu sei disso porque já fui um.

Alguém tocou a campainha. Enquanto o pai procurava o passaporte e a mãe terminava de fazer as malas, Valquíria foi até a porta da frente.

— Olá, Stephanie — Remus Crucial cumprimentou.

A menina ficou paralisada. Ele estava vestindo a combinação usual de calça social e blazer, mas hoje ele completou o traje com um sorrisinho doentio.

A boca de Valquíria secou. Ela manteve a voz baixa.

— O que você está fazendo aqui? Você não pode estar aqui.

— Eu tenho um mandado para a sua prisão — respondeu Crucial docemente.

— O

que foi, você não achou que eu seria capaz de descobrir quem você é e onde mora? Como se a conexão óbvia com o finado Gordon Edgley já não fosse uma pista gigantesca, vários vampiros lhe perseguiram pelas ruas desta linda cidadezinha no verão passado. Eu sou um detetive, Srta. Caos. Descobrir

coisas é o meu trabalho, e este mistério em particular não foi lá muito complicado.

— Meus pais estão aqui. Você não pode fazer isto.

— Estou lhe dando uma escolha. Ou prendo você agora, ou você me conta onde o esqueleto está e onde está mantendo o Grande Mago.

— A Diablerie está com Grêmio. Batu está com Grêmio.

— Pelo que fiquei sabendo durante as minhas investigações, não existe Batu.

Valquíria, ninguém está lhe culpando. Você me entende, não? Ardiloso a levou para o mau caminho. Nada disso é culpa sua, mas você tem que fazer a coisa certa.

A menina olhou feio para o detetive.

— Você não pode vir à minha casa e me ameaçar.

— Você vai me contar onde ele está?

— Não, eu não vou.

— Nesse caso, você está presa.

Valquíria tentou fechar a porta, mas Crucial a segurou e a manteve aberta.

— Saia já daqui — a adolescente exclamou, com a voz rachando de tanta fúria. — Existem regras, você não pode exhibir um poder na frente dos civis. Meus pais são civis. Se você me levar, vai expor nós dois.

O detetive enfiou a cara na fresta da porta.

— Você está presa.

A menina olhou em volta quando ouviu a mãe se aproximar, puxando a mala de rodinhas atrás de si, e quando Valquíria olhou para frente de novo, Crucial tinha sumido.

— Quem era?

— Ninguém — respondeu Valquíria. — Casa errada.

A mãe assentiu com a cabeça, e em seguida viu o passaporte na mesa ao lado. Ela gritou escada acima.

— Desmond, eu achei seu passaporte. Temos que ir.

Valquíria abriu bem a porta, como se fosse para deixar a mala da mãe passar. Em seguida saiu de casa e olhou em volta, se assegurando de que Crucial não poderia ser visto.

O pai desceu as escadas, pegou o passaporte e o abriu.

— Este aqui não é o meu — afirmou. — Este aqui pertence a um sujeito feio com uma cara de bobo.

A mãe de Valquíria suspirou.

— Entre no carro.

— Este é o meu presente de aniversário de casamento para você — protestou o marido. — E isso significa que eu estou no comando.

— Entre no carro.

— Sim, querida — resmungou, pegando a mala e arrastando os pés até a porta. Ele parou para dar um abraço em Valquíria e piscou o olho para ela.
— Você se comporte, está bem? E seja boazinha com as suas primas. Deus sabe que alguém precisa ser.

Ele seguiu em frente e a mãe da menina veio em seguida, dando um beijo e um abraço na filha.

— Beryl estará lhe esperando para o almoço — informou a mãe. — Não vai ser tão ruim quanto você pensa.

Por um único momento, Valquíria conseguiu afastar todos os pensamentos sobre Crucial da mente. Ela olhou para a mãe e desejou poder avisá-la sobre o que poderia acontecer.

— Espero que vocês se divirtam muito — foi tudo que conseguiu dizer, e então ficou olhando os pais guardando a bagagem no porta-malas, e em seguida saindo de ré da entrada da garagem. O pai estava dirigindo e a mãe acenando. Valquíria se obrigou a sorrir e acenou de volta até o carro sumir de vista.

Então saiu em disparada.

Levou alguns segundos para que a menina percebesse que Crucial estava atrás dela.

Valquíria se virou de lado, passando por entre um mourão de cerca e uma parede, de modo a poder correr pelo aterro elevado que margeava um campo de couves-flores. Ela ouviu a cerca chacoalhar e deu uma olhada para trás a tempo de ver Crucial se espremendo para passar.

Valquíria abandonou o aterro e correu pelo campo. Os pés dela estavam pesados, pois os tênis estavam ficando cobertos com grandes bolas de lodo. Não era fácil manter o equilíbrio, mas ela costumava fazer isto toda hora quando era criança, os amigos e ela, apostando corrida até em casa depois da escola e aproveitando todos os atalhos imagináveis.

Havia certo tipo de ritmo necessário para atravessar os sulcos profundos das couves-flores; um ritmo que Crucial não conhecia. O detetive tinha cruzado apenas dez sulcos quando um talo grosso se enroscou no pé dele, que se espatifou na terra.

— Você está presa! — guinchou ele.

Quando Crucial finalmente conseguiu se levantar, Valquíria já tinha atravessado mais da metade do campo. Correr daquele jeito, com os pés tão pesados e tendo que levantar tanto os joelhos, estava drenando rapidamente à energia dela. A menina se virou e correu ao longo de um dos sulcos, indo na direção de uma falha na sebe. Olhou para trás e viu Crucial se estatelando novamente.

Valquíria alcançou a beira do campo e correu direto para a falha. Quando ela era uma menina de 8 anos de idade, tinha tentado este salto e acabara com

água da vala até a cintura, com a pele toda cortada por espinhos e galhos. Mas isso acontecera há muito tempo.

Ela empurrou o ar atrás de si para aumentar a distância do salto, e aterrissou do outro lado, com as pernas cansadas e cambaleando um pouco.

Este campo estava misericordiosamente livre de couves-flor, e Valquíria o atravessou correndo diagonalmente. Ao pular sobre o portão que levava à estradinha, ela estava exausta.

A menina olhou para trás e viu Crucial saltar a vala e então tropeçar até parar, se dobrando para frente com as mãos nos joelhos. Ele parecia estar a ponto de desmaiar.

Valquíria raspou os pés no chão para soltar os pedaços restantes de barro e em seguida saiu correndo, para longe da cidade. Ela precisava de um lugar quieto e isolado para se esconder, e então ligar para Ardiloso para que viesse buscá-la. Valquíria realmente queria estar presente quando o detetive pusesse as mãos em Crucial.

A menina chegou à parte onde a estrada se bifurcava, ouviu um motor e olhou para trás. Uma van negra tinha parado junto ao portão, bem na hora em que Remus Crucial estava passando por cima dele. Mesmo de longe ela pôde ver o estado do adversário; coberto de lama dos pés à cabeça. O homem estava dizendo alguma coisa, bem ofegante, provavelmente, para quem quer que estivesse na van, e então a porta lateral se abriu e um Talhador saiu.

— Ah, inferno — exclamou Valquíria.

Crucial apontou e o capacete cinzento do Talhador se virou para olhar para ela.

Valquíria correu.

Ela sabia que os Talhadores eram velozes, mas nunca tinha sido perseguida por um deles antes. O Talhador era como um daqueles atletas que ela tinha visto nas Olimpíadas, os corredores dos 100 metros rasos, e ele ficava cada vez mais rápido conforme se aproximava.

Ela jamais poderia escapar dele, e se tentasse enfrenta-lo, a menina temia que ele talvez usasse aquela foice atada às costas.

Um trator puxando um arado mecânico veio ribombando de um campo próximo.

Valquíria correu até ele, se sentindo incrivelmente aliviada. Os Talhadores eram a polícia e o exército do Santuário num só pacote, e a menina sabia que eles seriam mais cuidadosos em não alarmar os civis do que Crucial parecia ser.

O trator parou e o fazendeiro desceu. Ela o conhecia; era um amigo do pai. O fazendeiro parou entre o arado e o trator e apertou as correntes que os conectavam. A menina olhou para trás e o Talhador tinha desaparecido.

— Oi, Steph — o fazendeiro saudou ao ver a menina, meio sorrindo e meio franzindo o cenho ao perceber as calças jeans e os tênis imundos. — O que você andou aprontando?

— Oi, Alan — respondeu ela, tentando recuperar o fôlego. — Só estou fazendo um cooper.

— Ah, entendo. Tudo bem então. — Satisfeito com a tensão das correntes que seria suficiente para evitar que o arado ficasse balançando enquanto ele dirigia, Alan limpou as mãos nas calças. — É, só que você não está exatamente vestida para fazer cooper, né?

— Foi uma decisão espontânea. Eu não pensei muito nela antes de sair.

— Eu disse a mesma coisa sobre o meu casamento — o fazendeiro concordou com a cabeça. — Está tudo bem, não está?

— Parece que está — respondeu Valquíria.

— Seus pais vão passar o fim de semana fora?

— Acabaram de sair.

— E você já está metida em encrencas?

— É, o que há de novo nisso?

— É verdade. Tem certeza de que está tudo bem?

— Fora o fato de eu ter que ficar com Beryl até segunda-feira — comentou Valquíria.

— Sim, tudo bem. Você está indo pra casa? Poderia me dar uma carona até a Main Street?

— E quanto ao seu cooper?

— A vontade passou.

— Pode subir — Alan falou e o sorriso estava começando a se espalhar pelo rosto de Valquíria quando ela ouviu a van negra vindo logo atrás. A menina gelou quando a van parou e Crucial saltou.

Alan olhou para ele, para a lama nas roupas e a raiva nos olhos, e então parou entre Crucial e Valquíria.

— Posso ajudá-lo? — indagou.

— Você pode sair do meu caminho — rosnou Crucial.

— Sua van pode passar pelo meu trator. A estrada não é tão estreita assim.

— Não é o seu trator que está no meu caminho, camponês, é você.

Valquíria não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Quebrava todas as regras que ela tinha aprendido.

Alan olhou para Valquíria.

— Esse cara é o motivo de você ter começado a fazer cooper, Steph?

— Eu não conheço ele — mentiu a menina. — Nunca o vi antes.

— Você poderia me fazer um favor, Steph? Poderia ligar para a polícia?

— Eu sou um detetive — exclamou Crucial, dando um passo à frente, e Alan lhe acertou um soco, um cruzado de direita.

— Você fique longe da garota — Alan afirmou calmamente enquanto Crucial se retirava, com olhos flamejantes.

Valquíria segurou o braço do fazendeiro, não deixando que fosse atrás de Crucial.

— Está tudo bem — disse ela rapidamente. — É melhor a gente ir. Podemos ir? Por favor, eu só quero ir embora.

— Se eu fosse você — Alan disse a Crucial —, eu sairia da cidade agora mesmo. Não quero ver você por aqui nunca mais. Você entendeu?

Crucial olhou feio para ele. No que Alan se virou, Crucial estendeu a mão com força contra o ar. Alan foi atirado contra a lateral do trator e caiu na estrada. Valquíria gritou e correu até ele, mas houve um borrão cinzento e o braço dela foi torcido para trás.

A menina caiu de joelhos e logo as algemas se fechavam nos seus pulsos, e antes que pudesse reagir, as duas mãos estavam atadas.

O Talhador a puxou para cima, para que ficasse de pé.

— Você não pode fazer isto! — ela gritou conforme um segundo Talhador se ajoelhava ao lado de Alan. O soldado verificou a pulsação do fazendeiro e acenou com a cabeça para Crucial.

— Ele vai acordar daqui a alguns minutos — comentou Crucial.

— E estou torcendo para que ele tenha aprendido a liçãozinha.

— Você atacou um civil!

— Ele me atacou. Eu tenho testemunhas.

— Você usou magia contra ele — ela continuou, furiosa. — Quando ele estava de costas para você. Seu covarde.

Crucial suspirou.

— Eu estava cumprindo meu dever. Se um civil se machucar ou, Deus nos proteja, morrer durante a perseguição de um fugitivo, então a culpa é do fugitivo.

— Espere só até Êxtase ficar sabendo disto.

Crucial segurou as algemas e as torceu de maneira selvagem.

Valquíria berrou de dor. O detetive se curvou para frente.

— Você pode achar que o Ancião Êxtase virá lhe socorrer, mas ele é um homem muito ocupado, e às vezes os meus relatórios se perdem a caminho da mesa dele. Há grandes chances de que ele jamais venha a saber que você foi presa.

— Você vai se arrepender disto — afirmou Valquíria. — Eu juro por Deus que você vai se arrepender disto.

— Duvido muito — Crucial retrucou enquanto marchava com a prisioneira até a van, em seguida a jogando para dentro. — De fato, se a sua captura me levar até Ardiloso Cortês, eu posso até ganhar uma promoção.

Ele bateu a porta, apagando a luz do sol.

COMPANHEIROS DE CELA

—Infelizmente — disse Crucial, enquanto levava Valquíria para a carceragem temporária —, estamos um tanto quanto superlotados no momento. Suponho que seja o resultado do Santuário finalmente ter um detetive principal que é bom no que faz.

— Eu já fui apresentada a ele? — Valquíria indagou e recebeu um puxão furioso nas algemas como resposta.

— Isso significa — Crucial continuou — que você terá que dividir uma cela.

Valquíria ficou pálida.

— O quê? Você não pode fazer isso.

— Não é o ideal, mas nós fazemos o que é necessário — Crucial comentou, sem conseguir esconder a felicidade que sentia.

A menina tentou se puxar para trás, mas o detetive a arrastou violentamente para frente.

— Você não pode fazer isso! — gritou ela, na esperança de que alguém escutasse. — Me deixa falar com o Sr. Êxtase!

— O Ancião Êxtase está ocupado tratando de assuntos do Santuário — respondeu Crucial. — Vamos resolver esse problema, eu lhe garanto. Mas, por enquanto, você terá que ser uma boa menina e compartilhar o seu quarto.

Ele abriu a porta de uma das celas e empurrou a menina para dentro. A porta bateu atrás dela e o homem no catre estreito olhou para a nova ocupante.

— Caos — rosnou Patife.

A fenda na porta se abriu.

— Mãos! — comandou Crucial.

— Me tira daqui! — gritou Valquíria.

— Ponha suas mãos na fenda, a não ser que você prefira continuar algemada.

O olho direito de Patife estava fechado de tão inchado, o nariz estava roxo e o lábio cortado. Ele se movia lentamente, como se o corpo inteiro estivesse doendo.

Valquíria meteu as mãos pela fenda na porta e Crucial removeu as algemas.

— Esta cela está obviamente protegida contra magia — o detetive a informou. — Portanto, tentem se comportar, por favor.

A menina se abaixou bem, para que o captor pudesse ver os olhos dela pela fenda.

— Detetive Crucial, você não pode fazer isso.

O homem sorriu antes de fechar a fenda. Valquíria se virou bem quando Patife se levantou.

— Eles quebraram meus dedos — afirmou o prisioneiro, erguendo a mão esquerda enfaixada. — Aqueles Talhadores quebraram meus dedos e me deram uma surra horrível.

Vocês riram bastante, não riram? Você e o esqueleto? Sorriram um para o outro enquanto me mandaram para distraí-los?

A boca de Valquíria estava seca. Não havia para onde correr ou algum lugar para se esconder. Ela não poderia usar os poderes e não estava vestindo as roupas protetoras. Era uma menina comum, trancada numa salinha com um homem crescido que queria matá-la.

— Vou lhe espancar até a morte — afirmou Patife, acenando com a cabeça.
— Eu queria que o meu primeiro assassinato fosse um evento artístico. Uma coisa bonita. Mas acho que posso me contentar com alguma coisa brutal. Isso me daria margem para me-lhorar depois.

— Você nunca vai sair da cadeia — disse Valquíria, com dificuldade. — Se você me matar, vai passar o resto da vida numa cela como esta aqui.

— Não, eu vou sair. Alguma coisa vai acontecer e eu vou sair. Eu sempre saio.

— Você será um assassino. A segurança é maior para assassinos.

— E qual é a razão disso? Porque as pessoas têm medo de assassinos. As pessoas vão ter medo de mim.

Ele deu um passo à frente e ela deu um passo atrás, sentindo o frio da porta de aço através das roupas.

— E quanto a Ardiloso? — indagou ela rapidamente.

— Ele está por aqui? Não estou vendo. — Patife sorriu.

— Você não quer virar inimigo dele, Vaurien. Você sabe que não. Assim que ele descobrir que fui presa, virá me buscar. Vai aparecer do outro lado desta porta como fez dois dias atrás, vai abri-la e ver o que você fez. Você realmente quer estar aqui dentro quando isso acontecer?

Patife hesitou.

— Eles vão me colocar em custódia protetora — decidiu ele.

— Eles não gostam muito do seu amigo por aqui hoje em dia, se você se esqueceu.

Vão me colocar numa cela especial onde Ardiloso não poderá me encontrar.

— Ele vai encontrar você. Ele vai caçar você.

Patife fez uma careta de zombaria.

— Ele pode tentar.

Valquíria conhecia as regras. Tanith as tinha inserido na mente da menina com frequência suficiente. Sem nenhuma outra escolha, quando a chegada da violência se tornava uma certeza quase absoluta e a retirada não era uma opção, a regra era atacar primeiro e sem aviso.

Patife era um homem adulto. Tinha pouco menos de 2 metros de altura e força mediana para um homem desse tamanho. Valquíria era uma menina de 14 anos que era alta para a idade, e vinha se exercitando com dois dos melhores treinadores de luta da região há dois anos. Fisicamente, Patife ainda levava vantagem, mas também estava ferido. O homem mantinha o peso do corpo na perna direita, protegendo a esquerda, e o corpo estava meio torcido. Ela suspeitava de que ele tinha costelas quebradas.

Ataque primeiro e sem aviso.

Valquíria chutou a perna esquerda de Patife, que gritou. Ela tentou lhe dar uma cotovelada na cara, mas os braços dele estavam levantados, se agitando. A menina empurrou o adversário para trás para ganhar espaço, e Patife lhe acertou um soco bem na mandíbula. A cabeça dela girou, a menina se chocou contra a porta e quase caiu.

Patife partiu para cima dela com outro soco, mas Valquíria se esquivou e recebeu o golpe no ombro. Se ela estivesse usando o casaco negro, o

impacto teria sido absorvido pelo material. Mas, não sendo este o caso, ela cambaleou para trás.

O bandido tentou atacá-la de novo, mas a adolescente agarrou a mão enfaixada e a torceu. Patife berrou e esqueceu completamente o ataque. Valquíria se afastou da porta, ainda o puxando pelos dedos quebrados, fazendo-o girar num pequeno círculo a sua volta. Por fim, a menina empurrou a mão dele para baixo e Patife se ajoelhou.

— Me solta! — implorou ele com lágrimas nos olhos. — Eu não ia matar você, juro!

Eu estava brincando!

Valquíria soltou a mão, que Patife abraçou junto ao peito, então a menina agarrou a cabeça do colega de cela e lhe deu uma joelhada bem na junta da mandíbula. Ele caiu e não se levantou mais.

A parte de trás das pernas dela bateu no lado da cama e Valquíria desabou sentada. A sua respiração estava rápida e superficial, e os olhos permaneceram grudados no vulto inconsciente de Patife.

O ombro da menina começou a doer. O soco tinha acertado no lado direito da cabeça dela, e a orelha estava ardendo. Valquíria deu graças a Deus por não ter sido atingida na boca.

Ela não achava que teria aguentado perder outro dente.

A adolescente se perguntou o que fazer quando Patife acordasse. Não havia nada na cela que ela poderia usar para amarrá-lo, e ninguém tinha vindo investigar os sons de luta.

Valquíria tinha derrotado Patife. Tinha derrotado o homem sem usar magia. Tudo bem, ele já estava ferido, e ela o tinha pegado de surpresa, mas o fato permanecia: ela tinha lutado contra um homem crescido e o tinha derrotado.

A menina começou a sorrir, e em seguida o sorriso desapareceu quando ela pensou no que teria acontecido se não o tivesse derrotado. Provavelmente estaria caída e morta no chão da cela agora mesmo.

Valquíria se levantou da cama e desfez as bandagens em volta da mão ferida de Patife. Os dedos estavam bem inchados, com a pele azul, amarela, roxa e preta. Ele nem murmurou enquanto a menina amarrou uma ponta da bandagem em volta daqueles dedos, e a outra ponta no pé de ferro da cama. Pelo menos agora ele não poderia atacá-la de surpresa quando acordasse.

Ela se sentou na cama novamente, bem longe dele, de costas para a parede. Amarrou os cabelos num rabo de cavalo e se perguntou se Ardiloso já teria percebido que alguma coisa tinha dado errado. Ela tentou pensar no que ele iria fazer.

Primeiro, o esqueleto ligaria para o telefone dela e ninguém atenderia. Depois de algum tempo, apareceria na casa de Valquíria ou, mais provavelmente, mandaria Tanith, uma pessoa com uma aparência um pouco

mais normal. Ele definitivamente iria falar com a reflexão, e com sorte iria descobrir o que tinha acontecido. E então viria buscá-la.

Valquíria se reclinou e esperou.

BERYL

Beryl Edgley era uma mulher ocupada.

Ela realmente não tinha tempo para receber e alimentar menores abandonadas.

Mesmo assim, quando Melissa Edgley tinha pedido para tomar conta de Stephanie enquanto ela tomava um jato para ir passar o fim de semana em Paris, Beryl tinha, é claro, aceitado o desafio graciosamente.

A sobrinha sempre fora uma menina teimosa e voluntariosa, com língua afiada e uma atitude que Beryl considerava bastante desagradável. Porém, até mesmo ela teve que admitir que, ao longo dos últimos dois anos, Stephanie aparentemente tinha se tornado muito mais submissa. Beryl gostava de acreditar que essa nova e mais silenciosa Stephanie era o resultado das dicas e sugestões que a própria Beryl tinha dado a Melissa e Desmond sobre como criar filhos bem-comportados. As filhas gêmeas de Beryl, Carol e Crystal, não eram perfeitas, de modo algum, e andavam perdendo peso demais ultimamente, mas pelo menos não bebiam ou fumavam ou andavam com rapazes grosseirões como tantas das amigas delas.

A família, mais Stephanie, estava almoçando na mesa da cozinha sem falar. Os olhos de Fergus estavam grudados na TV, e as gêmeas ciscavam a comida sem entusiasmo. De fato, Stephanie parecia ser a única determinada a comer o que Beryl tinha posto diante dela.

O que era surpreendente, considerando o que tinha acontecido a ela hoje mais cedo.

A campainha tocou e Beryl foi atender. Havia uma jovem mulher na soleira da porta, sorrindo. Ela tinha cabelos louros desgrehados e vestia uma roupa de couro marrom que era apertada demais. A pobre garota estava praticamente sendo espremida para fora do top.

— Você deve ser Beryl — disse ela, num sotaque inglês. — Eu já ouvi tanto sobre você.

Beryl não confiava em pessoas estranhas. Desde que eles tinham vendido aquele barco gigantesco que o irmão de Fergus tinha deixado para eles, a mulher tinha a suspeita incômoda de que todos queriam o dinheiro deles.

— E você é? — inquiriu Beryl, endireitando as costas para que pudesse olhar por cima do nariz.

— Meu nome é Tanith — respondeu a senhorita. — Será que a Stephanie está por aí?

— Ela está almoçando.

— Eu poderia falar com ela só por um instante?

Beryl franziu o cenho.

— Eu já disse que ela está almoçando. Está comendo. Não pode vir atender a porta quando está comendo.

A jovem mulher, Tanith, olhou para Beryl por alguns momentos e então sorriu novamente.

— Talvez ela possa parar de comer, vir até a porta, eu vou falar o que preciso falar bem rapidinho, e então ela pode voltar a comer. Isso lhe parece bom, Beryl?

— Eu preferiria que você me chamasse de Sra. Edgley.

Tanith respirou fundo, um ato que ameaçou a integridade física do top.

— Sra. Edgley, seja boazinha e vá buscar Stephanie para mim, está bem?

— Eu não gosto do seu tom.

— Eu não gosto dos seus sapatos.

Beryl olhou para baixo, se perguntando o que haveria de errado com os sapatos dela, e Tanith a contornou enquanto isso. Antes que Beryl pudesse perceber o que estava acontecendo, a mulher estava entrando na cozinha.

— Com mil demônios... — sussurrou Fergus.

— Stephanie — disse Tanith. — Poderíamos dar uma palavrinha?

Beryl irrompeu na cozinha atrás dela, ultrajada, no momento em que Stephanie se levantava. As gêmeas olhavam para a jovem mulher com curiosidade, e Fergus a encarava, com olhos arregalados e maravilhados.

— Stephanie, você não vai sair da cozinha!

— Isto é um assunto particular — afirmou Tanith.

— E esta é uma propriedade particular! Fergus, chame a polícia!

Fergus continuou olhando fixamente para a intrusa.

— Se isto tiver alguma coisa a ver com o que aconteceu hoje cedo — Beryl continuou. — A polícia certamente vai querer falar com você!

Tanith franziu o cenho.

— O que aconteceu hoje cedo?

Stephanie abriu a boca para falar, mas Beryl tomou o controle da conversa.

— Três horas atrás, Alan Brennan veio até a minha porta e me disse que foi atacado por um homem que tinha perseguido Stephanie. Atacado! Em Haggard!

— E quem era esse homem?

— Eu não sei — respondeu Stephanie. — Eu não lembro muita coisa. Acho que eu ainda estou em choque. Ele provavelmente pensou que eu era outra pessoa. Depois que ele atacou o Sr. Brennan, foi embora e eu voltei para casa.

— Nós a encontramos escondida debaixo da cama — Beryl contou, e Carol e Crystal seguraram uma risada.

— Você viu Val? — Tanith perguntou a Stephanie, ignorando Beryl completamente.

— Você sabe o que aconteceu com ela?

— Ela deveria ter voltado — Stephanie deu de ombros. — Mas não voltou.

— Quem é essa Val? — indagou Beryl, confusa. — O que ela tem a ver com isso tudo? Há um lunático perigoso à solta por aí, dizendo que é policial!

Tanith estreitou os olhos.

— Ele disse que era um tira?

— O Sr. Brennan disse que o homem falou que era um detetive.

— Crucial...

— Perdão?

— Eu conheço esse homem — respondeu Tanith. — E você tem razão, ele é um lunático. Vocês chamaram a polícia?

Fergus finalmente falou alguma coisa.

— Eles, hum, disseram que iriam telefonar esta tarde...

— Então diga a eles que não se incomodem. Esse homem tem um histórico de problemas psiquiátricos. Ele simplesmente esqueceu-se de tomar os remédios esta manhã, só isso. Eu sou a médica dele.

— E que tipo de médica se veste de couro marrom? — Beryl indagou, desconfiada.

A jovem mulher lhe lançou um sorrisinho rápido.

— O tipo que fica linda assim. Obrigada pelo seu tempo. Um bom dia a todos vocês.

Tchau, Stephanie.

— Tchau — Stephanie respondeu e se sentou para terminar o almoço.

Beryl seguiu Tanith até a porta da frente, com a mente sobrecarregada de perguntas, mas Tanith simplesmente continuou andando e não olhou para trás. A mulher chegou até a calçada e um carro roxo horrível parou e ela entrou. Beryl tentou ver melhor quem estava dirigindo, mas tudo que conseguiu enxergar foi um homem de chapéu, e então eles se foram.

Beryl franziu o cenho. O homem de chapéu parecia terrivelmente familiar...

VELHOS AMIGOS

Crucial irrompeu no apartamento e Porcelana se virou, o avaliando friamente.

— Estamos com a garota — Crucial anunciou triunfante. — Eu a rastreei e a prendi.

Eu a coloquei na cela pessoalmente.

— Ela tem 14 anos — comentou Porcelana. — Isso foi muito corajoso da sua parte.

— Você pode guardar seus comentários sarcásticos para si mesma. A Diablerie está com o Grande Mago.

— É a fofoca do dia, mas, aparentemente, você ainda prefere perseguir Ardiloso a enfrentar o verdadeiro inimigo.

— Ele é o verdadeiro inimigo. Eu descobri tudo, e é tudo tão óbvio. As peças se encaixam.

— Que peças se encaixam, Remus?

Ele ficou parado com as mãos nos quadris.

— Ardiloso Cortês é Batu.

— Ah, meu Deus... — Porcelana olhava fixamente para ele. — Você realmente é mais burro do que parece ser.

Crucial avançou um passo.

— Onde ele está? Onde eles estão escondendo o Grande Mago?

— Eu tentei ajudá-lo, Remus. Eu lhe contei onde Ardiloso estava montando seu quartel-general e você foi até lá, invadiu o lugar, e o que aconteceu? Você não encontrou Ardiloso nem Valquíria, e ainda conseguiu que o Grande Mago fosse sequestrado. Eu fiz o que pude, não é culpa minha que você não seja muito bom no seu trabalho.

— Eu sou bom o bastante, Porcelana. Fui bom o bastante para descobrir o seu segredinho sombrio, não fui?

— Você não descobriu nada. Um moribundo lhe contou porque você era a única pessoa por perto naquele momento.

— Onde está o esqueleto?

— Eu não sei.

— Então onde ele estará?

— Ah, essa é uma resposta que eu realmente sei. Uma vez que Ardiloso descobrir que você prendeu Valquíria, você não precisará mais procurá-lo. Ele virá até você.

— Eu não tenho medo de Ardiloso Cortês.

— Claro que tem. Todo mundo tem.

— Você fracassou em cooperar com uma investigação do Santuário, e ainda por cima é um obstáculo para a investigação mencionada. Porcelana Tristeza, você está presa.

Crucial pegou as algemas com um floreio. Porcelana suspirou e permitiu que as mãos fossem algemadas às costas.

— Mais uma vez, você está se concentrando nas pessoas erradas. Primeiro em Ardiloso, agora em mim, quando você deveria estar é atrás da Diablerie. Por que você está fazendo isto, Remus? Você está com medo de desafiá-los? É por isso que você está perseguindo todo mundo menos a eles?

— Você vai me levar até o inimigo. Está trabalhando com Ardiloso...

— Se Ardiloso fosse Batu, então ele não teria trazido Fletcher Renn para cá, em primeiro lugar, teria? Ele o teria trancado em algum lugar até precisar dele.

— Suas tentativas de raciocínio lógico são tão patéticas quanto as suas tentativas de sedução.

Porcelana riu.

— Você tem a minha palavra, Remus: eu nunca tentei seduzir você.

O detetive ficou vermelho.

— Você cometeu um grande erro me subestimando, Porcelana. Você escolheu acreditar que não sou um homem de palavra. Eu lhe falei o que iria acontecer. Deixei isso bem claro. Mas você não me ajudou, e então terei que levar o seu segredo ao público.

— Eu não sei onde ele está — insistiu Porcelana.

— Tarde demais — Crucial a pegou pelo braço e a escoltou até a porta.

— Remus, me escute, independente do que você acha que aconteceu, independente do que lhe disseram, essa não é a história completa.

— Você pode dizer isso ao seu amigo quando ele lhe encontrar — retrucou Crucial.

— Tenho certeza de que ele estará bem disposto a escutar.

— Você não sabe o que isto poderia acarretar — Porcelana rosnou.

Crucial sorriu para ela.

— Eu faço alguma ideia.

Crucial abriu a porta e havia um homem parado do lado de fora.

— Oi, Porcelana — falou Gáudio Cadafalso.

Ele entrou e Crucial recuou rapidamente para o apartamento, levando Porcelana junto. Ela arrancou o braço da mão do detetive.

— Você está no esquema! — Crucial disse para Porcelana, enquanto Cadafalso fechava delicadamente a porta. — Vocês todos estão no esquema. Vocês todos estão trabalhando juntos!

— Você está absolutamente correto, detetive — afirmou Cadafalso, com um sorrisinho nos lábios. — Todo mundo está dentro do esquema. Porcelana, Ardiloso Cortês, até mesmo o Grande Mago. Nós pensamos em convidar você para ir conosco até a fazenda Aranmore, mas votamos e ninguém quis ir no mesmo carro que você. Por favor, não leve isso para o lado pessoal.

Crucial estendeu a mão contra o ar, mas Cadafalso saiu do caminho, prendeu o pé debaixo da mesinha de centro e a chutou no peito do detetive. Crucial cambaleou e tentou sacar a arma, mas Cadafalso a arrancou da mão dele.

— Não é lá um grande lutador, hein? — Cadafalso comentou, atirando o detetive para o outro lado da sala.

Crucial deu uma cambalhota e se virou. Ele estava em pânico, Cadafalso bloqueava a rota de fuga e o detetive deveria saber que não teria chance contra o adversário, porque deu meia-volta e correu para a janela. Crucial saltou, atravessando a vidraça e caindo para fora do campo de visão.

Cadafalso andou calmamente até a janela, com a sobrancelha arqueada de impressionado que estava. Inclinou-se sobre o parapeito, olhou para fora e sorriu.

— Ele está vivo — anunciou. — Não está lá rastejando muito rápido, mas está vivo.

Parece que a perna dele está quebrada. Provavelmente um dos braços também. Você consegue ouvir os gritos dele? Anormalmente agudos.

— Por que você está aqui, Gáudio? — indagou Porcelana. Ele se virou para encará-la.

— Nós não podemos ser impedidos, espero que você perceba isso. Em uma hora nós teremos Fletcher Renn, então estaremos na fazenda, o portal irá se abrir e teremos vencido.

Como sempre.

— Vocês estão convidando uma raça de deuses furiosa que nos odeiam para voltar a nossa realidade. Eu espero que você perceba isso.

— Tenha fé, Porcelana. Talvez eles governarão, talvez eles atacam, talvez destruirão tudo, ou talvez apenas serão. Não é nosso direito questioná-los. Há muito tempo você me disse isso. Disse-me que este mundo lhes pertence. Nós o supervisionamos por milênios, e agora chegou a hora de devolvê-lo. Você me ensinou bem.

— Você era um excelente estudante — Porcelana admitiu. — Mas se você está tentando me trazer de volta ao rebanho, eu terei que desapontá-lo.

— Foi isso que você disse ao Barão Vingança quando ele lhe perguntou?

— Alguma coisa do gênero, sim.

— Mas ele estava sozinho, ignorando o fato de que Batu estava orquestrando tudo. As coisas são diferentes agora. Esta é uma oportunidade para você voltar à Diablerie. Batu é um bom líder. Ele tem lá o plano dele. Mas ele não é você. Jamais poderia ser você.

— Você quer que eu assumo o comando bem quando o plano de Batu está para dar frutos? — Porcelana sorriu. — Nossa, Gáudio, que atitude mais deliciosamente traiçoeira da sua parte.

— A Diablerie é sua, Porcelana, como sempre foi. Sua família tem sido devota aos Sem-Rosto há mil anos. Está no seu sangue. No seu coração. Isto não é algo que você pode simplesmente ignorar.

— Meu irmão conseguiu.

— O Sr. Êxtase é... único.

— E Batu?

— Morrerá com uma ordem sua.

Porcelana foi até o centro da sala, pensando no assunto. Por fim, ela parou e olhou para Gáudio.

— Eu admito que a oferta seja um tanto quanto tentadora. Mas a realidade dos fatos é inescapável. Eu sou uma traidora de uma raça de deuses sádicos que odeiam a humanidade.

Por que quereria que eles retornassem?

Cadafalso suspirou.

— Isso é muito desagradável. Eu realmente não queria matá-la.

— E eu realmente não queria ser morta. Não acredito que você tenha desenvolvido um senso de espírito esportivo desde a última vez que nos

vimos?

— Você quer saber se eu a libertaria das algemas? Temo que não. — Ele pegou a arma de Crucial do chão. — Mas vai ser rápido. Eu prometo.

Porcelana bateu o pé.

— Que gracioso da sua parte. — Ela deu um passo para trás e bateu o pé de novo.

Cadafalso franziu o cenho.

— Ninguém vai ouvir isso, Porcelana.

Ela tornou a mudar de lugar, batendo o pé uma terceira vez.

Cadafalso olhou para o tapete e seus olhos se estreitaram quando ele reconheceu os símbolos em que ela tinha acabado de pisar.

Porcelana tirou os lindos sapatos e parou no meio do triângulo.

Ela sorria enquanto o piso cedia sob seus pés.

Porcelana caiu pelo alçapão, aterrissando desajeitadamente no corredor do segundo andar. O teto se fechou sobre ela bem quando Cadafalso estava a ponto de segui-la pela abertura. A mulher rolou para ficar de joelhos, se levantou e correu para as escadas.

Teria alguém na frente esperando que Cadafalso emergisse. Seria alguém num carro; Krav Repulsivo ou Rosa Assassina; ou alguém capaz de se locomover por outros meios, como Billy-Ray Sanguíneo. Porcelana não pretendia descobrir quem era.

Ela alcançou o primeiro andar. Os passos de Cadafalso soaram pesados nas escadas acima dela. Porcelana correu pelo corredor inteiro, com o piso grudento sob seus pés descalços. Ela tinha construído várias saídas de emergência no prédio, e correu para a mais próxima.

Mais uma vez, eventos fora do controle dela a arrastaram para o meio dos acontecimentos. Porcelana não estava contente.

A TROCA

A ponte Liffey é uma ponte com três nomes.

É uma ponte de pedestres com pouco mais de 40 metros de comprimento, cruzando o rio Liffey do cais Ormond até o cais Aston. Degraus dos dois lados levam até o meio, e há três lâmpadas, uma no meio e mais uma em cada lado, suportadas por arcos de ferro trabalhado que se curvam para cima a partir dos corrimãos.

O seu nome dado é ponte Wellington, o nome verdadeiro é ponte Liffey, mas é pelo seu nome escolhido que ela é mais conhecida.

Quando Tanith era criança, os pais dela a levaram a Dublin. A primeira vez que ela atravessou a ponte havia roletas, e o preço para se atravessar era de um penny e um halfpenny, ou meio penny.

As roletas foram retiradas alguns anos depois, por volta de 1919, mais ou menos, mas então todos já conheciam a ponte como a ponte Penny Ha’Penny, que foi reduzido para simplesmente ponte Ha’Penny.

E era ali, na ponte Ha’Penny, a ponte dos três nomes, o lugar marcado para que eles entregassem Fletcher Renn aos inimigos, dando a eles exatamente o

que eles precisavam para acabar com o mundo.

— Isto é uma péssima ideia — afirmou Tanith.

— Concordo plenamente — Fletcher Renn murmurou atrás dela.

Eles tinham isolado a ponte dos dois lados, colocando sinais que alertavam os transeuntes que um delicado trabalho de restauração estava em curso. Havia uma tenda listrada de vermelho e branco em cada ponta para proteger os trabalhadores do vento e da chuva. Não havia muito vento hoje, e por mais que as nuvens negras flutuassem ameaçadoramente, a chuva ainda não tinha caído.

Tanith e Fletcher esperavam na tenda do lado norte do rio. Houve uma explosão de ruído quando Medonho se juntou a eles, e então a aba da entrada se fechou novamente e abafou os sons do trânsito.

— Ninguém se esgueirando pelas nossas costas — Medonho os informou. Ele balançou a cabeça quando puxou o capuz bem costurado do casaco, revelando as cicatrizes.

Os três olharam para o meio da ponte, onde Ardiloso estava tirando uma Esfera de Ocultação do sobretudo. Ele girou as duas esferas em direções opostas e uma bolha de névoa se expandiu subitamente, encobrindo o

esqueleto, a ponte e as tendas. Ardiloso colocou a esfera no chão, aos seus pés.

— O que foi aquilo? — Fletcher perguntou, espantado.

— Aquilo nos torna invisível para todo mundo fora da bolha — explicou Medonho.

— Eles não serão capazes de ouvir ou ver qualquer coisa que acontecer aqui.

— Então, se eu morrer gritando de extrema agonia, não vou perturbar ninguém? Ah, isso é reconfortante.

Ardiloso voltou para a tenda.

— Alguma notícia de Valquíria? — indagou Medonho.

— Nada ainda — Ardiloso respondeu, sombrio. — Quando tivermos Grêmio, vamos fazer com que ele a solte, e então vou pedir que ele me deixe cinco longos dolorosos minutos trancado com Crucial numa sala. Até lá, vamos nos concentrar na missão.

— Então, qual é o plano? — inquiriu Fletcher. — Como é que esse lance de troca funciona?

— Teoricamente — Medonho começou. — Vocês dois vão começar a atravessar a ponte ao mesmo tempo, passando juntos pelo meio e continuando até o outro lado. Na prática, porém, não é bem assim que vai acontecer, de jeito nenhum.

— E é assim que realmente funciona — Tanith continuou a explicação. — Os dois lados começam jogando limpo. Então um lado dispara uma cilada contra o outro. Aí o outro lado põe em ação a cilada deles. Em seguida, o primeiro lado reage de acordo.

Fletcher assentiu com a cabeça.

— Então tudo depende de quantas ciladas você tem?

— Exatamente, e o lado com mais ciladas vence.

— Quantas ciladas a gente tem?

Medonho olhou para Ardiloso.

— Duas — respondeu o esqueleto.

— Isso... isso não é lá um número muito grande.

— Às vezes a simplicidade é a melhor tática.

— E esta é uma dessas vezes?

— Provavelmente não — Medonho admitiu.

— Nossas opções são bem restritas — argumentou Tanith. — Este é um lugar público, em plena luz do dia. Não podemos ter cem Talhadores prontos para entrar em ação.

— E vocês têm cem Talhadores?

— Bem, não.

— Esta é uma operação não oficial — afirmou Ardiloso. — Há um espião no Santuário, e até que ele seja descoberto não podemos confiar em ninguém por lá.

— Mas se nós temos opções restritas — Medonho continuou —, então eles também têm.

— Certo — disse Fletcher. — Tudo bem. OK. Eles dão valor a essa tal regra de “nunca em público” tanto quanto vocês, né?

Medonho hesitou.

— Claro — respondeu, fracassando completamente na tentativa de soar convincente.

— Eles chegaram — Tanith anunciou em voz baixa.

Todos espiaram para fora. Do outro lado da ponte uma van negra tinha parado na rua, provocando buzinas raivosas dos outros motoristas na mesma pista. Krav Repulsivo saltou, e subitamente todas as buzinas se calaram. Os carros detrás deles educadamente acenderam os pisca-piscas e mudaram de faixa.

Rosa Assassina foi a próxima a sair, seguida por Sanguíneo e então Cadafalso, que puxava Túrido Grêmio. As mãos do Grande Mago estavam algemadas e o rosto coberto por hematomas. O grupinho sórdido estava atraindo muita atenção, mas eles logo desapareceram na tenda listrada.

— Quais são as nossas ciladas? — indagou Fletcher.

— Se você estiver esperando por elas — respondeu Ardiloso —, você acabará dando a dica a eles sem querer.

Fletcher ficava mais pálido a cada segundo.

— Eu realmente não estou nada confiante quanto a tudo isto.

— Eles não querem machucar você — lembrou Tanith.

— Não, eles simplesmente querem me usar para destruir o mundo, e considerando que eu estou no mundo, isso ainda seria uma coisa ruim para mim. Eu sei que vocês todos acham que sou muito confiante, e que nada pode me intimidar...

— Nenhum de nós acha isso — interrompeu Medonho.

— O que quero dizer é que não vou andar até o outro lado e correr o risco de ser capturado. E eu nem sei muito bem por que vocês querem que eu faça isto.

— O Sr. Êxtase quer Grêmio de volta — explicou Ardiloso. — E o argumento dele é válido. A morte de Grêmio poderia ter consequências catastróficas.

— Poderia ter — apontou Fletcher. — Mas se eles me obrigarem a trazer os Sem-Rosto de volta, isso certamente terá consequências catastróficas! A primeira opção é uma possibilidade, a segunda é uma certeza! Por que eu sou o único que está pensando logicamente nesta situação toda?

Ardiloso olhou para o rapaz.

— Quando uma pessoa já viveu tanto tempo quanto nós, ela passa a ver as coisas á longo prazo, e começa a fazer planos de acordo com isso.

Sanguíneo emergiu da outra tenda e caminhou alegremente pela ponte.

— Está começando — anunciou Tanith. — Fletcher, eu lamento muito, mas você terá que confiar na gente.

— Ah, maldição...

Sanguíneo estava a alguns passos de distância.

— Eu espero mesmo que vocês não deixem que eles me levem — sussurrou Fletcher.

— Toc toc — veio a fala lenta e arrastada de Sanguíneo. Ele entrou, sorrindo, com as mãos vazias e erguidas. — Como é que vocês tão hoje? Se vocês não se importam que eu diga, tem uma porção de caras sérias olhando pra mim. Um camarada mais sensível poderia acreditar que nem todo mundo está empolgado com isto. Vamos lá, pessoal, é uma troca! É

para ser uma coisa divertida!

— Você fala demais — Tanith comentou. — Mas diz muito pouco que tenha valor.

— Moça da espada. — Sanguíneo sorriu. — Eu tô com saudades suas, sabia? Muitas noites eu fiquei acordado, pensando em todas as maneiras que eu poderia lhe matar. A minha cena favorita, uma coisinha de nada, é aquela que eu corto a sua garganta e sua cabeça se inclina para trás, e os seus olhos estão bem abertos e bem, você sabe, suplicantes, aí eu agarro seus cabelos e simplesmente... — O homem parou e riu. — Olhem só para mim, ficando todo sentimental quando há negócios a fazer. Fui enviado pra orquestrar a coisa toda então... Bem, acho que chegou a hora da gente botar pra orquestrar, afinal.

— Mande Grêmio para cá.

— Agora você sabe que não é assim que as coisas acontecem. As regras do jogo são bem simples, mas eu vou explicar devagar por conta do sujeito

mais devagar... E eu vou deixar vocês decidirem sozinhos a quem eu estou me referindo.

Movendo-se lentamente, Sanguíneo tirou um par de algemas do bolso.

— Vou botar essas algemas aqui nos pulsos do Fletcherzinho — continuou.
— Só pra garantir que ele não vai fazer nenhuma burrada do tipo se teletransportar pra longe. Então ele vai andar até os meus amigos lá, enquanto eles mandam o seu chefe pro lado de cá. É bem simples, no geral. Até mesmo uma criança poderia entender — ele olhou em volta. — Falando em crianças, cadê a garota? Eu tô meio que sentindo falta da cara de brava dela.

Ardiloso ignorou a pergunta.

— Você vai ficar deste lado até que a troca esteja feita.

Sanguíneo balançou a cabeça.

— Tenho as minhas ordens. Preciso voltar.

— Não vamos correr o risco de você agarrar Fletcher e desaparecer com ele.

— Isto é uma ponte, Ossada. Consigo me mover pelo chão, pelas paredes, eu passo por qualquer lugar onde eu caiba. E como é que eu vou caber dentro daquela passarelzinha?

— Mesmo assim, você ficará aqui.

— Mesmo assim, não vou não. — A espada de Tanith deslizou para fora do casaco e pressionou o pescoço dele. Sanguíneo hesitou por apenas um momento. — Quer saber de uma coisa? Mudei de ideia. Vou ficar ali quietinho.

Medonho se posicionou atrás dele, torcendo os braços do mercenário numa chave que, se Sanguíneo se movesse, resultaria em dor excruciante e ligamentos rompidos.

— Não entendo por que vocês simplesmente não botam algemas em mim — grunhiu Sanguíneo.

— Porque ano passado você disse que as algemas não lhe afetam — respondeu Tanith.

— Eu disse isso?

— Disse.

— Estava mentindo. Algemas me deixam completamente sem poder. Juro.

— Tente falar um pouco menos — advertiu Medonho. — Você me irrita.

— Tanith — Ardiloso chamou e saiu da tenda. A guerreira se juntou a ele e juntos os dois atravessaram a ponte lentamente.

Cadafalso e Rosa Assassina vieram encontrá-los.

O rio Liffey estava sujo e escuro abaixo deles.

— Ardiloso — Cadafalso cumprimentou quando chegaram ao meio. — Você veio aqui implorar, talvez? Chorar? Quem sabe você queira mudar de lado? Tarde demais, mas seria bem divertido ver você tentar.

— Onde está seu mestre, Cadafalso?

Gáudio sorriu.

— Eu não tenho um mestre. A Diablerie é uma família de indivíduos...

— Batu é o seu mestre — interrompeu Ardiloso. — É ele quem lhe dá ordens, lhe passa tarefas e lhe dá tapinhas na cabeça quando você precisa. Então onde ele está? Nos observando, não é mesmo?

— Ele está por perto. — Cadafalso sorriu. Rosa assassina sussurrou na orelha dele. — Ah, sim, ótima pergunta, Rosa. Onde está o nosso associado texano?

— Ele vai ficar com a gente por algum tempo, até que a troca esteja completa.

— Uma ótima ideia, imagino. Vocês não gostariam que nós enganássemos vocês, afinal. Mande o garoto algemado.

Cadafalso deu meia volta e foi até a tenda, com Rosa Assassina logo atrás.

Tanith e Ardiloso voltaram à tenda deles.

— Você está pronto? — Ardiloso perguntou a Fletcher.

O rapaz olhou para Tanith, que percebeu que ele não estava mais tentando esconder: estava com medo. Os olhos dele se voltaram para Ardiloso, e então ele estendeu as mãos enquanto o esqueleto o algemava.

— Você tem um plano, certo?

— Tenho, sim.

— Você pode me dizer qual é?

— Nós salvamos o mundo e depois vamos para casa.

— É um ótimo plano.

— Eu tenho os meus momentos de gênio.

Pingos de chuva começaram a cair levemente sobre o teto da tenda.

— Não vou deixar que nada lhe aconteça — afirmou Ardiloso.

— Você acha que Valquíria está bem?

— Crucial provavelmente a colocou numa das celas temporárias. Para ser honesto, há uma grande chance de que ela esteja mais segura do que qualquer um de nós agora.

— OK. OK.

— Eles não vão machucá-lo — comentou Tanith. — Eles precisam de você.

Fletcher assentiu com a cabeça.

— Depois disso tudo, o que você me diz de ir comigo tomar um café ou coisa assim?

Você iria gostar muito de mim se me conhecesse. Eu me conheço há anos e me amo.

Tanith sorriu.

— Talvez.

— Mesmo?

— Não.

Fletcher devolveu o sorriso com uma versão trêmula, e então entrou na bolha e desapareceu de vista. Tanith colocou a mão para fora, observando como ela se tornou instantaneamente invisível, e então deu um passo a frente e pôde vê-lo deixando a tenda.

Ardiloso estava ao lado dela, e Medonho arrastou Sanguíneo para que ele pudesse ver o que estava acontecendo.

Fletcher pisou na ponte. Do lado oposto, a outra tenda se abriu e Túrido Grêmio emergiu. Os dois andaram na direção do outro sob a chuva.

Ardiloso olhou para Sanguíneo.

— O que eles estão planejando?

— O que quem está planejando?

Medonho apertou a chave de braço e Sanguíneo falou rapidamente.

— Eles não tão planejando nada! É uma troca honesta!

— Medonho, quebre o braço dele.

— Medonho, não quebre o meu braço!

— Pode quebrar.

— Tem uma bomba!

Ardiloso se inclinou na direção do prisioneiro.

— Onde?

— No paletó de Grêmio — Sanguíneo revelou por entre os dentes trincados.
— Ele nem sabe que está lá. Cadafalso tem o detonador. É uma bomba pequena, mas suficiente para matar todo mundo aqui. Incluindo eu. Então, se você pudesse me fazer o favor de evitar que ele chegue muito perto, isso seria ótimo.

Tanith olhou para a ponte de novo. Fletcher e Grêmio estavam passando um pelo outro sem trocar uma palavra. Ardiloso estava ao lado dela, com a arma erguida pela aba da tenda, apontada para Grêmio.

— O que você está fazendo? — Tanith indagou, alarmada.

— Evitando que ele chegue perto — Ardiloso respondeu e atirou.

A bala atingiu a perna de Grêmio, que caiu gritando. Fletcher deu um pulo para trás.

Horrorizada, Tanith agarrou o braço de Ardiloso.

— Você está louco?

— Não se mova! — Ardiloso gritou para Fletcher. — Fique ao lado dele! —
O

detetive se livrou da mão de Tanith. — Cadafalso não vai detonar a bomba se Fletcher puder ser atingido na explosão.

Houve movimento na outra tenda, Krav Repulsivo estava emergindo junto com Rosa Assassina, mas antes que eles pudessem correr até Fletcher, Ardiloso estalou os dedos e atirou uma bola de fogo no ar. A bola saiu da bolha de ocultação e brilhou forte antes de sumir. O acontecimento atraiu os

olhares de alguns transeuntes, e Tanith viu três vultos de preto, dois homens e uma mulher, convergindo na tenda inimiga do outro lado da ponte. Os Necromantes.

Houve uma explosão de trevas na tenda oposta e Cadafalso foi atirado para fora. Ele atingiu Rosa Assassina e os dois caíram. Os Necromantes avançaram pela ponte atrás deles, envoltos em sombras ondulantes.

Cadafalso se recuperou rapidamente, sacou uma arma do paletó e disparou. A Necromante mais próxima usou as sombras do manto para absorver as balas e em seguida girou, com o manto rodopiando e se esticando, cortando na direção de Cadafalso, que foi obrigado a mergulhar para não ser fatiado em dois.

Rosa Assassina correu contra Salomão Mortalha, que reuniu as trevas na bengala e as chicoteou. Sombras voaram como lanças, atingiram a perna de Rosa, atravessando-a, e a mulher caiu aos berros.

Tanith viu o terceiro Necromante disparando a pistola de pederneira contra Krav, disparando sem precisar recarregar. As balas acertaram o peito de Krav e ele caiu de joelhos, freneticamente tentando remover a escuridão que se espalhava sobre o tórax.

— Acho que chegou a hora — Sanguíneo comentou e Tanith se virou para olhar. Ele estivera segurando alguma coisa na mão o tempo todo e ninguém tinha percebido, e agora a coisa estava caindo no chão...

A coisa lançou um clarão branco e Tanith cambaleou para trás, cegada. Ela podia ouvir os outros praguejando a sua volta, e Sanguíneo riu, pois não tinha olhos para sofrer com os efeitos do clarão.

Mas Ardiloso também não tinha.

A risada de Sanguíneo foi interrompida por uma exclamação sufocada e Tanith ouviu um corpo desabando. Houve o baque de um impacto e então ela escutou uma respiração chiada e dolorosa.

Alguém irrompeu na tenda, passando por Tanith, e então houve tiros e gritos.

Tanith piscou com força, enquanto as imagens iam surgindo, nebulosas e indistintas, mas se solidificando rapidamente. Ela viu alguém vestindo marrom, Sanguíneo encolhido no chão, mas Medonho era apenas um vulto para ela.

— Ardiloso? — perguntou Medonho.

— Ele foi atrás deles — respondeu Tanith. As feições de Medonho ainda estavam muito borradas para serem distinguidas, mas a guerreira já conseguia ver o relevo das cicatrizes.

— Típico — murmurou Medonho. — Você consegue ver alguma coisa?

— Claro — Tanith mentiu, em seguida agarrando a espada e disparando em direção à ponte. Em meio à chuva e ao nevoeiro, a mulher mal podia distinguir as ondas de trevas no lado oposto onde os Necromantes estavam fazendo seus truques.

Ardiloso estava à frente dela, alto e magro e inconfundível, ele moveu o braço e um vulto que só poderia ser Krav foi atirado para trás.

Ela tropeçou num degrau e cambaleou, mas a visão estava melhorando rapidamente.

Adiante, a silhueta indistinta de Fletcher estava ajoelhada ao lado de Grêmio. Mesmo com os olhos naquele estado, ela podia ver que o Grêmio estava pálido e perdendo sangue.

Tanith correu até eles, ouvindo Medonho vir logo atrás. A Diablerie estava ocupada com uma luta sem resultado e os mocinhos estavam a ponto de resgatar tanto Fletcher quanto Grêmio.

A batalha estava encerrada. Eles tinham vencido.

E então a parte final do plano de Batu se revelou.

Alguma coisa irrompeu do rio e se ergueu sobre o corrimão, espirrando água em todo mundo. A Bruxa do Mar se inclinou para frente, com as mãos ossudas se fechando em volta da cintura de Fletcher. Sem nem mesmo um rosnado, ela o ergueu no ar. Grêmio tentou puxá-lo de volta, mas não adiantou. Tanith viu um relance do rosto aterrorizado de Fletcher quando ele desapareceu, ela ouviu um splash e soube que ele estava perdido.

Cadafalso gritou uma ordem e se retirou pela tenda distante.

Pulou no jipe, com Rosa Assassina logo atrás, e saiu cantando pneus, empurrando os outros carros para fora do caminho. Ardiloso foi atrás de Krav, mas era tarde demais. Krav pulou sobre o corrimão e se atirou no rio Liffey.

Agora, Tanith percebeu, a batalha tinha acabado.

Os Necromantes olharam para Ardiloso, e Salomão Mortalha se virou e foi embora, com o sobretudo esvoaçando sob a chuva e o vento.

Medonho parou ao lado de Tanith.

— Sanguíneo se foi — informou, mas ela já tinha adivinhado isso. Grêmio jazia inconsciente, com o sangue se misturando à água da chuva. Eles olharam para Ardiloso, parado ali, com o terno encharcado e os punhos cerrados. O crânio reluzente estava abaixado, de uma maneira que Tanith não

estava acostumada. Parecia algo como uma derrota. E então o esqueleto se endireitou.

— OK — falou. — Parece que temos uma batalha a lutar.

FUGA DA CADEIA

Valquíria limpou a lama seca da barra da calça. A poeira subiu enquanto o lodo caía, e a menina espanou a cama.

Patife gemeu e Valquíria se endireitou. Ele ficou quieto por mais ou menos um minuto, e então gemeu de novo, e se mexeu um pouco. A menina observou enquanto ele recuperava a consciência e se preparou para agir.

O bandido levantou a cabeça, olhou para a bandagem que amarrava os dedos quebrados ao pé da cama e fez um som que parecia vir de um gato particularmente obtuso e infeliz. Olhou para o chão da cela, em seguida girando a cabeça e vendo Valquíria.

— Ah, não — ele choramingou.

— Se você se mover... — Valquíria começou a ameaçar, mas ele a interrompeu.

— Não vou me mover — respondeu Patife. — Só vou ficar aqui deitado. Não vou fazer nada.

— Porque se você se mover...

— Eu não vou! — ele insistiu. — Se meus dedos não estivessem quebrados, então sim, eu provavelmente iria me mover, e provavelmente tentaria matar você.

— Nada de falar. Falar não é permitido.

Patife olhou furioso para a companheira de cela.

— Quer saber de uma coisa? Cada vez que vejo você, você está mais parecida com ele.

— Ele quem?

— O detetive. Você se acha tão inteligente e superior.

— Vou considerar isso um elogio.

— Pois não deveria. Eu já ouvi histórias sobre ele, sabe. E sobre as coisas que fez.

Ardiloso não é bem esse grande herói bondoso que você pensa que é.

— Você não sabe o que eu penso dele.

Patife riu.

— Posso ver nos seus olhos. Todo mundo consegue. É uma coisa fofa, na verdade, como você o segue por aí, acreditando em tudo que ele diz.

Valquíria se ajeitou de leve na cama, que rangeu e se moveu, puxando a bandagem amarrada aos dedos de Patife. O sujeito uivou.

— Desculpa — a menina falou, de maneira nada convincente.

— Você fez de propósito! — exclamou Patife, furioso.

A fenda na porta se abriu e um par de olhos espiou pela abertura.

— O que está acontecendo aí? — uma voz inquiriu. Valquíria se levantou com um pulo, dando um tranco na cama e fazendo Patife uivar de novo.

— Você não pode me manter aqui! — gritou a menina.

— Quem está aí? Tem... tem duas pessoas aí dentro?

A menina reconheceu a voz agora; era o guarda que eles tinham encontrado no dia anterior.

— Carpideiro? — ela chamou.

Os olhos dele a viram e se arregalaram de surpresa.

— Valquíria Caos?

— Remus Crucial me colocou aqui, com um homem que quer me matar. Você não pode me deixar aqui. Por favor.

Abaixo dela, Patife fungou com desprezo. Ela cutucou a cama com o pé e ouviu o homem choramingando de dor.

— Por que ele fez vocês dividirem uma cela? — indagou Carpideiro.

— Nós temos quatro celas vazias. Está tudo bem com você? Não está ferida?

— Por favor, me tira daqui.

— Eu não posso transferir prisioneiros sem ordens dos meus superiores.

— Mas isto não é nem uma transferência! É só me mudar de uma cela para outra! Por favor, Carpideiro. Se você me deixar aqui mais um minuto, ele vai me matar.

Valquíria olhou para Patife e fez cara feia, e ele suspirou.

— É verdade — afirmou o bandido, relutante. — Eu vou matá-la.

Do outro lado da porta, Carpideiro estava balançando a cabeça.

— Lamento, mas há procedimentos a serem seguidos. Espere aí um pouco, eu vou resolver isso tudo em dez minutos.

— Não vá embora! — Valquíria gritou. Ela escondeu as mãos detrás das costas, torcendo para que Carpideiro não tivesse percebido que antes elas estiveram dos lados do corpo da menina. — Por favor, me mude para uma

cela vazia e então vá falar com os seus chefes. Eu estou indefesa aqui. Por favor, Carpideiro.

Ela arregalou os olhos o máximo que pôde e Carpideiro suspirou.

— Está bem — respondeu ele, ranzinza. — Ponha as mãos pela fenda de baixo, para que eu possa algemar você.

— Eu já estou algemada, Crucial não se deu ao trabalho de tirar as algemas quando me jogou aqui.

— Isso é estritamente contra os protocolos — Carpideiro murmurou em desaprovação, e Valquíria viu o guarda abrindo a cela em frente a deles.

— Muito bem, então — Carpideiro comentou. — Você irá diretamente para a cela vazia. Não poderá conversar comigo, ou enrolar de qualquer maneira. Entendido?

— Entendido.

— E Patife, você terá que ficar no chão, ou eu terei os Talhadores aqui tão rápido...

— Eu não vou me mover — confirmou Patife.

— Ótimo. Vou abrir a porta.

A porta se abriu e Valquíria respirou aliviada.

— Obrigada — a menina agradeceu.

— Vá para a cela vazia.

Valquíria saiu para o corredor.

— Muito obrigada.

— Para a cela. Entre. Agora.

— Eu realmente lamento muito por isso — a menina anunciou enquanto erguia as mãos e empurrava o ar de leve. O espaço entre eles ondulou e Carpideiro cambaleou para trás, para dentro da cela vazia, tropeçando nas próprias pernas. Antes que ele pudesse se recuperar, Valquíria bateu a porta.

Imediatamente, os olhos de Carpideiro apareceram na fenda de cima.

— Ah, não. Isto não pode acontecer de novo.

— Eu sinto muito, muito mesmo.

Patife se levantou, cuidadosamente desamarrando a bandagem dos dedos.

— Como você é burro! — ele riu. — Trancado na própria cela, duas vezes em dois dias! Eles estão dando medalhas para os idiotas agora, é?

Patife sorria enquanto andava até a porta da cela, mas Valquíria parou diante dele, estalando os dedos e invocando uma chama na palma da mão.

— E aonde você pensa que vai? — rosnou ela.

Patife piscou os olhos.

— Nós estamos fugindo.

— Nós?

— Sim, nós. Estamos fugindo.

— Você não vai a lugar algum.

— Mas eu ajudei você!

— Você só ficou deitado no chão, choramingando.

— De uma maneira útil — insistiu Patife. — Você vai precisar da minha ajuda para sair daqui. Acha que vai conseguir simplesmente passar calmamente pela porta da frente?

Vai precisar de reforços, um par de olhos extras, ou pelo menos uma distração; e eu acho que já provei como posso ser uma ótima distração.

Valquíria queria bater a porta na cara de Patife, mas ele tinha razão. Se ela fosse descoberta, eles poderiam se separar e os Talhadores automaticamente iriam atrás do adulto primeiro.

— Me dá uma boa razão para eu até mesmo correr o risco de lhe ajudar a escapar. Sua maior ambição na vida é matar pessoas.

— Sim, mas... — Patife vacilou, olhou para os sapatos e seu lábio inferior tremeu. — Mas como você costuma me lembrar, não sou muito bom nisso, sou?

— Eu... acho que não.

Valquíria suspirou e deixou as chamas se apagarem.

— Tudo bem — decidiu ela. — Venha comigo e fique quieto.

A menina correu até a escrivaninha e abriu e fechou as gavetas, procurando pelo celular. Quando encontrou, notou as cinco ligações perdidas na tela. Valquíria ligou para Ardiloso enquanto Patife, com um sorriso no rosto, pescava um dinheiro trocado em outra gaveta aberta. A menina fechou a gaveta com o pé, prendendo os dedos do homem. Patife ganiu e pulou para trás, agarrando a mão direita com a esquerda por puro instinto, e ganiu novamente quando os dois conjuntos de dedos feridos se encontraram.

— Valquíria — a voz de Ardiloso soou no telefone. Ele parecia aliviado, mas urgente.

— Onde está você?

— Estou no Santuário — respondeu ela. — A troca aconteceu?

O esqueleto hesitou.

— Sim, eles têm Fletcher, nós temos Grêmio, mas ele está inconsciente. Ainda somos fugitivos até ele acordar. Você terá que sair daí sozinha. Acha que consegue?

— Claro que consigo. Vou usar a passagem secreta.

— Não. Grêmio deve ter desativado aquela saída, depois da última vez. Você terá que sair pela porta principal. Se não estiver fora em dez minutos, eu entrarei para buscá-la.

— Alguém está chegando, preciso desligar.

Valquíria meteu o celular no bolso da calça e mandou Patife se esconder com um gesto. Eles se encostaram à parede e a menina espiou. Um feiticeiro passou pelo corredor adiante, sem nem mesmo olhar para a sala de carceragem temporária. Ela esperou até o som dos passos desaparecer.

Eles não tinham muito tempo. Cada segundo que passasse despercebido era um segundo perdido.

Então as luzes se apagaram.

Valquíria girou, se preparando para ser atacada. O espaço em volta dela estava silencioso. A menina estendeu uma das mãos, fazendo o possível para ler o ar, e o único movimento que percebeu foi Patife atrás dela.

— O que está acontecendo? — sussurrou ele.

— E como eu poderia saber?

— Não foi você que fez isto? Ou o esqueleto? Ou os seus amigos?

— Isso não é coisa nossa. Talvez tenham cortado a energia.

— No Santuário? Santuários não sofrem cortes de energia. Isto é um ataque. Talvez sejam os meus amigos, chegando para me libertar.

— Você não tem nenhum amigo.

— O que torna essa possibilidade remota, mas não impossível.

Valquíria estalou os dedos, tomando a fagulha na palma da mão e a alimentando com magia, deixando a chama se tornar maior e mais brilhante. A luz tremeluziu nas paredes.

A menina pôde ouvir alguém gritando, e mesmo que fosse um grito urgente, não havia perigo nele. Se Patife estava certo, e aquilo realmente era um ataque, então talvez não tivesse começado ainda. E talvez ela pudesse usá-lo em proveito próprio.

Eles passaram a andar mais rápido, trotando pelas trevas. Ocasionalmente eles viam outra chama adiante ou atrás, e então mudavam de caminho para manter a distância.

Valquíria se esforçava para manter o senso de direção, seguindo um mapa mental que ela esperava ser correto.

Alguma coisa se moveu à frente dela e a menina recuou num tranco, sufocando um grito. Era um Talhador, cruzando o caminho deles e imediatamente desaparecendo na penumbra. Ou ele não tinha visto o rosto de Valquíria, ou ele não a considerava uma prioridade. A menina se perguntou se eles podiam ver no escuro.

Havia vozes no corredor seguinte, então eles viraram à direita, numa tentativa de contornar qualquer multidão. Até agora, Patife não tinha ajudado muito, e a adolescente estava começando a pensar em abandoná-lo.

Valquíria ouviu uma voz familiar e parou. Patife esbarrou nela, esmagando as próprias mãos entre os dois. Ele girou e caiu de joelhos numa agonia muda.

— Quietos — ela sussurrou e apagou a chama. O Sr. Êxtase se aproximou, conversando com uma mulher magra que segurava uma lanterna. Valquíria reconheceu o tom de voz tranquilizante da Administradora.

— Com todo o respeito à sua posição — a Administradora ia dizendo. — Os assuntos de segurança são da alçada dos Talhadores, não dos Anciãos. Além disso, com o Grande Mago ferido, o senhor precisa ser mantido em segurança.

— Quando alguém finalmente conseguir me contar o que aconteceu — respondeu Êxtase —, já será tarde demais para fazer alguma coisa a respeito.

Valquíria se endireitou. Êxtase a ajudaria a sair e a Administradora cumpriria qualquer ordem que recebesse. Essa também seria a oportunidade perfeita para mandar Patife de volta à cela.

— Senhor — a Administradora exclamou e os dois pararam de andar. O facho da lanterna iluminou algo na parede. Valquíria podia ver um símbolo entalhado. A Administradora se aproximou, curiosa. — Eu já vi isto antes. Só não me lembro onde.

— Fique longe disso — ordenou Êxtase. — Símbolos são a especialidade da minha irmã, mas mesmo assim...

— Senhor?

— É um signo de alarme. Se nós passarmos, ele vai alertar quem quer que esteja esperando no corredor adiante.

Valquíria franziu o cenho. Se havia mesmo inimigos se esgueirando por perto, prontos para iniciar uma emboscada, então ela não os tinha visto.

A Administradora deu um passo atrás.

— Nós deveríamos dar a volta e enviar os Talhadores.

Êxtase se ajoelhou ao lado do símbolo.

— Ilumine aqui.

— Senhor, não é seguro.

— Ilumine.

Lentamente, Êxtase estendeu a mão para o símbolo, que começou a brilhar.

— Eu estava errado. Não é um signo de alarme.

— Não — concordou a Administradora. — Não é.

Ela deu um passo atrás enquanto uma dúzia de símbolos se iluminou, prendendo Êxtase num círculo de luz azul.

Ele tentou se levantar, mas a energia crepitou e torrentes de luz atravessaram-lhe o corpo, conectando os símbolos uns aos outros, com Êxtase no centro. A Administradora não precisava mais da lanterna para iluminar a área, portanto a desligou.

Valquíria olhou espantada. A Administradora era a traidora; a pessoa que tinha informado Sanguíneo como abrir a jaula do Grotesqueiro, que tinha dito a ele como achar a cela de prisão do Barão Vingança no ano anterior. A Administradora, nomeada por Grêmio, estava trabalhando para a Diablerie.

Êxtase grunhiu e caiu de joelhos. Os ombros fortes dele caíram, e a cabeça pendeu para frente.

— Você não é um homem fácil de matar — afirmou a Administradora. — Batu trabalhou um longo tempo pesquisando isto. Mais alguns minutos e tudo estará acabado. Ele me garantiu que seria bem doloroso.

Valquíria se virou para Patife para formular um plano de resgate, e o viu de relance bem quando ele virava a esquina mais distante. Furiosa, ela se voltou para frente de novo.

Mesmo que, de alguma forma, ela conseguisse realizar o feito milagroso de derrotar a Administradora, ela não sabia como desativar a armadilha.

Isso significava que ela precisaria da Administradora consciente, o que apenas tornava o que já era impossível ainda mais difícil.

Ela não conseguiu pensar em nada inteligente para fazer, então rastejou em frente, se mantendo nas sombras o máximo que pôde.

Quando não havia mais espaço para rastejar, Valquíria respirou fundo e se lançou para frente. Empurrou o ar e a Administradora girou, com as próprias mãos abertas e espalmadas. Os espaços entre as duas ondularam, com a distorção entortando o sorriso da Administradora.

Então a mulher acenou e Valquíria foi atirada para longe. A menina se chocou contra a parede, e a Administradora ergueu o braço e Valquíria deslizou para cima, até o teto.

— Você é uma iniciante — a Administradora lhe disse gentilmente. — Não poderia ter esperanças de me derrotar. Mas foi um esforço nobre.

O ar ao redor de Valquíria estava pesado, pesado demais para deslocar. A menina se esforçou para mover os braços, mas estava completamente presa. Ela virou a cabeça para tentar respirar, mas não havia nada para inspirar.

— Lamento — a Administradora continuou. — Mas não posso permitir que você respire. Você precisa morrer, assim como o Sr. Êxtase. Tudo faz parte do plano de Batu, sabe.

Valquíria ofegava inutilmente. Tentou estalar os dedos, mas, com um gesto da Administradora, o resto do oxigênio assoviou para longe dela, e nenhuma chama cresceu.

Os pulmões da adolescente, porém, ardiam mais que qualquer fogo.

Ela ouviu algo além do sangue pulsando nas próprias orelhas.

Alguém estava gritando e o grito se aproximava. Os olhos dardejaram para a esquerda bem quando Patife surgiu correndo das trevas, bateu na parede e disparou de novo numa outra direção. Dois Talhadores vieram atrás dele, e eles pararam imediata e graciosamente ao ver Êxtase no círculo de luz azul, Valquíria presa ao teto e a Administradora parada entre os dois, com uma expressão de choque no rostinho bonito.

Eles sacaram as foices.

A Administradora libertou Valquíria, que caiu no chão, ofegante. A mulher deu um passo atrás.

— Não. Apenas... escutem-me. Apenas... não...

Os Talhadores dispararam para frente e a Administradora se virou, tentou correr, mas Valquíria esticou o pé e a mulher tropeçou. A Administradora caiu dentro do círculo azul e todas aquelas torrentes de energia se separaram de Êxtase e se cravaram nela. A mulher gritou e seu corpo se retorceu. Houve um pop alto, um cheiro de ozônio e a luz azul desapareceu.

Trevas novamente, exceto pelas imagens azuis nevoentas que nadavam na vista de Valquíria. Uma lanterna foi acesa. A Administradora estava no chão, imóvel, e um dos Talhadores estava verificando Êxtase.

O segundo Talhador estava de pé sobre Valquíria. Ela começou a rastejar para longe, e o Talhador avançou para impedi-la.

— Deixe-a — sussurrou Êxtase.

O Talhador parou e Valquíria se levantou e saiu correndo.

Ela correu cegamente pelas trevas até que viu luzes se movendo adiante. A menina se escondeu numa sala. Ouviu Crucial na liderança, e esperou que eles passassem antes de sair e continuar correndo. Alcançou o foyer, onde alguém tinha ativado luzes de emergência, e avançou de cabeça baixa até se juntar à fila de pessoas que saíam. Tomou as escadas que levavam ao lado de fora e passou pelo Museu de Cera desativado. Os feiticeiros à sua volta estavam conversando sobre um ataque e trocando teorias, e na primeira oportunidade, Valquíria se separou do grupo.

A adolescente saiu do Museu de Cera, sob um céu cinzento que despejava chuva, e correu até a rua. A Ameaça Roxa parou bruscamente e ela entrou.

— Cadê os outros? — foi a primeira coisa que ela perguntou.

— Já estão a caminho de Aranmore.

— Vamos lá.

Ardiloso colocou a bolsa negra que continha o Cetro dos Antigos no colo dela e, com um cantar de pneus, a fuga de Valquíria estava completa.

A BATALHA DE ARANMORE

Eles percorreram o resto do caminho em silêncio, e apenas a habilidade de Ardiloso evitou que eles derrapassem para fora da pista. Quando chegaram a Aranmore já tinha parado de chover, e a Ameaça Roxa fez a curva e disparou pela estradinha ascendente e serpenteante, com capim alto crescendo dos dois lados. Havia uma pluma de fumaça logo acima da colina, e a van de Medonho surgiu adiante. Ela estava de lado, furiosamente em chamas. As portas estavam abertas.

Houve uma explosão adiante e eles viram Tanith dando um salto mortal para longe dela. A guerreira aterrissou e correu para a quina da casa principal. Ela chegou lá bem quando uma saraivada de balas destroçou o chão aos seus pés.

— Eles têm metralhadoras — Valquíria anunciou baixinho.

— E granadas.

A Ameaça Roxa freou e Ardiloso abriu a porta com um chute.

Valquíria agarrou a bolsa preta.

— Fique abaixada — ele instruiu e correu.

A menina viu os membros da Diablerie de relance no pátio do outro lado da casa principal. Viu Fletcher, com as mãos algemadas diante de si, tropeçando atrás de Cadafalso.

Rosa Assassina viu a menina, ergueu a arma e disparou. Valquíria tropeçou, mas conseguiu continuar correndo até alcançar a cabana, entrando atrás da cobertura.

Ardiloso tirou o revólver do paletó.

— Medonho? — ele gritou para Tanith.

— Ele está por aí — respondeu ela, se abaixando novamente quando mais balas atingiram a quina ao lado dela.

A porta da casa principal se abriu e Paddy irrompeu de dentro, com uma espingarda na mão e gritando um grito de guerra.

Ardiloso empurrou o ar, desviando a espingarda para cima bem quando Paddy atirou, e com um gesto a arma veio voando até a mão do detetive.

Paddy percebeu em quem ele tinha atirado e estremeceu.

— Desculpa, desculpa!

— O que você ainda está fazendo aqui? — exclamou Ardiloso. — Eu liguei para mandar você ir embora.

— Honestamente, eu não dou a mínima para o que você me mandou fazer. Me devolve a minha arma.

— Paddy, isto não é seguro.

— Você não acha que eu tenho o direito de estar aqui? Esta fazenda é o meu lar. Há quarenta e dois anos. Não vou abandoná-la só porque um punhado de feiticeiros decidiu agitar suas varinhas por aí e dar uns tirinhos.

— Isto é perigoso — insistiu Valquíria.

— Eu sou perfeitamente capaz de tomar conta de mim mesmo, mocinha. Tenho uma porção de cartuchos para a minha espingarda e essas calças são novas. Estou pronto.

— Se você é um voluntário — falou Ardiloso, devolvendo a espingarda —, fique aqui com Valquíria.

— Pode contar comigo, Sr. Esqueleto.

O chão entrou em erupção atrás deles e dois vultos voaram do chafariz de terra: Medonho, com os braços envolvendo a garganta de Billy-Ray Sanguíneo. Eles caíram no chão e rolaram, e Medonho soltou o adversário. Sanguíneo ofegou, subitamente capaz de respirar de novo, em seguida abrindo a navalha e partindo para cima de Medonho com um rosnado.

Medonho se esquivou e o socou, e a cabeça de Sanguíneo foi jogada para trás. O

punho de Medonho atingiu as costelas do inimigo, lançando o texano no ar. Atordoado, Sanguíneo pôde apenas golpear o ar cegamente com a navalha, e Medonho avançou e lhe deu um gancho de direita perfeito.

As pernas do mercenário cederam e ele caiu.

— Para a casa principal — ordenou Ardiloso.

Tanith entrou primeiro, seguida por Paddy. Ardiloso fez Valquíria entrar antes dele.

Medonho veio por último, fechando a porta. Eles permaneceram abaixados enquanto as balas voavam e o vidro quebrado chovia sobre suas cabeças.

Ardiloso rastejou até a janela que dava para o pátio e atirou de volta. Os barracões e as máquinas agrárias forneciam uma ótima cobertura para Rosa Assassina enquanto ela dançava e girava, recarregando a metralhadora e rindo o tempo todo.

— Onde estão os Necromantes? — o detetive gritou para Medonho.

— Mortalha deveria chegar pelo lado oeste, para pegá-los pelas costas. Não sei o que os está atrasando.

— Nunca confie num Necromante — grunhiu Tanith.

Valquíria arriscou uma olhada. Do lado oposto do pátio ela viu Krav Repulsivo largar o torso do Grotesqueiro dentro de um círculo de giz que Gáudio Cadafalso estava desenhando no chão.

Fletcher tentou sair correndo, mas Krav o arrastou de volta, jogando o rapaz ao lado do torso. Cadafalso estava desenhando alguma outra coisa agora; símbolos por toda a volta do círculo.

Antes que Valquíria pudesse perguntar a qualquer pessoa o que estava acontecendo, os símbolos se tornaram incandescentes e uma fumaça

vermelha se ergueu deles, se misturando com a fumaça preta que subia do círculo, sendo as duas unidas numa nuvem que girava ao redor do perímetro do círculo, rugindo como um furacão.

— Inferno — Ardiloso praguejou e trocou de alvo, de Rosa para Cadafalso. Mas quando as balas atingiam a fumaça, eram capturadas por ela e subiam alto no ar numa coluna espiralada.

De relance, Valquíria viu Fletcher de joelhos, com as algemas no chão ao lado dele.

Cadafalso estava perto, com as duas mãos nos ombros do rapaz. Fletcher estava com as mãos livres, mas se ele tentasse se teletransportar, levaria Cadafalso junto; e a menina sabia que Cadafalso não perderia tempo em castigar o rapaz pela desobediência.

Cadafalso fez Fletcher colocar as mãos no Grotesqueiro. Eles estavam conseguindo.

Eles iam abrir o portal. A fumaça rodopiou e Fletcher sumiu de vista.

Valquíria olhou para Rosa Assassina enquanto a louca ria e jogava alguma coisa na casa principal.

A menina girou. Houve uma explosão atrás dela, e Valquíria foi jogada longe em meio a uma chuva de estilhaços e destroços e vidro. Ela caiu

dolorosamente no chão, com os ouvidos retinindo, poeira na boca e um ombro machucado.

— Valquíria! — gritou Ardiloso.

— Estou bem! — ela gritou de volta, com a voz fraca. A adolescente olhou em volta, procurando a bolsa com o cetro, que estava num canto.

Balas perfuraram as paredes acima de Valquíria, e Medonho a arrastou para fora da zona de perigo.

— Fique parada — ordenou Medonho, e ele agarrou alguma coisa nas costas dela e puxou. Valquíria uivou e deu um tranco para frente. O alfaiate estava segurando um caco de vidro cuja ponta pingava com o sangue dela. — Mais algum lugar doendo?

— Estou bem — mentiu Valquíria.

— Eu tenho um novo conjunto de roupas para você. Nada passa através delas. Estão numa bolsa na van. Você acha que consegue chegar lá?

A adolescente assentiu com a cabeça, e Medonho a ergueu.

Valquíria fez o possível para não estremecer. Houve mais uma rajada de metralhadora e um quadro feio na parede foi reduzido a papel esfarrapado numa moldura quebrada. Medonho abriu a porta.

— Vá! — disse ele. Valquíria saiu correndo da casa principal.

Ela foi até a van em chamas e se abaixou, deslizando pelo chão até estar atrás do veículo.

Valquíria empurrou o ar para limpar a fumaça e viu a bolsa no banco de trás. Ela enfiou o braço pela janela, se esticando para pegar a alça da bolsa, e a puxou para fora. A fumaça rodopiou e a recobriu, e a menina fechou os olhos para evitar a ardência. Ela engatinhou de costas, tossindo, até sentir grama sob as mãos. Os olhos da adolescente lacrimejaram quando se abriram.

A menina usou os dedos dos pés para tirar os tênis enquanto atirava longe a jaqueta esfarrapada, e em seguida vestiu a túnica sem mangas por sobre a camiseta. Os jeans estavam imundos e enlameados. Ela os atirou na grama e vestiu as calças pretas, mal percebendo como elas serviram incrivelmente bem, como ficaram perfeitas nela. As novas botas eram confortáveis como se Valquíria já as tivesse há anos.

A adolescente vasculhou os bolsos das roupas velhas, transferiu tudo o que achou nelas para os trajes novos e vestiu o casaco. Ele era mais curto que o anterior, indo até o meio das coxas. Todas as roupas novas eram pretas, com exceção das mangas do casaco, que eram de um vermelho tão profundo que parecia sangue seco.

Valquíria prendeu os cabelos num rabo-de-cavalo e ouviu algo que parecia um sussurro atrás de si. Ela se virou a tempo de ver um punho vindo em sua direção. A menina se esquivou para trás, quase tropeçando nas roupas velhas. O atacante continuou avançando, uma coisa de pele de papel e pontos de costura, arrastando os pés pesados. Valquíria estalou os dedos e lançou uma bola de fogo no peito dele. As chamas o perfuraram rapidamente e acenderam o gás que o preenchia, mas havia outro atrás dele, e mais outro atrás do segundo.

Valquíria correu para a casa principal, ganhando distância antes de olhar para trás.

Um exército de Homens Ocos, marchando com aquele passo lento e desajeitado, se movia pelos campos, vindo em direção a ela.

Valquíria correu até a cabana, batendo a porta atrás de si. Houve uma pausa no tiroteio, mas ela permaneceu abaixada mesmo assim.

— Homens Ocos — anunciou a adolescente, e imediatamente Tanith saltou até a porta, pressionando a mão contra a madeira.

— Resistir — sussurrou ela, e um brilho se espalhou pela superfície, partindo da mão dela.

— Quantos? — indagou Ardiloso.

— Não sei. Duzentos ou trezentos.

— Ah, inferno — disse Medonho.

— Eu não sei como a Diablerie pôs as mãos neles — falou Ardiloso. — Mas nós já enfrentamos Homens Ocos antes e eles nunca foram um problema. São uma ameaça apenas se você deixar que eles te cerquem.

— Há trezentos deles — argumentou Tanith. — Nos cercar não será difícil.

— Eles estão atirando tudo que podem contra nós porque eles precisam nos manter ocupados. Nós temos que impedir que Fletcher abra aquele...

Ardiloso foi interrompido por mais uma rajada de balas que mandou todos para o chão.

Os Homens Ocos martelaram a porta, mas o brilho que Tanith aplicou se manteve firme e sólido. Não havia nada que ela pudesse fazer quanto às janelas, porém, e não demorou muito para os Homens Ocos atravessarem as vidraças restantes. Os cacos de vidro rasgavam buracos nos braços deles, e um gás verde vazava enquanto eles esvaziavam, mas havia mais deles chegando.

Rosa Assassina estava andando de um lado ao outro do pátio, com a metralhadora cuspidando balas. Ardiloso guardou o revólver.

— Acabou a munição — anunciou o detetive. — Parece que vamos ter de pular, mesmo.

— Eu odeio pular — murmurou Medonho.

Paddy se levantou num salto, ainda atirando de volta, graças ao seu suprimento aparentemente infinito de cartuchos de espingarda, mas Ardiloso esperou até a próxima vez em que Rosa teve que recarregar.

— Vamos — comandou ele, em seguida pulando pela janela, com Medonho e Tanith logo atrás.

Valquíria olhou pela janela enquanto Ardiloso corria direto para a coluna de fumaça vermelha e preta, deixando que Medonho e Tanith lidassem com os outros. Medonho empurrou o ar. Rosa cambaleou e Tanith se chocou contra ela. A metralhadora voou pelo ar e as facas de Rosa estavam subitamente nas mãos dela.

Krav avançou contra Medonho, os Homens Ocos enxamearam o pátio, e Paddy puxou Valquíria para fora de vista.

— Se a gente ficar quieto — sussurrou ele. — Talvez eles se esqueçam da gente.

— Eu não vou simplesmente assistir — Valquíria retrucou com raiva ao afastar a mão do fazendeiro. Ela permaneceu abaixada até estar longe das janelas, e correu até a bolsa preta.

Paddy veio atrás dela com uma expressão desafiadora no rosto.

— Seu amigo esqueleto deixou bem claro, Valquíria. Você só deverá deixar esta casa quando tudo mais fracassar.

— Eu nunca faço o que ele manda. Ele sabe disso.

— Ardiloso disse que você é a última esperança — argumentou Paddy. — Certamente você deve isso a todos que estão lá fora lutando, você deve esperar até ser necessária. Se sair agora, e alguma coisa acontecer a você, como poderá ajudá-los então?

Valquíria pôs a mão na bolsa e os dedos se fecharam ao redor do Cetro.

— Eu sei que você quer ajudar — Paddy continuou. — Sei que ficar aqui assistindo está partindo o seu coração, mas se você não seguir o plano, então será tudo perdido por nada.

Valquíria cerrou a mandíbula e olhou para Paddy, cujos ombros se curvaram em solidariedade.

— Eu lamento.

Ela sabia que o senhor tinha razão. Pela primeira vez na história, eles tinham um plano. O mínimo que Valquíria poderia fazer era segui-lo.

Do lado de fora vieram os sons da batalha.

— O que você pode fazer, afinal? — indagou Paddy. — Por que você é a última esperança deles? Você tem algum poder especial que ninguém mais tem?

Valquíria balançou a cabeça.

— Não, mas tenho uma arma que ninguém mais tem. — Ela tirou o Cetro dos Antigos da bolsa. — Esta é a única coisa nesta existência capaz de matar um deus, e eu sou a única pessoa capaz de usá-la.

As sobrancelhas de Paddy subiram.

— Isso é muita responsabilidade.

— Era isso que eu estava pensando — Valquíria respondeu baixinho. — Há uma predição sobre mim, sabe. Eu morro e o mundo acaba.

— Essa predição é sobre o dia de hoje?

— Faz sentido, não faz? Se eu morrer, e não tiver ninguém mais para receber o Cetro, então estará tudo acabado. Então hoje é o dia em que eu morro.

— E os seus pais não sabem nada sobre nada disto, sabem?

— Não.

— Se soubessem, porém, eles estariam muito orgulhosos. Eu nunca tive filhos, mas se os tivesse, teria desejado que fossem como você.

Ele foi até uma velha fotografia na mesinha de canto e pegou um anel de ouro que estava ao lado dela.

— Isto era da minha mãe — contou ele. — Eu sempre planejei dá-lo, algum dia, à mulher com quem eu me casaria. Que pena. Meus anos restantes passarão num piscar de olhos, e eu não deixarei nenhum legado. Ninguém vai se importar.

Valquíria se ocupou guardando o Cetro de volta na bolsa e fechando o zíper. Ela não sabia como responder àquilo.

Paddy se aproximou, segurando o anel de ouro.

— Você usaria isto?

— Eu... Paddy, eu não poderia...

— Eu nunca me casei.

— Ainda há tempo.

— Você é uma menina gentil e uma péssima mentirosa. É claro, o fato de que a magia existe significa que os milagres podem acontecer... Então você me faria um favor? Guardaria isto até que eu precisasse?

— Você tem certeza que não prefere guardar você mesmo?

— Significaria muito para mim saber que eu estou passando-o para alguém que o merece.

Valquíria hesitou, e então pegou o anel e o colocou no indicador direito.

— Ficou bonito em você — Paddy comentou com um sorriso.

Ela percebeu que estava sorrindo de volta.

— Eu o mantereí seguro — prometeu. — Pelo tempo que ainda nos resta.

Houve passos no telhado, movendo-se rapidamente. Os dois foram até a janela enquanto 12 ou mais Talhadores saltaram do telhado da casa para o pátio, com as foices já nas mãos, e antes que os Homens Ocos pudessem se virar, as lâminas já estavam cortando.

— Esses aí estão do nosso lado? — indagou Paddy, confuso.

— Com certeza — Valquíria sorriu.

A menina viu Medonho atirando fogo. Homens Ocos giravam, com seus gases internos se incendiando. Ela viu Porcelana, vestida de preto dos pés à cabeça, tocando símbolos em seus antebraços e lançando uma onda de energia azul que se chocou contra Krav quando tentou atacá-la.

Ardiloso estava junto à coluna de fumaça, tentando entrar de algum jeito. A adolescente viu Fletcher de relance, com as mãos no Grotosqueiro, e mesmo de longe ela percebeu a dor no rosto dele. O rapaz tentou se mover, mas Cadafalso o manteve de joelhos e então Fletcher arqueou as costas, e o grito dele soou mais alto do que o rugido da fumaça.

A dez metros dele uma luz amarela surgiu no ar. Ela ficou mais forte e maior. Estava crescendo rapidamente. Em dez segundos ela estava do tamanho de uma cabeça humana.

Valquíria conseguia ver dentro da luz. O centro era calmo e um pouco menos brilhante, mas as bordas eram como chamas furiosas, alargando o portal cada vez mais.

Os Necromantes tinham chegado ao pátio, e pela aparência deles, tinham lutado o percurso inteiro até ali. Salomão Mortalha gritou ordens e a Necromante girou o manto, cujas bordas cortaram os Homens Ocos ao redor dela. O Necromante homem disparava a pistola de pederneira, e cada bala negra perfurava múltiplos Homens Ocos de uma vez.

Mortalha manejava a bengala como se estivesse regendo uma orquestra, lançando ondas de trevas que arrebentavam sobre os inimigos.

Valquíria observou o portal ficando maior e maior, enquanto as chances de sobrevivência deles se tornavam menores e menores.

Tanith estava combatendo com Rosa Assassina, mas tinha uma expressão no rosto que Valquíria raramente via: medo. Rosa Assassina era melhor do que Tanith, e a guerreira sabia disso.

Lâminas cintilaram e Tanith cedeu terreno. As longas facas de Rosa aparavam e bloqueavam os golpes de espada cada vez mais desesperados de Tanith, e Rosa sorria. Ela estava brincando com Tanith, se divertindo com o fato de que poderia acabar com a vida da adversária quando bem quisesse.

E então ela resolveu acabar com a vida da adversária.

AS COISAS IMPOSSÍVEIS

Tanith tentou dar um mortal para trás, mas Rosa Assassina deu um bote, com uma das facas cortando o ombro de Tanith.

Valquíria se levantou com um salto, gritando o nome da amiga.

Tanith golpeou o ar com selvageria enquanto recuava. Rosa avançou de lado, cravando uma lâmina na perna direita da adversária.

Tanith caiu ajoelhada sobre uma das pernas, mas agarrou o pulso de Rosa bem quando a louca tentou acertar-lhe a garganta. Rosa casualmente pressionou a ponta da outra faca nas costas da mão de Tanith, e em um movimento elegante a pressionou.

Tanith gritou e Rosa a chutou nas costas, e então atacou para encerrar a luta.

Valquíria viu algo borrar, algo branco, e Rosa Assassina teve que se abaixar para evitar a foice do Talhador Branco.

O Talhador girou baixo e Rosa deu um mortal, em seguida se reaproximando com velocidade sobrenatural. O Talhador Branco se esquivou de uma das facas e bloqueou a outra. Ele chutou a perna dela. Rosa cambaleou e a lâmina da foice passou por ela, errando a garganta por pouco.

Rosa foi se defender de um ataque por baixo que o Talhador alte-rou de repente. O

cabo da foice acertou o queixo de Rosa, que caiu.

Valquíria estava a ponto de correr para ajudar Tanith quando a parede diante dela explodiu. Ela caiu para trás, tossindo. Ouviu Paddy ao lado dela e

olhou por entre a poeira e os destroços, enquanto Krav Repulsivo, praguejando com veemência, fazia o possível para continuar de pé.

O Sr. Êxtase passou pelo buraco gigantesco que tinha feito na parede.

— Minha irmã? — ele rosnou, esperando que Krav se endireitasse. — Você tentou matar minha irmã?

Krav deu um soco. Êxtase fechou a mão sobre o punho dele e o apertou, e Krav rugiu quando todos os ossos da mão foram esmagados.

Êxtase o socou e Krav bateu na parede oposta, que rachou.

— Minha irmã é a única parente que ainda me resta.

Ele se chocou contra Krav e os dois atravessaram a parede oposta e levaram a luta para o lado de fora.

Medonho entrou pelo primeiro buraco, segurando Tanith com o braço dela em volta do seu pescoço. Ela estava sangrando bastante, mas ainda segurava a espada. Valquíria correu para os amigos enquanto Medonho sentava Tanith numa cadeira junto à mesa.

— Eu ainda posso lutar — murmurou Tanith.

— Tome conta dela — Medonho ordenou e correu para o lado de fora novamente.

— Tanith — Valquíria chamou, se abaixando ao lado da amiga.

— Tanith, você está me ouvindo?

— Ela me venceu, Val...

— Ela deu sorte — Valquíria olhou para Paddy. — Você teria bandagens ou algum tipo de suprimento médico?

O fazendeiro assentiu com a cabeça e saiu.

— Eu tenho um kit de primeiros socorros guardado aqui em algum lugar.

Ele começou a vasculhar as gavetas, e Valquíria foi ajudar a procurar. Foi quando ela olhou para trás, para ver se Tanith tinha desmaiado, que a menina percebeu que a parede tinha começado a rachar. Ela mal teve tempo de gritar

para avisar antes que Billy-Ray Sanguíneo saltasse para dentro. Ele agarrou os cabelos de Tanith e bateu com a cabeça dela na mesa.

Paddy virou a espingarda, mas Sanguíneo jogou Tanith contra o velho. Valquíria estalou os dedos, mas não conseguiu invocar uma fagulha. Sanguíneo afundou no chão. A menina ouviu o inimigo sair da parede atrás dela e chutou sem olhar. A bota o atingiu na perna; ele grunhiu e a adolescente tentou acertar um cruzado de direita, mas o mercenário bloqueou o golpe e acertou um soco direto no esterno. Valquíria voou para trás, caindo numa cadeira e se estatelando no chão.

A espingarda disparou e disparou de novo, e a menina ergueu os olhos para ver Paddy encarando fixamente uma parede nua, espantado. Sanguíneo se ergueu do chão atrás do fazendeiro e o empurrou com força contra a parede.

— Tá todo mundo tão doido pra morrer — Sanguíneo comentou — que quase tira a graça de matar vocês.

O mercenário avançou contra Valquíria e a menina pulou na mesa e rolou sobre ela.

Sanguíneo riu, mergulhando para agarrá-la, mas ela pegou a espada de Tanith e se virou, cortando um arco largo. A lâmina abriu a barriga de Sanguíneo, que parou, boquiaberto, olhando para si mesmo enquanto Valquíria recuava.

— O que foi que você fez? — indagou ele, desnorteado.

O sangue escorria do corte, rapidamente encharcando a camisa e escurecendo a cor do paletó.

— O que diabos você fez? — Sanguíneo berrou e a fúria na voz dele atingiu Valquíria mais forte do que qualquer soco.

O chão o engoliu.

Paddy grunhiu, caído no chão, mas parecia estar bem. Valquíria ajudou Tanith a se sentar novamente na cadeira e, colocando a espada na mesa ao lado da amiga, foi até a janela.

Alguma coisa saiu voando do Portal e se prendeu à mente dela, e uma onda de choque atingiu a casa principal, atirando a menina para trás.

Os pensamentos de Valquíria silenciaram.

O vidro quebrado sob suas mãos. A brisa crescendo até se tornar vento lá fora. O

mundo, opaco e mortiço.

Outra onda de choque atingiu a casa.

E mais uma.

A boca de Valquíria estava seca, e sua cabeça latejava de dor.

Lentamente, ela escalou os destroços até chegar ao buraco na parede.

Do lado de fora, havia outras pessoas no chão. Deitadas. Muitas pessoas de papel.

Algumas pessoas de preto. Fumaça vermelha e preta rodopiando. Um esqueleto. Havia um esqueleto, cambaleando até ela.

Ela ouviu uma voz dizendo:

— Valquíria...

As mãos do esqueleto estavam enluvadas. Ela sentiu os dedos, finos e apertados no braço dela, e ouviu aquela palavra novamente:

— Valquíria...

Mais palavras agora.

—... olhe para mim, Valquíria, olhe...

Vindas da boca do esqueleto. Das mandíbulas de Ardiloso.

— Ardiloso — murmurou a adolescente.

—... que você se concentre. Você olhou para elas? As coisas que saíram pelo portal, você olhou para elas?

A própria voz da menina soava distante.

— Um pouco — respondeu Valquíria.

Ela foi posta de pé. Podia ouvir melhor agora. Podia ver os outros tentando se levantar. Porcelana. Medonho. Ela viu os Necromantes, atacando os últimos dos Homens Ocos enquanto tentavam se levantar com seus pés desajeitados.

Valquíria viu um rapaz, Fletcher Renn, rastejando para fora da coluna de fumaça. Um homem, que parecia ter sido atirado para fora do círculo por uma onda de choque, viu Fletcher e estendeu a mão para ele.

Fletcher desapareceu, imediatamente reaparecendo um pouco mais adiante.
O

homem, Cadafalso, atacou, e novamente Fletcher desapareceu e ressurgiu por perto.

Cadafalso estava furioso e, quando Fletcher fechou os olhos e se concentrou, sumiu, e desta vez não reapareceu.

Agora que Fletcher não estava mais mantendo o portal aberto, o anel de luz amarelo incandescente que se erguia no ar começou a diminuir. Valquíria o observou até que desapareceu.

— Valquíria — comandou Ardiloso. — Preciso que você saia dessa, entendeu?

Valquíria Caos, preciso de você aqui comigo.

Ela olhou para o parceiro, e os pensamentos dela se afiaram, e finalmente a adolescente assentiu com a cabeça.

— Sim.

— Você está comigo?

Os pensamentos se afiaram e se tornaram mais claros.

— Estou. Sim, eu estou com você. O portal está fechado.

— Alguns deles saíram. Eu contei três. Precisamos do Cetro agora.

Ela assentiu com a cabeça, e estava a ponto de pegá-lo quando Krav apareceu cambaleando enquanto virava a esquina da casa. Ele os ignorou completamente e seguiu em frente, tropeçando, com Êxtase vindo logo atrás.

— Me deixe em paz! — gritou Krav. Estava todo roxo e sangrando, com a tatuagem do lado de dentro do braço pulsando com um brilho vermelho.

A pressão estalou os ouvidos de Valquíria, que estremeceu.

Arrepios lhe subiram pela pele em ondas, e ela sentiu o coração batendo forte contra o peito. Ela estava assustada. Estava súbita e incrivelmente aterrorizada.

Ardiloso a agarrou e a puxou para baixo.

— Não olhe para aquilo — ela o ouviu dizer.

Por um momento, não houve nada.

A adolescente viu a coisa pelo canto do olho. Passando por trás das árvores, cinco vezes mais alta, uma fera gigantesca e mutante, uma ilusão de ótica, uma coisa abstrata de ângulos inacreditáveis.

Valquíria desviou o olhar, mas ainda podia ver a coisa na própria mente. Tinha aberto caminho até o cérebro dela. Era uma ideia, ou uma sugestão de uma ideia, ou a memória de algo que ela jamais conhecera, ou a sombra de todas essas coisas, o reflexo invertido delas, num lago parado, à noite.

Não podia ser real. Não tinha substância. Não tinha peso. Tinha massa, mas por trás dessa massa não havia profundidade. Como poderia ser real? Não fazia nenhum sentido. Não poderia ser real e não fazia nenhum sentido.

Valquíria tentou olhar de novo para este ser de ângulos fratura-dos e racionalidade partida, mas a cabeça dela não queria se virar.

Era uma impossibilidade manifesta, a ausência de forma reformada, e espreitava pela paisagem acompanhada não por pisadas trovejantes, mas pelo sussurro de mil linguagens mortas e os gritos abafados de aves carnicieras.

Houve uma investida e Valquíria ouviu Krav gritar. A pressão estalou os ouvidos dela de novo e a menina piscou. Os olhos se focaram gradualmente.

A criatura constituída de insanidade tinha desaparecido. Krav Repulsivo estava de pé, com os ombros caídos e a cabeça pendendo. Ele estava perfeitamente parado, apesar dos cabelos estarem sendo chicoteados pelo vento. Chicoteados e caindo.

Os fios se soltaram gentilmente, um por um, e a cabeça do homem se inclinou para cima de modo que Valquíria pôde ver o rosto dele derretendo. O nariz e as orelhas foram os primeiros a ir, afundando para dentro da pele. Os lábios endureceram, selando a boca, e os olhos se liquefizeram escorrendo pelas faces como lágrimas. As pálpebras se fecharam e se uniram. Os Sem-Rosto tinham tomado o primeiro receptáculo.

Êxtase correu para atacá-lo, mas Krav, ou o Sem-Rosto que um dia fora Krav, simplesmente ergueu a mão.

A corrida de Êxtase vacilou. Ele se dobrou ao meio, e Valquíria podia ver a expressão de dor do homem, e mais alguma coisa, também. Surpresa. Um sujeito como Êxtase não estava acostumado a sentir dor.

O Sem-Rosto ergueu o braço e Êxtase foi levantado do chão.

O Sem-Rosto curvou os dedos, e o corpo de Êxtase se transformou em pedacinhos de osso pulverizado e carne retalhada.

Com o estômago convulsionando violentamente, Valquíria assistiu à morte de Êxtase.

Ardiloso a agarrou e a puxou de volta para a casa principal.

— Cetro — gritou ele enquanto corria na direção do Sem-Rosto.

INIMIGOS

Valquíria correu de volta para dentro da casa. Paddy se virou para ela, que o encarou sem expressão.

O Sr. Êxtase estava morto.

A bile subiu pela garganta de Valquíria, que correu para o canto, vomitando.

— Eles estão aqui, não estão? — indagou Paddy.

Valquíria terminou, cuspiu e limpou a boca.

— Três deles.

Paddy assentiu com a cabeça.

— Vou buscar a sua varinha mágica.

O fazendeiro se apressou até a bolsa. Os joelhos de Valquíria estavam fracos. Seu rosto estava gelado.

— Se eu morrer — falou ela —, mas a gente vencer, você poderia ir falar com os meus pais e dizer a eles que sinto muito por fazê-los passar por isso, e que eu os amo?

— Você não tem nada com que se preocupar — Paddy respondeu enquanto voltava, entregando o Cetro. Os olhos dele se desviaram para alguma coisa atrás dela, e a menina franziu o cenho, se virou, não viu nada e se virou de volta no momento em que Paddy bateu com o Cetro na cara dela.

Valquíria se chocou contra a parede e cambaleou. Paddy tornou a golpear com o Cetro e ela conseguiu erguer o braço para bloquear, mas ele aproveitou para dar um soco e a cabeça da menina foi jogada para trás e ela caiu.

A adolescente ouviu Tanith praguejar e ergueu os olhos, com luzes piscando em sua vista. Tanith estendeu o braço para pegar a espada, mas Paddy bateu com o Cetro na mão dela. Tanith gritou e Paddy foi atrás dela, passou o braço pela garganta da mulher e a puxou da cadeira. Ela tentou lutar, mas estava fraca demais e depois de alguns segundos Paddy a deixou desabar.

A consciência de Valquíria chacoalhou entre luz e trevas, o rosto dela estava molhado. Estalou os dedos, mas nada aconteceu.

— Eu tinha esquecido como era isto — Paddy comentou, quase para si mesmo. Ele pousou o Cetro sobre a mesa. — A luta, quero dizer. Geralmente é tão calmo. Teria sido calmo para você, se não fosse por essas roupas encantadas. Minha lâmina não poderia perfurá-las. — Ele tinha uma faca na mão. — Mas ela vai perfurar sua garganta. Ou os seus olhos.

Valquíria lambeu os lábios e sentiu gosto de sangue.

— Você matou os teletransportadores — afirmou, se levantando do chão.

— Matei, sim.

— Você é Batu.

Paddy levantou a manga da camisa conforme andava até a menina, mostrando a marca do lado de dentro do antebraço.

— Sou ele mesmo.

Valquíria ficou onde estava, esperou que ele se aproximasse, e então flexionou os dedos e abriu a mão, mas não podia sentir o ar, não podia sentir onde as coisas se conectavam, e Paddy, Batu, passou a lâmina na mão dela, fazendo a menina gritar.

— Garota idiota — falou ele, tentando cortar seu pescoço.

Valquíria andou para trás e tropeçou, caiu e rolou. Estalou os dedos, mas nada aconteceu. Batu correu até ela, que mal conseguiu se abaixar a tempo.

— Você é um deles — afirmou a adolescente, se mantendo fora de alcance.

— Um deles quem? Dos membros da Diablerie? — Batu disparou para frente e a menina saltou para trás. Ele sorriu e os dois se encararam, andando em círculos. — Eu não sou um fanático desprovido de inteligência, Valquíria. Tudo que você vê ao seu redor? Toda essa morte, destruição e loucura? O fim do mundo que está prestes a acontecer? Isso é tudo resultado do meu trabalho.

— Quando eu era um rapaz — Batu continuou —, Tropo Caldeirão me contou tudo sobre o portal, e eu soube então que essa seria a minha chance. Reconstruí a Diablerie do nada, e eles ficaram realmente ansiosos em me aceitar como líder. Pois eu tinha uma visão, e era capaz de conseguir informações que ninguém mais poderia obter. Os feiticeiros me contariam seus maiores segredos; e você sabe por quê? Porque sou um mero mortal. Porque eles são arrogantes demais para pensar que um simples mortal poderia ser uma ameaça a verdadeiros deuses como eles. Eu visitei as casas deles dezenas de vezes antes de matá-los, tomando chá e batendo papo e

alimentando os gatos enquanto eles viajavam. A banalidade doméstica daquilo tudo era pavorosa.

Batu fez uma pausa antes de continuar.

— Até mesmo você e o esqueleto foram enganados. Eu não sabia precisamente onde o portal se abriria até que vocês trouxeram o rapaz para encontrá-lo para mim. Muito obrigado por isso, aliás.

Uma onda de tontura dominou Valquíria, que tropeçou. A faca a atacou, mas o casaco a protegeu. Batu estava sorrindo ao avançar.

Valquíria manteve distância.

— Mas por quê? Por que você está fazendo isto?

— Magia — respondeu Batu. — Meu pai era um feiticeiro. Assim como o meu irmão.

Mas eu, não. Simplesmente não tinha a fagulha, sabe? Mas agora, finalmente, chegou a minha vez.

A adolescente balançou a cabeça.

— Ou você nasce com ela, ou não nasce. Não pode receber a magia.

— Existem maneiras de contornar qualquer coisa.

Valquíria viu o brilho no olhar dele e subitamente entendeu.

— Você vai se oferecer como receptáculo.

— Ah, você é esperta.

— Você vai deixar um Sem-Rosto dominar você.

— E então eu estarei transbordando de magia, de um jeito que os feiticeiros comuns jamais poderiam até mesmo sonhar. Eles não são deuses, Valquíria. São tão patéticos quanto às pessoas que você deixou para trás na sua antiga vida. Mas eu? Eu serei um deus verdadeiro.

— Mas não será você. Sua personalidade será completamente eliminada. Até mesmo o seu corpo será transformado. Você jamais saberá como é usar magia.

— Eu saberei — Batu retrucou em voz baixa. — Vai haver alguma parte de mim que permanecerá, uma parte de mim que se unirá ao Sem-Rosto. Eu sei

disso. Sou forte, sabe?

Nasci sem magia. Eu tive que ser forte. Minha vontade é de aço. Não serei simplesmente apagado; não como os outros.

Valquíria franziu a testa.

— E você está oferecendo os outros membros da Diablerie como receptáculos também.

— Eu não queria que os Deuses das Trevas perdessem tempo buscando candidatos adequados. Eu simplesmente decidi facilitar as coisas para eles.

Ele avançou de novo. Ignorando a dor provocada pelo corte, Valquíria deu uma cotovelada no rosto dele, em seguida agarrando o pulso dele com as duas mãos e torcendo.

Batu bateu de ombro na adolescente. Eles se chocaram contra a parede e o vilão conseguiu encaixar o quadril e aplicar um golpe de judô, atirando-a no chão. Era um homem velho, mas era forte e rápido. Recusando-se a soltar a mão com a faca, Valquíria chutou a perna dele, que cedeu. Ela girou sobre as costas e meteu a bota na outra perna. Batu caiu sobre Valquíria, que ergueu o joelho para receber o rosto dele.

A faca caiu no chão e a menina rolou de debaixo do velho, chutando a arma para longe dele. Batu cuspiu sangue e dentes, e Valquíria avançou para chutá-lo.

Mas ele era mais rápido do que ela havia previsto. Desviou o chute para fora e por cima do próprio ombro, e em seguida se levantou e agarrou o casaco, erguendo a menina do chão. Batu a carregou de costas e a jogou sobre a mesa. Valquíria agarrou o Cetro com a mão esquerda e o velho segurou o pulso dela, mantendo o Centro longe dele. Um relâmpago negro transformou parte do teto em poeira.

Valquíria virou o Cetro contra Batu, mas a mão dele se moveu do pulso da adolescente para o próprio Cetro, e, mais uma vez, ele desviou a mira. Uma parte da parede desabou.

Batu fez força contra Valquíria, virando o cristal negro para o outro lado. A gema brilhou e cuspiu um relâmpago, acertando a quina da mesa. O móvel desabou e os dois caíram, mas as posições não se alteraram. Batu ainda estava por cima, e o Cetro agora estava apontado diretamente contra Valquíria.

O rosto do velho estava congelado numa máscara de ódio e determinação.

— Acabe logo com isto — ele murmurou por entre dentes ensanguentados e cerrados.

— Poupe-se da dor de ver o mundo acabar.

Valquíria acertou Batu nas costelas com a mão livre e o velho grunhiu. Ela bateu de novo, mas ele não largou o Cetro. Ela tentou empurrar o ar, mas nada aconteceu, e então sentiu o anel de ouro no dedo.

O anel neutralizava magia. Tinha que ser isso.

A adolescente pressionou a ponta do dedão contra o anel. Estava apertado, mas se moveu, saindo do dedo, até que ela se livrou dele com um peteleco e imediatamente sentiu o ar contra a palma da mão.

Valquíria estalou os dedos e invocou uma chama que queimou ferozmente o flanco de Batu. Ele gritou e se debateu e saiu de cima dela, tentando apagar as chamas na camisa. O

velho se levantou e saiu correndo pelo buraco na parede.

A adolescente se virou e se levantou. Estava com uma dor de cabeça monstruosa e havia sangue escorrendo pelo rosto, mas fora isso, parecia estar bem. Foi até Tanith e a deitou de lado, na posição de recuperação que Valquíria tinha aprendido na escola e, depois disso, finalmente percebeu que não estava mais segurando o Cetro.

Valquíria olhou para trás, vasculhando o chão desesperadamente, mas não estava lá.

Batu tinha levado. Praguejando, a menina saiu correndo pelo buraco atrás dele, vendo o velho de relance até que ele desapareceu em meio às árvores.

Ela disparou atrás dele.

PEÇAS SE ENCAIXANDO

B atu atraiu aquela garota maldita até as árvores e então mudou de direção, permanecendo abaixado. Ela tinha quebrado o nariz e alguns dentes dele, e o lado esquerdo do corpo estava bastante queimado, mas ele não poderia se dar ao luxo de buscar trivialidades como a vingança. Não agora. Ele se escondeu e a viu passar, em seguida cavou um buraco raso e largou o Cetro dentro. Cobriu a arma com terra e folhas e voltou na direção de onde viera.

Quando ele chegou ao pátio e viu o massacre, Batu riu.

Uma dúzia de Talhadores jazia morta. Eles estavam espalhados pelo chão, um tapete malfeito de cadáveres e sangue. O Sem-Rosto, com as roupas queimadas e rasgadas, o rosto completamente branco e liso e aterrorizante, caminhava lentamente entre eles.

Um trio de Talhadores foi erguido no ar, e os corpos se dobraram sobre si mesmos e foram esmagados para dentro. Os restos deles caíram, esquecidos. Mais Talhadores, com os uniformes cinzentos manchados pelo sangue dos colegas, atacaram com determinação incessante, mas as lâminas das foices meramente quicavam na pele do inimigo.

Batu se virou enquanto Rosa Assassina corria até ele e agarrava-lhe o braço.

— O que foi que você fez? — indagou, furiosa. — Você nos disse que estas marcas nos protegeriam!

— Elas não são proteções — respondeu Batu, com a voz calma apesar da euforia que sentia. — São convites.

Rosa ficou olhando fixamente para ele, e então se virou e saiu correndo. Batu assistiu enquanto ela desaparecia entre as árvores.

Uma torrente de impossibilidades fluiu atrás da mulher, fazendo as árvores ranger e balançar. Batu ouviu o grito de Rosa e depois o silêncio.

Havia mais um deus por aí, e Batu foi procurá-lo.

DE TODOS OS LADOS

Valquíria parou e praguejou. Ela o tinha perdido. Não havia porque se embrenhar cada vez mais naquela floresta; se Batu estava mesmo adiante, o que ela duvidava, ele conhecia a região muito melhor do que ela.

Não, se embrenhar mais não fazia nenhum sentido. Não para Batu. Ele iria querer ver seu grande plano se realizando, e isso significava estar onde a ação estava.

Houve um barulho súbito atrás dela e Valquíria se virou para ver Remus Crucial saindo de detrás de uma árvore.

— Você me deu um baita susto — ralhou a menina.

Crucial mantinha o braço esquerdo junto ao corpo como se estivesse ferido, e estava mancando feio. Suava e parecia sentir muita dor. Havia sangue seco no rosto dele.

— Está tudo bem? Remus? Você viu alguém passar correndo? Um velho?

— Você está presa — Remus rosnou enquanto metia a mão direita no bolso.

Valquíria deu o bote e pegou o pulso dele bem quando ele puxou uma pequena pistola. — Resistindo à prisão! — gritou ele enquanto a luta levou os dois de volta até a árvore.

A adolescente acertou uma cotovelada no braço ferido e Crucial berrou, e então ela torceu a arma da mão dele e se afastou com um empurrão. Valquíria jogou a arma bem longe entre as árvores, e Crucial estendeu a palma da mão. Uma parede de ar acertou a menina, que foi atirada para trás. Os ombros dela bateram no chão e ela tocou o queixo no peito enquanto dava uma cambalhota de costas sem a menor elegância.

Crucial veio arrastando a perna atrás dela, invocando uma chama na mão.

— Ataque a um oficial do Santuário! — berrou ele.

Valquíria se lançou contra o sujeito, dando um tapa na mão direita dele enquanto lhe acertava um cruzado no queixo. Crucial cambaleou para trás.

— Você poderia ter quebrado meu pescoço! — a menina gritou, e atacou com um chute na perna ruim. Crucial urrou e caiu no chão, e Valquíria deu um passo atrás, segurando a mão que tinha usado para socar. Ela torcia para que não estivesse quebrada.

Tanith vivia lhe dizendo para usar os cotovelos, não os punhos.

Valquíria realmente deveria ter escutado.

A adolescente olhou para o detetive que se contorcia, gritava e soluçava. Crucial não iria a lugar algum tão cedo. Ela deu meia-volta e voltou correndo por onde viera.

Valquíria viu alguém adiante, sentado recostado num tronco de árvore. Fletcher Renn. Os ombros do rapaz estavam caídos para frente e a cabeça abaixada. A camisa estava ensopada de sangue e os cabelos emaranhados.

Renn ouviu Valquíria se aproximando e ergueu a cabeça lentamente, como se cada momento trouxesse consigo um novo tipo de dor.

— Eu ajudei eles — anunciou.

— Eu sei. Mas agora precisamos que você ajude a gente. Você viu Paddy por aí?

Renn balançou a cabeça.

— Não vi ninguém. Eu nem os enfrentei. Eles me ameaçaram, me cortaram, e isso foi suficiente. Sempre achei que eu seria o herói, sabe? — A risada dele era quebradiça.

Valquíria olhou para baixo, para o rapaz.

— Eu não quero ser má — falou ela —, mas a gente não tem tempo para isto.

— Você quer sair daqui? Estou reunindo minhas forças para me teleportar para algum lugar, qualquer lugar. Minha casa, talvez. Por algum motivo, eu realmente quero voltar para Londres agora.

— Você não pode ir embora. Sabe aquele velho? Paddy? Ele é Batu. É ele quem está por trás disto tudo, e ele está com o Cetro. Provavelmente já escondeu, ou tacou ele em alguma vala ou coisa assim. Fletcher, se eu não puder achar o Cetro, então a gente vai ter que atrair os Sem-Rosto de volta para o portal. A gente vai precisar que você abra o portal de novo.

Fletcher encarou a menina, franzindo as sobrancelhas.

— Você tá louca? Abrir aquilo da primeira vez me deixou exausto. Tipo, se eu pudesse usar o meu poder, você acha que já não teria usado agora? Acha que estou aqui porque sou corajoso? Assim que eu estiver forte o bastante, eu vou cair fora daqui.

— Você não pode ir embora. Esta é a nossa única chance de salvar todo mundo. É a única chance que a gente vai ter.

— Não é a minha batalha.

— É a batalha de todo mundo.

— Quando os outros feiticeiros ficarem sabendo disto, todos eles virão correndo ajudar, de todos os países do mundo. Eles vão derrotar os monstros. Eu não. Eu sou só um garoto — Renn olhou para Valquíria. — Você deveria vir comigo.

— Não posso. Se você não vai ajudar a gente, então encontrar o Cetro é a nossa única chance.

— Eles vão matar você.

— Aparentemente, essa hora já está chegando mesmo — respondeu Valquíria, se levantando.

Ela deu mais uma chance ao rapaz. Ficou ali parada por tempo suficiente para que ele mudasse de ideia, mas ele não mudou. Simplesmente ficou sentado.

Valquíria continuou correndo, emergindo das árvores para ver Ardiloso batalhando contra o Sem-Rosto. O esqueleto empurrou o ar, mas não

adiantou de nada; o ar apenas ondulou e se dobrou ao redor do Sem-Rosto inofensivamente.

A Necromante mulher atacou por trás, girando o manto de sombras. O monstro simplesmente estendeu a mão e o corpo dela virou do avesso.

Ele continuou andando e Ardiloso recuou, e o monstro ergueu o braço para o detetive.

Então a criatura viu a menina. O corpo grotesco se virou para ela.

— Valquíria! — gritou Ardiloso. — Corra!

CRISE DE FÉ

A coisa estava vindo atrás dele.

Gáudio Cadafalso podia senti-la acima de si, sentir que ela se aproximava. A marca, aquela que Batu tinha mandado que todos eles queimassem nos braços, era como um farol.

Não importava onde ele se escondesse ou o quanto ele corresse, o Sem-Rosto sempre o encontraria.

Não era assim que deveria acontecer.

Gáudio tirou o cinto enquanto corria, amarrou-o em volta do bíceps e apertou com força. Já podia sentir a circulação sendo cortada. Quando ele finalmente alcançou o pátio junto a casa, a mão esquerda já estava dormente.

O homem se ajoelhou e agarrou a foice caída de um Talhador.

Colocou o antebraço deitado no chão e pressionou a lâmina curva logo acima do cotovelo. Gáudio estava ofegando rápido e suando, e não poderia se dar ao luxo de ter dúvidas.

Houve um golpe de ar e os ouvidos estalaram. A coisa o encontrou.

Cadafalso fechou os olhos e urrou, forçando a foice contra o antebraço. A lâmina cortou carne e osso num único movimento suave, e o urro se transformou num berro.

Ele desabou, agarrando o cotoco ensanguentado contra o corpo, e quando abriu os olhos, viu o braço decepado caído ao lado e o Sem-Rosto tinha desaparecido.

MATANDO DEUSES

Porcelana encontrou Crucial sentado no chão entre o bosque e a campina. A cabeça dele estava abaixada e os braços cruzados junto ao peito. Ele estava ferido, ela podia ver isso enquanto se aproximava do homem. Não havia mais ninguém por perto. Não havia nenhuma testemunha.

— Olá, Remus — saudou Porcelana.

Ele ergueu a cabeça. As pupilas estavam dilatadas e ele estava resmungando sozinho.

— O que aconteceu a você? — indagou Porcelana gentilmente.

— Vocês estão todos juntos nessa — murmurou ele.

A mulher estreitou os olhos.

— Você os viu, Remus? Viu aquelas coisas? As coisas voadoras? Você olhou para elas?

Remus balançou a cabeça e se abraçou mais forte. Sua mente estava destruída. Ele deve ter olhado para cima enquanto o terceiro Sem-Rosto passou procurando um receptáculo.

O que tornaria isso tão mais fácil.

Porcelana se agachou, passando um braço reconfortante sobre os ombros de Crucial.

— Você contou o meu segredo a alguém, Remus? Qualquer pessoa?

— Segredo? — sussurrou o detetive.

— Eu não vou ficar brava — ela sorriu. — Prometo que não. Para quem você contou?

Sobre Ardiloso?

— Ardiloso... — Crucial repetiu, tentando lembrar.

Ele virou a cabeça para pensar e o paletó se abriu, e Porcelana viu o brilho de ouro.

— O que você tem aí? — ela perguntou suavemente, estendendo a mão lentamente.

Crucial agarrou o objeto e a mulher viu que era o Cetro.

— Meu.

— Sim, é seu, Remus. É tão bonito. Posso dar uma olhadinha?

— É meu. Eu achei. Vi um homem cavando um buraco. Vi ele cavar. Aí ela chegou.

— Quem chegou?

— A menina. Ela me machucou.

— É uma menina malvada. Posso dar uma olhadinha? Eu devolvo logo, prometo.

Relutante, Crucial soltou o cabo, e Porcelana tomou o Cetro dele e sorriu.

— Somos amigos, não somos? Você contou a alguém o meu segredinho? Eu não vou ficar brava.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Não. Não contei pra ninguém.

— Bom menino — Porcelana tirou uma lâmina longa e fina da bainha na bota. — Você está confuso, não está? Eu vou fazer a confusão ir embora. Prometo.

— Me devolve agora.

— Temo que não.

Crucial rosnou e se virou subitamente. A pedra na mão dele bateu na cabeça dela.

Porcelana caiu para trás e Crucial tentou se levantar sobre a perna quebrada.

— Vocês estão todos na jogada! — guinchou. — Todos na jogada!

O detetive conseguiu se levantar e parou diante da mulher, com a pedra pronta para esmagar a cabeça dela, mas algo o atingiu e ele foi atirado para trás.

Porcelana se sentou, atordoada, e Valquíria correu até ela.

— O Cetro, me dá o Cetro! — gritou a garota. Havia um Sem-Rosto vindo logo atrás dela e a coisa estava correndo.

Porcelana jogou o Cetro, Valquíria o pegou e se virou. O Sem-Rosto parou de correr e estudou a menina, com seu rosto branco.

Ergueu a mão para ela lentamente.

A feiticeira, do chão, podia ver o pânico na expressão de Valquíria, como se ela esperasse que o próprio corpo fosse explodir, ou implodir, ou, no mínimo, se torcer a qualquer momento.

Então a adolescente ergueu o Cetro e disparou.

O cristal brilhou e o relâmpago negro crepitou e voou, atingindo o peito do Sem-Rosto. A coisa cambaleou, e mesmo sem ter boca, gritou, um berro

inumano de dor e raiva. O relâmpago negro envolveu o corpo do monstro e Valquíria disparou de novo.

Sua pele secou e rachou. Porcelana viu o deus tentando abandonar o receptáculo, mas era tarde demais, e o corpo explodiu numa nuvem de poeira.

Porcelana se levantou com o vento que soprou a poeira. Valquíria percebeu que ainda estava segurando o Cetro direto para frente, e tentou baixar os braços, mas aparentemente eles não queriam descer.

Ardiloso chegou correndo.

— O que aconteceu? Você está bem? O que foi aquele grito?

— Aquele foi o som de um deus morrendo — anunciou Porcelana.

— Paddy! — Valquíria conseguiu dizer. — Paddy é Batu!

Porcelana não sabia quem era esse tal de Paddy, mas Ardiloso inclinou a cabeça e cerrou os punhos.

— Foi assim que ele se aproximou o suficiente para matar os Teletransportadores — concluiu Ardiloso. — Duvido que Peregrino tenha lembrado-se da existência dele quando nós lhe perguntamos com quem ele andava falando.

Porcelana podia perceber que Valquíria mal estava ouvindo. Ela apenas apontou para o lugar onde o Sem-Rosto estivera parado.

— Ele só olhou pra mim — falou a menina. — Poderia ter me virado do avesso, mas não fez nada. Por que não?

— Ele deve ter lhe reconhecido — afirmou Porcelana. — Deve reconhecer o sangue dos Antigos correndo nas suas veias, lhe marcando como sendo diferente.

Porcelana limpou o sangue da testa e deu uma olhada para Crucial, mas o homem tinha sumido. Ela cerrou a mandíbula, de raiva, mas não falou nada.

— Agora a gente pode derrotar eles — disse Valquíria. — A gente tá com o Cetro, a gente pode vencer. É só apontar e atirar.

— Isso mesmo — concordou Ardiloso.

— Muito bem, e onde está o próximo?

Porcelana ouviu alguma coisa nas árvores atrás dela e se virou.

RELÂMPAGO NEGRO

Houve um som como um rebanho em debandada atrás deles e o Sem-Rosto que tinha ocupado o corpo de Rosa Assassina emergiu do bosque. Ele atirou Porcelana para longe com um tapa e se chocou contra Ardiloso. Valquíria caiu para trás e soltou o Cetro. O Sem-Rosto estendeu-lhe a mão bem quando um braço envolveu lhe a cintura.

— Segura firme — Fletcher Renn falou no ouvido da menina e então eles se teletransportaram.

Um piscar de olhos.

Então eles estavam do outro lado da casa principal, ao lado da van em chamas.

Fletcher soltou e a menina girou.

— Você voltou!

— Naturalmente.

— Ardiloso! — exclamou Valquíria. — Não podemos abandonar eles!

— Não era o meu plano mesmo — Fletcher se aproximou e ela o abraçou.

Num instante eles estavam de volta ao campo. Porcelana ainda estava caída e o Sem-Rosto os viu, pegou Ardiloso e o atirou contra os dois adolescentes. Valquíria mergulhou e Ardiloso atingiu Fletcher.

O Sem-Rosto andou até Valquíria.

A menina viu o Cetro e abriu a mão, sentiu o ar e o usou para puxar a arma. Ela rolou um pouco. O Sem-Rosto estava quase chegando.

Valquíria estendeu as duas mãos, agarrando o ar e o puxando de volta, e o Cetro voou até ela, que se levantou num pulo, mas o Sem-Rosto arrancou-lhe o Cetro.

Ela tentou pegar a arma de volta, mas o Sem-Rosto chacoalhou o objeto com tanta força para se livrar da adolescente que ela se estatelou no chão. O

monstro segurou a arma com as duas mãos, e Valquíria viu a raiva em sua postura, e a violência, como se ele estivesse se lembrando do que era aquela arma e o que ela tinha feito, uma eternidade atrás. O bastão dourado começou a se amassar, a se partir, e Valquíria viu o cristal negro, furiosamente incandescente sob os dedos que se apertavam a sua frente. O cristal se estilhaçou, os relâmpagos pipocaram, e então o Sem-Rosto se desfez em pó.

O Cetro caiu, mutilado e inútil, e os fragmentos do cristal, opacos e desprovidos de poder, caíram junto.

Valquíria se levantou e correu até Ardiloso e Fletcher.

— Você está bem?

— Tudo bem — respondeu Ardiloso, ranzinza, mas a menina passou por ele e ajudou Fletcher a se levantar.

— Eu tô legal — grunhiu o rapaz. — Ainda falta um, né? A gente não tá indo tão mal assim.

— Na verdade — respondeu Valquíria. — A gente meio que tá sim. O Cetro foi destruído.

Ela olhou para o esqueleto e perguntou:

— O que a gente faz agora?

Ardiloso endireitou a gravata e abotoou o paletó rasgado.

— A primeira coisa a ser feita — anunciou — é superar o fato de que o meu bem-estar é obviamente menos importante para você do que o do Fletcher aqui.

— Eu já superei isso — respondeu a adolescente.

— Ah, ótimo.

— E qual é a segunda coisa?

— A segunda coisa é ajudar Fletcher a reabrir o portal. Você acha que consegue?

O rapaz assentiu com a cabeça.

— Sim. Quero dizer, acho que sim. Espero que sim.

Ardiloso se inclinou para ajudar Porcelana a se levantar.

— Isso me enche de confiança.

— E o que poderá impedir outros Sem-Rosto de vir para cá uma vez que o portal estiver reaberto? — Valquíria indagou enquanto eles se apressavam em voltar à campina.

— Absolutamente nada — respondeu Ardiloso. — Nós teremos que desejar muito mesmo, de verdade, do fundo dos nossos corações, inteiros que eles não percebam o portal.

— Sério? Ardiloso, isso é sério?

— É sério. Na verdade, nós temos uma boa chance. Os Sem-Rosto que já atravessaram foram atraídos para o nosso lado por causa das marcas dos membros da Diablerie. Agora que não resta mais nenhuma marca, não há nada que os faça olhar para cá.

— Esse é um plano que pode dar errado de tantas maneiras diferentes.

— Os planos divertidos são assim mesmo.

— Mas como a gente vai fazer o último Sem-Rosto voltar?

— Vamos deixar que ele nos persiga.

— Nós?

— Bem, quando eu digo “nós”, quero dizer você.

— Fantástico — murmurou Valquíria.

O MOMENTO

O s cabelos na nuca de Batu se arrepiaram. O Sem-Rosto estava em cima dele. O

velho podia senti-lo. O seu deus estava olhando para ele naquele exato momento.

Batu se virou, abriu os braços e ergueu os olhos para o deus dele, e no que a coisa avançou para preenchê-lo, o velho gritou de terror e felicidade.

E então Batu já era.

O PORTAL

Ardiloso Cortês e Valquíria Caos encontraram o Sem-Rosto que antes tinha sido Batu do outro lado do bosque. Medonho estava suspenso no ar diante dele, com as costas arqueadas e a boca aberta, tentando gritar. Veias estavam estourando por todo o seu corpo, como se o Sem-Rosto estivesse trazendo cada uma delas até a superfície com a intenção de arrancá-las.

— Ei! — gritou Valquíria.

O monstro olhou para eles, permaneceu imóvel por três ou quatro segundos, e então jogou Medonho para o lado e começou a correr na direção deles.

— Muito bem — Ardiloso começou. — No momento em que ele...

O Sem-Rosto acenou com o braço e Ardiloso foi atirado longe.

Valquíria praguejou e girou, disparando para as árvores. O plano era que Ardiloso distrairia o monstro se ele chegasse muito perto rápido demais, mas agora não havia mais ninguém entre ela e o Sem-Rosto. As coisas já estavam dando errado.

A adolescente correu por entre os troncos e saltou por galhos caídos. Deu uma olhada para trás e viu árvores sendo arrancadas com raiz e tudo e galhos sendo desintegrados, abrindo caminho para o monstro correr em linha reta.

O monstro acenou com o braço e a menina foi jogada para frente. Caiu no chão e comeu uma porção de terra ao rolar.

Alguma coisa branca passou como um borrão pela visão periférica dela, e o Talhador Branco disparou para interceptar o monstro. Ele golpeou a foice pelo torso do Sem-Rosto, em seguida girando e acertando o pescoço. Qualquer outro inimigo teria sido derrotado, tamanha tinha sido a velocidade e a precisão do ataque, mas a lâmina nem perfurou a pele dele. O

Sem-Rosto deu um soco no peito do Talhador, que foi lançado para trás, rapidamente desaparecendo de vista.

O monstro veio andando até Valquíria. Ela cuspiu a terra e limpou a boca, vendo o inimigo chegar. Calculou o ritmo dos passos dele e então estendeu as mãos. O ar ondulou, atingindo não o Sem-Rosto, mas a terra solta diante dele. Seu pé escorregou e o peso do monstro recaiu sobre ele bem quando o chão voou para trás, e o Sem-Rosto caiu.

Valquíria disparou do bosque, e à esquerda viu Ardiloso correndo paralelamente a ela. Os dois subiram até o topo da campina, onde Fletcher estava novamente ajoelhado com as mãos no Grotesqueiro. O portal amarelo estava se abrindo.

Porcelana estava fazendo alguma coisa com os símbolos ao redor do círculo. A fumaça preta e vermelha começou a subir.

— Onde está o monstro? — gritou a mulher.

— Atrás de mim — Valquíria respondeu sem fôlego. Uma sombra caiu e Ardiloso mergulhou, empurrando a menina bem quando o Sem-Rosto aterrissou onde ela estava um momento antes.

Ela viu Salomão Mortalha, montado numa onda de trevas que era produzida pela bengala. O Necromante pulou no chão ao lado deles e ergueu a adolescente, usando a bengala para lançar centenas de agulhas de sombra no peito do Sem-Rosto.

— Empurrem-no para trás! — Porcelana gritou de dentro da coluna rodopiante de fumaça. — Tragam-no perto o bastante do portal para que seja sugado!

A atração gravitacional do portal amarelo era imensa. Mesmo de onde estava Valquíria podia sentir que estava deslizando na direção dele. Ela se forçou a voltar enquanto Ardiloso se juntava aos esforços de Mortalha.

A menina empurrou o ar para deslocar a terra sob os pés do monstro, mas não teve resultado. Os movimentos do Sem-Rosto eram sólidos durante a batalha, e seus passos, impossíveis de prever.

— Não dá para abrir o portal mais do que isto! — avisou Fletcher.

Mortalha subitamente começou a gritar. A perna dele cedeu e se torceu e o sangue espirrou. Ardiloso lançou a mão contra o ar, jogando o Necromante para fora da luta antes que fosse morto.

Mortalha aterrissou e agarrou a perna ferida, mas agora Ardiloso era o único que restava.

O Sem-Rosto agarrou o esqueleto, com os dedos deslizando por entre as costelas e fazendo força, e o detetive gritou ao ser erguido no ar.

— Valquíria! — Mortalha gritou detrás dela. A adolescente se virou e o Necromante jogou a bengala aos pés dela. — Use-a!

— Eu não sei como!

— Apenas use essa joça!

Valquíria pegou a bengala, sentindo o poder sombrio que continha. As sombras vazaram do objeto e envolveram o pulso dela. A adolescente soube instintivamente que se Mortalha não tivesse lhe dado à bengala

voluntariamente, aquelas sombras se apertariam e transformariam os ossos dela em poeira.

A menina girou a bengala na mão, sentindo a resistência, como se arma estivesse se movendo sob a água, e em seguida chicoteou direto para frente e uma sombra golpeou as costas da perna do Sem-Rosto. A sombra não conseguiu ferir a pele do monstro, mas conseguiu atrair a atenção dele. O Sem-Rosto se virou para ela.

Valquíria girou a bengala ao lado do corpo, como se estivesse enrolando algodão doce numa vareta, e então chicoteou contra o Sem-Rosto. Em vez de algodão doce, sombras voaram, atingiram o monstro e tentaram envolvê-lo. A criatura largou Ardiloso e afastou as sombras com um gesto raivoso.

Valquíria correu até o Sem-Rosto, brandindo a bengala. O monstro pegou a arma e a partiu em duas. Uma explosão de trevas lançou a adolescente para trás e fez o Sem-Rosto cambalear.

A menina caiu nos braços de Medonho, que grunhiu e a colocou no chão. Ela viu o Sem-Rosto, parado bem em frente ao portal, lutando para escapar da força que o sugava.

Estava quase dentro. Estava quase do outro lado.

— Acertem ele! — gritou a menina. — Alguém o acerte!

Medonho avançou e Porcelana saiu da coluna de fumaça, mas tentáculos irromperam do peito do Sem-Rosto, acertando os dois e os jogando para trás. Os tentáculos, feitos de entranhas e órgãos, se enrolaram nas árvores e se cravaram no chão, num esforço desesperado que estava destruindo o corpo hospedeiro para salvar o deus que o continha.

Então Ardiloso se levantou, olhou para o Sem-Rosto e deu um passo a frente, assumindo uma posição de combate. Estendeu as mãos contra o ar, que ondulou. O

Sem-Rosto foi atirado para trás, desaparecendo no portal, com os tentáculos se agitando e se juntando a ele em seguida, levando galhos e torrões de terra junto.

Imediatamente, Ardiloso girou.

— O Grotesqueiro! — gritou. — Agora!

Dentro da coluna de fumaça, Fletcher colocou as mãos debaixo do torso do Grotesqueiro e as ergueu, e o torso rolou para fora do círculo. Ardiloso fez um gesto e o ar capturou o torso, levando-o até as mãos do esqueleto. O detetive grunhiu e o lançou para dentro do portal.

Agora que a conexão fora desfeita, o portal começou a se fechar rapidamente.

E então, um tentáculo deslizou para fora e se enrolou no tornozelo de Ardiloso. A coisa puxou, fazendo o detetive cair. Ele agarrou o chão enquanto era arrastado para trás velozmente.

— Ardiloso! — gritou Valquíria, correndo na direção do parceiro. Ele olhou para ela e estendeu a mão, mas era tarde demais.

Ardiloso desapareceu pelo portal.

— Não deixe fechar! — Valquíria gritou para Fletcher.

— Não consigo!

Ela estava a três passos quando o portal se fechou.

— Abra! — berrou.

Mas Fletcher estava de pé, e pela fumaça rodopiante Valquíria podia ver o rosto espantado do rapaz. Ele balançou a cabeça.

— Não! Fletcher, não! Você tem que abrir o portal!

— Eu não tenho mais o Grotesqueiro — respondeu ele. — Não dá mais.

Porcelana estava de pé e Valquíria correu até ela, agarrando-a.

— Faça alguma coisa!

Porcelana nem olhou para a menina. Seus olhos azuis, tão lindos, tão pálidos, estavam focados no espaço vazio onde vira Ardiloso pela última vez. Valquíria empurrou a mulher e se virou para Medonho.

— Vamos lá! — rugiu.

— Ele se foi — Medonho respondeu, com a voz mortiça.

— Não pode ser!

Valquíria se virou, se virou de novo, procurando por alguém que saberia o que fazer, alguém que teria um plano. Não havia ninguém. Não sabia o que fazer.

Ela caiu de joelhos. Havia lágrimas correndo pelo seu rosto, e era como se uma parte dela tivesse sido cortada, algum pedaço de sua barriga, e os pensamentos estavam congelados em sua mente.

O silêncio reinava. A fumaça tinha parado de girar, e flutuou para longe na brisa da tarde. Estava tudo parado e pacífico, e ao redor deles estavam os corpos sem vida dos amigos e colegas e inimigos, e o ar fedia a ozônio e magia.

A TAREFA

Aparentemente, Paris tinha sido muito legal.

Os pais dela tinham voltado para casa, e o pai tinha abraçado a reflexão e ido ler o jornal. A mãe contou tudo sobre o fim de semana para a reflexão enquanto desfazia as malas.

Longas caminhadas e boa comida e noites românticas. Ela tinha perguntado à reflexão se tinha corrido tudo bem durante a estadia com Beryl e Fergus, e a reflexão tinha mentido com a facilidade costumeira, dizendo que foi tudo bem.

Valquíria absorveu essas memórias e não se deu ao trabalho de examiná-las. Ela não tinha nem falado com os pais desde que eles chegaram; não pessoalmente. A menina temia que eles a vissem e imediatamente soubessem que algo horrível havia acontecido.

Valquíria não poderia lidar com essas coisas agora. Ela duvidava se algum dia fosse ser capaz de inventar uma mentira.

Valquíria ficou parada no cemitério, esperando. Estava chovendo de novo. Estava sempre chovendo. A adolescente estava ficando de saco cheio da chuva.

Valquíria não ouviu a aproximação dele, mas sabia que ele estava atrás dela.

— Obrigado por ter vindo — falou Salomão Mortalha. — Você conversou com Grêmio?

Valquíria se virou.

— Ele me chamou ao Santuário na semana passada. Disse que eu não sou mais uma fugitiva.

— Isso deve ser bom.

— Você sabia que ele está dizendo para todo mundo que a vitória se deve apenas a ele e ao Sr. Êxtase? Eu lamento que Êxtase tenha morrido e tal, mas Grêmio diz que Ardiloso não fez nada.

— Eu ouvi isso, mas as pessoas que realmente importam sabem a verdade.

— Todo mundo deveria saber a verdade — murmurou ela.

— Como vai a sua amiga? Aquela que se feriu?

— Tá melhorando. Nada pode derrubar Tanith. — Valquíria olhou para as lápides ao seu redor, e então para Mortalha de novo.

— Desculpe por ter quebrado sua bengala.

Mortalha encolheu os ombros.

— Quando o poder foi libertado da bengala, ele fluiu de volta a mim, e borbulhou e ferveu até eu canalizá-lo para alguma coisa nova. — O Necromante mostrou uma bengala, idêntica a anterior.

— Que original da sua parte.

Mortalha sorriu.

— Eu fiquei muito impressionado pela maneira como você utilizou a bengala, aliás.

Parece ter uma compreensão instintiva da Necromancia.

— Foi pura sorte, sério.

— Tolice. Sua habilidade me fez pensar, na verdade, se a magia Elemental é mesmo o caminho que você deveria trilhar.

— Você está dizendo que eu deveria ser uma Necromante?

— Por que não?

— Porque eu sou uma Elemental.

— Você é jovem. Pode mudar de ideia centenas de vezes antes de decidir qual disciplina é a melhor para você. Seria a Necromancia tão elegante quanto a magia Elemental?

Talvez não. Teriam os Necromantes uma reputação tão boa quanto os Elementais?

Definitivamente não. Mas, como estudante, você já teria um poder instantâneo na ponta dos dedos, e eu acho que você vai precisar do máximo de poder que puder encontrar.

— E por que você acha isso?

— Bem, você vai querer resgatar Ardiloso Cortês, não vai?

Valquíria estreitou os olhos.

— Ardiloso está perdido para sempre.

— Não necessariamente.

— O portal está fechado.

— Na verdade, eu não acho que esteja.

Valquíria balançou a cabeça.

— Se você tem alguma coisa para me dizer, diga logo. Estou cansada e quero ir para casa.

— O que foi que possibilitou que Fletcher Renn abrisse o portal?

— O Grotesqueiro era uma Âncora de Istmo, e tem uma... — ela suspirou. — Tem essa linha mágica, invisível e maravilhosa que corre da Âncora de Istmo para seja lá o que for a coisa a qual ela está conectada. Isso evita que o portal se feche de vez. Fletcher usou o monstro para forçar o portal.

— Exatamente. Então você simplesmente precisa de uma nova Âncora.

— Mas o Grotesqueiro já era. Ardiloso o jogou pelo portal porque não queria que ninguém mais abrisse. Não tem mais nenhum pedaço de Sem-Rosto jogado por aí.

— Não é necessário que seja um objeto conectado aos Sem-Rosto — explicou Mortalha. — Basta estar conectado a qualquer coisa naquela realidade.

— Tipo o quê?

— Tipo Ardiloso.

— Sr. Mortalha...

O Necromante sorriu.

— Há uma parte de Ardiloso que ainda está aqui, nesta realidade. Neste país, de fato.

E você sabe o que é.

— Foi mal, mas eu não faço a menor ideia...

— A cabeça de Ardiloso Cortês, Srta. Caos.

Alguma coisa se retorceu na barriga da menina.

— Ele perdeu a cabeça. Contou-me isso. Ganhou a cabeça que está usando agora num jogo de pôquer.

— Tudo isso é verdade. Mas, se você recuperasse essa cabeça perdida e a entregasse ao Sr. Renn, ele poderia descobrir que a conexão entre o esqueleto e seu verdadeiro crânio está evitando que o portal se feche de vez.

— E... Ele poderia abrir? Fletcher poderia abrir o portal?

— E salvar Ardiloso. Sim.

— E cadê? Cadê a cabeça?

— Temo que eu não faça ideia. Essa parte depende de você.

— Por que você está me ajudando?

— Você não acha que é porque eu sou uma pessoa legal?

— Você tem alguma coisa a ganhar com isso.

— Você é uma senhorita muito astuta. De fato, eu tenho esperanças de ganhar alguma coisa.

— O quê?

— Você. Para que você possa conduzir essa busca, para que possa fazer as coisas que precisará fazer, você necessitará de mais poder do que possui atualmente. Espero que escolha a Necromancia.

Ele deu um passo atrás e bateu com a bengala no chão. As sombras convergiram, se enrolaram nele, e Valquíria viu Mortalha sorrir antes de ter o rosto obscurecido.

— Eu vou manter o contato — afirmou Salomão, e então as sombras se espalharam e ele desapareceu.

Que toda a sorte e paz lhes seja concedida. Que a vida lhes guarde a tranquilidade e o sucesso. Que jamais lhes falem vigor e sabedoria.



À você, leitor, o nosso agradecimento e carinho.

Respeitosamente,
Ricardo Pereira
. mafia dos livros .

— FIM —

Agradecimentos...

Nossos merecidos agradecimentos vão à toda nossa equipe da .mafia dos livros. e de seu Departamento#01 que esteve empenhada na conclusão de mais esse projeto.

Obrigado à vocês, revisores e organizadores que desprenderam de seu tempo para uma atividade na qual não esperam nada além de respeito e admiração e é esse o sentimento que temos para com vocês, por isso e graças a vocês somos uma equipe tão forte!

Parabéns por terem nos presenteado com tamanha dedicação.

Parabéns e Obrigado...

Aos Revisores: ***Rogério Rodrigues Ribeiro,***

Muito Obrigado!

Às Revisoror Final : ***Walter Montefusco ,***

Muito Obrigado!

À Organização da .mafia dos livros. e do Departamento#01: ***Ricardo***

Pereira, Walter Montefusco

